MICHAEL CONNELLY



O PODER E A LEI

PUBLICADO ANTERIORMENTE COMO **ADVOGADO DE PORTA DE CADEIA**

RECORD

"Um memorável thriller jurídico." THE NEW YORK TIMES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

MICHAEL CONNELLY

O PODER E A LEI

Tradução de
GILSON SOARES

Revisão técnica de termos jurídicos
CARLOS EDUARDO ADRIANO JAPIASSÚ
Professor de Direito Penal da UERJ e UFRJ

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

Obras do autor publicadas pela Editora Record

Chamada perdida

Cidade dos ossos

Correntezas da maldade

Dívida de sangue

Luz perdida

Mais escuro que a noite

Morte proibida

O poeta

O voo dos anjos

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C762a

Connelly, Michael, 1956-

O poder e a lei / Michael Connelly; tradução de Gilson Soares. — Rio de Janeiro: Record, 2011.

Tradução de: The Lincoln lawyer
ISBN 978-85-01-07728-8

1. Advogado e cliente — Ficção. 2. Ficção policial americana. I. Soares, Gilson. II. Título.

CDD — 813

06-4408 CDU — 821.111 (73)-3

Título original norte-americano:
THE LINCOLN LAWYER

Copyright © 2005 by Hieronymus, Inc.

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Inc., New York, New York, USA.

“To live and die in L. A.” Letra e melodia por Quincy Jones III, Val Young e Tupac Shakur Copyright © 1996 por Deep Technology Music, Music of Windswept e Songs of Universal, Inc. e Val Young Publishing. Todos os direitos para Deep Technology Music administrados por Music of Windswept. Todos os direitos reservados. Usado com permissão; “To live and die in L.A.” por Tupac Amaru Shakur, Quincy Delight Jones III, Val Young © 1996 por Music Corporation of America/Joshua’s Dream Music. Todos os direitos administrados por Songs of Universal, Inc./BMI. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-07728-8

PARA DANIEL F. DALY
E ROGER O. MILLS

Não existe cliente tão assustador quanto um homem inocente.

— J. MICHAEL HALLER, ADVOGADO DE DEFESA CRIMINAL,
Los Angeles, 1962

PARTE UM

Intervenção preliminar

UM

Segunda-feira, 7 de março

O ar da manhã que vem do Mojave no final do inverno é tão limpo e fresco como jamais se poderá respirar no condado de Los Angeles. Ele carrega o sabor da promessa. Quando começa a soprar assim, gosto de manter uma janela aberta no meu escritório. Há poucas pessoas que conhecem esta minha rotina, gente como Fernando Valenzuela. Refiro-me ao homem da fiança, não ao lançador de beisebol. Ele me ligou enquanto eu chegava a Lancaster para uma audiência às nove da manhã. Deve ter ouvido o vento assobiando através do meu celular.

— Mick — disse ele —, está vindo para o norte esta manhã?

— Nesse momento — respondi enquanto subia o vidro da janela para ouvi-lo melhor. — Você conseguiu alguma coisa?

— Sim, consegui. Acho que arranjei um cliente classe A aqui. Mas sua primeira aparição é às 11h. Você consegue voltar a tempo?

Valenzuela tem um escritório de frente para o Van Nuys Boulevard, a um quarteirão do centro cívico, que inclui dois tribunais e a carceragem de Van Nuys. Ele chama seu negócio de Fianças da Liberdade. Seu número de telefone, em néon vermelho no telhado do seu estabelecimento, pode ser visto da ala de segurança máxima no terceiro andar da carceragem. O número está rabiscado na pintura da parede junto a cada orelhão em cada galeria da prisão.

Pode-se dizer também que o nome dele está permanentemente rabiscado em minha lista de Natal. No final do ano dou uma lata de nozes salgadas a todo mundo no negócio. Cada uma tem um laço de fita. Só que não tem nozes dentro. Apenas dinheiro. Tenho um monte de agentes de fiança em minha lista de Natal. Costumo comer nozes guardadas num Tupperware até a primavera. Desde o meu último divórcio, isto às vezes é tudo o que tenho para jantar.

Antes de responder à pergunta de Valenzuela, pensei na audiência para a qual estava indo. Meu cliente chamava-se Harold Casey. Se a pauta de audiências estivesse em ordem alfabética, eu poderia comparecer a outra às 11h em Van Nuys, sem problema. Mas o juiz Orton Powell cumpria seu último mandato nos

tribunais. Estava se aposentando. O que significava que não tinha mais que enfrentar pressões por reeleição, como aquelas da advocacia privada. Para demonstrar sua liberdade — e talvez como uma forma de recompensa àqueles que o haviam apoiado politicamente por 12 anos — ele gostava de misturar as coisas no seu tribunal. Às vezes a pauta vinha em ordem alfabética, outras com essa ordem invertida e algumas vezes vinha por ordem de data. Nunca se sabia como seria, até que se chegasse lá. Com frequência os advogados tomavam um chá de cadeira por mais de uma hora no tribunal de Powell. O juiz gostava disso.

— Acho que posso fazer a das 11h — falei, sem saber com certeza. — Qual é o caso?

— O cara é montado na grana. Endereço de Beverly Hills, o advogado da família se exibindo aqui para começar. Aqui vai a coisa real, Mick. Eles o autuaram em meio milhão e o advogado da mãe dele veio aqui pronto para transferir a propriedade em Malibu como garantia. Nem sequer perguntou primeiro se a fiança não poderia ser baixada. Acho que não estão muito preocupados com o modo dele conduzir o caso.

— Foi autuado por quê? — perguntei.

Mantive minha voz calma. O cheiro de dinheiro no ar com frequência abre o apetite. Mas cuidei de Valenzuela por muitos Natais para saber que o tinha no cabresto com exclusividade. Podia pegar leve.

— Os tiras o autuaram por agressão com agravante, grande lesão corporal e tentativa de estupro, para começar — respondeu o agente de fiança. — A promotoria ainda não registrou, até onde sei.

A polícia geralmente exagera as acusações. O que importava era o que os promotores finalmente registravam e levavam à corte. Sempre digo que os casos entram como um leão e saem como um cordeiro. Um caso como tentativa de estupro e agressão com agravante e grande lesão corporal poderia simplesmente sair como agressão simples. Isto não me surpreenderia e certamente não chegaria a ser um grande caso. Ainda assim, se pudesse chegar ao cliente e fazer um acordo de honorários com base nas acusações anunciadas, eu poderia parecer bom quando a promotoria mais tarde as derrubasse.

— Conseguiu mais detalhes? — perguntei.

— Ele foi autuado na noite passada. Parece que foi uma pegação de bar que deu errado. O advogado da família disse que a mulher está nessa pelo dinheiro. Você sabe, o processo civil acompanha o caso criminal. Mas não estou tão certo. Ela apanhou pra caramba, pelo que ouvi.

— Qual é o nome do advogado da família?

— Espere um pouco. Tenho o cartão dele em algum lugar por aqui.

Olhei pela janela enquanto esperava que Valenzuela achasse o cartão. Eu estava a dois minutos do tribunal de Lancaster e a 12 minutos da audiência preliminar. Precisava de pelo menos três daqueles minutos entre me reunir com meu cliente e dar-lhe as más notícias.

— Pronto, achei — disse Valenzuela. — O nome do cara é Cecil C. Dobbs, advogado de Century City. Eu não lhe disse? Dinheiro.

Valenzuela estava certo. Mas não era o endereço do advogado em Century City que cheirava a dinheiro. Era o nome. Eu conhecia a reputação de C.C. Dobbs e imaginava que não haveria mais de um ou dois nomes na sua clientela que não morassem em Bel-Air ou Holmby Hills. Seu tipo de cliente voltava para casa em lugares onde as estrelas pareciam descer à noite para tocar o ungido.

— Agora me dê o nome do cliente — pedi.

— Louis Ross Roulet.

Ele soletrou e escrevi num bloco.

— É quase como roleta, mas a pronúncia certa é “rulé” — disse ele. — Você vai estar aqui, Mick?

Antes de responder, escrevi o nome C.C. Dobbs no bloco. A seguir fiz uma pergunta a Valenzuela:

— Por que eu? — perguntei. — Fui solicitado? Ou você me sugeriu?

Eu precisava ser cauteloso com isso. Tinha de presumir que Dobbs era o tipo de advogado que iria para os tribunais da Califórnia num piscar de olhos se se deparasse com um advogado de defesa pagando agentes de fiança para encaminhamento de clientes. De fato, comecei a especular se toda a coisa não poderia ser uma operação de chicana jurídica que Valenzuela não havia detectado. Eu não era um dos filhos preferidos nos tribunais. Já tinham vindo em cima de mim antes. Mais de uma vez.

— Perguntei a Roulet se ele tinha um advogado, sabe? Um criminalista. E ele disse que não. Aí lhe contei sobre você. Não forcei a barra. Só disse que você era bom. Propaganda discreta, sabe?

— Isso foi antes ou depois de Dobbs entrar?

— Não, foi antes. Roulet me ligou esta manhã da cadeia. Eles o puseram na segurança máxima e ele viu o letreiro, acho. Dobbs apareceu depois. Contei sobre você, dei-lhe seu currículo, e ele ficou tranquilo com isso. Estará lá às 11h. Você verá como ele é.

Fiquei calado por um longo momento. Imaginei se Valenzuela estava sendo verdadeiro comigo. Um sujeito como Dobbs teria que ter seu próprio homem. Se não fosse sua própria especialidade, então ele teria um criminalista na empresa ou, pelo menos, alguém a quem recorrer. Mas a história de Valenzuela parecia

contradizer isso. Roulet chegou a ele de mãos vazias, o que me dizia que eu sabia menos do que deveria sobre o caso.

— Ei, Mick, você está aí? — instigou Valenzuela.

Tomei uma decisão. Era uma decisão que finalmente me levaria de volta a Jesus Menendez e que eu de muitas maneiras viria a lamentar. Mas no momento em que a tomei, foi apenas mais uma escolha movida pela necessidade e rotina.

— Estarei lá — disse ao telefone. — Verei você às 11h.

Estava a ponto de fechar o celular quando voltei a ouvir a voz de Valenzuela.

— E você cuidará de mim por isso, não é, Mick? Quero dizer, se este for mesmo um classe A.

Era a primeira vez que Valenzuela buscava uma garantia de recompensa, o que aumentou minha paranoia, e construí cuidadosamente uma resposta que o satisfaria e à comunidade jurídica — se ela estivesse ouvindo.

— Não se preocupe, Val. Você está na minha lista de Natal.

Fechei o celular antes que ele pudesse falar mais alguma coisa e disse ao meu motorista para me deixar na entrada dos funcionários do tribunal. A fila para o detector de metais seria mais curta e rápida ali e os seguranças em geral não se preocupavam com advogados — os assíduos —, deixando-os passar para que chegassem a tempo no tribunal.

Enquanto pensava em Louis Ross Roulet e no caso, e nas possíveis riquezas e perigos que me aguardavam, baixei de novo o vidro para poder apreciar o último minuto do ar limpo e fresco da manhã, que ainda carregava o sabor de promessa.

DOIS

A sala do tribunal no Departamento 2A estava apinhada de advogados negociando e confraternizando dos dois lados do cancelo quando cheguei. Podia dizer que a sessão ia começar na hora porque vi o escrivão sentado à sua mesa. Isso significava que o juiz estava prestes a assumir a bancada.

No condado de Los Angeles os escrivães são na verdade policiais locais lotados na divisão carcerária. Aproximei-me do escrivão, cuja mesa ficava bem próxima da balaustrada, de modo que os cidadãos pudessem se aproximar para fazer perguntas sem ter de violar o espaço destinado aos advogados, réus e funcionários do tribunal. Vi a agenda na prancheta diante dele. Verifiquei o crachá no seu uniforme — R. Rodriguez — antes de falar.

— Roberto, você tem meu cliente aí? Harold Casey?

O escrivão usou seu dedo para percorrer a lista, mas parou rapidamente. Era um bom sinal.

— Casey, sim. É o segundo.

— Ordem alfabética hoje, ainda bem. Tenho muito tempo para vê-lo?

— Não, estão trazendo o primeiro grupo agora. Acabei de chamar. O juiz está chegando. Você provavelmente terá dois minutos para falar com seu cliente no cercado.

— Obrigado.

Comecei a caminhar para o portão quando ele me chamou.

— E é Reynaldo, não Roberto.

— Certo, certo. Me desculpe por essa, Reynaldo.

— Nós, escrivães, parecemos todos iguais, não é?

Eu não soube se foi uma tentativa de humor ou apenas uma alfinetada. Não respondi. Limitei-me a sorrir e passei pelo portão. Acenei para dois advogados que não conhecia e para uma dupla conhecida. Um deles me parou para perguntar quanto tempo eu ia ficar diante do juiz porque ele queria avaliar quando deveria voltar para a apresentação do seu cliente. Eu disse a ele que seria rápido.

Durante o pregão das audiências preliminares os réus encarcerados eram trazidos para o tribunal em grupos de quatro e mantidos num recinto de madeira

e vidro conhecido como o “cercado”. Isto permite que os réus conferenciem com seus advogados nos momentos que antecedem a chamada de seus casos para qualquer que seja a questão diante da corte.

Cheguei ao lado do cercado exatamente quando a porta da cela interior foi aberta por um policial, e os quatro primeiros réus na pauta saíram. O último dos quatro a entrar no cercado foi Harold Casey, meu cliente. Posicionei-me perto da parede lateral, de forma que pudéssemos ter privacidade pelo menos de um lado, e fiz sinal para ele se aproximar.

Casey era grande e alto, requisitos necessários para ser recrutado pela gangue de motoqueiros Road Saints — ou clube, como seus integrantes preferiam ser chamados. Enquanto preso na cadeia de Lancaster, ele tivera o cabelo cortado e se barbeara, como eu tinha pedido, e parecia razoavelmente apresentável, exceto pelas tatuagens que cobriam seus braços e iam até acima do colarinho. Mas há muito pouco que se possa fazer. Não sei muita coisa a respeito do efeito das tatuagens sobre um júri, mas desconfio que não é muito positivo, em especial quando caveiras sorridentes estão envolvidas. Sei que os jurados em geral não se importam com rabos de cavalo, nem dos réus ou dos advogados que os representam.

Casey, ou Hard Case, como era conhecido no clube, foi acusado por cultivo, posse e venda de maconha, além de outras acusações por posse de outras drogas e armas. Numa batida antes do amanhecer num rancho onde ele vivia e trabalhava, a polícia local encontrou um celeiro e um complexo de cabanas pré-fabricadas que haviam sido transformados numa plantação interna. Mais de duas mil plantas plenamente maduras eram cultivadas ao lado de mais de trinta quilos de maconha já colhida, empacotada em sacos plásticos de vários pesos. Além disso, muitos litros de metanol, usado pelos empacotadores para dar à erva colhida um efeito estimulante extra, estavam estocados, com um pequeno arsenal de armas, muitas delas, descobriu-se depois, roubadas.

Parecia que Hard Case estava ferrado. A acusação o pegara numa fria. Ele foi na verdade encontrado dormindo num sofá no celeiro, a um metro e meio da mesa de endolação. Acrescido a isto, ele fora condenado duas vezes por porte de droga e ainda estava em liberdade condicional pela condenação mais recente. No estado da Califórnia, a terceira vez é o fascínio. Falando realisticamente, Casey ia pegar pelo menos dez anos de prisão, mesmo com bom comportamento.

Mas o incomum em Casey era que se tratava de um réu que aguardava ansioso o julgamento e até mesmo a possibilidade de condenação. Ele havia se negado a abrir mão de seu direito a um julgamento rápido, e agora, menos de três meses após sua detenção, queria ansiosamente que começasse. Estava ansioso porque era provável que sua única esperança se baseasse numa apelação

contra aquela condenação possível. Graças ao seu advogado, Casey via um lampejo de esperança — aquela pequena luz piscante que só um bom advogado pode trazer para a escuridão de um caso como este. Deste lampejo nasceu uma estratégia de caso que definitivamente podia funcionar para libertar Casey. Era ousada e levaria tempo enquanto Casey esperava a apelação, mas ele sabia tão bem quanto eu que esta era sua única bala na agulha.

A brecha na acusação não estava na sua presunção de que Casey era um plantador, endolador e vendedor de maconha. A acusação estava absolutamente correta nestas presunções e a prova mais do que evidenciava isto. Era em como ele chegou a esta prova que o caso oscilava sobre um alicerce instável. Era minha tarefa demonstrar essa brecha no julgamento, explorá-la, pôr isto em registro e depois convencer uma corte de apelação de que eu não fora capaz de convencer o juiz Orton Powell, durante uma moção antes do julgamento, a suprimir a prova no caso.

A semente da acusação de Harold Casey foi plantada numa terça-feira em meados de dezembro quando Casey entrou numa loja Home Depot em Lancaster e fez uma quantidade de compras rotineiras que incluíam três lâmpadas da variedade usada em cultivo hidropônico. O homem atrás dele na fila do caixa era um policial, que estava de folga e tinha ido comprar lâmpadas natalinas. O policial reconheceu parte do trabalho artístico nos braços de Casey — principalmente a tatuagem da caveira com halo que é a assinatura emblemática dos Road Saints — e somou dois mais dois. O homem de folga então zelosamente seguiu a Harley de Casey enquanto ele ia para o rancho perto de Pearblossom. Esta informação foi passada ao esquadrão antidrogas, que arranjou um helicóptero sem identificação para sobrevoar o rancho com uma câmera de imagem térmica. As fotografias resultantes, detalhando robustas brotações ao calor esbraseado do celeiro e da cabana, com o depoimento do comissário que viu Casey comprar lâmpadas hidropônicas, foram submetidas a um juiz em requerimento escrito. Na manhã seguinte, Casey foi arrancado do sono no sofá por oficiais com um mandado de busca assinado.

Numa audiência preliminar, argumentei que toda a prova contra Casey deveria ser excluída porque a provável causa para a busca constituía uma invasão ao direito à privacidade de Casey. Usar as compras rotineiras de uma pessoa num armazém como trampolim para uma posterior invasão de privacidade através de vigilância no solo e no ar e por uma câmera de imagem térmica certamente seria visto como excessivo pela Constituição.

O juiz Powell rejeitou meu argumento e o caso movia-se para um julgamento ou disposição por acordo de apelação. Nesse meio-tempo veio à luz nova informação que poderia reforçar o apelo de Casey de uma condenação. Análises

das fotografias tiradas durante o sobrevoo de sua casa e das especificações focais da câmera térmica usada pela polícia indicavam que o helicóptero voava a não mais que duzentos pés do solo quando as fotos foram tiradas. A Corte Suprema dos EUA estabelecera que uma observação aérea por agentes da lei de uma propriedade suspeita não podia violar o direito à privacidade de um indivíduo enquanto a aeronave estivesse em espaço aéreo público. Meu investigador, Raul Levin, verificava isso com a Administração Federal de Aviação. O rancho de Casey não se localizava debaixo de nenhum padrão de voo de aeroporto. O piso para espaço aéreo público acima do rancho era de mil pés. Os comissários haviam claramente invadido a privacidade enquanto reuniam o provável motivo para dar uma batida no rancho.

Minha tarefa era levar o caso a julgamento e extrair testemunho dos policiais e do piloto quanto à altitude em que voavam quando foram ao rancho. Se contassem a verdade, eu os tinha na mão. Se mentissem, eu os tinha na mão. Eu não sentia prazer em embaraçar agentes da lei em plena corte, mas minha esperança era que eles mentissem. Se um júri vê um policial mentir no estrado de testemunhas, então o caso poderia terminar ali mesmo. Não seria preciso apelar por um veredicto de inocência. O estado não tem nenhuma réplica de um veredicto de inocência.

De qualquer modo, eu estava confiante em vencer. Tínhamos apenas que ir a julgamento e só havia uma única coisa nos puxando para trás. E era sobre isso que eu precisava falar com Casey antes que o juiz assumisse a bancada e convocasse o caso.

Meu cliente caminhou para o canto do cercado e não disse um alô. Tampouco eu. Ele sabia o que eu queria. Já tivéramos essa conversa antes.

— Harold, esta é a audiência preliminar — expliquei. — É quando digo ao juiz que estamos prontos para ir a julgamento. Já sei que a acusação está pronta. Agora é conosco. E aí?

— E aí?

— E aí é que existe um problema. Da última vez em que estivemos aqui você me disse que eu ia ganhar algum dinheiro. Mas aqui estamos, Harold, e nada de dinheiro.

— Não se preocupe. Tenho o seu dinheiro.

— É por isso que estou preocupado. *Você* tem o meu dinheiro. E eu não tenho o meu dinheiro.

— Está chegando. Falei com os meus rapazes ontem. Está chegando.

— Foi o que também disse da última vez. Não trabalho de graça, Harold. O perito que arranjei para as fotos também não trabalha de graça. O sinal que você

deu há muito se foi. Quero mais algum dinheiro ou você vai ter que arrumar outro advogado. Um defensor público.

— Nada de defensor público. Quero você.

— Bem, tive despesas e preciso comer. Sabe quanto me custa por semana só para pagar as páginas amarelas? Dê um palpite.

Casey não disse nada.

— Mil paus. Calcule a média de mil paus por semana só para manter meu anúncio lá. E isso antes de comer ou pagar a hipoteca e a pensão alimentícia ou pôr gasolina no meu Lincoln. Não estou fazendo isso baseado numa promessa, Harold. Trabalho à base de verdinhas.

Casey não pareceu impressionado.

— Andei verificando — disse ele. — Você não pode me deixar na mão. Não agora. O juiz não vai permitir.

Um silêncio caiu sobre a sala do tribunal quando o juiz saiu pela porta do seu gabinete e subiu os dois degraus para a bancada. O escrivão pediu silêncio no tribunal. Era a hora do show começar. Apenas olhei para Casey por um longo momento e me afastei. Ele tinha um conhecimento da lei amador, de porta de cadeia, e de como ela funcionava. Sabia mais do que a maioria. Mas eu ainda tinha alguns trunfos.

Sentei-me contra a balaustrada atrás da mesa do réu. O primeiro caso chamado foi um de reconsideração de fiança; rapidamente resolvido. Depois o oficial de justiça convocou o caso *California* versus *Casey* e caminhei até a mesa.

— Michael Haller pela defesa — anunciei.

O promotor também anunciou sua presença. Era um rapaz novo chamado Victor DeVries. Ele não fazia ideia do que ia atingi-lo quando chegou para o julgamento. O juiz Orton Powell fez suas indagações de praxe sobre se uma prescrição legal de última hora no caso era possível. Todo juiz tinha uma agenda abarrotada e mandato para extinguir casos por meio de prescrição. A última coisa que qualquer juiz queria ouvir era que não havia esperança de acordo e que um julgamento era inevitável.

Mas Powell ouviu imperturbável as más notícias de mim e de DeVries e perguntou se estávamos prontos para marcar o julgamento ainda naquela semana. DeVries disse sim. Eu disse não.

— Meritíssimo — falei —, gostaria de protelar até a próxima semana, se possível.

— Qual o motivo da protelação, Sr. Haller? — perguntou o juiz, impaciente. — A acusação está pronta e quer resolver este caso.

— Também quero resolver, meritíssimo. Mas a defesa está tendo dificuldade em encontrar uma testemunha que será necessária para o nosso caso. Uma testemunha indispensável, meritíssimo. Acho que um adiamento de uma semana seria suficiente. Na próxima semana estaríamos prontos para seguir adiante.

Como esperado, DeVries protestou contra o adiamento.

— Meritíssimo, esta é a primeira vez em que a acusação ouviu falar de uma testemunha desaparecida. O Sr. Haller teve quase três meses para localizar suas testemunhas. Foi ele quem quis o julgamento rápido e agora quer protelar. Acho que é apenas um adiamento tático porque ele está enfrentando um caso que...

— Pode guardar o resto do discurso para o júri, Sr. DeVries — interrompeu o juiz. — Sr. Haller, acha que uma semana resolverá o seu problema?

— Sim, meritíssimo.

— Muito bem, veremos você e o Sr. Casey na próxima segunda-feira e estarão prontos para prosseguir. Está entendido?

— Sim, meritíssimo. Obrigado.

O oficial de justiça convocou o caso seguinte e me afastei da mesa da defesa. Vi um policial retirar meu cliente do cercado. Casey olhou de volta para mim, um ar no seu rosto que parecia um misto de raiva e confusão. Voltei até Reynaldo Rodriguez e perguntei se podia voltar ao recinto de isolamento para mais uma entrevista com meu cliente. Era uma cortesia profissional concedida à maioria dos assíduos. Rodriguez se levantou, abriu uma porta atrás de sua mesa e me deixou passar. Certifiquei-me de agradecer usando seu nome correto.

Casey estava numa cela de isolamento com outro réu, o homem cujo caso tinha sido convocado antes do dele. A cela era ampla e tinha bancos correndo ao longo de três lados. A coisa ruim em ter seu caso convocado primeiro na corte é que depois da audiência o réu tem de sentar-se na gaiola até que haja gente bastante para lotar um ônibus de volta à prisão do condado. Casey se aproximou das grades para falar comigo.

— De que testemunha você estava falando lá? — perguntou.

— Do Sr. Verdinhas — respondi. — O Sr. Verdinhas é tudo de que precisamos para este caso prosseguir.

O rosto de Casey se contorceu de raiva. Tentei cortar a dele no ato.

— Escute, Harold, sei que você quer prosseguir com isso e ir para o julgamento e depois a apelação. Mas você tem que pagar o frete ao longo do caminho. Sei de longa e dura experiência que não me faz nenhum bem caçar pessoas atrás de dinheiro depois que o cofre foi arrombado. Você quer jogar agora, então paga agora.

Fiz um aceno e estava prestes a retornar para a porta que levava à liberdade. Mas depois falei de novo para ele:

— E não pense que o juiz lá não sabia o que estava ocorrendo — continuei. — Você conseguiu um jovem promotor inexperiente e que não tem de se preocupar acerca de onde vai chegar seu próximo pagamento. Mas Orton Powell passou um monte de anos atuando na defesa antes de se tornar juiz. Ele sabe sobre caçar testemunhas indispensáveis como o Sr. Verdinhas, e provavelmente não vai olhar com tanta condescendência para um réu que não paga seu advogado. Dei uma piscadela para ele, Harold. Se eu quiser largar o caso, estarei fora. Mas o que prefiro fazer é vir aqui na próxima segunda-feira e dizer a ele que encontramos a testemunha e que estamos prontos para prosseguir. Entendeu?

Casey a princípio não disse nada. Foi até o lado mais afastado da cela e sentou-se no banco. Não olhou para mim quando finalmente falou.

— Tão logo eu consiga um telefone — disse.

— É assim que se fala, Harold. Direi a um dos comissários que você precisa dar um telefonema. Faça sua ligação, resolva tudo e o verei na próxima semana. E teremos tudo em andamento.

Voltei para a porta em passos rápidos. Detesto ficar dentro de uma cela. Não sei ao certo por quê. Imagino que seja porque às vezes a linha pareça tão tênue. A linha entre ser um advogado criminalista e um advogado *criminoso.* Às vezes não tenho certeza de que lado das grades estou. Para mim é sempre um verdadeiro milagre que eu consiga sair do jeito que entrei.

TRÊS

No corredor fora da sala do tribunal, liguei o celular e chamei meu motorista para dizer que estava saindo. Depois verifiquei o correio de voz e encontrei mensagens de Lorna Taylor e Fernando Valenzuela. Decidi esperar até que estivesse no carro para retornar as ligações.

Earl Briggs, meu motorista, estacionou o Lincoln bem em frente. Earl não desceu para abrir a porta do carro nem nada parecido. Sua função era apenas dirigir para mim enquanto pagava os honorários que me devia por libertá-lo sob condicional de uma condenação por venda de cocaína. Eu lhe pagava vinte paus por hora, mas ele me devolvia a metade para abater sua dívida. Não era exatamente o que ele ganhava vendendo crack nos conjuntos residenciais, porém era mais seguro, legal e alguma coisa que se podia botar num currículo. Earl me disse que queria levar uma vida correta e acreditei nele.

Eu podia ouvir o som de hip hop pulsando atrás das janelas fechadas do Town Car enquanto me aproximava. Mas Earl matou a música tão logo toquei a maçaneta da porta. Deslizei para o banco traseiro e lhe disse que seguisse para Van Nuys.

— Quem era que você estava ouvindo? — perguntei a ele.

— Hã, era o Three Six Mafia.

— Sul da pesada?

— É isso aí.

Ao longo dos anos eu começara a ficar versado nas sutis distinções, regionais e outras, entre rap e hip hop. A maioria dos meus clientes ouvia isso, muitos deles desenvolvendo suas estratégias de vida a partir daí.

Estiquei o braço e peguei a caixa de sapatos cheia de fitas cassete do caso Boyleston e escolhi uma ao acaso. Anotei o número da fita e o tempo no pequeno diário que mantinha na caixa de sapatos. Passei a fita para Earl por cima do assento e ele a inseriu no estéreo do painel. Não precisei dizer a ele para tocá-la num volume tão baixo que só se elevasse um pouquinho mais acima do ruído de fundo. Ele já estava comigo havia três meses. Sabia o que fazer.

Roger Boyleston foi um de meus poucos clientes designados pela corte. Estava enfrentando várias acusações federais por tráfico de drogas. Grampos da

DEA nos telefones de Boyleston tinham levado à detenção dele e à apreensão de seis quilos de cocaína que ele planejara distribuir através de uma rede de traficantes. Havia inúmeras fitas — mais de cinquenta horas de conversas telefônicas gravadas. Boyleston falava com muitas pessoas acerca do que estava chegando e quando esperar a remessa. O caso foi servido de bandeja para o governo. Boyleston ia sumir de circulação por um bom tempo e não havia quase nada que eu pudesse fazer a não ser negociar um acordo, trocando a cooperação de Boyleston por uma sentença menor. Isso porém não importava. O que importava para mim eram as fitas. Peguei o caso por causa das fitas. O governo federal me pagaria por ouvir as fitas para defender meu cliente. Isto significava que eu obteria um mínimo de cinquenta horas pagas por Boyleston e pelo governo antes que fosse tudo estabelecido. Portanto me certifiquei de que as fitas estivessem em alta rotação toda vez que eu estivesse viajando no Lincoln. Eu quis me certificar de que se um dia eu precisasse pôr a mão sobre a Bíblia e jurar dizer nada mais que a verdade, que pudesse dizer em sã consciência que toquei cada uma daquelas fitas que botei na conta do governo.

Liguei para Lorna Taylor primeiro. Lorna é minha gerente de caso. O número telefônico que preenche meu anúncio de meia página nas páginas amarelas e os bancos das 36 linhas de ônibus espalhadas pelas áreas de alta criminalidade ao sul e oeste do condado vai diretamente para o escritório/segundo quarto de dormir do apartamento dela na Kings Road, em Hollywood Oeste. O endereço que a Ordem dos Advogados e todos os oficiais de justiça têm para me localizar é o apartamento também.

Lorna é meu primeiro amortecedor. Quem quiser fazer contato comigo tem de começar com ela. Meu número do celular foi dado para poucas pessoas, e Lorna é quem toma conta. Ela é dura, esperta, profissional e bonita. Ultimamente, porém, só consigo verificar este último atributo uma vez por mês ou quando a chamo para almoçar ou assinar cheques — ela é também minha guarda-livros.

— Escritório de advocacia — disse ela quando liguei.

— Desculpe, ainda estou no tribunal — disse, explicando por que não atendi a ligação dela. — O que há?

— Você falou com Val, certo?

— Sim. Estou indo para Van Nuys agora. Chego lá às 11h.

— Ele ligou para cá para confirmar. Parece nervoso.

— Valenzuela acha que este cara é a sorte grande, quer ter certeza de que está no papo. Vou ligar para ele e tranquilizá-lo.

— Fiz uma checagem preliminar no nome Louis Ross Roulet. Seu crédito bancário é excelente. O nome no arquivo do *Times* apresenta uns poucos

sucessos. Tudo de transações imobiliárias. Parece que trabalha para uma firma imobiliária em Beverly Hills. Chama-se Windsor Residential Estates. Parece que trabalham com todos os imóveis exclusivos... não o tipo de propriedades onde põem um anúncio na fachada.

— Isso é bom. Algo mais?

— Não sobre isso. E só o usual até aqui por telefone.

O que significava que ela atendera o costumeiro número de chamadas atraídas pelos assentos de ônibus e pelas páginas amarelas, todas de pessoas querendo um advogado. Antes que os potenciais clientes chegassem a mim, tinham de convencer Lorna de que podiam pagar pelo que desejavam. Ela era uma espécie de enfermeira por trás de uma mesa na sala de emergência. O cliente tem de convencê-la de que seu plano de saúde está em dia antes de ser encaminhado ao doutor. Junto ao telefone Lorna mantém uma tabela que começa com uma taxa fixa de 5 mil dólares para pagar as custas judiciais e vai até as taxas que cobro por hora para processos de delito grave. Ela se assegura de que o cliente em potencial seja solvente e saiba os custos do crime de que foi acusado. Há um ditado que diz: “Não cometa o crime se não pode pagar a pena.” Lorna adaptou o ditado para mim: “Não cometa o crime se não pode pagar pelo meu tempo.” Ela aceita MasterCard e Visa e obtém aprovação antes que um cliente chegue a mim.

— Ninguém que a gente conheça? — perguntei.

— Gloria Dayton ligou das Torres Gêmeas.

Grunhi. As Torres Gêmeas eram a principal prisão do condado. Abrigava mulheres numa torre e homens em outra. Gloria Dayton era prostituta de luxo que precisava de meus serviços legais de vez em quando. A primeira vez em que a representei foi há pelo menos dez anos, quando era nova e não envolvida com drogas e ainda tinha vida nos olhos. Agora era uma cliente *pro bono*. Nunca cobrei dela. Só tentava convencê-la a largar aquela vida.

— Quando ela foi autuada?

— Ontem à noite. Ou melhor, esta manhã. Sua primeira audiência é depois do almoço.

— Não sei se vou poder aparecer, tendo essa coisa em Van Nuys.

— Há também uma complicação. Posse de cocaína, assim como o habitual.

Eu sabia que Gloria trabalhava exclusivamente através de contatos feitos na internet, onde se apresentava numa variedade de sites como Glory Days. Ela não batia calçada nem fazia pegação em bar. Quando era autuada, geralmente isso se dava após um policial conseguir penetrar seu sistema de checagem e marcar um encontro. O fato de estar com cocaína ao ser apanhada parecia um lapso incomum de sua parte ou a droga ter sido plantada pelo tira.

— Muito bem, se ela ligar diga-lhe que tentarei estar lá, e se eu não estiver terei alguém cuidando disso. Poderia ligar para a corte e confirmar a audiência?

— Estou fazendo isso. Mas, Mickey, quando é que vai dizer a ela que esta é a última vez?

— Não sei. Talvez hoje. O que mais?

— Já não é o bastante por um dia?

— Acho que é.

Conversamos um pouco mais sobre minha agenda para o resto da semana e abri meu laptop sobre a mesa dobrável de modo a poder cotejar minha agenda com a dela. Tinha duas audiências marcadas para cada manha e um julgamento de um dia na quinta-feira. Era toda aquela coisa de drogas no lado sul. Minha sina. No final da conversa eu disse a ela que ligaria depois da audiência em Van Nuys para dizer se e como o caso Roulet iria comprimir a agenda.

— Mais uma coisa — falei. — Você disse que a imobiliária onde Roulet trabalha só lida com imóveis inteiramente exclusivos, certo?

— Certo. Cada fechamento de venda no nome dele nos arquivos estava em sete dígitos. Dois deles obtidos nas colinas. Holmby Hills, Bel-Air, lugares assim.

Assenti, pensando que o status de Roulet poderia fazer dele uma pessoa de interesse para a mídia.

— Então por que você não planta fofocas sobre isso na imprensa? — sugeri.

— Tem certeza?

— Sim, poderíamos ser capazes de trabalhar alguma coisa assim.

— Farei isso.

— Falo com você mais tarde.

Na hora em que fechei o celular, Earl nos levava de volta à via expressa Antelope Valley, rumo ao sul. Estávamos adiantados e chegar em Van Nuys a tempo para a primeira aparição de Roulet não ia ser um problema. Liguei para Fernando Valenzuela para contar a ele.

— Isso é realmente bom — disse o homem das fianças. — Estarei à espera.

Enquanto ele falava observei duas motocicletas passarem voando junto à minha janela. Cada motoqueiro usava um blusão de couro com o crânio e o halo costurados nas costas.

— Algo mais? — perguntei.

— Sim, uma outra coisa que eu deveria lhe contar — disse Valenzuela. — Eu estava checando de novo com a corte quando seria a sua primeira aparição e descobri que o caso estava designado para Maggie McFeroz. Não sei se isto vai ser ou não um problema para você.

Maggie McFeroz era Margaret McPherson, que vinha a ser a mais durona e, sim, a mais feroz promotora pública no tribunal de Van Nuys. E por acaso era também minha primeira ex-mulher.

— Não é problema para mim — falei sem hesitar. — Ela é a única que terá o problema.

O réu tinha o direito de escolher seu defensor. Se houver um conflito de interesse entre o advogado de defesa e o promotor, então cabe ao promotor retirar-se. Sabia que Maggie iria me responsabilizar pessoalmente por perder as rédeas do que seria um grande caso, mas eu não podia evitar. Já havia acontecido antes. No laptop eu ainda tinha uma moção para desqualificar o último caso em que havíamos batido de frente. Se necessário, só precisaria trocar o nome do réu e imprimir. Eu tinha de ser bom para prosseguir e ela, igualmente boa.

Os dois motoqueiros haviam agora se movido para a nossa frente. Virei-me e olhei pelo vidro traseiro. Havia mais três Harleys atrás de nós.

— Você sabe o que isso significa, entretanto — eu disse.

— Não, o quê?

— Ela irá contra a fiança. Sempre faz isso em crimes contra mulheres.

— Merda, ela pode conseguir? Estou vendo uma chance de ganhar algum nisso, cara.

— Não sei. Você disse que o cara tem família influente e C.C. Dobbs. Posso extrair alguma coisa disso. Veremos.

— Merda.

Valenzuela estava vendo seu maior pagamento do dia desaparecer.

— A gente se vê lá, Val.

Fechei o celular e olhei por cima do assento para Earl.

— Há quanto tempo estamos escoltados? — perguntei.

— Simplesmente chegaram sobre nós — disse Earl. — Quer que eu faça alguma coisa?

— Vamos ver o que eles...

Não precisei esperar até o fim da frase. Um dos motoqueiros de trás emparelhou com o Lincoln e nos fez sinal indicando a saída próxima para o Vasquez Rocks County Park. Eu o reconheci como Teddy Vogel, um ex-cliente e o mais graduado dos Road Saints que não estava em cana. Ele poderia ser o maior dos Saints também. Pesava uns 120 quilos e dava a impressão de um garoto gordo pedalando a bicicleta do irmão menor.

— Estacione, Earl — falei. — Vamos ver o que ele conseguiu.

Paramos no estacionamento próximo à formação rochosa recortada batizada em homenagem a um fora da lei que tinha se escondido ali um século antes. Vi duas pessoas sentadas e fazendo um piquenique à beira de uma das mais altas

saliências da rocha. Não achei que me sentiria confortável comendo um sanduíche em um local e posição tão perigosos.

Baixei o vidro da janela enquanto Teddy Vogel se aproximava a pé. Os outros quatro Saints tinham desligado os motores mas continuavam montados nas motos. Vogel abaixou-se junto à janela e pôs um de seus antebraços gigantes no peitoril. Pude sentir o carro se inclinar um pouco.

— Advogado, como vão as coisas? — disse ele.

— Muito bem, Ted — respondi, não querendo chamá-lo por seu óbvio apelido de Urso Teddy na gangue. — E como está você?

— O que aconteceu com seu rabo de cavalo?

— Algumas pessoas começaram a reclamar dele, por isso cortei.

— Um júri, hã? deve ter havido um monte de presuntos para acabar desse jeito.

— Qual é, Ted?

— Recebi um telefonema de Hard Case lá da penitenciária de Lancaster. Ele disse que eu poderia pegar você a caminho do sul. Disse que você está enrolando este caso até receber alguma grana. É verdade, advogado?

Isso era dito como conversa de rotina. Nenhuma ameaça na sua voz ou palavras. E eu não me sentia ameaçado. Dois anos atrás defendi um caso de sequestro e tentativa de estupro contra Vogel, derrubado para uma perturbação da paz. Ele dirigia um clube de strip-tease de propriedade dos Saints na Sepulveda, em Van Nuys. Sua prisão veio logo depois que ele descobriu que uma das suas dançarinas mais lucrativas o havia largado e atravessado a rua para trabalhar num clube concorrente. Vogel tinha atravessado a rua atrás dela, agarrou-a e a levou de volta para seu clube. Ela estava nua. Um motorista de passagem chamou a polícia. Derrubar o caso foi um dos meus melhores desempenhos e Vogel sabia disso. Ele tinha um leve débito comigo.

— Está inteiramente certo — repliquei. — Trabalho para ganhar a vida. Se Casey quiser que eu trabalhe para ele vai ter que me pagar.

— Nós lhe demos cinco mil em dezembro — disse Vogel.

— Já acabou faz muito tempo, Ted. Mais da metade foi para o perito que está trabalhando no caso. O resto veio para mim e pagou as horas que já trabalhei. Se vou levar o caso para o tribunal, então preciso reabastecer o tanque.

— Você quer mais cinco?

— Não, preciso de dez e já disso ao Casey na semana passada. É um julgamento para durar três dias e precisarei trazer meu especialista da Kodak em Nova York. Vou pagar seus honorários e ele ainda quer primeira-classe nos ares e Chateau Marmont no solo. Ele acha que vai estar bebendo no bar com estrelas

do cinema ou algo parecido. Aquele hotel cobra quatrocentos paus por pernoite só para os quartos mais baratos.

— Você está me ferrando, advogado. O que aconteceu com aquele seu slogan nas páginas amarelas? “Problemas razoáveis por honorários razoáveis.” Você chama dez mil de razoáveis?

— Eu gostava daquele slogan, me arranjou um monte de clientes. Mas a Ordem dos Advogados da Califórnia cismou com ele e mandou que eu o retirasse. O preço é dez mil e é razoável, Ted. Se você não puder ou não quiser pagar, arquivarei a papelada hoje. Cairei fora e ele pode prosseguir com um defensor público. Devolverei tudo que tenho comigo. Mas o defensor público provavelmente não vai bancar as despesas com o especialista em fotografia.

Vogel mudou de posição no peitoril da janela e o carro sacudiu sob o peso.

— Não, não, nós queremos você. Hard Case é importante para nós, sabe o que isto quer dizer? Quero ele solto e de volta ao trabalho.

Observei-o procurar dentro de sua roupa com mão tão carnuda que os nós dos dedos eram entalhados. Trouxe um grosso envelope que passou para mim no carro.

— É dinheiro vivo? — perguntei.

— Exato. O que tem de errado com dinheiro vivo?

— Nada. Mas tenho que lhe dar um recibo. É uma exigência do fisco. Tem dez aqui?

— Está tudo aí.

Tirei a tampa de uma caixa de papelão que mantenho no assento traseiro. Meu bloco de recibos estava atrás das pastas do caso em andamento. Comecei a preencher o recibo. Muitos advogados são desfiliados da Ordem por violações financeiras, por mau uso e apropriação indébita do dinheiro dos clientes. Mantenho registros e recibos meticulosos. Jamais deixaria a Ordem me pegar daquela maneira.

— Então você tinha a grana o tempo todo — falei enquanto escrevia. — E se eu tivesse baixado para cinco? O que você teria feito então?

Vogel sorriu. Faltava-lhe um dos dentes da frente. Só podia ter sido numa briga no clube. Ele bateu do outro lado da jaqueta de couro.

— Trouxe outro envelope com cinco bem aqui, advogado — disse ele. — Estava pronto para você.

— Droga, agora me sinto péssimo, deixando você com dinheiro no bolso.

Destaquei a cópia do recibo e passei-o pela janela.

— Fiz o recibo em nome de Casey. Ele é o cliente.

— Por mim, tudo bem.

Ele pegou o recibo e retirou o braço do peitoril da janela enquanto se aprumava. O carro retornou ao nível normal. Eu queria perguntar-lhe de onde vinha o dinheiro, de qual das atividades criminosas dos Saints, se uma centena de garotas tinham dançado cem horas para ele poder me pagar. Mas esta era uma pergunta cuja resposta eu preferia não saber. Observei Vogel voltar para sua Harley e se esforçar para girar sobre o selim a perna grossa como uma lata de lixo. Pela primeira vez notei os para-choques duplos na roda traseira. Pedi a Earl que retornasse à via expressa e continuasse seguindo para Van Nuys, onde eu agora precisava passar no banco antes de me encontrar com meu novo cliente no tribunal.

Enquanto seguíamos viagem, abri o envelope e contei o dinheiro, notas de vinte, cinquenta e cem dólares. Estava tudo lá. O tanque estava cheio de novo e isso era bom para Harold Casey. Eu iria para o tribunal e daria uma lição ao jovem promotor. Eu venceria, se não no tribunal, então certamente na apelação. Casey retornaria para sua família e o trabalho nos Road Saints. Sua culpa no crime do qual era acusado era algo que eu sequer considerava enquanto preenchia uma guia de depósito para a conta de honorários recebidos do cliente.

— Sr. Haller? — disse Earl após um instante.

— Que foi, Earl?

— O tal especialista que está vindo de Nova York. Devo buscá-lo no aeroporto?

Sacudi a cabeça.

— Não há nenhum especialista chegando de Nova York. O melhor dos especialistas em câmera e fotografia do mundo está exatamente aqui em Hollywood.

Agora Earl assentiu e seus olhos fitaram os meus por um momento no espelho retrovisor. Depois voltou a olhar para a estrada à frente.

— Entendo — disse e assentiu de novo.

E eu assenti para mim mesmo. Nenhuma hesitação no que eu tinha dito ou feito. Esse era o meu trabalho. Era como funcionava. Após 15 anos de prática jurídica eu viera a pensar nisso em termos muito simples. A lei era uma máquina ampla e enferrujada que sugava pessoas, vidas e dinheiro. Eu era apenas um mecânico. Especializara-me em entrar nessa máquina, ajustar as coisas e extrair tudo que eu precisasse em troca.

Não havia mais nada na lei que eu tratasse com carinho. As noções da faculdade de direito acerca da virtude do sistema adversário, dos controles e equilíbrios do sistema, da busca pela verdade, tinham há longo tempo erodido como os rostos das estátuas de outras civilizações. A lei não tratava da verdade. Tratava de negociação, aperfeiçoamento, manipulação. Eu não lidava com culpa

e inocência, porque todo mundo era culpado. De alguma coisa. Mas isso não importava, porque cada caso que eu assumia era uma casa construída sobre um alicerce infiltrado por operários sobrecarregados e mal pagos. Eles economizavam material. Cometiam erros. E então pintavam sobre os erros com embustes. Meu trabalho era raspar a tinta e encontrar as rachaduras. Trabalhar com meus dedos e ferramentas naquelas rachaduras e alargá-las. Torná-las tão grandes que ou a casa vinha abaixo ou, não ocorrendo isso, meu cliente deslizava através delas.

Boa parte da sociedade me via como o demônio, mas estavam errados. Eu era um anjo untuoso. Era o verdadeiro santo da estrada. Era necessitado e desejado. Por ambos os lados. Era o óleo na máquina. Permitia que as engrenagens dessem partida e girassem. Ajudava a manter funcionando a máquina do sistema.

Mas tudo isso iria mudar com o caso Roulet. Para mim. Para ele. E certamente para Jesus Menendez.

QUATRO

Louis Ross Roulet estava em uma cela com mais sete homens que tinham feito a viagem de ônibus de meio quarteirão da carceragem até o tribunal de Van Nuys. Só havia dois homens brancos na cela e eles sentavam-se lado a lado num banco enquanto os seis homens negros ocupavam o outro no lado oposto da cela. Era uma espécie de segregação darwiniana. Eles eram todos estranhos, mas havia força numérica.

Como Roulet supostamente vinha do dinheiro de Beverly Hills, olhei para os dois brancos e foi fácil optar entre eles. Um era magro com os olhos úmidos desesperados de um viciado que estava há longo tempo sem um pico. O outro parecia o proverbial cervo cegado pelos faróis. Optei por ele.

— Sr. Roulet? — eu disse, pronunciando o nome do jeito como Valenzuela me explicou.

O cervo assentiu. Sinalizei para que fosse até as grades, de modo que eu pudesse falar em voz baixa.

— Meu nome é Michael Haller. As pessoas me chamam de Mickey. Eu o representarei durante sua primeira audiência hoje.

Estávamos na área restrita atrás do tribunal de citação, onde advogados rotineiramente têm acesso permitido para conferenciar com clientes antes do início da audiência. Há uma linha azul pintada no chão, do lado de fora da cela. A linha de um metro. Eu tinha que manter essa distância de meu cliente.

Roulet agarrou as barras diante de mim. Como os outros na cela, estava agrilhoado nos tornozelos, pulsos e barriga. Os grilhões não seriam tirados até que ele fosse levado à sala do tribunal. Roulet estava no início da casa dos trinta e, embora com pelo menos 1,80 m e 90 kg, parecia leve. A cadeia faz isso com a gente. Tinha olhos azuis opacos e raramente eu via a espécie de pânico que tão claramente se estabelecera neles. Na maioria das vezes, meus clientes já tinham estado presos antes e em seus rostos transparecia o frio olhar pétreo do predador. É como eles ficam na cadeia.

Mas Roulet era diferente. Ele parecia a presa. Estava assustado e não se importava com quem visse e soubesse disso.

— Isto é uma armação — disse em tom de voz alto e urgente. — Você tem que me tirar daqui. Cometi um erro com aquela mulher, isso é tudo. Ela está tentando me ferrar e...

Levantei as mãos para interrompê-lo.

— Tenha cuidado com o que fala aqui — disse a ele em voz baixa. — De fato, tenha cuidado com o que diz até tirarmos você daqui e possamos conversar em particular.

Ele olhou em volta, parecendo não ter entendido.

— Nunca se sabe quem está ouvindo — continuei. — E nunca se sabe quem irá contar que ouviu você falar alguma coisa, mesmo que não dissesse nada. A melhor coisa é não falar sobre o caso, afinal. Está entendendo? A melhor coisa é não falar com ninguém sobre nada, ponto final.

Ele assentiu e fiz sinal para ele voltar ao banco junto às barras. Havia um banco encostado à parede oposta e sentei-me.

— Estou realmente aqui apenas para conhecê-lo e dizer-lhe quem sou — prossegui. — Falaremos sobre o caso depois que tirarmos você. Já falei com o advogado de sua família, o Sr. Dobbs, lá fora, e ele dirá ao juiz que estamos preparados para pagar a fiança. Posso considerar isto tudo correto?

Abri uma pasta de couro Mont Blanc e preparei-me para tomar notas num bloco. Roulet assentiu. Ele estava aprendendo.

— Ótimo — eu disse. — Conte-me sobre você. Que idade tem, se é casado, que vínculos tem com a comunidade.

— Hã, estou com 32 anos. Passei a vida toda aqui... até mesmo estudei aqui. Na UCLA. Não sou casado. Nada de filhos. Trabalho...

— Divorciado?

— Não, nunca me casei. Trabalho no negócio da família, Windsor Residential Estates. Tem este nome em homenagem ao segundo marido de minha mãe. É uma imobiliária. Vendemos casas.

Eu anotava. Sem olhar para ele, perguntei em voz baixa:

— Quanto ganhou no último ano?

Como Roulet não respondeu, olhei para ele.

— Por que precisa saber disso? — perguntou.

— Porque vou tirar você daí antes do sol se pôr hoje. Para fazer isso, preciso saber tudo sobre sua posição na comunidade. O que inclui sua situação financeira.

— Não sei exatamente o que ganhei. Boa parte veio de comissões da empresa.

— Não faz declaração de renda?

Roulet olhou por sobre o ombro para os outros na cela e depois sussurrou sua resposta:

— Sim, faço. Meu imposto devido foi de 250 mil.

— Mas o que você está dizendo é que, com as comissões que recebeu, ganhou realmente mais.

— Certo.

Um dos companheiros de cela de Roulet veio até as barras junto a ele. Era o outro branco. Ele tinha uma maneira agitada, as mãos em constante movimento, indo dos quadris aos bolsos em atos de agarrar desesperados.

— Ei, cara, também preciso de um advogado. Você tem um cartão?

— Não para você, meu chapa. Eles terão um advogado lá para você.

Olhei de volta para Roulet e esperei um momento para que o viciado se afastasse. Ele não o fez. Olhei para ele.

— Escute, isto aqui é assunto particular. Poderia nos deixar a sós?

Ele fez algum tipo de movimento com as mãos e voltou para o canto de onde tinha vindo. Dirigi-me a Roulet.

— E quanto a organização de caridade? — perguntei.

— O que quer dizer?

— Você está envolvido em obras de caridade? Pratica alguma caridade?

— Sim, a empresa faz. Damos dinheiro para a entidade Make a Wish e para um abrigo de fugitivos em Hollywood. Creio que se chama My Friend's Place ou algo assim.

— OK, está bom.

— Você vai me tirar daqui?

— Vou tentar. Você ganhou acusações pesadas... verifiquei antes de chegar aqui... e tenho a sensação de que a promotora vai requisitar suspensão de fiança, mas é uma coisa boa. Posso trabalhar com isso.

Mostrei minhas anotações.

— Sem fiança? — disse ele em voz alta cheia de pânico.

Os outros na cela olharam em sua direção porque o que ele tinha dito era o pesadelo coletivo deles. Sem fiança.

— Acalme-se — falei. — Eu disse que isso é o que ela vai propor. Não disse que conseguiria. Quando foi a última vez em que você foi preso?

Sempre jogo esse verde de modo a poder observar os olhos deles e ver se não vai haver uma surpresa me esperando no tribunal.

— Nunca. Nunca fui preso. Isso tudo é...

— Eu sei, eu sei, mas não queremos falar sobre isso aqui, está lembrado?

Ele assentiu. Consultei o relógio. A audiência estava prestes a começar e eu ainda precisava conversar com Maggie McFeroz.

— Tenho que ir agora — eu disse. — Verei você lá em poucos minutos e veremos se podemos tirá-lo daqui. Quando estivermos lá, não diga nada sem me consultar. Se o juiz lhe perguntar como vai você, verifique comigo, certo?

— Bem, não posso dizer “inocente” das acusações?

— Não, eles não vão sequer lhe perguntar isso. Hoje, tudo que vão fazer é ler para você as acusações, falar a respeito de fiança e marcar uma data para uma citação. É aí que nós dizemos “inocente”. Portanto, hoje você não diz nada. E nada de se revoltar. Sacou?

Ele assentiu e franziu o cenho.

— Vai ficar tudo bem com você, Louis?

Ele assentiu, taciturno.

— Só para você saber — eu disse. — Cobro 2.500 dólares para uma primeira aparição e audiência de fiança, como essa. Isto vai ser um problema?

Ele fez que não com a cabeça. Gostei de que não estivesse falando. Muitos dos meus clientes falam demais. Em geral, falam consigo mesmos até na prisão.

— Bom. Falaremos sobre o resto depois que você estiver fora daqui e pudermos nos reunir em particular.

Fechei minha pasta de couro, esperando que ele tivesse notado isso e ficasse impressionado, depois me levantei.

— Uma última coisa. Por que me escolheu? Há um monte de advogados por aí. Por que eu?

Era uma pergunta que não importava para o nosso relacionamento, mas eu queria testar a veracidade de Valenzuela.

Roulet deu de ombros.

— Não sei — disse ele. — Me lembrei de seu nome por alguma coisa que li no jornal.

— O que leu sobre mim?

— Foi uma reportagem sobre um caso em que as provas estavam todas contra o cara. Acho que era coisa de drogas ou algo parecido. Você ganhou o caso porque, no fim das contas, eles não tinham prova nenhuma.

— O caso Hendricks?

Era o único caso que eu podia lembrar de ter saído nos jornais nos meses recentes. Hendricks era outro cliente dos Road Saints e a polícia local pusera um grampo GPS na sua Harley para rastrear suas entregas. Fazer isso nas estradas públicas tudo bem, mas quando ele estacionava a moto na cozinha de sua casa à noite, aquele grampo constituía uma invasão ilícita dos tiras. O caso foi passado por um juiz durante a audiência preliminar. Isto gerou um artigo decente no *Times.*

— Não me lembro do nome do cliente — disse Roulet. — Só recordo o seu nome. Seu sobrenome, na verdade. Quando liguei para o homem da fiança hoje dei a ele o nome Haller e lhe pedi para conseguir você e ligar para meu próprio advogado. Por quê?

— Nenhum motivo. Apenas curiosidade. Aprecio a lembrança. Vejo você no tribunal.

Coloquei as diferenças entre o que Roulet tinha dito acerca de minha contratação e o que Valenzuela contou-me no banco para análise posterior e voltei à corte de citação. Vi Maggie McFeroz sentada numa das extremidades da mesa da acusação. Estava com mais cinco promotores. A mesa era grande e em forma de L, de modo que podiam acomodar um número rotativo infindável de advogados que podiam sentar-se e ainda ficar de frente para a bancada. Um acusador designado pelo tribunal cuidava da maioria das aparições de rotina e arranjos que desfilavam durante cada dia. Mas casos especiais traziam a tropa de choque da promotoria, que ficava no segundo andar no prédio ao lado do tribunal. Câmeras de TV também apareciam.

Enquanto atravessava a sala vi um homem montando uma câmera de vídeo sobre um tripé junto à mesa do escrivão. Não havia nenhum logotipo de rede na câmera ou nas roupas do homem. Ele era um freelancer que farejara o caso e iria filmar a audiência para depois tentar vendê-la a uma das estações locais cujo diretor de noticiário precisasse de uma história extra. Quando checara antes com o escrivão a posição de Roulet na pauta de audiências, ele me disse que o juiz já havia autorizado a filmagem.

Aproximei-me de minha ex-mulher por trás e inclinei-me para sussurrar em seu ouvido. Ela examinava fotografias numa pasta. Estava usando uma roupa azul-marinho com uma fina faixa cinza. Seu cabelo preto e brilhoso estava amarrado num coque com uma fita que combinava. Eu adorava quando seu cabelo estava preso assim.

— É você quem estava designada para o caso Roulet?

Ela ergueu a vista, não reconhecendo o sussurro. Seu rosto estava involuntariamente formando um sorriso, mas aí transformou-se num franzir de cenho ao ver que era eu. Ela sabia exatamente o que eu queria dizer ao usar o pretérito e fechou a pasta com força.

— Não venha me dizer isso — replicou.

— Desculpe. Ele gostou do que fiz no caso Hendricks e deu-me um telefonema.

— Filho da mãe. Eu queria este caso, Haller. Já é a segunda vez que faz isso comigo.

— Acho que esta cidade não é grande o bastante para nós dois — falei, numa pobre imitação de James Cagney.

Ela grunhiu.

— Tudo bem — disse ela em rápida rendição. — Eu me retirarei pacificamente depois desta audiência. A não ser que faça objeção também a isso.

— Eu poderia. Vai pedir cancelamento de fiança?

— Exatamente. Mas isso não vai mudar com a acusação. Foi uma ordem do segundo andar.

Assenti. Isso significava que um supervisor de caso deve ter pedido cancelamento de fiança.

— Ele é ligado à comunidade. E nunca foi preso.

Estudei a reação dela, não tendo tido tempo de certificar-me de que o fato de Roulet nunca ter sido preso era verdade. É sempre espantoso como tantos clientes mentem acerca de envolvimentos anteriores com a máquina, quando isso é uma mentira de pernas curtas.

Mas Maggie não deu nenhuma indicação de saber algo mais. Talvez fosse verdade. Talvez eu tivesse pela primeira vez um infrator honesto como cliente.

— Não importa se ele fez alguma coisa antes — disse Maggie. — O que importa é o que ele fez na última noite.

Ela abriu a pasta e rapidamente verificou as fotos até ver a que queria e a separou.

— Aqui está o que o seu pilar da comunidade fez ontem. Portanto, realmente não me preocupo com o que ele fez antes. Só vou me certificar para que não faça isso de novo.

A foto era um close 20 x 25 cm do rosto de uma mulher. O inchaço em volta do olho direito era tão extenso que ele estava completa e fortemente fechado. O nariz estava quebrado e fora de prumo. Sangue pisado se projetava de cada narina. Havia um profundo corte sobre a sobrancelha direita que tinha sido fechado com nove pontos em forma de borboleta. O lábio inferior estava cortado e tinha também um inchaço do tamanho de uma bola de gude. A pior coisa da foto era o olho que estava intacto. A mulher olhava para a câmera com medo, dor e humilhação inegavelmente expressados naquele olho lacrimoso.

— Se é que ele fez isso — comentei, porque era o esperado que eu dissesse.

— Certo — disse Maggie. — Claro, se é que ele fez isso. Simplesmente foi preso na casa dela, com o sangue dela nele. Mas você está certo. Esta é uma pergunta válida.

— Gosto quando você é sarcástica. Tem aí o relatório da detenção? Gostaria de ter uma cópia dele.

— Você pode obtê-la de quem quer que assuma o caso depois de mim. Nada de favores, Haller. Não desta vez.

Aguardei, à espera de mais zombaria, mais indignação, talvez outra flechada, mas isso foi tudo o que disse. Decidi que obter mais dela sobre o caso era uma causa perdida. Mudei de assunto.

— Bem — falei —, como está ela?

— Ela está terrivelmente assustada e ferida pra caramba. Como deveria estar?

Maggie ergueu a vista para mim e vi o imediato reconhecimento e depois crítica nos olhos dela.

— Você não estava se referindo à vítima, estava?

Não respondi. Não queria mentir para ela.

— Sua filha vai bem — disse Maggie superficialmente. — Ela gosta das coisas que manda, mas gostaria que *você* desse as caras com mais frequência.

Isto não foi uma flechada. Foi um soco na cara, e merecido. Parecia que estava sempre correndo atrás de casos, mesmo nos fins de semana. Bem no fundo eu sabia que precisava começar a procurar minha filha com mais frequência. O tempo para isso estava se esgotando.

— Farei isso. Começando exatamente agora. Que tal este fim de semana?

— Ótimo. Quer que eu diga a ela esta noite?

— Hã, é melhor esperar até amanhã para eu saber com certeza.

Ela me deu um daqueles acenos conhecedores. Já tínhamos passado por isso antes.

— Tudo bem, me confirme amanhã.

Desta vez não apreciei o sarcasmo.

— Do que é que ela precisa? — perguntei, tentando pagar na mesma moeda.

— Acabei de dizer do que ela precisa. Que seja mais presente na vida dela.

— OK, prometo. Farei isso.

Ela não respondeu.

— Estou sendo sincero, Maggie. Ligarei para você amanhã.

Ela olhou para mim e estava pronta para me fuzilar. Já fizera isso antes, quando veio a paternidade, dizendo que eu era só papo-furado e nenhuma ação. Mas fui salvo pelo início da sessão. O juiz saiu de seu gabinete e subiu os degraus para a bancada. O escrivão pediu silêncio no tribunal. Sem mais nenhuma palavra para Maggie, afastei-me da mesa da acusação e voltei para um dos assentos junto ao cancelo.

O juiz perguntou ao escrivão se havia qualquer coisa a ser discutida antes dos presos serem trazidos. Não houve nada, portanto o juiz ordenou que o primeiro grupo saísse. Tal como o tribunal em Lancaster, havia uma ampla área restrita

para réus sob custódia. Levantei-me e fui até a abertura no vidro. Quando vi Roulet passar pela porta fiz sinal para ele.

— Você vai ser o primeiro — disse-lhe. — Pedi ao juiz para colocá-lo no início da pauta, como um favor. Quero tentar tirar você daqui.

Não era bem verdade. Não tinha pedido nada ao juiz e, mesmo se tivesse, ele não faria tal coisa por mim como um favor. Roulet ia ser o primeiro por causa da presença da mídia no tribunal. Era prática geral lidar primeiro com os casos de interesse jornalístico. Isto era uma cortesia para com o câmera que supostamente tinha outras tarefas a cumprir. Mas era também para evitar a tensão no tribunal, e advogados, réus e até mesmo o juiz poderem atuar sem uma câmera de TV sobre eles.

— Por que aquela câmera aqui? — perguntou Roulet num sussurro de pânico. — É por minha causa?

— Sim, é por você. Alguém deu a ele a dica para o caso. Se não quiser ser filmado, tente me usar como escudo.

Roulet mudou sua posição de modo que eu estava bloqueando a visão dele da câmera do outro lado do tribunal. Isso reduzia as chances do operador vender a reportagem para um noticiário local. O que era bom.

O caso Roulet foi chamado, seu nome mal pronunciado pelo escrivão. Maggie anunciou sua presença pela acusação e a seguir eu me anunciei. Maggie aumentara as acusações, como era seu hábito no papel de Maggie McFeroz. Roulet agora enfrentava tentativa de assassinato juntamente com tentativa de estupro. Seria mais fácil para ela argumentar por cancelamento de fiança.

O juiz informou Roulet de seus direitos constitucionais e marcou a data de citação para 21 de março. Falando por Roulet, pedi para reconsiderar o pedido de cancelamento da fiança. Isto criou um jogo de idas e vindas entre mim e Maggie, sendo tudo encaminhado pelo juiz, que sabia que fôramos formalmente casados porque comparecera ao nosso casamento. Enquanto Maggie listava as atrocidades cometidas contra a vítima, eu em troca listava os vínculos de Roulet com a comunidade em esforços caritativos. Apontei para C.C. Dobbs na galeria e sugeri colocá-lo no estrado para uma discussão adicional da boa posição de Roulet. Dobbs era meu ás na manga. Sua estatura na comunidade jurídica fortaleceria a reputação de Roulet e por certo teria influência sobre o juiz, que mantinha sua posição na tribuna com o apoio dos eleitores — e de contribuições de campanha.

— A questão-chave, meritíssimo, é que não se pode processar este homem por representar um risco ou perigo potencial para a comunidade — falei como encerramento. — O Sr. Roulet está ancorado nesta comunidade e nada pretende fazer senão atacar as falsas acusações que foram levantadas contra ele.

Usei a palavra *atacar* de propósito, no caso de a frase ficar no ar e talvez ser observada pela mulher que fez as acusações.

— Meritíssimo — respondeu Maggie —, pondo de lado toda essa louvação, o que não deveria ser esquecido é que a vítima neste caso foi brutalmente...

— Sra. McPherson — interrompeu o juiz —, acho que já tivemos idas e vindas demais. Estou ciente das lesões que a vítima sofreu, bem como da posição do Sr. Roulet. Também tenho uma agenda cheia hoje. Vou fixar a fiança em um milhão de dólares. Também vou requerer que o Sr. Roulet seja supervisionado pela corte com apresentações semanais. Se ele faltar a uma, perde sua liberdade.

Rapidamente olhei para a galeria, onde Dobbs estava sentado junto a Fernando Valenzuela. Dobbs era um homem magro que raspava a cabeça para esconder o padrão masculino de calvície. A magreza sobressaía ao lado do barrigão de Valenzuela. Esperei por um sinal dizendo se deveria acatar a decisão do juiz ou tentar pleitear uma quantia mais baixa. Às vezes, quando um juiz acha que está lhe dando um presente, isto pode ser um tiro pela culatra para pressionar por mais — ou, neste caso, menos.

Dobbs estava sentado no primeiro assento da primeira fila. Ele simplesmente se levantou e começou a caminhar para fora do tribunal, deixando Valenzuela sozinho. Interpretei isto como se devesse descartar essa questão, que a família de Roulet poderia bancar esse milhão. Voltei-me para a tribuna.

— Obrigado, meritíssimo — falei.

O escrivão chamou imediatamente o próximo caso. Olhei de relance para Maggie enquanto ela fechava a pasta sobre o caso que não ia mais acusar. Ela então se levantou, passou pelo cancelo e desceu a ala central do tribunal. Não falou com ninguém e nem olhou de volta para mim.

— Sr. Haller?

Voltei-me para o meu cliente. Atrás dele vi um comissário se aproximando para levá-lo de volta à reclusão. Ele seria embarcado no ônibus e levado meio quarteirão de volta à cadeia. Então, dependendo de quão rápido trabalhassem Dobbs e Valenzuela, seria libertado no final do dia.

— Trabalharei com o Sr. Dobbs e soltarei você — eu disse. — Então nos sentaremos para falar sobre o caso.

— Obrigado — disse Roulet enquanto era levado. — Obrigado por estar aqui.

— Lembre-se do que eu disse. Não fale com estranhos. Não fale com ninguém.

— Sim, senhor.

Depois que ele se foi, caminhei até o cancelo. Valenzuela estava esperando por mim com um enorme sorriso no rosto. A fiança de Roulet era provavelmente a fiança mais alta que já tinha pegado. Significava que sua comissão seria a mais alta que já recebera. Ele bateu-me no braço enquanto eu cruzava a portinhola.

— O que foi que eu lhe disse? — falou. — Conseguimos um caso classe A aqui, patrão.

— Veremos, Val, veremos — repliquei.

CINCO

Cada advogado que faz girar as engrenagens da máquina tem duas tabelas de honorários. Existe a tabela A, que lista os honorários que o advogado gostaria de receber por certos serviços prestados. E tem a tabela B, os honorários que está disposto a receber porque é tudo que o cliente pode pagar. Um cliente classe A é um réu que quer ir a júri e tem o dinheiro para pagar a tabela A de seu advogado. A partir da primeira aparição, passando pela citação, a intervenção preliminar, e seguindo-se o julgamento e depois a apelação, o cliente classe A exige centenas se não milhares de horas cobráveis. O advogado pode então abastecer o tanque por dois ou três anos. Da área onde eu caço, estas são as feras mais raras e mais cobiçadas na selva.

E estava começando a parecer que Valenzuela farejava dinheiro. Louis Roulet se mostrava cada vez mais um cliente classe A. Tinha sido um período seco para mim. Haviam se passado quase dois anos desde que eu pegara algo que chegasse perto de um caso ou cliente na tabela A. Estou falando sobre um caso de seis dígitos. Havia muitos que começavam parecendo que poderiam alcançar este raro platô, mas nunca chegavam lá.

C.C. Dobbs estava esperando no corredor do lado de fora da corte de citação quando saí. Estava de pé perto da parede de vidro que dava vista para a praça do centro cívico abaixo. Caminhei rapidamente em sua direção. Tinha poucos segundos antes de Valenzuela sair da corte e queria um tempo a sós com Dobbs.

— Desculpe — disse Dobbs antes que eu parasse para falar. — Eu não queria ficar nem mais um minuto lá dentro. Foi muito deprimente ver o garoto preso como gado.

— O garoto?

— Louis. Represento a família há 25 anos. Acho que ainda penso nele como um garoto.

— Você vai ser capaz de libertá-lo?

— Isto não é problema. Dei um telefonema para a mãe de Louis para ver como ela quer cuidar disso, se quer oferecer propriedade ou prosseguir com uma carta de fiança.

Oferecer propriedade para cobrir uma fiança de um milhão de dólares significaria que pelo menos um milhão de dólares no valor da propriedade poderia não ser dificultado por uma hipoteca. Além disso, a corte poderia exigir uma avaliação atualizada da propriedade, o que poderia levar dias e manteria Roulet esperando na cadeia. Inversamente, uma carta de fiança podia ser comprada através de Valenzuela por um ágio de dez por cento. A diferença era que os dez por cento nunca retornavam. Isto permanecia com Valenzuela por sua conta e risco e era a razão para o seu amplo sorriso no tribunal. Depois de pago seu prêmio de seguro sobre a fiança de um milhão de dólares, ele terminara ganhando perto de noventa mil dólares. E estava preocupado acerca de eu tomar conta *dele.*

— Posso dar uma sugestão? — perguntei.

— Claro.

— Louis parecia um pouco frágil quando o vi no cárcere. Se eu fosse você o tiraria de lá o mais rápido possível. Para fazer isso você precisará que Valenzuela escreva um acordo de fiança. Vai lhe custar cem mil, mas o garoto estará livre e a salvo, entende o quero dizer?

Dobbs voltou-se para a janela e apoiou-se na balaustrada que corria ao longo do vidro. Olhei para baixo e vi que a praça estava repleta de funcionários do governo na sua hora de almoço. Eu podia ver muitas pessoas com os crachás em vermelho e branco que eu sabia que eram dados aos jurados.

— Sei o que você quer dizer.

— A outra coisa é que casos como esse tendem a tirar os ratos de suas tocas.

— Como assim?

— Quero dizer que outros detentos irão dizer que ouviram alguém falar alguma coisa. Especialmente num caso que sai nos noticiários e nos jornais. Eles pegarão essa informação da TV e farão parecer como se nosso cliente estivesse falando.

— Isso é criminoso! — disse Dobbs, indignado. — Não deveria ser permitido!

— É, eu sei, mas acontece. E quanto mais tempo ele permanecer lá, mais se abre a janela de oportunidades para um desses caras.

Valenzuela juntou-se a nós. Nada comentou.

— Vou sugerir que a gente prossiga com o acordo de fiança — disse Dobbs. — Já telefonei e ela estava numa reunião. Tão logo ela ligue de volta, continuaremos com isso.

Suas palavras instigaram alguma coisa que havia me incomodado durante a audiência.

— Ela não podia sair de uma reunião para falar sobre seu filho que está na cadeia? Eu estava imaginando por que ela não apareceu no tribunal hoje se este garoto, como você o chama, é tão puro e íntegro.

Dobbs olhou para mim como se eu não tivesse lavado a boca por um mês.

— A Sra. Windsor é uma mulher muito ocupada e poderosa. Estou certo de que se eu tivesse declarado que era uma emergência relativa a seu filho ela atenderia o telefone imediatamente.

— Sra. Windsor?

— Ela casou de novo após divorciar-se do pai de Louis. Já faz muito tempo.

Assenti, depois me dei conta de que havia mais coisas a falar com Dobbs, mas nada que eu quisesse discutir na frente de Valenzuela.

— Val, por que não verifica sobre quando Louis estará de volta à cadeia de Van Nuys, para que você possa soltá-lo?

— Isto é fácil — disse Valenzuela. — Ele irá no primeiro ônibus depois do almoço.

— Bem, verifique de novo enquanto eu termino com o Sr. Dobbs.

Valenzuela já ia protestar que não precisava checar de novo quando percebeu o que eu estava dizendo a ele.

— OK — falou. — Vou verificar.

Depois que ele se foi, estudei Dobbs por um momento antes de falar. Dobbs estava no fim da casa dos 50. Tinha uma presença cheia de deferência que provavelmente vinha de trinta anos tomando conta de gente rica. Meu palpite era de que ele próprio tinha se tornado rico no processo, mas não alterara seu comportamento público.

— Se vamos trabalhar juntos, acho que deveria perguntar como prefere ser chamado. Cecil? C.C.? Sr. Dobbs?

— Cecil está bom.

— Bem, minha primeira pergunta, Cecil, é se vamos trabalhar juntos. Obtive o caso?

— O Sr. Roulet deixou claro para mim que quer você no caso. Para ser sincero, você não teria sido minha primeira escolha. Poderia até não ter sido escolha nenhuma, porque, francamente, nunca ouvi falar de você. Mas é a primeira escolha do Sr. Roulet, e isto é aceitável para mim. De fato achei que você se saiu muito bem no tribunal, especialmente considerando o quão hostil aquela promotora foi em relação ao Sr. Roulet.

Notei que o garoto tinha agora se tornado o “Sr. Roulet”. Imaginei o que havia acontecido para que ele crescesse na visão de Dobbs.

— É, bem, todos a chamam de Maggie McFeroz. Ela é muito dedicada.

— Achei que ela passou um pouco da conta. Acha que há algum jeito de afastá-la do caso, talvez arranjando alguém um pouco mais... de pés no chão?

— Não sei. Tentar derrubar promotores pode ser perigoso. Mas se acha que ela precisa cair fora, posso dar um jeito nisso.

— É bom saber. Talvez eu devesse ter te conhecido antes.

— Talvez. Quer falar agora sobre honorários e acabar com as dúvidas?

— Se você preferir...

Olhei em volta do corredor para ter certeza de que não havia nenhum outro advogado ouvindo. Eu ia jogar todo esse caso na tabela A.

— Cobrei 2.500 dólares pelo dia de hoje e Louis já aprovou. Se você quiser prosseguir na base da hora a partir daqui, cobro trezentos por hora e isso pula para quinhentos no julgamento porque me impede de fazer outras coisas. Se preferir seguir com uma taxa fixa, vou querer sessenta mil para conduzir o caso daqui até uma audiência preliminar. Se a terminarmos com uma apelação, levarei mais 12 mil em cima disso. Se formos a julgamento em vez disso, preciso de mais sessenta mil no dia em que decidirmos isso e mais 25 mil quando começarmos a selecionar os jurados. Este caso não parece que vá durar mais de uma semana, incluindo a seleção dos jurados, mas, se passar, levo um extra de 25 mil por semana. Podemos falar a respeito de uma apelação se e quando se tornar necessário.

Hesitei por um momento para ver como Dobbs estava reagindo. Ele não demonstrou nada, de modo que pressionei.

— Precisarei de trinta mil de sinal e mais dez para um investigador no fim do dia. Não quero perder tempo com isso. Quero pôr um investigador em tempo integral nesse caso antes que chegue à mídia e antes que os tiras falem sobre a pessoa envolvida.

Dobbs assentiu lentamente.

— São estes seus honorários habituais?

— Quando posso obtê-los. Mereço isso. Quanto está cobrando da família, Cecil?

Eu estava certo de que ele não sairia deste pequeno episódio passando fome.

— Isto fica entre mim e meu cliente. Mas não se preocupe. Incluirei seus honorários na minha discussão com a Sra. Windsor.

— Eu agradeço. E lembre-se: preciso que o investigador comece hoje.

Entreguei-lhe um cartão comercial que puxei do bolso direito de meu paletó. Os cartões no bolso direito tinham o número do meu celular. Os do bolso esquerdo tinham o número que remetia a Lorna Taylor.

— Tenho outra audiência no centro — eu disse. — Quando você o tiver liberado, ligue-me e marcaremos um encontro. Vamos fazer isso o mais breve

possível. Estarei disponível hoje mais tarde e à noite.

— Perfeito — disse Dobbs, embolsando o cartão sem olhar para ele. — Deveríamos ir até você?

— Não, eu irei a vocês. Gostaria de ver como se vive nas alturas de Century City.

Dobbs sorriu desembaraçadamente.

— É óbvio por seu terno que você sabe e pratica o adágio de que um criminalista nunca deveria se vestir bem demais. Você quer que os jurados simpatizem com você, não que sintam inveja. Bem, Michael, um advogado de Century City não pode ter um escritório que seja mais refinado que os escritórios de seus clientes. Portanto, posso garantir-lhe que nossos escritórios são muito modestos.

Assenti em concordância. Mas mesmo assim senti-me insultado. Eu estava usando meu melhor terno, que sempre usava na segunda-feira.

— É bom saber disso — comentei.

A porta do tribunal se abriu e o operador de vídeo saiu, levando consigo a câmera e o tripé dobrado. Dobbs o viu e imediatamente ficou tenso.

— A mídia — disse. — Como podemos controlar isso? A Sra. Windsor não quer...

— Espere um segundo.

Chamei o operador de câmera e ele se aproximou. Imediatamente estendi a mão. Ele teve que baixar o tripé para apertá-la.

— Sou Michael Haller. Vi você lá filmando a aparição do meu cliente.

Usar meu nome formal era um código.

— Robert Gillen — disse o câmera. — Mas todos me conhecem como Sticks.

O uso de seu nome formal foi um retorno do código. Ele estava me deixando saber que entendia que eu estava envolvido em algo ali.

— Você é um freelancer ou foi escalado? — perguntei.

— Hoje estou como freelancer.

— Como soube sobre este caso?

Ele deu de ombros como se estivesse relutante em responder.

— De uma fonte. Um tira.

Assenti. Gillen estava no jogo e continuava a partida.

— O que ganharia com isso vendendo a alguma emissora?

— Depende. Ganho trezentos e cinquenta por uma matéria exclusiva e cinquenta por uma não exclusiva.

Não exclusiva significava que qualquer diretor de noticiário que comprasse a fita dele sabia que ele poderia vender o material para uma emissora concorrente.

Gillen havia dobrado as taxas que realmente ganhava. Era um bom movimento. Ele devia estar ouvindo o que fora dito no tribunal enquanto gravava.

— Vou direto ao ponto — eu disse. — Que tal se tirarmos esse material das suas mãos agora por uma exclusiva?

Gillen foi perfeito. Ele hesitou como se estivesse inseguro quanto à ética envolvida na proposta.

— De fato, posso chegar a mil paus — acrescentei.

— OK — disse ele. — Negócio fechado.

Enquanto Gillen punha a câmera no chão e retirava a fita, puxei um maço de notas do bolso. Eu havia separado 1.200 dólares da grana dos Road Saints que Teddy Vogel me dera a caminho daqui. Voltei-me para Dobbs.

— Posso custear isto, certo?

— Claro — disse. Ele estava radiante.

Troquei o dinheiro pela fita e agradeci a Gillen. Ele embolsou o dinheiro e seguiu para os elevadores feliz da vida.

— Foi brilhante — comentou Dobbs. — Temos que esconder isso. O negócio da família podia literalmente ser destruído se esta fita... na verdade, acho que há uma razão para a Sra. Windsor não ter vindo aqui hoje. Ela não queria ser reconhecida.

— Bem, temos de conversar a respeito caso isto vá longe demais. Enquanto isso, farei o melhor possível para manter o caso abafado.

— Obrigado.

Um celular começou a tocar uma música clássica de Bach ou Beethoven ou qualquer outro de domínio público. Dobbs tirou o celular do bolso, abriu-o e verificou a pequena tela nele.

— É ela — disse.

— Então o deixarei à vontade.

Enquanto me afastava, ouvi Dobbs dizendo:

— Mary, está tudo sob controle. Precisamos agora nos concentrar e tirar ele de lá. Vamos necessitar de algum dinheiro...

Enquanto o elevador subia para mim, eu pensava estar inteiramente certo de que lidava com um cliente e família para os quais “algum dinheiro” significava muito mais do que eu já tinha visto um dia. Minha mente voltou para o comentário desairoso que Dobbs fizera sobre mim. Ainda doía. A verdade era que eu não tinha em meu armário um terno que custasse menos de 600 dólares e sempre me senti bem e confiante em qualquer um deles. Imaginei se ele tivera intenção de insultar-me ou se pretendera algo mais, talvez tentando, neste estágio inicial do jogo, imprimir seu controle sobre mim e o caso. Decidi que precisaria ficar de pé atrás com Dobbs. Iria mantê-lo próximo, mas não tanto assim.

SEIS

O trânsito para o centro da cidade engarrafou no Cahuenga Pass. Passei o tempo no carro trabalhando ao telefone e tentando não pensar na conversa que tive com Maggie McPherson acerca de minhas habilidades como pai. Minha ex-mulher estava certa sobre mim, e foi isso que doeu. Por um longo tempo pus minha prática jurídica à frente da prática paterna. Era algo que prometi a mim mesmo mudar. Só precisava de tempo e dinheiro para diminuir o ritmo. Achava que Roulet talvez providenciasse ambos.

No assento traseiro do Lincoln liguei primeiro para Raul Levin, meu investigador, para colocá-lo em alerta acerca do potencial encontro com Roulet. Pedi a ele para fazer um exame preliminar do caso para ver o que podia descobrir. Levin tinha se aposentado há pouco do Departamento de Polícia de Los Angeles e ainda possuía contatos e amigos que lhe prestavam favores de vez em quando. Provavelmente tinha sua própria lista de Natal. Disse-lhe para não despender muito tempo nisso até eu ter certeza de que garantira Roulet como um cliente pagante. Não importava o que C.C. Dobbs me tivesse dito cara a cara no corredor do tribunal. Eu só acreditaria que o caso era meu quando entrasse o primeiro pagamento.

A seguir chequei o andamento de uns poucos casos e depois liguei para Lorna Taylor de novo. Sabia que a correspondência era entregue na casa dela quase diariamente pouco antes do meio-dia. Mas ela me contou que nada de importante havia chegado. Nem cheques nem correspondência das cortes em que eu tivesse de prestar atenção imediata.

— Verificou a citação de Gloria Dayton? — perguntei a ela.

— Sim. Parece que eles podem segurá-la até amanhã com base em exame médico.

Resmunguei. A acusação tem 48 horas após a detenção para levar o acusado à presença de um juiz. Reter a primeira aparição de Gloria até o dia seguinte por causa de razões médicas significava que ela provavelmente estava drogada. Isto ajudaria a explicar por que portava cocaína no momento da detenção. Há pelo menos sete meses que eu não a via ou falava com ela. Sua queda ladeira abaixo

deve ter sido rápida. A tênue linha entre controlar ou ser controlada por drogas havia sido ultrapassada.

— Você descobriu quem está encarregado? — perguntei.

— Leslie Faire — respondeu ela.

Resmunguei de novo.

— Essa é ótima. OK. Bem, estou indo para o centro para ver o que posso fazer. Não tenho nada em andamento até ouvir sobre Roulet.

Leslie Faire era uma promotora cuja ideia de dar ao réu uma pausa ou o benefício da dúvida era oferecer supervisão de condicional estendida em cima do tempo de prisão.

— Mick, quando você vai aprender com essa mulher? — disse Lorna sobre Gloria Dayton.

— Aprender o quê? — indaguei, embora soubesse exatamente o que Lorna queria dizer.

— Ela arrasta você para baixo toda vez que tem de lidar com ela. Gloria nunca vai conseguir sair dessa vida, e agora pode apostar que nunca vai pintar nada de bom a cada vez que ela liga. Estaria tudo bem, só que você nunca cobra dela.

O que ela quis dizer era que os casos de Gloria Dayton a partir de agora ficariam mais complicados e consumidores de tempo, porque era provável que as acusações sobre posse de drogas sempre acompanhariam a solicitação ou as acusações de prostituição. O que incomodava Lorna era que isto significava mais trabalho para mim, porém nada de grana.

— Bem, a Ordem requer que todos os advogados pratiquem um pouco de trabalho *pro bono,* Lorna. Você sabe...

— Você não me ouve, Nick — disse ela em tom de dispensa. — É exatamente por isso que não conseguimos ficar casados.

Fechei os olhos. Que dia. Eu conseguira deixar minhas duas ex-esposas furiosas comigo.

— O que essa mulher faz com você? — perguntou ela. — Por que você não cobra dela nem mesmo uma taxa básica?

— Olhe, ela não faz nada comigo, OK? — eu disse. — Podemos mudar de assunto agora?

Não contei a ela que anos antes, quando eu examinara os velhos e empoeirados livros contábeis do escritório de meu pai, descobri que ele tinha sido um ponto de apoio para as assim chamadas damas da noite. Ele defendeu muitas e cobrou de poucas. Talvez eu estivesse apenas continuando uma tradição da família.

— Ótimo — disse Lorna. — Como foi com Roulet?

— Você quer dizer se consegui o serviço? Acho que sim. Val está provavelmente soltando-o neste momento. Marcaremos uma reunião depois disso. Já pedi a Raul para vasculhar por aí.

— Já ganhou um cheque?

— Ainda não.

— Consiga o cheque, Mick.

— Estou trabalhando nisso.

— Como parece o caso?

— Vi apenas as fotos, mas parece ruim. Saberei mais depois de ver o que Raul conseguir levantar.

— E quanto a Roulet?

Eu sabia o que ela estava perguntando. Como era ele como cliente? Um júri, se o caso fosse a júri, gostaria dele ou o desprezaria? Casos poderiam ser vencidos ou perdidos baseados nas impressões dos jurados sobre o réu.

— Ele parece um bebê perdido no bosque.

— Ele é um virgem?

— Nunca esteve atrás das grades.

— Bem, ele fez aquilo?

Ela sempre fazia a pergunta irrelevante. Não importava, em termos da estratégia do caso, se o réu “fez” ou não. O que importava era a prova contra ele — a prova — e se e como seria neutralizada. Minha tarefa era enterrar a prova, colorir a prova com uma sombra cinzenta. O cinza era a cor da dúvida razoável.

Mas a questão de que se tinha ou não tinha sido ele parecia importar para ela.

— Quem sabe, Lorna? Esta não é a questão. A questão é se ele é ou não um cliente pagante. A resposta é: acho que sim.

— Bem, deixe-me saber se você necessita de alguma... ah, tem uma outra coisa.

— O quê?

— Sticks ligou e disse que deve a você quatrocentos dólares na próxima vez em que o vir.

— Sim, ele deve.

— Você está se saindo muito bem hoje.

— Não estou me queixando.

Despedimo-nos num tom amistoso, a discussão sobre Gloria Dayton parecendo esquecida por enquanto. Talvez a segurança advinda de saber que o dinheiro está chegando e que um cliente de alto pagamento está na lista tenha feito Lorna sentir-se menos amarga acerca de eu trabalhar em alguns casos de graça. Imaginei, porém, se ela teria se importado tanto se eu estivesse defendendo de graça um traficante de drogas em vez de uma prostituta. Lorna e

eu tínhamos partilhado um curto e doce casamento, com nós dois descobrindo rapidamente que tínhamos ido com muita sede ao pote, recém-saídos de divórcios. Terminamos, permanecemos amigos e ela continuou a trabalhar comigo, não para mim. A única vez em que me sentia desconfortável acerca desse arranjo era quando ela agia de novo como uma esposa e contestava minha escolha do cliente e quem ou o que eu ia cobrar ou não cobrar.

Sentindo-me confiante pelo modo como lidei com Lorna, liguei para a promotoria em Van Nuys. Pedi para falar com Margaret McPherson e peguei-a comendo em sua escrivaninha.

— Eu só queria dizer que sinto muito pelo que houve esta manhã. Sei que você queria o caso.

— Bem, provavelmente você precisa mais dele do que eu. Ele deve ser um cliente pagante, já que tem C.C. Dobbs carregando o rolo atrás dele.

O rolo a que estava se referindo era um rolo de papel higiênico. Advogados de família de alto preço eram vistos geralmente pelos promotores como nada mais que limpadores de bunda dos ricos e famosos.

— É, poderia usar alguém como ele... o cliente pagante, não o limpador. Já faz um bocado de tempo que não tenho um classe A.

— Bem, você não teve tanta sorte poucos minutos atrás — sussurrou ela ao telefone. — O caso foi designado a Ted Minton.

— Nunca ouvi falar dele.

— É um dos novos talentos de Smithson. Acabaram de trazê-lo do centro, onde estava cuidando de casos simples de retenção. Ele não via o lado de dentro de um tribunal até vir para cá.

John Smithson era o ambicioso chefe encarregado da divisão de Van Nuys. Era melhor político do que promotor e tinha explorado com sucesso essa habilidade numa ascensão rápida à chefia da divisão, deixando para trás outros promotores mais experientes. Maggie estava entre aqueles que ele passou para trás. Uma vez estabelecido na chefia, começou a formar uma equipe de jovens promotores que não se sentissem negligenciados e que fossem leais a ele, por terem recebido uma chance.

— Este nunca esteve na corte? — perguntei, não entendendo como atuar contra um novato poderia ser falta de sorte, como Maggie havia indicado.

— Ele já participou de uns poucos julgamentos aqui, mas sempre tendo alguém como babá. O caso Roulet vai ser o seu primeiro voo solo. Smithson acha que está dando a ele de bandeja.

Imaginei-a sentada no seu cubículo, provavelmente não muito longe de onde estava o meu novo oponente.

— Não entendo, Mags. Se esse cara ainda é verde, por que estou sem sorte?

— Porque esses caras que Smithson escolhe são todos tirados do mesmo molde. São uns bundões arrogantes. Acham que não podem fazer nada de errado e o que é mais... — Ela baixou a voz mais ainda. — Eles não jogam limpo. E o que se comenta sobre Minton é que ele é um trapaceiro. Fique de olho no que faz, Haller. Melhor ainda, fique de olho no que ele faz.

— Bem, obrigado pelas dicas.

Mas ela não havia terminado.

— Um monte dessa gente nova não entende. Eles não veem isto como uma vocação. Para eles não se trata de justiça. É só um jogo... acumular pontos. Eles gostam de manter a pontuação e ver quão longe isto vai levá-los na carreira. De fato, eles são todos como filhotes de Smithson.

Uma vocação. Foi o senso de vocação dela que realmente ferrou nosso casamento. Num nível intelectual ela podia lidar com ser casada com um homem que trabalhava pro adversário. Mas quando caiu a ficha sobre a realidade do que fazíamos, tivemos sorte de ter durado os oito anos que conseguimos. *Meu bem, como foi seu dia? Oh, consegui um acordo de sete anos para um cara que assassinou seu colega de quarto com um furador de gelo. E você? Oh, encarcerei um cara por cinco anos porque ele roubou o som de um carro para alimentar seu vício...* Não podia dar certo. Quatro anos nisso e chegou uma filha, mas ela não teve nenhuma culpa nisso, apenas nos manteve juntos por mais quatro anos.

Ainda assim, não lamento nada. Dei carinho à minha filha. Ela era a única coisa realmente boa em minha vida e de que eu podia me orgulhar. Acho profundamente que a razão de eu não vê-la o suficiente — que corresse atrás de casos em vez de procurá-la — era porque me sentia indigno dela. Sua mãe era uma heroína. Ela punha gente má na cadeia. O que poderia dizer a ela de bom e sagrado acerca do que eu fazia, se isso tinha perdido o sentido para mim mesmo, muito tempo atrás?

— Ei, Haller, você está aí?

— Sim, Mags, estou. O que está comendo hoje?

— Apenas a salada oriental daqui de baixo. Nada especial. Onde está você?

— Seguindo para o centro. Escute, diga a Hayley que a verei este sábado. Bolarei um plano. Faremos alguma coisa especial.

— Vai realmente fazer isso? Não quero dar a ela esperanças vãs.

Senti algo se erguer dentro de mim, a ideia de que minha filha nutrisse esperanças de me ver. A única coisa que Maggie nunca fez foi me desacreditar com Hayley. Não era do tipo de fazê-lo. Sempre admirei isso.

— Sim, vou.

— Ótimo, contarei a ela. Avise-me quando estiver vindo, ou se prefere que eu a deixe aí.

— OK.

Hesitei. Queria falar mais tempo com ela, porém nada mais havia a ser dito. Finalmente me despedi e fechei o celular. Em poucos minutos nos livramos do engarrafamento. Olhei pela janela e não vi nenhum acidente. Não vi ninguém com um pneu furado e nenhum carro da polícia rodoviária parado no acostamento. Não vi nada que explicasse aquela retenção no tráfego. Acontecia com frequência. O tráfego na via expressa em Los Angeles era tão misterioso quanto um casamento. Ele andava e fluía, depois alentecia e parava por nenhuma razão facilmente explicável.

Venho de uma família de advogados. Meu pai, meu meio-irmão, uma sobrinha e um sobrinho. Meu pai foi um famoso advogado numa época em que não havia televisão a cabo nem a TV Justiça. Ele foi o decano da lei criminal em Los Angeles por quase três décadas. De Mickey Cohen às garotas de Manson, seus clientes sempre davam manchetes. Eu fui apenas uma reflexão tardia em sua vida, uma visita surpresa ao seu segundo casamento com uma atriz de cinema classe B conhecida por sua exótica aparência latina mas não pelo talento. A mistura resultou no meu aspecto moreno irlandês. Meu pai estava velho quando nasci, de modo que se foi antes que eu tivesse idade bastante para realmente conhecê-lo ou falar com ele a respeito da vocação jurídica. Ele só me deixou seu nome. Mickey Haller, a lenda dos tribunais. Isto ainda abria portas.

Mas meu irmão mais velho — o meio-irmão do primeiro casamento — contou-me que meu pai costumava falar com ele acerca da prática jurídica e defesa criminal. Costumava dizer que defenderia o próprio demônio, contanto que recebesse seus honorários. O único grande caso com cliente importante que ele um dia recusou foi o de Sirhan Sirhan. Ele disse ao meu irmão que gostava demais de Bobby Kennedy para defender seu assassino, não importa o quanto ele acreditasse no ideal de que o acusado merecia a melhor e mais vigorosa defesa possível.

Ao crescer, li todos os livros sobre meu pai e seus casos. Admirei a perícia, o vigor e as estratégias que ele trouxe para a mesa de defesa. Ele era muito bom e deixou-me orgulhoso de carregar seu nome. Mas a lei era diferente agora. Era mais cinzenta. Ideais tinham há muito sido rebaixados a noções. E noções eram opcionais.

Meu celular tocou e verifiquei o visor antes de atender.

— O que há, Val?

— Estamos soltando o cara. Já o levaram de volta para a cadeia e estamos procedendo à soltura agora.

— Dobbs apareceu com a fiança?

— Pode apostar.

Pude ouvir a satisfação em sua voz.

— Não vá com tanta sede. Tem certeza de que ele não é um fujão?

— Nunca tive certeza. Vou fazê-lo usar um rastreador. Se eu perder esse cara, perco minha casa.

Percebi que aquilo que eu tomara como satisfação pelo que o milhão caído do céu traria para a vida de Valenzuela era na verdade energia nervosa. Valenzuela estaria retesado como um fio até que isto terminasse, de uma maneira ou outra. Mesmo se a corte não tivesse ordenado isso, Valenzuela ia pôr um dispositivo eletrônico de rastreamento em Roulet. Não queria correr riscos com esse cara.

— Onde está Dobbs?

— De volta ao meu escritório, esperando. Levarei Roulet para lá tão logo seja solto. Não deve levar muito tempo.

— Maisy está lá?

— Sim, está.

— OK, vou ligar para ela.

Encerrei a ligação e teclei a combinação de discagem rápida para a Fianças da Liberdade. A recepcionista e assistente de Valenzuela atendeu.

— Maisy, aqui é Mick. Pode pôr o Sr. Dobbs na linha?

— Claro, Mick.

Poucos segundos depois, Dobbs estava na linha. Parecia chateado por alguma coisa, pude sentir pela maneira como disse:

— Cecil Dobbs.

— Aqui é Mickey Haller. Como está indo aí?

— Bem, se você considerar que estou deixando à deriva meus deveres para com outros clientes enquanto fico sentado aqui, lendo revistas velhas, não estou nada bem.

— Você não carrega um celular para tratar de negócios?

— Carrego, mas essa não é a questão. Meus clientes não são gente de telefone celular. São de tratar pessoalmente.

— Entendo. Bem, aqui vai a boa notícia: ouvi dizer que nosso garoto está prestes a ser libertado.

— Nosso garoto?

— O Sr. Roulet. Valenzuela deve tê-lo do lado de fora dentro de uma hora. Estou indo para uma conferência com um cliente, mas, como eu disse antes, estarei livre à tarde. Quer se encontrar para tratar do caso com nosso cliente, ou quer que eu assuma a partir daqui?

— Não, a Sra. Windsor insistiu para que eu monitore isso de perto. De fato, ela pode optar por estar lá também.

— Não me importo de conhecer e cumprimentar a Sra. Windsor, mas quando chegar a hora de falar sobre o caso, vai ser só a equipe de defesa. Que pode incluir você, mas não a mãe, OK?

— Entendo. Digamos às quatro horas no meu escritório. Terei Louis lá também.

— Estarei lá.

— Minha empresa emprega um investigador de primeira. Pedirei a ele que se junte a nós.

— Isso não é necessário, Cecil. Tenho o meu próprio investigador e ele já está no serviço. Veremos vocês às quatro.

Encerrei a ligação antes que Dobbs pudesse começar um debate sobre qual investigador usar. Tinha de tomar cuidado para que Dobbs não controlasse a investigação, preparação e estratégia para o caso. Monitorar era uma coisa. Mas eu era o advogado de Louis Roulet agora. Não ele.

Quando chamei Raul Levin em seguida, ele me disse que já estava a caminho da Divisão Van Nuys do DPLA para pegar uma cópia do relatório de detenção.

— Simples assim? — perguntei.

— Não, não tão simples. De certo modo, você poderia dizer que levei vinte anos para obter este relatório.

Eu entendia. As ligações de Levin, obtidas com o passar dos anos e a experiência, negociadas em cima de confiança e favores, agora davam resultado. Não admira que ele cobrasse 500 dólares por dia quando podia obtê-los. Contei-lhe sobre a reunião às quatro e ele disse que lá estaria, pronto para nos fornecer o ponto de vista dos agentes da lei sobre o caso.

O Lincoln encostou para uma parada quando fechei o celular. Estávamos diante do complexo carcerário das Torres Gêmeas. Ele não tinha nem dez anos, mas a poluição estava começando a manchar permanentemente suas paredes cor de areia de um cinzento melancólico. Era um lugar triste e ameaçador em que eu passava muito tempo. Abri a porta do carro e desci para entrar lá mais uma vez.

SETE

Havia uma janela de check-in do advogado que me permitia furar a longa fila de visitas que esperavam entrar para ver entes queridos encarcerados em uma das torres. Quando disse ao agente na janela quem eu queria ver, ele digitou o nome no computador e nada disse sobre Gloria Dayton estar no serviço médico e indisponível. Ele imprimiu um passe de visitante que enfiou no invólucro plástico de um crachá e me disse para colocá-lo e usá-lo por todo o tempo que eu passasse na prisão. Depois me disse para afastar-me da janela e esperar por uma escolta de advogado.

— Levará uns poucos minutos — disse ele.

Eu sabia de experiência anterior que meu celular ficava sem sinal no interior da prisão e que se eu saísse para usá-lo poderia perder a escolta e então teria de passar de novo por todo o processo de identificação. Assim, permaneci e observei os rostos das pessoas que vinham visitar os reclusos. A maioria era de negros e pardos. A maioria tinha o ar de rotina em seus rostos. Eles todos provavelmente conheciam as regras aqui muito melhor do que eu.

Após vinte minutos, uma mulher enorme usando uniforme entrou na área de espera e me levou. Eu sabia que ela não havia entrado para a polícia com suas atuais dimensões. Estava pelo menos cinquenta quilos acima do peso e parecia se esforçar simplesmente para carregá-los enquanto caminhava. Mas eu sabia também que, uma vez que alguém estivesse ali dentro, na corporação, era difícil tirá-lo. A melhor coisa que essa funcionária, especificamente, poderia fazer se houvesse uma rebelião era encostar-se contra uma porta para mantê-la fechada.

— Desculpe se demorei tanto — disse-me ela enquanto esperávamos entre as portas duplas de aço de um alçapão na torre feminina. — Tive de ir procurá-la, certificar-me de que ainda a tínhamos aqui.

Ela fez sinal de que tudo estava bem para uma câmera acima da próxima porta e sua fechadura estalou se abrindo. Ela entrou.

— Ela estava no serviço médico para se recuperar — explicou ela.

— Recuperar?

Eu não estava ciente de que a prisão tivesse um programa de tratamento de drogados que incluísse “recuperar” viciados.

— É, ela se machucou — disse a comissária. — Levou umas pancadinhas numa briga. Ela pode lhe contar.

Evitei fazer perguntas quanto a isso. De certo modo, estava aliviado porque a demora no serviço médico não se devia — pelo menos não diretamente — à ingestão de drogas.

A comissária levou-me à sala do advogado, na qual eu estivera muitas vezes antes com muitos clientes diferentes. A vasta maioria de meus clientes compunha-se de homens e eu não discriminava, mas a verdade era que detestava representar mulheres que estivessem encarceradas. De prostitutas a assassinas — e eu tinha defendido todas elas —, havia alguma coisa de deplorável acerca de uma mulher na prisão. Eu havia descoberto que, quase o tempo todo, seus crimes podiam ser rastreados até chegar aos homens. Homens que tiravam vantagem delas, abusavam delas, abandonavam-nas, feriam-nas. Isto não quer dizer que não fossem responsáveis por seus atos ou que algumas delas não merecessem a punição recebida. Havia predadores entre as fileiras femininas que rivalizavam facilmente com os do sexo masculino. Mas, mesmo assim, as mulheres que vi na prisão pareciam bem diferentes dos homens na outra torre. Os homens ainda viviam pela astúcia e pela força. Às mulheres nada restava na hora em que trancavam a porta na cara delas.

A área de visita era uma fileira de cabines nas quais um advogado podia sentar de um lado e conferenciar com uma cliente sentada do outro lado, separados por uma folha de 45 cm de acrílico claro. Uma comissária sentava-se na cabine revestida de vidro na extremidade da sala e observava, mas supunha-se que não ouvia. Se papelada precisava ser entregue à cliente, tinha de ser passada para a comissária ver e aprovar.

Fui levado a uma cabine e minha escolta me deixou. Então esperei mais dez minutos até que a mesma comissária aparecesse do outro lado do acrílico com Gloria Dayton. Vi de imediato que minha cliente tinha um inchaço em volta do olho esquerdo e um ponto na pequena laceração logo abaixo de seu bico de viúva. Gloria Dayton tinha cabelo muito preto e pele morena. Já tinha sido bonita. Na primeira vez em que a representei, sete ou oito anos antes, ela era bonita. O tipo de beleza que deixa você atônito pelo fato de que ela a esteja vendendo, e que decidira que se vender a estranhos era sua melhor ou única opção. Agora ela olhava com dificuldade para mim. As linhas de seu rosto estavam retesadas. Ela recorrera a cirurgiões que não eram dos melhores e, de qualquer modo, não havia nada que pudessem fazer em relação a olhos que tinham visto demais.

— Mickey Mantle — disse ela. — Você vai me dar cobertura de novo?

Ela disse isso em sua vozinha de garota que eu supunha ser apreciada por seus fregueses que reagiam a ela. Simplesmente soava estranha para mim, vindo daquela boca fortemente contraída e rosto com olhos que eram tão duros e tinham tanta vida neles como bolas de gude.

Ela sempre me chamou de Mickey Mantle, muito embora ela tivesse nascido depois que o grande batedor de beisebol estivesse há muito aposentado, e talvez pouco soubesse sobre ele ou sobre o esporte que praticava. Era apenas um nome para ela. Acho que a alternativa seria me chamar de Mickey Mouse, do que eu não teria gostado muito.

— Vou tentar, Gloria — disse a ela. — O que aconteceu com seu rosto? Como se feriu?

Ela fez um gesto de dispensa com a mão.

— Houve alguma desavença com as garotas no meu dormitório.

— Sobre o quê?

— Coisa de mulher.

— Você está se drogando lá?

Ela pareceu indignada e depois tentou colocar um ar amuado em seu rosto.

— Não, não estou.

Eu a estudei. Ela parecia legal. Talvez não estivesse se drogando e a briga nada tivera a ver com isso.

— Não quero ficar mais aqui, Mickey — disse ela em sua voz verdadeira.

— Não a culpo. Eu mesmo não gosto de estar aqui e quero cair fora.

Imediatamente lamentei ter dito a última parte relembrando-a de sua situação. Ela não pareceu notar.

— Você acha que poderia me levar a um desses pro... sei lá como chamam isso... onde eu possa estar numa boa?

Eu achava interessante como os viciados chamavam da mesma coisa se drogar e ficar sóbrios — *estar numa boa*.

— O problema, Gloria, é que da última vez conseguimos um programa de intervenção preliminar, está lembrada? E claro que não funcionou. Portanto, desta vez não sei. Eles só têm uns tantos espaços naquelas coisas e os juízes e promotores não gostam de mandar pessoas de volta quando elas não tiram proveito disso, para começar.

— O que quer dizer? — protestou ela. — Eu tiro proveito. Fui lá o tempo todo.

— Está certo. Isso foi bom. Mas depois que terminou, você foi direto fazer o que faz e aqui estamos de novo. Eles não chamariam isso de um sucesso, Gloria. Tenho de ser honesto com você. Não creio que possa botar você num programa dessa vez. Acho que tem de estar pronta porque eles vão ser mais duros agora.

Ela baixou os olhos.

— Não posso fazer isso — disse ela quase sem voz.

— Olhe, eles têm programas na prisão. Você irá andar na linha e sair com outra chance de recomeçar limpa.

Ela sacudiu a cabeça; parecia perdida.

— Você teve uma longa carreira, mas isso não pode continuar — falei. — Se eu fosse você, pensaria em sair deste lugar, de Los Angeles, quero dizer. Vá para algum lugar e recomece.

Ela me fitou com raiva nos olhos.

— Recomeçar e fazer o quê? Olhe para mim. O que vou fazer? Casar, ter filhos e plantar flores?

Eu não tinha uma resposta e ela tampouco.

— Vamos falar sobre isso quando chegar a hora. Por enquanto, vamos nos preocupar com seu caso. Diga-me o que aconteceu.

— O que sempre acontece. Investiguei-o e foi tudo checado. Ele parecia legal. Mas era um tira e deu no que deu.

— Você foi a ele?

Ela assentiu.

— No Mondrian. Ele tinha uma suíte... Isto é outra coisa. Os tiras geralmente não têm suíte. Não têm grana para isso.

— Eu não lhe disse como seria idiotice levar pó com você quando sai a trabalho? E se o cara até pede para você levar o pó, então você sabe que é um tira.

— Sei de tudo isso e ele não me pediu para levar. Esqueci que estava com o pó, OK? Consegui de um cara com quem me encontrei antes dele. O que eu deveria fazer? Deixar o pó no carro, de presente para os manobristas do Mondrian?

— Quem é o sujeito que lhe deu o pó?

— Um cara no Travelodge, em Santa Monica. Eu o atendi mais cedo e ele me ofereceu, você sabe, em vez de dinheiro. Então, depois que saí, chequei minhas mensagens e tinha a chamada do cara no Mondrian. Liguei de volta para ele, foi tudo combinado e segui direto para lá. Esqueci que tinha o bagulho na minha bolsa.

Assentindo, inclinei-me à frente. Estava vendo um lampejo no caso, uma possibilidade.

— Este sujeito no Travelodge, quem era ele?

— Não sei, apenas um cara que viu meu anúncio no site.

Ela arranjava clientes através de um site que continha fotos, números de telefone e e-mails de garotas de programa.

— Ele disse de onde era?

— Não. Era mexicano, cubano ou coisa parecida. Ele estava suado pelo uso do pó.

— Quando ele lhe deu o pó, você viu se ele tinha mais?

— Sim, ele tinha. Eu estava esperando por um telefonema de volta... Mas acho que eu não era o que ele estava esperando.

A última vez em que a verifiquei na LA-Darlings.com para ver se ela ainda estava na vida, as fotos que Gloria pôs no site eram de pelo menos uns cinco anos antes, e pareciam ser de dez. Imaginei que isto podia causar alguma decepção quando os clientes abrissem a porta do hotel.

— Quanto ele tinha?

— Não sei. Só achei que ele devia ter mais porque, se só tivesse aquilo, não teria dado para mim.

Era uma boa observação. O lampejo estava se ampliando.

— Você o investigou?

— Claro.

— Pelo quê? A carteira de motorista?

— Não, o passaporte. Ele disse que não tinha carteira de motorista.

— Qual o nome dele?

— Hector alguma coisa.

— Vamos, Gloria. Hector de quê? Tente lem...

— Hector alguma coisa Moya. Eram três nomes. Não consigo lembrar do segundo.

— OK, já está bom.

— Você acha que isso é alguma coisa que possa usar para me ajudar?

— Talvez, dependendo de quem seja este cara. Se ele for um traficante...

— Quero sair daqui.

— OK, ouça, Gloria. Vou me encontrar com a promotora, saber o que ela está achando e ver o que posso fazer por você. Eles botaram você aqui com uma fiança de 25 mil dólares.

— *O quê*?

— É mais alta que de hábito porque envolve drogas. Você tem 2.500 para o sinal, não tem?

Ela sacudiu a cabeça. Pude ver os músculos de seu rosto se contraindo. Sabia o que estava por vir.

— Não poderia adiantar para mim, Mickey? Prometo que...

— Não posso fazer isso, Gloria. Existe uma regra e posso me complicar se quebrá-la. Você vai ter de passar a noite aqui e irão levá-la para a citação pela manhã.

— Não — disse ela, mais um gemido que uma palavra.

— Sei que vai ser duro, mas vai ter de aguentar o tranco. E você tem que estar numa boa de manhã quando for ao tribunal, ou não terei bala na agulha para baixar sua fiança e soltá-la. Portanto, nada daquela merda que eles traficam aqui dentro, entendeu?

Ela ergueu os braços acima da cabeça, quase como se protegendo de desabar em destroços. Apertou as mãos em rígidos punhos de pavor. Teria uma longa noite pela frente.

— Você tem que me tirar amanhã.

— Darei o melhor de mim.

Acenei para a comissária na cabine de observação. Eu estava pronto para ir.

— Uma última coisa — falei. — Lembra em que quarto estava o cara no Travelodge?

Ela pensou por um momento antes de responder.

— Sim, essa é fácil. Era o três-três-três.

— OK, obrigado. Vou ver o que posso fazer.

Ela permaneceu sentada quando me levantei. Logo, a comissária de escolta chegou e disse que eu teria de esperar enquanto ela primeiro levava Gloria de volta ao dormitório. Consultei o relógio. Eram quase duas. Eu não havia comido e estava ficando com dor de cabeça. Também tinha só duas horas para pegar Leslie Faire na promotoria para falar sobre Gloria e depois seguir para Century City para reunir-me com Roulet e Dobbs.

— Não tem mais alguém que possa me levar para fora daqui? — perguntei, irritado. — Preciso ir ao tribunal.

— Sinto muito, senhor, é assim que funciona.

— Bem, por favor, se apresse.

— É o que sempre faço.

Quinze minutos depois, percebi que minha queixa à comissária só serviu para ela deixar-me esperando por tempo mais longo do que se tivesse ficado de boca fechada. Eu devia saber. É como o freguês de um restaurante que devolve a sopa fria para a cozinha. Ela retorna quente, mas um picante gosto de saliva nela.

Na rápida viagem até o Edifício da Corte Criminal liguei para Raul Levin. Ele estava de volta ao seu escritório em Glendale, examinando relatórios da polícia sobre a investigação e a detenção de Roulet. Pedi-lhe que deixasse isso de lado e desse uns telefonemas. Eu queria ver o que ele podia descobrir sobre o homem no quarto 333 do Travelodge, em Santa Monica. Disse a ele que queria a informação para ontem. Eu sabia que ele tinha fontes e meios para rastrear o nome Hector Moya. Não me interessava saber quem eram as fontes nem quais meios. Só queria o que ele obtivesse.

Quando Earl estacionou em frente à Corte Criminal, eu lhe disse que enquanto estivesse lá dentro ele devia ir ao Philippe's comprar uns sanduíches de rosbife. Eu comeria o meu a caminho de Century City. Passei-lhe uma nota de vinte dólares e saltei.

À espera do elevador no sempre apinhado saguão da Corte Criminal, tirei um Tylenol da minha pasta e esperei que melhorasse a enxaqueca que sentia se aproximando pela falta de alimento. Levei dez minutos para chegar ao novo andar e mais 15 esperando que Leslie Faire me concedesse uma audiência. Não me importei em esperar, porém, porque Raul Levin ligou pouco antes de eu ter permissão de entrar. Se Faire tivesse me recebido de imediato, eu não teria entrado com munição extra.

Levin me dissera que o homem do quarto 333 no Travelodge se registrara sob o nome de Gilberto García. O motel não exigiu identificação, já que ele pagou adiantado e em dinheiro por uma semana e deixou um depósito de cinquenta dólares para a conta de telefonemas. Levin também rastreou o nome que eu lhe fornecera e surgiu com Hector Arrande Moya, um colombiano procurado com um mandado de fugitivo expedido depois que ele caiu fora de San Diego quando um grande júri federal o indiciou por tráfico de drogas. Isto acrescentava algo realmente bom que eu planejava pôr em uso com a promotora.

Faire estava num escritório partilhado com três outros promotores. Cada qual tinha uma mesa a um canto. Dois haviam ido embora, provavelmente para o tribunal, mas um homem que eu não conhecia sentava-se na mesa em frente a Faire. Eu tinha de falar com ela ao alcance dos ouvidos dele. Detestava fazer isso porque descobri que a promotora com quem estava lidando, com frequência nessas situações, brincava com os outros na sala, tentando soar dura e sagaz, às vezes à custa da minha cliente.

Puxei uma cadeira de uma das mesas vazias e sentei-me. Pulei as amabilidades porque não havia nenhuma e fui direto ao ponto, já que estava faminto e não tinha tempo sobrando.

— Você marcou Gloria Dayton esta manhã — eu disse. — Ela é minha. Quero ver o que podemos fazer a respeito.

— Bem, podemos julgá-la culpada e ela pode pegar de um a três anos na Frontera.

Ela disse isso prosaicamente com um sorriso que era para lá de afetado.

— Eu estava pensando numa intervenção preliminar.

— Eu estava pensando que ela já deu uma mordida nesta maça e cuspiu fora. Nada feito.

— Olhe, quanto pó ela tinha em seu poder? Dois gramas?

— Isso é ilegal, não importa a quantidade que tivesse. Gloria Dayton teve várias oportunidades para se reabilitar e evitar a prisão. Mas as deixou escapar.

Ela voltou para sua mesa, abriu uma pasta e examinou a primeira página.

— Nove detenções apenas nos últimos cinco anos — disse ela. — Esta é sua terceira acusação por posse de drogas e ela nunca passou mais de três dias na cadeia. Esqueça a intervenção preliminar. Ela tem de aprender uma lição e a hora é esta. Não estou a fim de discutir isso. Se ela apelar, eu lhe darei de um a três anos. Se não o fizer, darei um veredicto e ela assume seus riscos com o juiz da sentença. Pedirei a pena máxima.

Assenti. Estava indo do jeito que imaginei que seria com Faire. Uma sentença de um a três provavelmente resultaria em nove meses de cadeia. Eu sabia que Gloria Dayton podia suportar isso e talvez merecesse. Mas eu ainda tinha uma carta na manga.

— E se ela tiver alguma coisa a negociar?

Faire bufou como se fosse uma piada.

— Por exemplo?

— Um quarto de hotel onde um traficante visado está fazendo negócios.

— Parece um tanto vago.

Era vago, mas eu podia dizer que, pela mudança no seu tom de voz, ela ficou interessada. Todo promotor gosta de negociar.

— Chame seu pessoal de drogas. Peça-lhes para rastrear o nome Hector Arrande Moya. É um colombiano. Posso esperar.

Ela hesitou. Claramente não gostava de ser manipulada por um advogado de defesa, em especial quando outro promotor estava ouvindo. Mas a isca já tinha sido jogada.

Ela virou-se de novo para sua mesa e deu um telefonema. Ouvi um dos lados da conversa, ela dizendo a alguém para dar uma checada nos antecedentes de Moya. Ela esperou um pouco e depois ouviu a resposta. Agradeceu à pessoa que a atendera e desligou. Virou-se de novo para mim.

— OK — disse. — O que ela quer?

Eu já estava pronto.

— Ela quer uma brecha para intervenção preliminar. Todas as acusações retiradas à conclusão bem-sucedida da intervenção. Ela não vai testemunhar contra o cara e seu nome não sai em nenhum documento. Ela simplesmente dá o hotel e o número do quarto onde ele está e seu pessoal cuida do resto.

— Eles precisarão abrir um caso. Ela vai ter que testemunhar. Eu cuido dos dois gramas de pó que recebeu desse cara. Então vai ter que nos contar sobre isso.

— Não, ela não vai. A pessoa com quem você acabou de falar lhe disse que já existe um mandado. Você pode pegá-lo por isso.

Ela pensou por algum tempo, movendo o maxilar para lá e para cá como se provando o gosto do acordo e decidindo se ia comer mais. Eu sabia o que era o deslize. O acordo era um tráfico de influência, mas um tráfico para um caso federal. O que significava que eles iam pegar o cara e os federais assumiriam o caso. Nenhuma glória profissional para Leslie Faire — a não ser que ela tivesse planos de ascender algum dia à Procuradoria Geral da União.

— Os federais vão adorá-la por isso — eu disse, tentando aplacar sua consciência. — Ele é um bandido e irá provavelmente fechar sua conta no motel em breve, e a chance de pegá-lo estará perdida.

Ele me olhou como se eu fosse um inseto.

— Não tente isso comigo, Haller.

— Desculpe.

Ela voltou aos seus pensamentos. Insisti.

— Uma vez tendo a localização dele, você sempre poderia estabelecer um preço.

— Quer parar com isso, por favor? Não posso pensar.

Ergui as mãos em rendição e calei-me.

— Tudo bem — disse ela finalmente. — Deixe-me falar com meu chefe. Me dê seu número e ligo para você mais tarde. Mas digo-lhe exatamente agora: se vamos entrar nessa, ela terá de ir para um programa fechado. Algo tipo County-USC. Não vamos desperdiçar uma abertura de residência com ela.

Pensei a respeito e concordei. O County-USC era um hospital com uma ala carcerária onde detentos feridos, doentes e viciados eram tratados. O que ela estava oferecendo era um programa onde Gloria Dayton poderia ser tratada do seu vício e liberada após a conclusão. Ela não ia ter de enfrentar quaisquer acusações ou tempo adicional na prisão.

— Para mim tudo bem — eu disse.

Consultei o relógio. Eu precisava ir.

— Nossa proposta vale até a primeira aparição amanhã — falei. — Depois disso ligarei para o Departamento de Combate às Drogas e verei se eles querem agir diretamente. Então o caso será tirado de suas mãos.

Ela me olhou indignada. Sabia que se eu fizesse um acordo com os federais, eles iriam esmagá-la. No mano a mano, os federais sempre levavam a melhor. Levantei-me para sair e pus um cartão comercial sobre sua mesa.

— Não tente me enrolar, Haller — disse ela. — Se isso for uma armação, irei à forra na sua cliente.

Não repliquei. Empurrei a cadeira que tomara emprestada de volta ao seu lugar. Faire então retirou a ameaça com sua última frase.

— De qualquer modo, estou certa de que podemos lidar com isso de uma forma que faça todo mundo feliz.

Olhei de volta para ela ao chegar à porta.

— Todo mundo menos Hector Moya — falei.

OITO

Os escritórios de advocacia de Dobbs e Delgado ficavam no 29º andar de uma das torres gêmeas que compunham a silhueta característica de Century City. Eu chegara exatamente no horário, mas todos já estavam reunidos numa sala de conferências com mesa de madeira polida e uma parede de vidro que emoldurava uma paisagem a oeste estendendo-se através de Santa Monica até o Pacífico e as ilhas além. Era um dia claro e eu podia ver Catalina e Anacapa lá na própria orla do mundo. Como o sol estava se pondo e parecia estar quase ao nível do olho, um filme tinha sido baixado sobre a parede de vidro para quebrar a luminosidade. Era como se a sala usasse óculos de sol.

E assim fazia meu cliente. Louis Roulet sentava-se à cabeceira da mesa e usava óculos Ray-Ban com armação preta. Livre de seu macacão cinza da prisão, ele agora trajava um terno castanho-escuro sobre uma camiseta de seda clara. Parecia um jovem executivo do ramo imobiliário frio e confiante, não o garoto assustado que vi no cercado do tribunal.

À esquerda de Roulet sentava-se Cecil Dobbs e junto a ele estava uma mulher bem conservada, bem penteada e bem coberta de joias que presumi ser a mãe de Roulet. Também presumi que Dobbs não contara a ela que a reunião não deveria incluí-la.

À direita de Roulet, o primeiro assento estava vazio e aguardando por mim. No assento ao lado sentava-se meu investigador, Raul Levin, com uma pasta fechada diante de si sobre a mesa.

Dobbs me apresentou a Mary Alice Windsor. Ela apertou minha mão com uma forte pegada. Sentei-me e Dobbs explicou que ela ia pagar pela defesa de seu filho e que havia concordado com os termos que eu apresentara antes. Ele fez deslizar um envelope por cima da mesa para mim. Olhei dentro e vi um cheque de 50 mil dólares nominal a mim. Era o sinal que eu havia pedido, mas esperava apenas metade disso como pagamento inicial. Eu já ganhara mais no total em casos anteriores, mas era ainda o maior cheque individual que já havia recebido.

O cheque era da conta de Mary Alice Windsor. O banco era ouro sólido — First National of Beverly Hills. Fechei o envelope e o fiz deslizar de volta pela

mesa.

— Preciso que venha de Louis — eu disse, olhando para a Sra. Windsor. — Não me importo se a senhora lhe der o dinheiro e depois ele repassá-lo a mim. Mas quero que o cheque que recebo venha de Louis. Eu trabalho para ele e isso tem de ficar claro desde o início.

Eu sabia que isso era diferente mesmo até de minha prática daquela manhã — aceitar pagamento de terceiros. Mas tratava-se de uma questão de controle. Uma olhada por sobre a mesa para Mary Alice Windsor e C.C. Dobbs e vi que tinha de me certificar de que eles soubessem que eu dirigia este caso, para ganhar ou perder.

Eu não imaginava que pudesse acontecer, mas o rosto de Mary Windsor endureceu. Por alguma razão ela me lembrava um velho relógio de pêndulo, sua face plana e quadrada.

— Mãe — disse Roulet, ajeitando alguma coisa antes que começasse. — Está tudo bem. Preencho um cheque. Posso cobri-lo até que você me dê o dinheiro.

Ela olhou de mim para o filho e depois de volta para mim.

— Muito bem — disse ela.

— Sra. Windsor — falei. — O apoio que dá a seu filho é muito importante. E não me refiro apenas ao lado financeiro. Se não tivermos sucesso em retirar essas acusações e escolhermos a alternativa do julgamento, será muito importante que a senhora exiba seu apoio de maneira pública.

— Não seja tolo — retrucou ela. — Eu o apoiarei quer chova ou faça sol. Estas acusações ridículas devem ser retiradas, e aquela mulher... ela não vai levar um centavo de nós.

— Obrigado, mãe — disse Roulet.

— Sim, obrigado — eu disse. — Eu me certificarei de informá-la, provavelmente por meio do Sr. Dobbs, onde e quando a senhora será necessária. É bom saber que dará apoio a seu filho.

Não falei mais nada e esperei. Não levou muito tempo para ela perceber que estava sendo dispensada.

— Mas você não me quer aqui neste momento, é isso?

— Exatamente. Precisamos discutir o caso e é melhor e mais apropriado para Louis fazer isso apenas com sua equipe de defesa. O privilégio advogado-cliente não engloba ninguém mais. A senhora poderia ser compelida a testemunhar contra seu filho.

— Mas, se eu for embora, como Louis volta para casa?

— Tenho um motorista. Deixo-o em casa.

Ela olhou para Dobbs, esperando que ele tivesse maior prestígio e pudesse me contradizer. Dobbs sorriu e levantou-se para puxar a cadeira dela para trás. Ela finalmente levantou-se para sair.

— Muito bem — ainda disse. — Louis, vejo você no jantar.

Dobbs a acompanhou até a porta da sala de conferências e vi que trocaram palavras no corredor. Não pude ouvir o que era dito. Depois ela foi embora e Dobbs voltou, fechando a porta.

Entrei em algumas preliminares com Roulet, dizendo-lhe que teria de ser citado em duas semanas e se submeter a uma contestação. Nessa ocasião teria a oportunidade de notificar a acusação de que não estava renunciando ao seu direito de um julgamento rápido.

— Essa é a primeira escolha que temos de fazer — eu disse. — Quer você queira que o caso se arraste, quer prefira que ande rapidamente e ponha a pressão sobre a acusação.

— Quais são as opções? — perguntou Dobbs.

Olhei para ele e depois de volta para Roulet.

— Serei muito honesto com você — falei. — Quando tenho um cliente que não está encarcerado, minha preferência é ir arrastando o caso. É a liberdade do cliente que está em jogo... por que não conseguir o máximo que pudermos dela antes da batida do martelo?

— Você está falando de um cliente culpado — replicou Roulet.

— Por outro lado — continuei —, se o caso da acusação é fraco, então protelar as coisas só dá tempo a ele de fortalecer seus trunfos. Como vê, o tempo é nossa única alavanca a esta altura. Se recusarmos desistir do nosso direito a um julgamento rápido, isto põe um bocado de pressão sobre o promotor.

— Não fiz o que eles estão dizendo que fiz — replicou Roulet. — Não quero desperdiçar qualquer tempo. Só quero sair dessa merda.

— Se recusarmos desistir, então teoricamente eles devem pôr você em julgamento dentro de sessenta dias depois da citação. A realidade é que isso é estendido quando eles passam para uma audiência preliminar. Numa preliminar um juiz examina a prova e decide se há o suficiente para justificar um julgamento. É um processo de aprovar sem questionar. O juiz adiará seu julgamento, você será citado de novo e o relógio é reacertado para sessenta dias.

— Não acredito nisso — disse Roulet. — Essa coisa vai durar para sempre.

— Também poderíamos sempre abrir mão da preliminar. Isto iria realmente forçar a mão deles. O caso foi redesignado para um jovem promotor. Ele é muito verde para delitos graves. Nosso caminho pode ser por aí.

— Espere um minuto — disse Dobbs. — Uma audiência preliminar não é útil para que possamos ver quais são as provas da acusação?

— Não realmente — repliquei. — Não mais. A legislatura tentou dinamizar as coisas um tempo atrás e eles transformaram a preliminar numa aprovação sem questionamento porque relaxaram as regras de prova testemunhal. Agora a gente costuma chamar à tribuna o tira do caso e ele diz ao juiz o que todo mundo disse. A defesa em geral não se preocupa com quaisquer testemunhas além do policial. Se você me perguntar, a melhor estratégia é forçar a acusação a ir em frente ou calar. Fazê-la ir a sessenta dias a partir da primeira citação.

— Essa ideia me agrada — disse Roulet. — Quero que isso acabe o mais rápido possível.

Assenti. Ele dissera isso como se um veredicto de inocente fosse uma conclusão prévia.

— Bem, talvez isso nem sequer vá a julgamento — disse Dobbs. — Se essas acusações não forem revistas...

— A promotoria não vai retirá-las — respondi, cortando-o. — Em geral os tiras exageram nas acusações e então a promotoria as reduz. Isso não aconteceu aqui. Em vez disso, a acusação as aumentou. Isto me diz duas coisas. A primeira é que eles acreditam que o caso seja sólido, e a segunda é que aumentaram as acusações de modo a que, quando começarmos a negociar, eles o farão de um patamar mais acima.

— Está falando sobre uma barganha de apelação? — perguntou Roulet.

— É, uma disposição.

— Esqueça isso. Nada de barganha de apelação. Não vou para a prisão por algo que não fiz.

— Poderia não significar ir para a prisão. Você tem uma ficha lim...

— Não me importa que signifique que vou ficar solto. Não quero ser considerado culpado por um crime que não cometi. Se isto vai ser um problema para você, então precisamos nos separar aqui mesmo.

Olhei detidamente para ele. Quase todos os meus clientes fazem protestos de inocência em algum ponto ao longo do caminho. Especialmente se é o nosso primeiro caso juntos. Mas as palavras de Roulet vinham com um fervor e franqueza que eu não via há muito tempo. Mentirosos vacilam, desviam a vista. Mas os olhos de Roulet estavam grudados nos meus como ímãs.

— Há também a responsabilidade civil a considerar — acrescentou Dobbs. — Uma admissão de culpado permitirá que aquela mulher...

— Compreendo tudo isso — repliquei, cortando-o de novo. — Acho que estamos nos precipitando aqui. Eu só queria dar a Louis uma ideia geral do jeito como isso está indo. Não temos que fazer quaisquer movimentos ou tomar decisões impensadas por pelo menos duas semanas. Durante a citação só precisamos saber como vamos jogar.

— Louis fez um ano de direito na UCLA — disse Dobbs. — Creio que ele tem o conhecimento básico da situação.

Roulet assentiu.

— OK, tudo bem — respondi. — Então vamos prosseguir. Louis, vamos começar com você. Sua mãe disse que espera vê-lo no jantar. Você mora em casa? Quero dizer, na casa dela?

— Moro na casa de hóspedes. Ela ocupa a casa principal.

— Alguém mais mora na propriedade?

— A criada. Na casa principal.

— Nada de parentes, namorados, namoradas?

— Não.

— E você trabalha na empresa de sua mãe?

— Mais exatamente, a dirijo. Ela já não aparece muito por lá.

— Onde estava no sábado à noite?

— Sába... quer dizer a última noite, não é?

— Não, quero dizer sábado à noite. Comece daí.

— Sábado à noite não fiz nada. Fiquei em casa vendo televisão.

— Sozinho?

— Isso mesmo.

— O que assistiu?

— Um DVD. Um velho filme chamado *A Conversação.* De Coppola.

— Portanto, ninguém estava com você ou o viu. Você apenas assistiu ao filme e foi para a cama.

— Basicamente.

— Basicamente. OK. Isto nos leva à manhã de domingo. O que fez ontem durante o dia?

— Joguei golfe no Riviera, com meus habituais parceiros. Começou às dez e acabou às quatro. Cheguei em casa, tomei uma chuveirada, troquei de roupa e jantei na casa de minha mãe... quer saber qual foi o cardápio?

— Não é necessário. Porém mais tarde provavelmente precisarei saber os nomes de seus parceiros de golfe. O que aconteceu depois do jantar?

— Disse à minha mãe que ia para casa, mas em vez disso saí.

Notei que Levin tinha começado a tomar notas num pequeno bloco que tirara do bolso.

— Que tipo de carro dirige?

— Tenho dois, um Range Rover 04 que uso para levar clientes por aí, e um Carrera 01 de uso pessoal.

— Então você usou o Porsche na última noite?

— Isso mesmo.

— Aonde foi?

— Subi a colina e desci para o Valley.

Ele disse isso como se fosse um risco para um rapaz de Beverly Hills descer para as vizinhanças da classe operária em San Fernando Valley.

— Para onde ia? — perguntei.

— Ventura Boulevard. Tomei um drinque no Nat's North e depois desci a rua até o Morgan's e tomei outro drinque lá.

— Esses lugares são bares de pegação, não são?

— Sim. Foi para isso que entrei neles.

Ele foi trivial sobre isso e apreciei sua honestidade.

— Então você estava procurando por alguém. Uma mulher. Alguma em particular, alguém que conhecia?

— Nenhuma em particular. Eu estava procurando uma transa pura e simples.

— O que aconteceu no Nat's North?

— O que aconteceu foi que a noite estava muito devagar, por isso saí. Nem terminei meu drinque.

— Vai lá com frequência? As garçonetes o conhecem?

— Sim, conhecem. Uma garota chamada Paula estava de serviço na noite passada.

— OK, portanto a noite estava devagar e aí você foi embora, para o Morgan's. Por que o Morgan's?

— É simplesmente o outro lugar que frequento.

— Conhecem você lá?

— Deveriam. Dou boas gorjetas. Na última noite Denise e Janice atendiam no bar. Elas me conhecem.

Virei-me para Levin.

— Raul, qual é o nome da vítima?

Levin abriu sua pasta e tirou um relatório da polícia, mas respondeu antes que eu desse uma olhada.

— Regina Campo. Os amigos a chamam de Reggie. Vinte e seis anos. Ela disse à polícia que é uma atriz trabalhando atualmente em telemarketing.

— E esperando se aposentar em breve — disse Dobbs.

Eu o ignorei.

— Louis, você conheceu Reggie Campo antes da última noite? — perguntei.

Roulet deu de ombros.

— Mais ou menos. Eu a via rondando o bar. Mas nunca estive com ela antes. Nunca sequer falei com ela.

— Nem mesmo tentou?

— Não, nunca pude realmente chegar perto dela. Parecia estar sempre com alguém ou até com mais de uma pessoa. Não gosto de ter de penetrar na multidão, entende? Meu estilo é procurar as desacompanhadas.

— O que foi diferente na última noite?

— Na última noite ela me procurou, isso é que foi diferente.

— Conte-nos a respeito.

— Não há nada a contar. Eu estava no bar do Morgan's, na minha, dando uma olhada nas possibilidades, e ela estava na outra extremidade, junto com um cara. Assim, nem estava no meu radar, porque parecia que já estava acompanhada, entende?

— Hã-hã, então o que aconteceu?

— Bem, depois de um instante, o cara que estava com ela se levanta para ir ao banheiro ou ir lá fora fumar. Assim que ele se afasta, ela vem até mim e pergunta se estou interessado. Eu digo que sim, mas e quanto ao cara que já estava com ela? Ela diz que eu não me preocupe com ele, ele irá embora por volta das dez, e então ela está livre pelo resto da noite. Ela escreveu seu endereço para mim e disse para ir depois das dez. Eu disse a ela que estaria lá.

— No que ela escreveu o endereço?

— Num guardanapo, mas a resposta à sua próxima pergunta é não, não o tenho mais. Memorizei o endereço e joguei o guardanapo fora. Trabalho no ramo imobiliário. Sei guardar endereços.

— A que horas mais ou menos foi isso?

— Não sei.

— Bem, ela disse para ir depois das dez. Consultou seu relógio em algum momento para ver quanto tempo teria de esperar?

— Acho que foi entre oito e nove. Assim que o cara voltou eles saíram.

— Quando você deixou o bar?

— Fiquei por alguns minutos e depois saí. Só dei mais uma parada antes de ir para a casa dela.

— Onde foi isso?

— Bem, ela morava num apartamento em Tarzana, por isso dei uma passada no Lamplighter. Ficava no caminho.

— Por quê?

— Bem, você sabe, eu queria ver quais as possibilidades que havia lá. Ver se achava alguma coisa melhor, para que eu não tivesse que ficar esperando ou...

— Ou o quê?

Ele ainda não tinha concluído o pensamento.

— Tomar a saideira?

Ele fez que sim.

— OK, então com quem falou no Lamplighter? Onde fica, a propósito?

Até então, era o único lugar que eu não conhecia.

— No Ventura, perto de White Oak. Na verdade, não falei com ninguém. Estava lotado, mas realmente não havia ninguém que me interessasse por lá.

— Os funcionários o conhecem?

— Não, não mesmo. Não vou lá tanto assim.

— Você costuma ter sorte antes de partir para a terceira opção?

— Não, em geral desisto depois de duas.

Assenti apenas para ganhar um pouco de tempo e pensar no que mais perguntar antes que abordássemos o que aconteceu na casa da vítima.

— Por quanto tempo ficou no Lamplighter?

— Cerca de uma hora, eu diria. Talvez um pouco menos.

— No bar? Quantos drinques?

— É, no bar. Dois drinques.

— Quantos drinques bebeu ao todo antes de seguir para o apartamento de Reggie Campo?

— Hã, quatro no máximo. Em duas, duas horas e meia. Deixei um drinque intocado no Morgan’s.

— O que estava bebendo?

— Martínis. Gray Goose.

— Pagou algum desses drinques em qualquer desses lugares com cartão de crédito? — perguntou Levin, fazendo sua primeira pergunta da entrevista.

— Não — disse Roulet. — Quando saio, pago em dinheiro.

Olhei para Levin e esperei para ver se ele tinha algo mais a perguntar. Ele sabia mais sobre o caso do que eu neste momento. Eu queria dar-lhe rédea solta para perguntar o que quisesse. Levin olhou para mim e assentiu. Eu podia prosseguir.

— OK — falei. — A que horas chegou na casa de Reggie?

— Doze minutos para as dez. Consultei meu relógio. Queria me certificar de não bater na porta cedo demais.

— O que fez então?

— Esperei no estacionamento. Ela disse dez, portanto esperei até as dez.

— Viu sair o cara que estava com ela no Morgan’s?

— Sim. Ele saiu e foi embora, em seguida subi.

— Que tipo de carro ele estava dirigindo? — perguntou Levin.

— Um Corvette amarelo — disse Roulet. — Era uma versão dos anos 1990. Não sei o ano exato.

Levin assentiu. Tinha terminado. Eu sabia que ele estava apenas tentando obter uma dica sobre o homem que estivera no apartamento de Reggie antes de

Roulet. Retomei o interrogatório.

— Então ele sai e você entra. O que acontece?

— Entro no edifício e o apartamento dela fica no segundo andar. Subo, bato na porta, ela responde e entro.

— Espere um segundo. Não quero taquigrafia. Você subiu? Como? Escadas, elevador, o quê? Dê os detalhes.

— Elevador.

— Alguém mais nele? Alguém o vê?

Roulet balançou a cabeça. Fiz sinal para que continuasse.

— Ela entreabriu a porta, viu que era eu e me mandou entrar. Havia um vestíbulo junto à porta, de modo que era uma espécie de lugar apertado. Entrei para que ela pudesse fechar a porta. Foi desse modo que ela veio por trás de mim. E assim não vi aquilo se aproximando. Ela tinha alguma coisa. Bateu em mim com aquilo, e caí. Tudo escureceu depressa.

Fiquei em silêncio enquanto pensava sobre isto, tentando visualizar em minha mente.

— Portanto, antes que qualquer coisa acontecesse, ela nocauteou você? Ela não disse nada, nem gritou alguma coisa, apenas veio por trás e *bang*.

— Isso mesmo.

— OK, e depois? Do que você se lembra a seguir?

— Ainda está tudo nebuloso. Lembro de ter acordado com dois caras sentados sobre mim, me imobilizando. E depois a polícia chegou. E os paramédicos. Eu estava sentado apoiado na parede e minhas mãos foram algemadas. Um paramédico pôs amônia ou alguma coisa sob meu nariz e foi então que realmente me recuperei.

— Vocês ainda estavam no apartamento?

— Sim.

— Onde estava Reggie Campo?

— Estava sentada no sofá e outro paramédico cuidava do rosto dela. Estava chorando e contando ao outro guarda que eu a tinha atacado. Tudo mentira. Que eu a surpreendi na porta e dei-lhe um soco, que eu disse que ia estuprá-la e depois matá-la, todas essas coisas que não fiz. E movi os braços de modo a poder olhar para baixo, para minhas mãos atrás das costas. Vi que eles tinham minha mão envolta num saco plástico e pude ver sangue nela. E foi então que soube que a coisa toda era uma armação.

— O que quer dizer com isso?

— Ela pôs o sangue em minha mão para fazer parecer que a agredi. Mas era minha mão esquerda. Eu não sou canhoto. Se eu fosse socar alguém, usaria a mão direita.

Fez um gesto de socar com a mão direita para ilustrar isso para mim, caso eu não entendesse. Levantei-me de meu lugar e andei até a janela. Agora parecia como se eu fosse mais alto do que o sol. Eu estava olhando para o pôr do sol. Sentia-me inquieto acerca da história de Roulet. Parecia tão fantasiosa que poderia até ser verdadeira. E isso me incomodava. Eu estava sempre preocupado em não poder reconhecer inocência. A possibilidade disso no meu trabalho era tão rara que eu sempre trabalhava com o temor de não estar preparado quando ela surgisse. Que eu perderia.

— OK, vamos falar sobre isso por um segundo — eu disse, ainda encarando o sol. — Você está dizendo que ela pôs sangue na sua mão para incriminá-lo. E o pôs na mão esquerda. Mas se ela ia armar pra cima de você, não colocaria o sangue na mão direita, já que a vasta maioria da população é destra? Não iria ela seguir as estatísticas?

Voltei para a mesa e ganhei olhares opacos de todos.

— Você disse que ela entreabriu a porta e o deixou entrar — falei. — Pôde ver o rosto dela?

— Nem todo ele.

— O que pôde ver?

— Seu olho. Seu olho esquerdo.

— Então você nem viu o lado direito do rosto dela quando entrou?

— Não. Ela estava atrás da porta.

— É isso! — disse Levin, empolgado. — Ela já estava com as lesões quando ele chegou lá. Ela esconde isso dele, a seguir ele entra e ela o golpeia. Todas as lesões estavam no lado direito do rosto e isso impôs que ela pusesse o sangue na mão esquerda dele.

Assenti enquanto pensava na lógica disso. Parecia fazer sentido.

— OK — falei, voltando para a janela e continuando a medir passos. — Acho que vai funcionar. Bem, Louis, você nos contou que já tinha visto esta mulher rondando no bar mas que nunca estivera com ela antes. Portanto, era uma estranha. Por que ela faria isso, Louis? Por que armaria para cima de você, como diz que fez?

— Dinheiro.

Mas não foi Roulet quem respondeu. Foi Dobbs. Virei-me da janela e olhei para ele. Dobbs sabia que tinha falado fora de hora, mas não parecia se importar.

— É óbvio — disse Dobbs. — Ela quer tomar dinheiro dele, da família. O processo civil está provavelmente sendo protocolado enquanto falamos. As acusações criminais são apenas o prelúdio para o processo, o pedido de dinheiro. Ela realmente está atrás disso.

Sentei-me e olhei para Levin, estabelecendo contato visual.

— Vi uma foto desta mulher no tribunal hoje — falei. — Metade de seu rosto era uma pasta. Você está dizendo que esta é a nossa defesa, que ela fez isso consigo mesma?

Levin abriu sua pasta e tirou um pedaço de papel. Era uma fotocópia em preto e branco da fotografia de prova que Maggie McPherson me havia mostrado no tribunal. O rosto inchado de Reggie Campo. A fonte de Levin era boa, mas não o bastante para obter as fotos verdadeiras. Ele deslizou a fotocópia pela mesa para Dobbs e Roulet.

— Conseguiremos as fotos reais na revelação — eu disse. — Elas parecem piores, bem piores, e se formos com essa história, então o júri... se isso for a um júri... vai ter de ser convencido de que ela fez isso consigo mesma.

Observei Roulet examinando a fotocópia. Se tivesse sido ele quem atacou Reggie Campo, nada demonstrou enquanto estudava sua obra. Não demonstrou nada, afinal.

— Sabe de uma coisa? — perguntei. — Gosto de pensar que sou um bom advogado e um bom persuasor diante de um júri. Mas até mesmo eu estou tendo dificuldade em acreditar nessa história.

NOVE

Agora era a vez de Raul Levin na sala de conferência. Tínhamos conversado enquanto eu viajava para Century City, beliscando sanduíches de rosbife. Eu havia conectado meu celular ao viva-voz do carro e pedido a meu motorista para pôr seus fones de ouvido. Eu comprara para ele um iPod na sua primeira semana de serviço. Levin tinha me dado o básico do caso, apenas o suficiente para me passar o interrogatório inicial de meu cliente. Agora Levin assumiria o comando e prosseguiria com o caso, usando a polícia e relatórios de prova para esfarrapar a versão de Roulet, para nos mostrar o que a acusação teria a seu favor. Pelo menos de início eu queria que Levin fizesse isto, porque, se haveria uma abordagem de mocinho/bandido pela defesa, eu queria ser aquele em quem Roulet confiasse e gostasse. Eu queria ser o mocinho.

Levin adicionou suas próprias anotações às cópias dos relatórios da polícia que obtivera por meio de sua fonte. Era todo o material ao qual a defesa estava certamente habilitada e iria receber através do processo de descoberta, mas em geral levava semanas para passar pelos canais da corte em vez das horas que Levin esperava. Enquanto falava, ele mantinha os olhos presos a esses documentos.

— Às 22h11 da última noite, o centro de comunicações do DPLA recebeu um chamado de emergência de Regina Campo, do White Oak Boulevard, 1760, apartamento 211. Ela relatou que um intruso entrou em sua casa e a atacou. Patrulheiros atenderam e chegaram no local às dez e dezessete. Noite tranquila, acho, porque chegaram muito rápido. Melhor do que uma resposta média a um furo de reportagem. De qualquer modo, os patrulheiros foram recebidos no estacionamento pela Srta. Campo, que disse ter fugido do apartamento após o ataque. Ela informou que dois vizinhos, chamados Edward Turner e Ronald Atkins, estavam no apartamento, segurando o intruso. O policial Santos seguiu para o apartamento dela, onde descobriu o intruso suspeito, mais tarde identificado como Sr. Roulet, deitado no chão sob controle e comando de Turner e Atkins.

— Estes eram os dois imbecis que estavam sentados em cima de mim — disse Roulet.

Olhei para Roulet e vi o lampejo de raiva rapidamente se desvanecer.

— Os policiais tomaram em custódia o suspeito — continuou Levin, como se não houvesse sido interrompido. — O Sr. Atkins...

— Espere um minuto — falei. — Onde ele foi encontrado no chão? Em qual cômodo?

— Não diz aqui.

Olhei para Roulet.

— Era a sala de estar. Não ficava longe da porta de entrada. Eu nunca fui além dela.

Levin fez uma anotação para si antes de continuar:

— O Sr. Atkins mostrou um canivete de mola com a lâmina aberta, que disse ter sido encontrado no chão perto do intruso. Os policiais algemaram o suspeito e paramédicos foram chamados para cuidar tanto de Campo quanto de Roulet, que tinha uma laceração na cabeça e uma leve concussão. Campo foi transportada para o Centro Médico Holy Cross para tratamento contínuo e para ser fotografada por um perito. Roulet foi tomado em custódia e autuado na cadeia de Van Nuys. Os locais no apartamento da Srta. Campo foram isolados para compor a cena do crime e o caso foi designado ao detetive Martin Booker, da divisão do Valley.

Levin espalhou sobre a mesa mais fotocópias das fotos das lesões de Regina Campo. Havia fotos de frente e perfil de seu rosto e dois doses de contusões em volta do pescoço e uma pequena marca de perfuração sob o maxilar. A qualidade do material era medíocre e eu sabia que as fotocópias não eram dignas de um estudo sério. Mas notei que todas as lesões faciais estavam do lado direito do rosto de Campo. Roulet havia sido sincero sobre isso. Ela havia sido repetidamente socada pela mão esquerda de alguém — ou possivelmente pela sua própria mão direita.

— Estas foram tiradas no hospital, onde a Srta. Campo também prestou um depoimento ao detetive Booker. Resumindo, ela disse ter chegado em casa por volta das oito e meia da noite de domingo e estava sozinha quando houve uma batida na porta por volta das dez horas. O Sr. Roulet apresentou-se como alguém que a Srta. Campo conhecia e ela então abriu a porta. Após aberta a porta, ela foi imediatamente atacada pelo punho do intruso e impelida para trás para dentro do apartamento. O intruso entrou e trancou a porta. A Srta. Campo tentou defender-se, mas foi golpeada pelo menos mais duas vezes e arremessada ao chão.

— Isto é uma tremenda babaquice! — gritou Roulet.

Ele bateu com os punhos na mesa e se levantou, seu assento desabando para trás e batendo estrepitosamente na janela de vidro atrás dele.

— Ei, calma aí! — preveniu Dobbs. — Se quebrar a janela, é que nem um avião. Todos nós seremos sugados para fora daqui e cairemos no espaço.

Ninguém sorriu a esta tentativa de amenidade.

— Louis, sente-se — eu disse com calma. — Esses são relatórios da polícia, nem mais nem menos. Não devem ser tomados como a verdade. São apenas a visão da verdade de uma pessoa. Tudo que estamos fazendo aqui é dar uma primeira olhada no caso, para ver o que temos contra nós.

Roulet levou sua cadeira de volta à mesa e sentou-se sem mais protestos. Acenei para Levin continuar. Notei que Roulet há muito tinha parado de agir como a presa assustada que eu vira mais cedo aquele dia no xadrez.

— A Srta. Campo relatou que o homem que a atacou tinha o punho enrolado num pano quando a socou.

Olhei por sobre a mesa para as mãos de Roulet e não vi nenhum inchaço ou contusão nos nós dos dedos. Enrolar o punho poderia ter-lhe permitido evitar tais lesões inventadas.

— Isto foi tomado como prova? — perguntei.

— Sim — disse. — No relatório isto está descrito como um guardanapo manchado de sangue. O sangue e o guardanapo estão sendo analisados.

Assenti e olhei para Roulet.

— A polícia examinou ou fotografou suas mãos?

Roulet assentiu.

— O detetive olhou para minhas mãos, mas ninguém tirou fotos.

Acenei com a cabeça e mandei Levin continuar.

— O intruso montou sobre a Srta. Campo no chão e apertou uma das mãos em torno de seu pescoço. O intruso disse à Srta. Campo que ia estuprá-la e que não lhe importava se ela estivesse viva ou morta quando o fizesse. Ela não podia responder porque o suspeito a estava sufocando com sua mão. Quando o agressor afrouxou a pressão, ela disse a ele que iria cooperar.

Levin deslizou outra fotocópia sobre a mesa. Era uma foto de um canivete preto de mola que estava afiado a um ponto mortal. Isto explicava a foto anterior do ferimento sob o pescoço da vítima.

Roulet pegou a fotocópia para olhar mais atentamente. Sacudiu lentamente a cabeça.

— Este não é meu canivete — disse.

Não respondi e Levin continuou:

— O suspeito e a vítima se levantaram e ele disse a ela que o conduzisse até o quarto. O suspeito manteve uma posição à retaguarda da vítima e pressionou a ponta do canivete contra o lado esquerdo de sua garganta. Quando a Srta. Campo entrou num curto vestíbulo que levava aos dois quartos do apartamento, ela

girou no espaço confinado e empurrou o agressor para trás em cima de um grande vaso no chão. Enquanto ele caía para trás sobre o vaso, ela correu para a porta de entrada. Percebendo que seu agressor iria se recuperar e capturá-la na porta, ela entrou na cozinha e pegou uma garrafa de vodca da bancada. Quando o intruso passou pela cozinha a caminho da porta da frente para capturá-la, a Srta. Campo surgiu da tocaia e o golpeou na nuca, derrubando-o ao chão. A Srta. Campo passou então por cima do homem caído e destrancou a porta. Ela correu porta afora e chamou a polícia, telefonando do apartamento do primeiro andar, partilhado por Turner e Atkins. Os dois foram ao apartamento, onde encontraram o intruso inconsciente no chão. Dominaram-no quando ele começava a recobrar a consciência e permaneceram no apartamento até a polícia chegar.

— É inacreditável — disse Roulet. — Eu ter que me sentar aqui e ouvir isso. Não posso crer no que aconteceu comigo. EU NÃO FIZ ISSO. Parece um sonho. Ela está mentindo! Ela...

— Se tudo isso é mentira, então será o caso mais fácil que já tive — falei. — Eu a rasgarei e jogarei suas entranhas no mar. Mas temos de saber o que ela pôs no depoimento antes que possamos construir arapucas e ir atrás dela. E se você acha difícil se sentar aqui, espere só até irmos para julgamento. A coisa vai se estender por dias em vez de minutos. Precisa se controlar, Louis. Tem de se lembrar de que terá sua vez. A defesa sempre tem sua vez.

Dobbs esticou o braço e deu uma pancadinha no antebraço de Roulet, num amável gesto paternal. Roulet afastou seu braço.

— É óbvio que você vai atrás dela — disse Roulet, apontando um dedo por cima da mesa para meu peito. — Quero que vá atrás dela com tudo que já temos.

— É por isso que estou aqui, e você tem minha promessa de que o farei. Agora me deixe fazer algumas perguntas ao meu associado antes de encerrarmos aqui.

Esperei para ver se Roulet tinha algo mais a dizer. Ele não tinha. Recostou-se na sua cadeira e uniu as mãos.

— Terminou, Raul? — perguntei.

— Por enquanto. Ainda estou trabalhando sobre todos os relatórios. Amanhã cedo deverei ter uma transcrição da chamada para o 911 e haverá mais coisas chegando.

— Ótimo. E quanto a um kit de estupro?

— Não havia nenhum. O relatório de Booker dizia que ela recusou, já que o estupro não chegou a acontecer.

— O que é um kit de estupro? — perguntou Roulet.

— É um procedimento hospitalar, onde fluidos, cabelo e fibras são coletados do corpo de uma vítima de estupro — explicou Levin.

— Não houve nenhum estupro! — exclamou Roulet. — Eu nunca toquei...

— Sabemos disso — repliquei. — Não foi por isso que perguntei. Estou procurando brechas na acusação. A vítima disse que não foi estuprada, mas estava relatando o que era certamente um crime sexual. Em geral, a polícia insiste num kit de estupro, mesmo quando a vítima alega que não houve nenhum ataque sexual. Eles fazem isso só para o caso de a vítima realmente ter sido estuprada e se sentir humilhada demais para dizer ou estar tentando esconder a plena extensão do crime de um marido ou membro da família. É procedimento padrão, e o fato de que ela foi capaz de falar da sua fuga disso poderia ser significativo para nós.

— Ela não queria o DNA do primeiro sujeito aparecendo nela — disse Dobbs.

— Talvez — repliquei. — Poderia significar um monte de coisas. Mas poderia ser uma brecha. Vamos lá. Raul, existe em algum lugar qualquer menção a este cara que Louis viu com ela?

— Nenhuma. Ele não está no relatório.

— E o que a cena do crime descobriu?

— Não tenho o relatório, mas me disseram que nenhuma prova significativa de qualquer natureza foi localizada durante a avaliação da cena do crime do apartamento.

— Isso é bom. Nada de surpresas. E quanto ao canivete?

— Sangue e impressões digitais. Mas nada voltou ainda. Rastrear a quem pertence será improvável. Você pode comprar canivetes de mola em qualquer loja de caça e pesca por aí.

— Repito: este não é o meu canivete — replicou Roulet.

— Temos de presumir que as impressões serão do homem que o usou — eu disse.

— Atkins — respondeu Levin.

— Certo, Atkins — repliquei, voltando-me para Louis. — Mas não seria surpresa para mim encontrar também impressões suas. Sem falar no que ocorreu enquanto você estava inconsciente. Se ela pôs sangue em sua mão, então provavelmente pôs suas impressões no canivete.

Roulet acenou em concordância e estava prestes a dizer alguma coisa, mas não esperei por ele.

— Há alguma declaração dela acerca de ter estado no Morgan’s mais cedo naquela noite? — perguntei a Levin.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, a entrevista com a vítima foi na Emergência e informal. Foi básica e eles não insistiram com ela sobre o início da noite. Ela não mencionou o cara

nem o Morgan’s. Disse apenas que tinha estado em casa desde oito e meia. Eles perguntavam sobre o que aconteceu às dez. Realmente não abordaram o que ela andou fazendo antes. Estou certo de que tudo será coberto na investigação seguinte.

— OK, se e quando eles voltarem a ela para uma formal, vou querer a transcrição.

— Estou nisso. Será um interrogatório gravado em vídeo quando o fizerem.

— E se a cena do crime tiver um vídeo, também o quero. Quero ver a casa dela.

Levin assentiu. Ele sabia que eu estava me exibindo para o cliente e Dobbs, dando a eles uma noção do meu comando do caso e de todas as fichas que estavam sendo jogadas. Na realidade eu não precisava dizer a Raul Levin nada disso. Ele já sabia o que fazer e o que obter para mim.

— OK, o que mais? — perguntei. — Tem perguntas a fazer, Cecil?

Dobbs pareceu surpreso com o foco mudando de súbito para ele. Sacudiu rapidamente a cabeça.

— Não, não, está tudo bem para mim. Estamos fazendo progresso.

Eu não fazia ideia do que ele queria dizer com “progresso”, mas deixei passar sem perguntas.

— Então, o que você acha? — perguntou Roulet.

Olhei para ele e esperei um longo momento antes de responder.

— Acho que a acusação conseguiu um caso forte contra você. Pegaram você na casa dela, têm o canivete e têm as lesões. Têm também o que estou presumindo ser o sangue dela em suas mãos. Além disso, as fotos são poderosas. E, claro, eles terão o testemunho dela. Não tendo nunca visto nem falado com a mulher, não sei o quão convincente ela será.

Parei de novo e explorei o silêncio por um bom tempo antes de continuar:

— Mas há um monte de coisas que eles não têm... uma prova da invasão do apartamento, o DNA do suspeito, um motivo ou mesmo um suspeito com um registro passado deste ou de qualquer tipo de crime. Há um monte de razões... razões legítimas... para você ter estado no apartamento. Além disso...

Olhei para a janela atrás de Roulet e Dobbs. O sol descaía por detrás de Anacapa e transformava o céu em cor-de-rosa e púrpura. Superava qualquer cenário que tivesse visto algum dia da janela do meu escritório.

— Além disso o quê? — perguntou Roulet, ansioso demais para esperar.

— Além disso você tem a mim. Consegui tirar Maggie McFeroz do caso. O novo promotor é bom, mas é muito verde e nunca antes enfrentou alguém como eu.

— Então qual é nosso próximo passo? — perguntou Roulet.

— O próximo passo é Raul continuar investigando, descobrir o que puder sobre esta alegada vítima e por que ela mentiu sobre estar sozinha. Precisamos descobrir quem ela é, quem é o seu homem misterioso e ver o que isso representa no nosso caso.

— E o que você fará?

— Lidarei com o promotor. Levantarei alguma coisa sobre ele, tentarei ver para onde ele está indo e faremos nossa escolha de qual caminho seguir. Não tenho nenhuma dúvida de que serei capaz de ir até a promotoria e derrubar tudo para que você possa apelar e deixar essa coisa toda para trás. Mas isso vai requerer uma concessão. Você...

— Já lhe disse. Não irei...

— Sei o que você disse, mas vai ter que me ouvir. Posso conseguir uma apelação não litigiosa de modo que você não vai precisar realmente dizer algum dia a palavra “culpado”, mas não vejo a acusação sugerindo isso por completo. Você terá de admitir responsabilidade em algum aspecto. É possível evitar o tempo de cadeia, mas é provável que você tenha de realizar algum tipo de serviço comunitário. Pronto, já disse. Essa é a primeira recitação. Haverá mais. Como seu advogado sou obrigado a lhe contar e me certificar de que entenda as suas opções. Sei que não é isto que quer ou que está disposto a fazer, mas é meu dever orientá-lo nas escolhas. OK?

— Ótimo. OK.

— É claro, como você sabe, que qualquer concessão de sua parte produzirá muito mais efeito do que qualquer ação civil que a Srta. Campo mova contra você por agressão. Portanto, como pode adivinhar, livrá-lo com rapidez do caso criminal provavelmente irá lhe custar bem mais do que meus honorários.

Roulet balançou a cabeça. A barganha de apelação já não era mais uma opção.

— Entendo minhas opções — disse ele. — Você cumpriu seu dever. Mas não vou pagar um centavo por uma coisa que não fiz. Não vou me declarar culpado ou pedir apelação não litigiosa por algo que não fiz. Se formos a júri você pode vencer?

Sustentei seu olhar por um momento antes de responder.

— Bem, você entende que não sei o que virá entre agora e depois, e não posso garantir coisa alguma... mas, sim, baseado no que vejo agora, posso vencer este caso. Estou confiante nisto.

Assenti para Roulet e achei ter visto nos seus olhos um ar de esperança. Ele viu o vislumbre.

— Há uma terceira opção — disse Dobbs.

Olhei de Roulet para Dobbs, imaginando que empecilhos ele arrumaria para meu caso tabela A.

— E qual é ela? — perguntei.

— Investigamos o diabo sobre ela e este caso. Talvez ajude se o Sr. Levin sair com alguma coisa da nossa lavra. Investigamos seis caminhos desde domingo e estabelecemos nossas próprias teoria e prova plausíveis e as apresentamos à promotoria. Encaminhamos isto antes que sequer vá a julgamento. Mostramos a esse promotor novato onde ele irá definitivamente perder a causa e o forçamos a retirar todas as acusações antes que sofra um vexame profissional. Além disso, estou certo de que este homem trabalha para um homem que dirige aquele escritório e é suscetível, digamos, a pressões políticas. Aplicaremos isso até que as coisas corram a nosso favor.

Quase chutei Dobbs por debaixo da mesa. Este plano não só cortaria pela metade os maiores honorários que já tive, não só fazia ver a maior parte do dinheiro do cliente indo para o bolso dos investigadores, inclusive o dele próprio, como também só podia ter vindo de um advogado que nunca defendeu um caso criminal em toda a sua carreira.

— É uma ideia, porém muito arriscada — eu disse calmamente. — Se você puder desconstruir o caso deles e o fizer antes do julgamento para mostrar-lhes como, também estará lhes dando uma dica para o que fazer e o que evitar num julgamento. Não gosto de fazer isto.

Roulet acenou em concordância e Dobbs pareceu um pouco esvaziado. Decidi deixar para lá e instruir Dobbs melhor quando pudéssemos fazê-lo sem a presença do cliente.

— E quanto à mídia? — perguntou Levin, agradecidamente mudando de assunto.

— É verdade — disse Dobbs, também ansioso ele próprio agora para mudar de assunto. — Meu secretário diz que tenho mensagens de dois jornais e duas emissoras de TV.

— Provavelmente eu também — falei.

O que não mencionei era que as mensagens de Dobbs foram deixadas por Lorna Taylor sob minha orientação. O caso ainda não havia atraído a mídia, além do videoperador freelance que esteve presente na primeira aparição. Mas eu queria que Dobbs e Roulet, além da mãe dele, acreditassem que tudo poderia sair nos jornais a qualquer momento.

— Não quero publicidade em cima disso — disse Dobbs. — Isto é o pior tipo de publicidade que se pode obter.

Ele parecia gostar de declarar o óbvio.

— Toda a mídia deveria ser encaminhada a mim — repliquei. — Eu lidarei com a mídia, e a melhor maneira de fazer isto é ignorá-la.

— Mas temos de dizer alguma coisa para defendê-lo — sugeriu Dobbs.

— Não, não temos que dizer nada. Falar sobre o caso o legitima. Se entrar num jogo de conversa com a mídia, você mantém a história viva. Informação é oxigênio. Sem isso, a mídia morre. Até onde me importa, deixe-a morrer. Ou pelo menos espere até que não haja como evitá-la. Se isso acontecer, apenas uma pessoa fala por Louis. Sou eu.

Dobbs concordou relutantemente. Apontei um dedo para Roulet.

— Sob nenhuma circunstância você deve falar com um repórter, mesmo para negar as acusações. Se fizerem contato com você, encaminhe-os para mim. Entendido?

— Entendido.

— Ótimo. — Decidi que já tínhamos falado demais para um primeiro encontro. Levantei-me. — Louis, eu o levarei para casa agora.

Mas Dobbs não queria liberar tão rapidamente seu domínio sobre o cliente.

— Na verdade, a mãe de Louis me convidou para jantar — disse ele. — Eu poderia levá-lo, já que estou indo para lá.

Sinalizei minha aprovação. Parecia que um criminalista nunca era convidado para jantar.

— Ótimo — eu disse. — Mas encontraremos vocês lá. Quero que Raul conheça a residência e Louis precisa me dar aquele cheque de que falamos mais cedo.

Se achavam que eu havia esquecido sobre o dinheiro, tinham muito o que aprender a meu respeito. Dobbs olhou para Roulet e obteve um aceno de aprovação. Dobbs então assentiu para mim.

— Parece como um plano — disse. — Nós nos encontraremos de novo lá.

Quinze minutos depois, eu estava a caminho no assento traseiro do Lincoln com Levin. Seguíamos um Mercedes prateado que transportava Dobbs e Roulet. Eu estava checando com Lorna ao telefone. A única mensagem importante viera da promotora de Gloria Dayton, Leslie Faire. A mensagem dizia que chegáramos a um acordo.

— E então? — disse Levin quando fechei o celular. — O que você realmente acha?

— Acho que há um bocado de dinheiro a ser ganho neste caso e estamos a ponto de obter a primeira parcela. Desculpe se estou arrastando você até lá. Não queria que parecesse que era só por causa do cheque.

Levin assentiu mas nada disse. Após alguns instantes, continuei:

— Ainda não estou certo do que pensar — comentei. — O que quer que tenha acontecido naquele apartamento aconteceu rápido. Isso abre uma brecha para nós. Nada de estupro real, nada de DNA. Isto nos dá um lampejo de esperança.

— Isto meio que me faz lembrar de Jesus Menendez, só que sem DNA. Lembra-se dele?

— Sim, mas não quero lembrar.

Eu tentava não pensar em clientes que estavam na prisão sem esperanças de apelação ou nada mais que restasse além de anos a cumprir pela frente para enlouquecer. Faço o que posso com cada caso, mas às vezes não há nada a ser feito. O caso de Jesus Menendez era um desses.

— Como está de tempo disponível? — perguntei, pondo-nos de novo no rumo.

— Tinha umas poucas coisas, mas posso ir empurrando com a barriga.

— Você vai ter que trabalhar à noite neste caso. Preciso que faça uma ronda naqueles bares. Quero saber tudo sobre ele e tudo sobre ela. O caso parece simples a esta altura. Nós a derrubamos e derrubamos o caso junto.

Levin assentiu. Ele tinha a pasta no seu colo.

— Tem sua câmera aí?

— Sempre.

— Quando chegarmos à casa, tire algumas fotos de Roulet. Não quero você mostrando a foto da ficha policial dele nos bares. Irá macular as coisas. Pode obter um retrato da mulher sem a cara toda arrebentada?

— Consegui a foto de sua carteira de motorista. É recente.

— Ótimo. Mostre as fotos por aí. Se descobrirmos uma testemunha que a viu abordá-lo no bar do Morgan’s na última noite, isso vai valer ouro.

— É onde eu estava pensando em começar. Preciso de uma semana, mais ou menos. Voltarei a procurá-lo antes da citação.

Assenti. Viajamos em silêncio por alguns minutos, pensando sobre o caso. Passávamos pela parte plana de Beverly Hills, rumo às vizinhanças onde o dinheiro de verdade estava escondido e à espera.

— E sabe o que mais que acho? — eu disse. — Tirando o dinheiro e tudo mais, creio que há uma chance de que ele não esteja mentindo. Sua história é esquisita o bastante para ser verdade.

Levin assobiou.

— Acha que poderia ter achado o homem inocente? — disse ele.

— Seria um começo — repliquei. — Se eu apenas tivesse sabido disso esta manhã, lhe teria cobrado o preço de homem inocente. Se o cara é inocente, paga mais, porque é bem mais complicado defendê-lo.

— Não é que é verdade.

Pensei sobre a ideia de ter um cliente inocente e nos perigos envolvidos.

— Sabe o que meu pai dizia sobre clientes inocentes?

— Achei que seu pai tivesse morrido quando você tinha 6 anos de idade.

— Cinco, na verdade. Nem sequer me levaram ao funeral.

— E ele lhe falava sobre clientes inocentes quando você tinha cinco anos?

— Não, li isso num livro muito depois que ele se foi. Ele dizia que o cliente mais apavorante que um advogado poderá um dia ter é um cliente inocente. Porque se você fizer merda e o cliente for para a prisão, isto irá marcá-lo pela vida inteira.

— Ele disse isso assim mesmo?

— Sem tirar nem pôr. Ele diz que não há nada a se interpor com um cliente inocente. Nada de negociação, nada de barganha de apelação, nenhum campo neutro. Só há um veredicto. Você tem que pôr um zero no placar. Não há nenhum outro veredicto senão inocente.

Levin acenou pensativamente.

— Resumindo, meu velho era um advogado muito bom e não gostava de ter clientes inocentes — concluí. — Também não tenho certeza de se gosto.

DEZ

Quinta-feira, 17 de março

O primeiro anúncio que botei nas páginas amarelas dizia “Qualquer caso, a qualquer hora, em qualquer lugar”, mas mudei isso depois de alguns anos. Não porque a Ordem dos Advogados fizesse objeções, mas porque *eu* fazia objeções. Fui mais fundo. O condado de Los Angeles é um cobertor enrugado que cobre quase 10 mil km^2 do deserto até o oceano Pacífico. Havia mais de 10 milhões de pessoas brigando por espaço no cobertor e um número considerável delas estava engajada em atividade criminosa como uma escolha de estilo de vida. A mais recente estatística da criminalidade mostra que quase cem mil crimes violentos são relatados a cada ano no condado. No último ano houve 140 mil prisões por delito grave e depois mais 50 mil por tráfico de drogas e abuso sexual. Acrescente-se a isso os delitos sob investigação e se poderia encher dois estádios de grande porte com clientes potenciais. O que se deve lembrar é que o advogado não quer os clientes sentados nas arquibancadas populares. O que ele quer são aqueles nos camarotes bem em frente ao meio do campo. Aqueles com dinheiro no bolso.

Quando os criminosos são apanhados eles são afunilados num sistema de justiça que tem mais de quarenta tribunais espalhados pelo condado, como lanchonetes Burger King prontas para servi-los — isto é, servi-los numa bandeja. Essas fortalezas de pedra são os poços de água onde os leões legais saem para caçar e se alimentar. E o caçador esperto aprende rapidamente onde ficam os locais de caça mais farta, onde os clientes pagantes pastam. A caçada pode ser ilusória. O cliente básico de cada tribunal não reflete necessariamente a estrutura socioeconômica do meio ambiente circundante. Tribunais em Compton, Downey e East Los Angeles produziram uma linha constante de clientes pagantes para mim. Esses clientes são em geral acusados de ser traficantes de drogas, mas seu dinheiro é tão verde quanto o de um especulador da bolsa de Beverly Hills.

Nesta manhã eu estava no tribunal de Compton representando Darius McGinley na sua condenação. Infratores contumazes significam fregueses

contumazes e McGinley era as duas coisas, como tantos dos meus clientes tendem a ser. Pela sexta vez desde que eu o havia conhecido, ele fora preso por tráfico de crack. Desta vez foi em Nickerson Gardens, um conjunto habitacional conhecido pela maioria de seus moradores como Nixon Gardens. Ninguém que eu tivesse perguntado sabia se isto era uma abreviatura do verdadeiro nome do lugar ou uma homenagem ao presidente em exercício quando o vasto conjunto e mercado de drogas foi construído. McGinley foi preso após fazer uma venda direta de uma embalagem com 12 pedras a um policial da Narcóticos disfarçado. À época acabara de ser solto sob fiança depois de ter sido preso pelo mesmo delito dois meses antes. Ele agora tinha quatro condenações por venda de drogas em sua ficha.

As coisas não pareciam boas para McGinley, que tinha apenas 23 anos de idade. Depois de tantas idas e vindas, o sistema tinha agora perdido a paciência com ele. O martelo estava descendo. Embora McGinley tivesse sido cozinhado em fogo lento anteriormente, com sentenças de condicional e tempo de cadeia no condado, o promotor desta vez fixou a pena em nível de prisão. Qualquer negociação ou acordo de apelação começaria e terminaria com sentença de prisão. Quanto ao mais, nenhum acordo. O promotor estava feliz em levar os dois casos pendentes a julgamento e partir para uma condenação e uma sentença de prisão de dois dígitos.

A escolha era dura mas simples. A acusação tinha todas as cartas. Pegara-o em duas vendas diretas com o bagulho. A realidade era que o julgamento seria um exercício de futilidade. McGinley sabia disso. A realidade era que sua venda de 300 dólares de crack ao policial ia custar pelo menos três anos de sua vida.

Tal como acontecia com muitos de meus jovens clientes masculinos do lado sul da cidade, a prisão era uma parte prevista da vida para McGinley. Ele cresceu sabendo para onde estava indo. As únicas perguntas eram quando, por quanto tempo e se ele viveria tempo bastante para fazer isto lá. Em muitos encontros na cadeia com ele ao longo dos anos, aprendi que McGinley carregava uma filosofia pessoal inspirada pela vida e morte e música rap de Tupac Shakur, o poeta bandido cujas rimas carregavam a esperança e a desesperança das ruas desoladas que McGinley chamava de lar. Tupac corretamente profetizou sua própria morte violenta. O sul de Los Angeles formigava de rapazes que tinham exatamente a mesma visão.

McGinley era um deles. Ele me recitava vários trechos do CD de Tupac. Traduzia os significados das letras do gueto para mim. Foi um aprendizado que valorizei porque McGinley era apenas um dos muitos clientes com uma crença partilhada num destino final que era o “Solar dos Bandidos”, o lugar entre o céu e a terra onde todos os gângsteres terminavam. Para McGinley, a prisão era

apenas um rito de passagem na estrada para aquele lugar e ele já estava pronto para empreender a jornada.

— Dormirei lá, para ficar mais forte e mais esperto, depois voltarei — ele me disse.

Ele pediu-me para ir em frente e fazer um acordo. Tinha cinco mil dólares a ser entregues a mim numa ordem de pagamento — não perguntei de onde vinham — e voltei até o promotor, consegui que os dois casos pendentes fossem desdobrados em um, e McGinley concordou em se confessar culpado. A única coisa que um dia me pediu para tentar obter para ele foi uma prisão próxima, de modo que sua mãe e seus três filhos pequenos não tivessem que viajar longas distâncias e por muito tempo para visitá-lo.

Quando a corte entrou em sessão, o juiz Daniel Flynn atravessou a porta de sua sala em toga verde-esmeralda, que trouxe falsos sorrisos dos muitos advogados e funcionários da corte. Ele era conhecido por usar verde em duas ocasiões do ano — no dia de São Patrício e na sexta-feira antes de os Notre Dame Fighting Irish enfrentarem os Southern Cal Trojans no campo de futebol. Ele também era conhecido entre os advogados que trabalhavam no tribunal de Compton como “Danny Boy”, como em “Danny Boy por certo é um escroto irlandês insensível, não é?”.

O escrivão convocou o caso. Eu me levantei e me anunciei. McGinley foi trazido por uma porta lateral e ficou de pé junto a mim num macacão laranja, seus pulsos presos a uma corrente na cintura. Ele não tinha ninguém na galeria para assistir a sua queda. Estava sozinho, exceto por mim.

— Um bom dia para você, Sr. McGinley — disse Flynn em sotaque irlandês. — Sabe que dia é hoje?

Baixei os olhos para o chão. McGinley resmungou sua resposta.

— O dia em que recebo minha sentença.

— Isso também. Mas estou falando sobre o Dia de São Patrício, Sr. McGinley. Um dia para festejar a herança irlandesa.

McGinley voltou-se ligeiramente e olhou para mim. Ele tinha a esperteza das ruas, mas não da vida. Ele não entendia o que estava acontecendo, se isto fazia parte da sentença ou apenas alguma forma de desrespeito de homem branco. Eu queria dizer-lhe que o juiz estava sendo insensível ou provavelmente racista. Em vez disso, inclinei-me e sussurrei em seu ouvido.

— Apenas fique frio. Ele é um babaca.

— Sabe qual é a origem de seu nome, Sr. McGinley? — perguntou o juiz.

— Não, senhor.

— E gostaria de saber?

— Não mesmo, senhor. É o nome de um dono de escravos, desconfio. Por que eu ia querer saber quem foi o filho da puta?

— Desculpe, meritíssimo — falei rapidamente.

Inclinei-me de novo para McGinley.

— Darius, fique frio — sussurrei. — E cuidado com o linguajar.

— Ele está me sacaneando — retrucou ele, um pouco mais alto do que um sussurro.

— E ele ainda não sentenciou você. Quer ferrar o acordo?

McGinley deu um passo atrás de mim e olhou para o juiz.

— Desculpe a minha linguagem, meritíssimo. Fui criado nas ruas.

— Posso ver — retrucou Flynn. — Bem, é uma vergonha você se sentir dessa maneira acerca de sua história. Mas se não se importa com seu nome, então eu também não. Vamos então prosseguir com a sentença e liberá-lo para a prisão, não vamos?

Ele disse a última parte calorosamente, como se estivesse sentindo um grande prazer em mandar McGinley para a Disneylândia, o lugar mais feliz do mundo.

A leitura da sentença correu rapidamente depois disso. Não havia nada no relatório além do que todo mundo já sabia. Darius McGinley só tivera uma profissão desde a idade de 11 anos: traficante de drogas. Tivera apenas uma única família de verdade: uma gangue. Jamais tirara uma carteira de habilitação, embora dirigisse um BMW. Nunca se casara, embora fosse pai de três crianças. Era a mesma velha história e o mesmo velho ciclo que desfilavam dezenas de vezes por dia nas cortes de justiça pelo condado. McGinley vivia numa sociedade que cruzava a maior parte dos americanos somente nos tribunais. Ele era apenas forragem para a máquina. A máquina precisava comer e McGinley estava no prato. Flynn o sentenciou aos três a cinco anos de prisão acertados e leu todo o blablablá padrão legal que acompanhava um acordo de apelação. Provocando risos — embora apenas sua própria equipe do tribunal risse —, ele leu o blablablá usando de novo seu sotaque. E logo tudo estava acabado.

Sei que McGinley lidava com a morte e a destruição na forma de crack e provavelmente cometera violência não contada e outros delitos de que nunca foi acusado, mas ainda sentia pena dele. Sentia como se ele fosse mais um que nunca tivera uma chance para qualquer outra coisa senão a vida bandida, para começar. Nunca havia conhecido o pai e havia deixado a escola na sexta série para aprender o negócio de crack. Sabia contar dinheiro acuradamente numa boca de crack, mas nunca tivera uma conta bancária. Nunca estivera numa praia do condado, muito menos fora de Los Angeles. E agora sua primeira viagem seria em um ônibus com grades nas janelas.

Antes que fosse levado de volta à cela de confinamento para as formalidades e transferência para a prisão, apertei-lhe a mão, ele com seu movimento restrito pela corrente, e desejei-lhe boa sorte, algo que raramente faço com meus clientes.

— Não esquenta — ele me disse. — Eu voltarei.

E eu não duvidava disso. De certa maneira, Darius McGinley era tanto um cliente tão bom quanto Louis Roulet. Este último era mais provavelmente um negócio de uma vez só. Mas, ao longo dos anos, eu tinha a sensação de que McGinley seria um daqueles que chamo de meus "clientes de anuidade". Ele seria o presente que continuaria sendo dado — enquanto desafiasse as leis e permanecesse vivo.

Guardei o caso McGinley em minha maleta e voltei através do cancelo enquanto o próximo caso era convocado. Raul Levin estava esperando por mim lá fora, no apinhado corredor. Tínhamos marcado para repassar seus achados do caso Roulet. Ele viera a Compton porque minha agenda estava assoberbada.

— Muito bom dia — imitou Levin num exagero sotaque irlandês.

— Você viu aquilo?

— Enfiei minha cabeça pela porta. O cara é meio racista, não é?

— E ele pode escapar impune porque desde que unificaram as cortes no distrito rural, seu nome ganha votos em toda parte. Mesmo se o pessoal de Compton se levantar como uma onda e votar contra ele, o pessoal do oeste poderia reverter a situação. É foda.

— Como ele ganhou a tribuna, pra começar?

— Ei, se você se forma em direito e fez as devidas contribuições para as pessoas certas, também poderia ser um juiz. Ele foi designado pelo governador. A parte difícil é vencer a primeira eleição retentiva. Ele conseguiu. Você nunca ouviu "Igual à história de Flynn"?

— Nunca.

— Você adoraria. Cerca de seis anos atrás, Flynn obteve sua indicação pelo governador. Isto foi antes da unificação. Na época os juízes eram eleitos pelos votantes dos distritos em que presidiam. O juiz supervisor para Los Angeles verifica suas credenciais e muito rapidamente percebe que arranjou um cara com um monte de ligações políticas mas nenhum talento ou experiência jurídica para o cargo. Flynn era basicamente um advogado burocrata. Provavelmente não encontraria um tribunal, para não falar em tentar um caso, se você pagasse a ele. Assim o juiz presidente o despeja bem aqui na corte criminal de Compton, porque a regra é que você tem de concorrer à retentiva um ano depois de ter sido indicado para a tribuna. Ele imagina que Flynn vai ferrar tudo, enraivecer o pessoal e não ser eleito. Um ano e está fora.

— Tremenda dor de cabeça.

— Exatamente. Só que não funciona assim. Na primeira hora do primeiro dia de inscrição para a votação daquele ano, Fredrica Brown entra no escritório do escrivão e apresenta seus papéis para concorrer contra Flynn. Você conhece a Freddie Brown, do centro da cidade?

— Não pessoalmente. Ouvi falar dela.

— Assim como todo mundo mais por aqui. Além de ser uma advogada de defesa muito boa, é negra, mulher, e muito popular na comunidade. Ela teria esmagado Flynn a cinco por um ou mais.

— Então como diabo Flynn manteve o cargo?

— É o que estou querendo saber. Com Freddie na votação, ninguém mais se inscreveu para concorrer. Por que se incomodar, se ela ia ganhar fácil? Mas o curioso era por que queria ser juíza para ganhar menos. À época ela faturava bem uns seis dígitos com seu escritório.

— Então o que aconteceu?

— O que aconteceu foi que, dois meses depois, na última hora do encerramento das inscrições, Freddie volta ao escritório do escrivão e retira sua candidatura.

Levin assentiu.

— Assim Flynn termina concorrendo sem oposição e mantém o cargo — disse ele.

— Acertou. Depois vem a unificação e eles jamais serão capazes de tirá-lo de lá.

Levin pareceu ultrajado.

— Isso é uma babaquice. Eles fizeram uma espécie de acordo e isto representa uma violação às leis da eleição.

— Só se alguém puder provar que houve um acordo. Freddie sempre insistiu que não foi paga ou fez parte de algum plano que Flynn arquitetou para permanecer no cargo. Ela diz que apenas mudou de ideia e caiu fora porque percebeu que não poderia manter seu estilo de vida com o salário de juíza. Mas vou lhe dizer uma coisa: Freddie parece se dar bem toda vez que tem um caso presidido por Flynn.

— E eles chamam isto de um sistema de justiça.

— É, chamam.

— Então, o que pensa sobre Blake?

Isto tinha que vir à tona. Era tudo o que todo mundo mais comentava. Robert Blake, o ator de cinema e TV, tinha sido declarado, no dia anterior, pela Corte Suprema de Van Nuys, inocente de ter assassinado sua esposa. A promotoria e o DPLA tinham perdido outro grande caso de mídia e não se podia ir a lugar

nenhum sem que isto fosse o tópico número um das conversas. A mídia e a maioria das pessoas que viviam e trabalhavam fora da máquina não entendiam. A questão não era se Blake o tivesse feito, mas se havia prova suficiente apresentada no julgamento para condená-lo por ter feito. Eram duas coisas nitidamente separadas, mas o discurso público que se seguiu ao veredicto as havia geminado.

— O que penso? — repliquei. — Creio que admiro o júri por permanecer focado na prova. Se não havia prova, não havia. Detesto quando a promotoria acha que pode emplacar um veredicto com base em um senso comum: "Se não foi ele, quem poderia ter sido?" Me poupe disso. Se você quer condenar um homem e botá-lo na prisão pelo resto da vida, então apresente a merda da prova. Não espere que um júri vá livrar sua cara nisso.

— Falou como um autêntico criminalista.

— Ei, parceiro, você ganha a vida com os criminalista. Deveria se lembrar disso. Portanto, esqueça Blake. Estou com inveja e já cansado de ouvir sobre isso. Você disse ao telefone que tinha boas notícias para mim.

— Tenho. Onde você quer conversar e dar uma olhada no que obtive?

Consultei o relógio. Eu tinha uma audiência no Edifício das Cortes Criminais, no centro. Tinha de chegar até as 11h e não podia perdê-la porque já havia faltado no dia anterior. Depois disso devia ir até Van Nuys para me encontrar pela primeira vez com Ted Minton, o promotor que tinha assumido o caso Roulet por Maggie McPherson.

— Não tenho tempo de ir a lugar nenhum — repliquei. — Podemos sentar no meu carro e ir procurar um café. Tem tudo aí com você?

Em resposta, Levin ergueu sua pasta e bateu nela com os nós dos dedos.

— Mas e o seu motorista?

— Não se preocupe com ele.

— Então vamos lá.

ONZE

Depois que estávamos no Lincoln, pedi a Earl para rodar por ali e ver se encontrava uma loja Starbucks. Eu precisava de um café.

— Não tem Starbucks por aqui — respondeu ele.

Eu sabia que Earl era da área, mas não achava que fosse possível estarmos a mais de um quilômetro de uma Starbucks em qualquer ponto do condado, talvez até do mundo. Mas não discuti. Eu só queria um café.

— OK, dirija por aí e descubra um lugar que tenha café. Apenas não vá longe demais do tribunal. Precisamos voltar para deixar Raul lá depois.

— Deixa comigo.

— Ah, Earl, ponha seus fones de ouvido enquanto conversamos sobre um caso aqui por um instante, OK?

Earl ligou seu iPod e colocou os fones. Conduziu o Lincoln Acacia abaixo procurando um café. Logo pudemos ouvir o débil som de hip hop vindo do banco da frente. Levin abriu sua pasta sobre a mesa dobrável afixada atrás do assento do motorista.

— Muito bem, o que tem para mim? — eu disse. — Vou encontrar o promotor hoje e quero ter mais ases na mão do que ele. Também temos a citação na segunda-feira.

— Acho que consegui uns ases aqui — replicou Levin.

Extraiu coisas da pasta e depois começou sua apresentação.

— OK — disse ele —, vamos começar com o seu cliente e depois checaremos Reggie Campo. O seu cara está inteiramente limpo. A não ser as multas por estacionamento proibido e excesso de velocidade, que ele parece ter um problema em evitar e depois um problema maior em pagar, não pude encontrar nenhum furo. É, sem tirar nem pôr, o seu cidadão padrão.

— E quanto às multas?

— Duas vezes nos últimos quatro anos ele está deixando de pagar multas por estacionamento proibido, um montão delas, e duas acumuladas por excesso de velocidade. As duas vezes ia dar mandado de prisão, mas o seu colega C.C. Dobbs se apressou em pagar e amaciou as coisas.

— Estou contente por C.C. ser bom para alguma coisa. Por “pagar” presumo que você se refira às multas, não aos juízes.

— Esperemos que sim. Além disso, só tem um alarme no radar sobre Roulet.

— O quê?

— Na primeira reunião, quando você estava lhe dando as dicas sobre o que esperar e coisa e tal, surgiu o papo de que ele fez um ano de direito na UCLA e conhecia o sistema. Bem, fui conferir isso. Você sabe, metade do que faço é tentar descobrir quem está mentindo ou quem é o maior mentiroso da turma. Por isso confiro quase tudo. E na maior parte do tempo é fácil de fazer porque está tudo em computador.

— Certo, entendi. E quanto à faculdade de direito? Era mentira?

— Assim parece. Verifiquei os registros e ele nunca esteve matriculado na faculdade de direito da UCLA.

Pensei a respeito. Foi Dobbs quem tocara no assunto da faculdade e Roulet se limitara a assentir. Era uma mentira estranha para qualquer um deles contar, porque realmente não os levaria a lugar nenhum. Isto me fez pensar sobre a psicologia que havia por trás. Tinha alguma coisa a ver comigo? Queriam me fazer pensar que Roulet era do mesmo nível que eu?

— Assim, se ele mentiu sobre uma coisa dessas... — falei, pensando em voz alta.

— Certo — disse Levin. — Eu queria saber a respeito. Mas lhe digo: este é o único lado negativo do Sr. Roulet até aqui. Ele pode ter mentido sobre a faculdade de direito, mas parece que não mentiu acerca de sua história... pelo menos as partes que pude verificar.

— Me conte.

— Bem, seus passos naquela noite conferem. Consegui testemunhas que confirmam sua presença no Nat’s North, no Morgan’s e depois no Lamplighter. Ele fez simplesmente aquilo que disse ter feito. Até o número de martínis confere. Quatro no total e pelo menos um deles deixado intocado no bar.

— Lembram dele tão bem assim? Lembram de que ele não terminou seu drinque?

Desconfio sempre de memória perfeita, porque isso não existe. E é meu trabalho e minha especialidade descobrir falhas na memória de testemunhas. Sempre que alguém se lembra demais, fico nervoso — em especial se a testemunha é da defesa.

— Não, não estou apenas confiando na memória de um barman. Consegui uma coisa aqui que você vai adorar, Mick. E é melhor você adorar, porque me custou mil paus.

Do fundo de sua pasta ele extraiu uma caixa acolchoada que continha um pequeno aparelho de DVD. Já tinha visto antes pessoas usando-os nos aviões e estivera pensando em arranjar um para o carro. O motorista poderia usá-lo enquanto me esperasse sair do tribunal. E eu talvez pudesse usá-lo de tempos em tempos em casos como este de agora.

Levin começou a colocar um DVD. Mas antes que pudesse tocá-lo, o carro encostou para uma parada e olhei em torno. Estávamos diante de uma cafeteria chamada The Central Bean.

— Vamos tomar um café e depois vemos o que você conseguiu aqui — eu disse.

Perguntei a Earl se ele queria alguma coisa e ele declinou do oferecimento. Eu e Levin saltamos e entramos. Havia uma curta fila para o café. Levin passou o tempo de espera contando-me sobre o DVD que estávamos prestes a assistir no carro.

— Estou no Morgan's e quero falar com esta garçonete chamada Janice, mas ela diz que primeiro tenho de conseguir sinal verde do gerente. Assim, volto a vê-lo no escritório e ele está me perguntando o que exatamente quero saber de Janice. Tem alguma coisa acerca desse cara. Fico me perguntando por que ele quer saber tanto, entende? Então tudo fica claro quando ele me faz uma oferta. Ele me conta que no ano passado tiveram um problema atrás do balcão do bar. Pequenos furtos na caixa registradora. Têm uns dez barmen trabalhando lá numa determinada semana e ele não conseguia imaginar quem estava metendo a mão.

— Ele pôs uma câmera.

— Acertou. Uma câmera escondida. Ele pegou o ladrão e o despediu. Mas funcionou tão bem que ele manteve a câmera no lugar. O sistema grava a fita em alta densidade das oito às duas a cada noite. Há um marcador de tempo. Cada fita dá para quatro noites. Se houver um problema ou uma escassez, ele pode voltar a fita e conferir. Como fazem uma checagem semanal de lucros e perdas, ele roda duas fitas de modo a ter sempre uma semana gravada para examinar.

— E ele tem gravada a noite em questão?

— Sim, tem.

— E ele quis mil dólares por ela.

— Exatamente.

— Os tiras sabem sobre isso?

— Eles nem sequer foram ao bar ainda. Até aqui estão ocupados só com a história de Reggie.

Assenti. Isto não era de todo incomum. Havia casos demais para os tiras investigarem de cabo a rabo. Eles já estavam sempre cheios de serviço, de qualquer modo. Tinham uma vítima que era testemunha ocular, um suspeito

capturado no apartamento dela, tinham o sangue da vítima no suspeito e até mesmo na arma. Para eles não havia nenhuma razão para ir mais longe.

— Mas estamos interessados no bar, não na caixa registradora — falei.

— Sei disso. E a caixa registradora fica encostada na parede atrás do bar. A câmera fica acima dela, em um detector de fumaça no teto. E a parede de trás é um espelho. Olhei para o que ele tinha e bem rapidamente percebi que se podia ver todo o bar no espelho, só que invertido. Transferi a fita para um disco porque podemos manipular melhor a imagem. Ampliá-la e ajustar, esse tipo de coisa.

Chegou nossa vez na fila. Pedi um café grande com creme e açúcar. Levin pediu uma água mineral e levamos tudo para o carro. Pedi a Earl para não dar partida até que acabássemos de ver o DVD. Posso ler enquanto viajo de carro, mas achei que olhar para a pequena tela do aparelho de Levin enquanto sacolejava pelas ruas do sul do condado poderia me dar enjoo.

Levin ligou o DVD e fez um comentário de passagem para acompanhar as imagens.

Na pequena tela apareceu uma tomada de cima para baixo do bar retangular do Morgan’s. Havia duas mulheres em serviço, trajando calças jeans pretas e camisas brancas arregaçadas para exibir ventres lisos, umbigos com piercings e tatuagens subindo dos seus contornos traseiros. Como Levin havia explicado, a câmera estava posicionada para a área dos fundos do bar e da caixa registradora, mas o espelho que cobria a parede atrás da caixa exibia a fileira de fregueses sentados no bar. Vi Louis Roulet sentado sozinho no ponto morto do enquadramento. Havia um quadro de contagem no canto inferior esquerdo e um código de hora e data no canto direito do DVD. Marcava 8h11 da noite de 6 de março.

— Lá está Louis aparecendo — disse Levin. — E bem aqui está Reggie Campo.

Ele manipulou botões no aparelho e congelou a imagem. Então mudou-a de posição, trazendo a margem direita para o centro. No lado curto do bar, à direita, uma mulher e um homem sentavam-se próximos um do outro. Levin deu um zoom sobre eles.

— Tem certeza? — perguntei.

Eu só vira retratos da mulher com seu rosto gravemente lesionado e inchado.

— Sim, é ela. E aquele é o nosso Sr. X.

— OK.

— Agora observe.

Ele pôs o filme em movimento de novo e alargou o quadro à moldura plena. Então começou a mover o quadro à frente em acelerado.

— Louis bebe o seu martíni, conversa com os barmen e não muita coisa acontece por quase uma hora — disse Levin.

Ele checou uma página de caderninho que tinha anotações atribuídas a números específicos na tela. Pôs a imagem em velocidade normal no momento certo e mudou o enquadramento de novo, de modo que Reggie Campo e o Sr. X ficassem no centro da tela. Notei que tínhamos avançado para 8h43 no relógio.

Na tela, Sr. X pegou um maço de cigarros e um isqueiro em cima do balcão e deslizou de sua banqueta. Então saiu do campo de visão da câmera para a direita.

— Ele está seguindo para a porta da frente — disse Levin. — Eles têm uma varanda para fumantes lá.

Reggie Campo pareceu observar o Sr. X sair e então desceu da sua banqueta e começou a caminhar até a frente do bar, logo atrás dos clientes nas banquetas. Enquanto passava por Roulet, ela pareceu roçar os dedos da mão esquerda pelos ombros dele, quase num gesto de fazer cócegas. Isto fez Roulet se virar para observá-la se afastando.

— Ela simplesmente começou a flertar com ele aqui — disse Levin. — Está se encaminhando para o banheiro.

— Não é como Roulet disse que aconteceu. Ele alegou que ela veio até ele, deu-lhe sua...

— Segure as pontas aí — replicou Levin. — Ela tem que voltar do banheiro, você sabe.

Esperei e observei Roulet no bar. Consultei o relógio. Ainda havia tempo de sobra, mas não queria perder a audiência nas Cortes Criminais. Já tinha abusado demais da paciência do juiz por não aparecer no dia anterior.

— Aqui vem ela — disse Levin.

Inclinando-me para mais perto da tela, vi Reggie Campo voltando ao longo da fileira do bar. Desta vez, quando chegou a Roulet, ela se espremeu até o balcão entre ele e um homem na próxima banqueta à direita. Ela teve que se mover no espaço lateral e seus seios estavam claramente comprimidos contra o braço direito de Roulet. Foi uma abordagem descarada. Ela disse alguma coisa e Roulet se inclinou mais perto de seus lábios para ouvir. Após alguns momentos ele assentiu e então a vi colocar na mão dele o que parecia ser um guardanapo de papel amarrotado. Trocaram mais algumas palavras e então Reggie Campo beijou Louis Roulet na face e recuou, afastando-se do bar e voltando para sua banqueta.

— Você é lindo, Misto — comentei, usando o apelido que tinha dado a ele depois que me contou que descendia de uma misturada de judeus com mexicanos. — E você diz que os tiras não têm isto? — acrescentei.

— Eles nada sabiam a respeito na semana passada, quando consegui o DVD e ainda mantenho a fita. Portanto, não, eles não têm e provavelmente não sabem dele ainda.

Sob as regras da descoberta, eu precisaria passar a fita à acusação depois que Roulet fosse formalmente citado. Mas ainda havia alguma jogada aí. Tecnicamente, não sou obrigado a passar nada até ter certeza de que planejei usá-la no julgamento. Isto me dava um bocado de liberdade de movimento e tempo.

Eu sabia que o que o DVD continha era importante e sem dúvida seria usado no tribunal. Tudo por si só poderia ser a causa para uma dúvida razoável. Parecia mostrar uma familiaridade entre a vítima e o alegado agressor que não estava incluída no caso da acusação. Mais importante, também capturava a vítima numa posição na qual seu comportamento poderia ser interpretado como sendo parcialmente responsável por estimular a ação que se seguiu. Isto não era para sugerir que o que se seguiu fosse aceitável ou não constituísse crime, mas os jurados estão sempre interessados nos relacionamentos causais do crime e nos indivíduos envolvidos. O que o vídeo fez foi mover um crime que poderia ser visto através de um prisma em preto e branco para a área sombria. Como advogado criminalista, eu vivia nas áreas sombrias.

O lado irreverente disso era que o DVD parecia tão bom que poderia ser bom demais. Contradizia diretamente o depoimento da vítima à polícia sobre não conhecer o homem que a atacou. Isto a desacreditava, a exibia como mentirosa. Bastava uma mentira para derrubar um caso. A fita era o que eu chamava de “prova ambulante”. Encerraria o caso antes mesmo que fosse a julgamento. Meu cliente iria simplesmente sair numa boa.

E eu receberia na tabela A.

Levin recomeçou a acelerar a imagem.

— Agora veja isto — disse ele. — Ela e o Sr. X se separam às nove horas. Mas veja quando ele se levanta.

Levin tinha mudado o enquadramento para se focalizar em Reggie Campo e no homem desconhecido. Quando o marcador de tempo chegou a 8h59, ele pôs o vídeo em câmera lenta.

— OK, eles estão ficando prontos para ir embora — disse Levin. — Repare nas mãos do cara.

Olhei. O homem tomou o último gole do seu drinque, jogando a cabeça para trás e esvaziando o copo. Depois deslizou da banqueta, ajudou Reggie a descer da dela e saíram do campo da câmera para a direita.

— O quê? — perguntei. — O que foi que deixei passar?

Levin retrocedeu a imagem até conseguir o momento em que o homem desconhecido terminava seu drinque. Então congelou a imagem e apontou para a tela. O homem tinha a mão esquerda pousada no balcão para se equilibrar enquanto recuava para beber.

— Ele bebe com a mão direita — disse. — E você pode ver um relógio no seu pulso esquerdo. Portanto parece que o cara é destro, certo?

— É mesmo? O que nos interessa isso? Os ferimentos na vítima vieram de golpes da esquerda.

— Pense sobre o que lhe contei.

Eu o fiz. E após um instante entendi.

— O espelho. Tudo fica ao contrário. Ele é canhoto.

Levin assentiu e fez um movimento de golpear com seu punho esquerdo.

— Isto poderia ser todo o caso exatamente aqui — eu disse, sem ter certeza de que fosse uma boa coisa.

— Feliz Dia de São Patrício, parceiro — disse Levin de novo em seu sotaque, sem perceber que eu poderia estar olhando fixamente para o final daquela boca-rica.

Beberiquei meu café quente e tentei pensar em alguma estratégia para o vídeo. Eu não via nenhum meio de segurar isto até um julgamento. Os tiras finalmente terminariam as investigações de acompanhamento e iriam descobrir a respeito do vídeo. Se eu o conservasse comigo, a bomba iria estourar na minha cara.

— Ainda não sei como vou usar isto — comentei. — Mas acho que é seguro dizer que o Sr. Roulet e sua mãe e Cecil Dobbs vão ficar muito satisfeitos com você.

— Diga-lhes que sempre posso esperar os agradecimentos deles financeiramente.

— Tudo bem. Alguma coisa mais na fita?

Levin começou a acelerar o vídeo.

— Não realmente. Roulet lê o guardanapo e decora o endereço. Depois fica embromando mais uns vinte minutos e sai, deixando um drinque intocado no bar.

Ele pôs a imagem em câmera lenta no ponto em que Roulet saía. Roulet tomou um gole de seu martíni novo e o depositou sobre o balcão. Pegou o guardanapo que Reggie Campo lhe dera, amarrotou-o em sua mão e jogou no chão enquanto se levantava. Saiu do bar, deixando o drinque para trás.

Levin ejetou o DVD e o devolveu a sua capa de plástico. Depois desligou o aparelho e começou a guardá-lo.

— Este é todo o visual que posso mostrar aqui.

Estendi o braço e bati no ombro de Earl. Ele ainda estava com seus fones. Tirou um deles do ouvido e olhou para mim.

— Vamos voltar para o tribunal — falei. — Continue com seus fones.

Ele fez como mandei.

— Mais alguma coisa? — perguntei a Levin.

— Tem Reggie Campo. Ela não é nenhuma Branca de Neve.

— O que descobriu?

— Não é necessariamente o que descobri. É o que penso. Você viu como ela estava na fita. Um cara sai e ela fica mandando bilhetinhos de amor para outro cara sozinho no bar. Além disso, andei investigando. Ela é atriz, mas atualmente não está trabalhando no ramo. Exceto, digamos, para atuações particulares.

Ele entregou-me uma fotocolagem que mostrava Reggie Campo em diferentes poses e personagens. Era o tipo de álbum de fotos que se enviava para diretores de elenco de toda a cidade. A maior das fotos era uma do rosto. Era a primeira vez que eu via seu rosto em close sem feios hematomas e inchaços. Reggie Campo era uma mulher muito atraente e alguma coisa em seu rosto me era familiar, mas não pude situá-lo prontamente. Imaginei se a tinha visto num programa de televisão ou num comercial. Folheei o álbum e li seus créditos. Eram para programas a que nunca assisti e comerciais de que não lembrava.

— No relatório da polícia ela cita a Topsail Telemarketing como seu atual empregador. Fica lá pros lados da Marina. Eles fazem as ligações para o monte de lixo que querem vender tarde da noite na TV. Aparelhos de exercícios, esse tipo de coisa. De qualquer modo, é trabalho pago por dia. A pessoa só trabalha quando quer. Acontece que Reggie não trabalhou um único dia lá nos últimos cinco meses.

— Então, pelo que está me dizendo, ela esteve trapaceando?

— Estive de olho nela nas últimas três noites e...

— Você o quê?

Virei-me e olhei para ele. Se um investigador trabalhando para um criminalista for flagrado seguindo a vítima de um crime violento poderia haver o diabo a pagar, e seria eu quem pagaria. Tudo que a acusação teria de fazer era procurar um juiz e alegar importunação e intimidação e eu seria desprezado mais rápido do que uma rajada de vento. Como vítima de um crime, Reggie Campo era intocável até que estivesse à barra do tribunal. Só então ela seria minha.

— Não se preocupe — disse Levin. — Foi uma cola discreta. Muito discreta. E estou contente por ter feito isso. Os hematomas, os inchaços e tudo mais desapareceram ou ela está usando um bocado de maquiagem, porque a dama em questão está recebendo um monte de visitantes. Todos homens, todos sozinhos,

todos em diferentes horas da noite. Parece que ela tenta pôr na sua agenda pelo menos dois a cada noite.

— Ela os está pegando nos bares?

— Não, ela fica esperando por eles. Esses caras devem ser fregueses antigos, porque já sabem o caminho até sua porta. Consegui alguns números de placas. Se necessário, posso visitar os caras e obter algumas respostas. Também gravei um vídeo em infravermelho, mas ainda não transferi para o disco.

— Não, vamos evitar visitar qualquer desses caras por enquanto. A conversa poderia chegar a ela. Temos de ser muito cautelosos em relação a ela. Não me importo se está trapaceando ou não.

Beberiquei meu café e tentei decidir como ir em frente com isso.

— Você passou um pente fino nela, certo? Nenhum registro criminal?

— Certo, ela está limpa. Meu palpite é de que é nova no jogo. Você sabe, essas mulheres que querem ser atrizes... é uma parada dura, desgastante. Ela provavelmente começou aceitando uma pequena ajuda desses caras uma vez ou outra, depois virou um negócio. Ela passou de amadora para profissional.

— E não tem nada disso nos relatórios que obteve antes?

— Não. Como lhe disse, os tiras ainda não investigaram a fundo. Pelo menos até aqui.

— Se ela se diplomou de amadora para profissional, poderia também ter se diplomado em armar para cima de um cara como Roulet. Ele dirige um carrão, usa boas roupas... já viu o relógio dele?

— Já, um Rolex. Se é autêntico, então ele está usando dez mil paus bem ali no seu pulso. Ela o poderia ter visto do outro lado do bar. Talvez seja por isso que o tenha escolhido.

Estávamos de volta ao tribunal. Eu tinha ainda que seguir para o centro. Perguntei a Levin onde deixara seu carro e ele orientou Earl até o estacionamento.

— Está tudo muito bom — falei. — Mas significa que Louis mentiu mais sobre isto do que sobre a UCLA.

— É — concordou Levin. — Ele sabia que estava indo para um programa pago com ela. Deveria ter-lhe contado a respeito.

— É isso aí, e agora vou falar com *ele* a respeito.

Encostamos no meio-fio do lado de fora de um estacionamento na Acacia. Levin tirou uma pasta de papel da sua maleta. Havia elástico em torno dela, que prendia uma folha de papel sobre a capa. Ele me entregou a folha e vi que era uma fatura de quase seis mil dólares por oito dias de serviço investigativo mais despesas. Baseado no que eu tinha ouvido na última meia hora, o preço era uma pechincha.

— Esta pasta contém tudo sobre o que acabamos de falar, mais uma cópia do vídeo do Morgan’s em disco — informou Levin.

Peguei a pasta com hesitação. Ao aceitá-la eu a estava levando para o domínio da descoberta. Se não aceitasse e deixasse tudo com Levin, isto me serviria de amortecedor, um espaço para me apressar se eu entrasse numa rixa de descoberta com a acusação.

Bati na fatura com meu dedo.

— Mandarei isto para Lorna e lhe enviaremos um cheque — falei.

— Como está Lorna? Nunca mais a vi.

Quando éramos casados, Lorna costumava circular um bocado comigo e ia até o tribunal para assistir. Às vezes, quando eu estava sem motorista, ela assumia o volante. À época, Levin a via com mais frequência.

— Ela está muito bem. Ainda é a Lorna.

Levin abriu a porta do seu lado mas não desceu.

— Você quer que eu continue na cola de Reggie?

Essa era a questão. Se eu aprovasse perderia toda a capacidade de negar se algo desse errado. Porque agora eu saberia o que ele estava fazendo. Hesitei, mas depois assenti.

— Muito discreta. E não faça merda. Nisso eu só confio em você.

— Não se preocupe. Eu me controlarei. O que mais?

— O homem canhoto. Temos que saber quem é o Sr. X e se faz parte disso tudo ou se é apenas outro freguês.

Levin assentiu e bateu de novo no seu punho esquerdo.

— Estou nessa.

Ele pôs seus óculos de sol, abriu a porta e saiu. Esticou o braço para pegar sua maleta e a garrafa de água não aberta. A seguir disse tchau e bateu a porta. Fiquei observando enquanto caminhava pelo estacionamento à procura de seu carro. Eu deveria ter ficado extasiado pelo que descobri. Isto virava tudo a favor de meu cliente. Mas continuava inquieto acerca de algo que eu não conseguia entender completamente.

Earl havia desligado sua música e esperava orientação.

— Leve-me para o centro, Earl — eu disse.

— Agora mesmo — replicou ele. — Para as Cortes Criminais?

— Isso aí. Ei, quem é que você estava ouvindo no iPod? Pude ouvir de passagem.

— Era o Snoop. Tem que tocar ele alto.

Assenti. Típico de Los Angeles. E de um ex-réu que enfrentou a máquina numa acusação de assassinato e conseguiu escapar. Não havia nenhuma história melhor de inspiração nas ruas.

— Earl? — falei. — Pegue a sete-dez. Estamos ficando atrasados.

DOZE

Sam Scales era um trapaceiro de Hollywood. Especializara-se em esquemas na internet destinados a reunir números de cartões de crédito e dados de verificação que ele então iria fraudar e vender ao submundo financeiro. Na primeira vez em que trabalhamos juntos ele tinha sido preso por vender seiscentos números de cartões de crédito e sua correspondente informação de verificação — datas de expiração e os endereços, números do seguro social e senhas dos titulares dos cartões — para um policial disfarçado.

Scales obtivera os números e informação ao passar um e-mail para cinco mil pessoas que estavam na lista de clientes de uma firma sediada em Delaware que vendia pela internet um produto para perda de peso chamado TrimSlim6. A lista havia sido roubada do computador da empresa por um hacker que fazia serviços ocasionais para Scales. Usando um computador alugado por uma hora numa loja Kinko's e um endereço de e-mail temporário, Scales então enviou uma correspondência maciça para todos que estavam na lista. Identificou-se como consultor para a FDA, a Administração de Drogas e Alimentos, e disse aos destinatários que seus cartões de crédito seriam indenizados plenamente das suas compras na TrimSlim6 em consequência de um recall do produto feito pela FDA. Ele disse que o teste do produto demonstrou-o como ineficaz para perda de peso. Disse ainda que os fabricantes concordaram em indenizar todas as compras num esforço para evitar acusações de fraude. Concluiu o e-mail com instruções para confirmar a indenização. Estas incluíam fornecer o número do cartão de crédito, data de expiração e todos os outros dados pertinentes de verificação.

Dos cinco mil que receberam a mensagem, houve seiscentos que caíram na armadilha. Scales então fez contato com o submundo pela internet e fechou uma venda direta: seiscentos números de cartões de crédito e dados pessoais por dez mil em dinheiro. Isto significava que dentro de alguns dias números seriam estampados em plásticos em branco e depois colocados em uso. Era uma fraude que alcançaria milhões de dólares de prejuízo.

Mas o golpe melou numa cafeteria de West Hollywood, onde Scales entregou uma folha impressa ao seu comprador e recebeu um volumoso

envelope com a grana. Mas quando saía, levando o envelope e um copo de café com leite gelado, foi parado por dois policiais. Ele tinha vendido seus números para um agente secreto.

Scales me contratou para conseguir um acordo. Ele estava com 33 anos na época e tinha um ficha limpa, muito embora houvesse indicações e provas de que nunca exercera um emprego honesto. Ao fazer com que o promotor designado para o caso o visse como roubo de números de cartões em vez de nas perdas potenciais da fraude, fui capaz de conseguir para Scales um arranjo mais ao seu gosto. Ele assumiu a culpa por um crime de roubo de identidade e recebeu um ano de sentença suspensa, sessenta dias de trabalho compulsório no Departamento de Trânsito e quatro anos de condicional.

Essa foi a primeira vez, três anos atrás. Sam Scales não aproveitou a oportunidade concedida a ele de cumprir a pena em liberdade. Estava agora de volta sob custódia e eu o defendia num caso de estelionato tão reprovável que ficou claro desde o início que estaria além de minha capacidade mantê-lo fora da prisão.

Em 28 de dezembro do ano anterior, Scales usou uma empresa de fachada para registrar o nome de domínio SunamiHelp.com na internet. Na página do site ele colocou fotografias da destruição e morte deixadas dois dias antes, quando uma tsunami no oceano Índico devastou partes da Indonésia, Sri Lanka, Índia e Tailândia. O site pedia aos seus visitantes para prestar ajuda fazendo doações para a SunamiHelp, que iria então distribuí-las entre as numerosas agências que atendiam à catástrofe. O site também trazia a fotografia de um bem-apessoado homem branco identificado como reverendo Charles, que estava empenhado no trabalho de levar o cristianismo à Indonésia. Uma mensagem pessoal do reverendo Charles foi postada no site e solicitava que os visitantes contribuíssem de coração.

Scales era esperto mas não esse tipo de esperto. Ele não queria roubar as doações feitas ao site. Só queria roubar as informações do cartão de crédito usado para fazer as doações. A investigação que acompanhou sua prisão mostrou que todas as contribuições feitas através do site foram realmente repassadas à Cruz Vermelha americana para ajudar as vítimas da tsunami devastadora.

Mas os números e informação dos cartões de crédito usados para fazer aqueles donativos foram também entregues ao submundo financeiro. Scales foi preso quando um detetive da Defraudações do DPLA chamado Roy Wunderlich descobriu o site. Sabendo que catástrofes sempre atraem os artistas da fraude aos magotes, Wunderlich começara a digitar possíveis nomes na internet com a palavra tsunami grafada de modo errado. Havia vários sites legítimos de doação na rede e ele digitou variações delas, sempre grafando errado a palavra. Sua

ideia era de que os artistas da vigarice grafariam errado a palavra quando usassem sites de fraude num esforço para atrair vítimas potenciais propensas a ter baixo nível de escolaridade. O SunamiHelp.com estava entre os vários sites questionáveis que o detetive encontrou. A maioria ele passou a uma força-tarefa do FBI encarregada do problema em escala nacional. Mas quando verificou o registro de domínio do SunamiHelp.com, descobriu uma caixa postal em Los Angeles, o que lhe dava jurisdição. Ele estava na parada. Guardou para si o SunamiHelp.com.

A caixa postal era um endereço falso, mas Wunderlich não desistiu. Ele jogou uma isca, dando a crer que fazia uma compra controlada ou, neste caso, uma doação controlada.

O número do cartão de crédito que o detetive forneceu enquanto fazia uma doação de vinte dólares seria monitorado 24 horas por dia pela unidade de fraude do Visa e ele seria informado de imediato de qualquer compra feita na conta. Três dias depois da doação, o cartão de crédito foi usado para pagar um almoço de 11 dólares num restaurante Gumbo Pot no Mercado do Produtor, na esquina da Fairfax com a Terceira. Wunderlich sabia que tinha sido simplesmente um teste de compra. Uma coisa pequena e facilmente coberta com dinheiro se o usuário do cartão de crédito falso encontrasse algum problema no local da compra.

A despesa no restaurante foi aceita e Wunderlich e quatro outros detetives da equipe de fraude foram despachados para o Mercado do Produtor, uma mistura desordenada de lojas novas e velhas e restaurantes que estavam sempre lotados, sendo portanto um local perfeito para vigaristas com cartão de crédito operarem. Os investigadores se espalhariam pelo local e esperariam enquanto Wunderlich continuava a monitorar pelo telefone o uso do cartão de crédito.

Duas horas depois da primeira despesa, o número de controle foi usado novamente para comprar um casaco de couro de seiscentos dólares na Nordstrom. A aprovação do cartão de crédito demorou, mas ele não foi contestado. Os detetives agiram e prenderam uma mulher jovem que efetuava a compra do casaco. O caso então se tornou o que é conhecido como uma “corrente de denúncias”, a polícia seguindo um suspeito até o próximo enquanto eles deduravam um ao outro e as detenções subiam a escada.

Por fim chegaram ao homem sentado no alto da escada, Sam Scales. Quando a notícia irrompeu na imprensa, Wunderlich referiu-se a ele como o Svengali da Tsunami porque muitas vítimas da fraude eram mulheres que queriam ajudar o belo ministro retratado no site. O apelido enfureceu Scales e nas entrevistas que tive com ele passou a referir-se ao detetive que o pegara como Superlixo.

Cheguei ao Departamento 124 no 13° andar do prédio das Cortes Criminais às 10h45, mas o tribunal estava vazio, exceto por Marianne, a escrivã da juíza. Fui até o cancelo e aproximei-me do seu posto.

— Ainda estão fazendo o pregão das audiências? — perguntei.

— Só estávamos esperando você. Chamarei todo mundo e direi à juíza.

— Ela está pê da vida comigo?

Marianne deu de ombros. Não poderia responder pela juíza. Especialmente para um advogado de defesa. Mas, de certo modo, estava me dizendo que a juíza não estava contente.

— Scales continua na lista?

— Deveria estar. Não sei para onde Joe foi.

Dei meia-volta, fui para a mesa da defesa e esperei. Por fim, a porta do cárcere se abriu e Joe Frey, o oficial de justiça lotado no 124, saiu.

— Vocês ainda estão com meu cliente lá?

— Por muito pouco tempo. Achamos que você não ia aparecer de novo. Você quer ir lá?

Ele segurou a porta de aço aberta para mim e entrei numa pequena sala com uma escada que subia para o cárcere do tribunal no quarto andar e duas portas levando para as salas menores da reclusão para o 124. Uma das portas tinha um painel de vidro. Era para os encontros advogado-cliente e pude ver Sam Scales sentado sozinho a uma mesa atrás do vidro. Vestia um macacão laranja e tinha algemas de aço nos pulsos. Ele estava preso sem fiança porque sua mais recente detenção violou sua condicional sob vigilância educativa. O doce acordo que eu conseguiria para ele estava prestes a entrar pelo cano.

— Até que enfim — disse Scales quando entrei.

— Parece que você está indo para algum lugar. Está pronto para isso?

— Se eu não tiver nenhuma escolha.

Sentei-me do lado oposto dele.

— Sam, você sempre tem uma escolha. Mas deixe-me explicar de novo. Eles o botaram numa fria dessa vez, certo? Você foi pego enrolando gente que queria ajudar o povo assolado por um dos piores desastres naturais de todos os tempos. Eles pegaram três cúmplices que fizeram acordos para testemunhar contra você. Eles têm a lista dos números de cartões encontrados com você. O que estou dizendo é que, no final do dia, você está indo para tentar obter a maior simpatia que puder do juiz e dos jurados... se isto chegaria a tanto... quanto eles dariam a um estuprador de crianças. Talvez até menos.

— Sei de tudo isso, mas sou um trunfo útil para a sociedade. Poderia dar aulas. Ponha-me nas escolas. Ponha-me em clubes de campo. Ponha-me em liberdade condicional e direi às pessoas lá para tomarem cuidado.

— É com *você* que elas têm que tomar cuidado. Você ferrou sua chance com esta última merda e a acusação disse que é a última oferta neste caso. Se não aceitar, eles vão pôr um ponto final nisso. A única coisa que posso lhe garantir é que não haverá misericórdia.

Muitos de meus clientes são como Sam Scales. Eles inutilmente acreditam que há uma luz no fim do túnel. E sou eu que tenho de dizer a eles que o túnel está fechado e que, de qualquer modo, a lâmpada queimou há muito tempo.

— Então acho que tenho de fazer isso — disse Scales, olhando para mim como se me culpasse por não encontrar uma saída para ele.

— É a sua escolha. Você quer um julgamento, iremos para o julgamento. Poderá pegar dez anos e mais um por ter violado a condicional. Você os deixou realmente putos e eles podem também entregá-lo ao FBI, de modo que os federais, se quiserem, possam acusá-lo de fraude eletrônica interestadual.

— Deixe-me perguntar uma coisa: se formos a julgamento, poderíamos vencer?

Eu quase ri, mas ainda me restava alguma simpatia por ele.

— Não, Sam, não podemos vencer. Você não ouviu o que lhe disse durante dois meses? Eles o pegaram. Você não pode vencer. Mas estou aqui para fazer o que você quer. Como eu disse, se quer um julgamento, iremos para o julgamento. Mas devo lhe dizer que, se formos, terá de falar com sua mãe para me pagar outra vez. Só estou valendo até hoje.

— Quanto ela já lhe pagou?

— Oito mil.

— Oito milhas? Isto é a porra de toda a grana de aposentadoria dela!

— Estou surpreso por lhe restar algum dinheiro na conta, tendo um filho como você.

Ele me olhou de modo penetrante.

— Desculpe, Sam. Eu não devia ter dito isso. Pelo que ela me contou, você é um bom filho.

— Meu Deus, eu devia ter me formado em direito. Você é um trambiqueiro quase igual a mim, sabe disso, Haller? Só que o canudo que lhe deram põe você dentro da lei, é isso.

Eles sempre culpam o advogado por estar ganhando a vida. Como se fosse um crime querer ser pago por realizar um trabalho diário. O que Scales acabara de me dizer teria provocado uma violenta reação se eu estivesse formado talvez há um ou dois anos. Mas já ouvira o mesmo insulto tantas vezes que agora nem me importava.

— O que posso dizer, Sam? Já tivemos esta conversa.

Ele assentiu e não disse nada. Presumi que iria aceitar a proposta da promotoria. Quatro anos no sistema penal do estado e dez mil dólares de multa, seguidos por cinco anos em liberdade condicional. Ele estaria fora em dois anos e meio, mas a condicional seria a morte para um estelionatário nato passar todo esse tempo sem reincidir. Após alguns minutos, levantei-me e saí da sala. Bati na porta externa e o comissário Frey levou-me de volta à sala do tribunal.

— Ele está pronto para vir — falei.

Sentei-me à mesa da defesa e em breve Frey saiu com Scales e sentou-o junto a mim. Ainda estava algemado. Nada falou comigo. Dentro de mais alguns minutos, Glenn Bernasconi, o promotor que representava o 124, desceu de seu escritório no 15º andar e eu disse a ele que estávamos prontos para aceitar a disposição do caso.

Às 11 horas a juíza Judith Champagne saiu de seu recinto, assumiu a bancada e Frey pediu ordem no tribunal. A juíza era uma loura atraente baixinha e ex-promotora que estivera na tribuna por pelo menos tanto tempo quanto eu obtivera meu diploma. Era da velha escola o tempo todo, gentil mas severa, dirigindo seu tribunal como um feudo. Às vezes até mesmo trazia o seu cachorro, um pastor-alemão chamado Justiça, para trabalhar com ela. Se a juíza tivesse tido qualquer tipo de poder de decisão na sentença quando Sam Scales a encarou, ele estaria encrencado. Foi isso que fiz por Sam Scales, quer ele soubesse ou não. Com este acordo eu o tinha poupado disso.

— Bom dia — disse a juíza. — Estou contente por ter vindo hoje, Sr. Haller.

— Peço desculpas, meritíssima. Tive de me apresentar no tribunal do juiz Flynn em Compton.

Era isto o que eu tinha a falar. A juíza sabia sobre Flynn. Todo mundo sabia.

— E ainda mais no dia de São Patrício — disse ela.

— Isso mesmo, meritíssima.

— Entendo que temos uma decisão sobre a questão do Svengali da Tsunami.

Ela olhou de imediato para a relatora de seu tribunal.

— Michelle, risque isso.

Olhou de volta para os advogados.

— Entendo que temos uma decisão no caso Scales. Está certo?

— Está certo — respondi. — Estamos prontos para prosseguir.

— Ótimo.

Bernasconi meio que leu, meio que repetiu de memória, o juridiquês necessário para aceitar um apelo do réu. Scales abriu mão de seus direitos e assumiu a culpa das acusações. Não disse nada mais. A juíza aceitou a decisão e sentenciou-o de acordo.

— Você é um homem de sorte, Sr. Scales — disse ela ao encerramento. — Acredito que o Sr. Bernasconi foi muito generoso com você. Eu não teria sido.

— Não me sinto tão sortudo, juíza — disse Scales.

Frey bateu-lhe no ombro por detrás. Scales levantou-se e virou-se para mim.

— Acho que é isso aí — disse.

— Boa sorte, Sam — repliquei.

Ele foi conduzido através da porta de aço, que se fechou atrás deles. Eu não havia apertado a mão dele.

TREZE

O Centro Cívico de Van Nuys é uma comprida praça de concreto cercada por edifícios governamentais. Ancorando uma extremidade está a divisão local do Departamento de Polícia de Los Angeles. Ao longo de um lado estão duas cortes de justiça defronte a uma biblioteca pública e um prédio da administração municipal. Ao final do canal de concreto e vidro situam-se um prédio administrativo federal e uma agência de correios. Esperei por Louis Roulet sentado em um dos bancos de concreto perto da biblioteca. A praça estava bastante deserta apesar do bom tempo. Não como na véspera, quando a praça ficou repleta de câmeras, repórteres e curiosos, todos se aglomerando em volta de Robert Blake e seus advogados enquanto estes tentavam reverter um veredicto de não culpável em inocente.

Era uma tarde bela e tranquila e eu em geral apreciava ficar ao ar livre. A maior parte do meu trabalho é feita em tribunais sem janelas e no banco traseiro do meu carro, de modo que fico ao ar livre sempre que posso. Mas desta vez não estava sentindo a brisa ou notando o ar fresco. Sentia-me chateado porque Louis Roulet estava atrasado e porque o que Sam Scales dissera acerca de eu ser um trambiqueiro dentro da lei estava ulcerando como câncer em minha mente. Quando vi finalmente Roulet atravessando a praça em minha direção, levantei-me para encontrá-lo.

— Onde você esteve? — falei abruptamente.

— Eu lhe disse que estaria aqui tão logo pudesse. Eu estava mostrando uma casa quando você telefonou.

— Vamos caminhar.

Encaminhei-me para o prédio federal porque seria um trajeto mais longo antes que tivéssemos de dar meia-volta e retornar. Eu tinha meu encontro com Minton, o novo promotor designado para este caso, dentro de 25 minutos na mais antiga das cortes de justiça. Dei-me conta de que não parecíamos um advogado e seu cliente discutindo um caso. Talvez um advogado e seu corretor de imóveis discutindo a compra de um terreno. Eu trajava meu terno Hugo Boss e Roulet usava um terno castanho sobre uma gola rulê verde. Calçava mocassins com fivelas de prata.

— Não vai haver quaisquer exibicionismos na Pelican Bay — eu disse a ele.

— O que quer dizer? Onde fica isso?

— É um nome bonito para uma prisão de segurança supermáxima para onde mandam culpados de sexo violento. Você vai se adaptar muito bem lá com seus mocassins e gola rulê.

— Olhe, qual é a questão? Do que se trata?

— É sobre um advogado que não pode ter um cliente que mente para ele. Em vinte minutos vou me encontrar com o cara que quer mandá-lo para Pelican Bay. Preciso de tudo que possa ter em minhas mãos na tentativa de livrar você e não ajuda em nada quando descubro que está mentindo para mim.

Roulet parou e voltou-se para mim. Ergueu as mãos, as palmas abertas.

— Não menti para você! Não fiz isso. Não sei o que aquela mulher quer, mas eu...

— Deixe eu lhe perguntar uma coisa, Louis. Você e Dobbs disseram que você fez um ano de direito na UCLA, certo? Eles te ensinaram alguma coisa sobre a confiança mútua advogado-cliente lá?

— Não sei. Não me lembro. Não fiquei lá por muito tempo.

Dei um passo na direção dele, invadindo seu espaço.

— Está vendo? Você é um tremendo mentiroso. Não fez um ano de faculdade de direito. Não esteve lá nem a merda de um dia.

Ele baixou as mãos e bateu com elas nos quadris.

— É disso que se trata, Mickey?

— É, é disso mesmo. E a partir de agora não me chame de Mickey. Meus amigos podem me chamar assim, não meus clientes mentirosos.

— E se cursei ou não faculdade de direito dez anos atrás o que isso tem a ver com o caso? Eu não...

— Porque se você mentiu para mim sobre isso, então mentiria sobre qualquer coisa, e não posso ser tratado assim e ser capaz de defender você.

Falei alto demais. Vi duas mulheres nos observando de um banco próximo. Tinham distintivo de juradas nas suas blusas.

— Vamos. Por aqui.

Comecei a caminhar de volta, na direção da delegacia de polícia.

— Olhe — disse Roulet numa voz fraca. — Eu só menti por causa de minha mãe, OK?

— Não, não está OK. Explique-me.

— Olhe, minha mãe e Cecil pensam que cursei a faculdade de direito por um ano. E quero que continuem acreditando nisso. Ele tocou no assunto com você e fui obrigado a concordar. Mas isso foi há dez anos! Qual é o problema?

— O problema é que está mentindo para mim — repliquei. — Você pode mentir para sua mãe, para Dobbs, para seu padre e para a polícia. Mas quando lhe perguntar alguma coisa diretamente, não minta para mim. Preciso atuar a partir da premissa de ter obtido fatos de você. Fatos incontroversos. Portanto, quando eu lhe fizer uma pergunta, conte-me a verdade. Todo o resto do tempo você pode dizer o que quiser e seja lá o que for que o faça sentir-se bem.

— Tudo bem, tudo bem.

— Se você não fez a faculdade de direito, onde foi que esteve?

Roulet sacudiu a cabeça.

— Em lugar nenhum. Não fiz nada por um ano. Na maior parte do tempo ficava no meu apartamento perto do campus, lendo e pensando sobre o que queria realmente fazer da vida. A única coisa que sabia com certeza era que não queria ser advogado. Sem nenhuma ofensa.

— De modo algum. Então você ficou lá embromando por um ano e acabou vendendo propriedades para gente rica.

— Não, isso veio depois.

Ele riu de um modo autodepreciativo.

— Na verdade decidi me tornar escritor... tinha notas boas em literatura... e tentei escrever um romance. Não levou muito tempo para perceber que não tinha talento. Finalmente, fui trabalhar para minha mãe. Ela me queria.

Acalmei-me. De qualquer modo, a maior parte de minha raiva foi só exibição. Estava tentando amaciá-lo para o interrogatório mais importante. Achei que agora ele já estava pronto para isso.

— Bem, agora que você está jogando limpo e confessando tudo, Louis, fale-me sobre Reggie Campo.

— O que tem ela?

— Você ia pagar para fazer sexo com ela, não ia?

— Por que diz que...

Calei-o quando parei de novo e o agarrei por uma das suas caras lapelas. Ele era mais alto e mais corpulento, mas eu tinha o domínio nesta conversa. Estava empurrando-o.

— Responda à porra da pergunta!

— Tudo bem, sim. Eu ia pagar. Mas como soube disso?

— Porque sou um advogado muito bom. Por que não me contou naquele primeiro dia? Não percebe o quanto isso muda o caso?

— Minha mãe. Eu não queria que minha mãe soubesse que eu... você sabe.

— Louis, vamos sentar.

Encaminhei-o para um dos compridos bancos junto à delegacia. Havia espaço bastante e ninguém podia nos entreouvir. Sentei-me no meio do banco e

ele sentou-se à minha direita.

— Sua mãe nem mesmo esteve na sala quando falávamos sobre o caso. Acho que nem sequer estava lá quando falamos sobre a faculdade de direito.

— Mas Cecil estava, e ele conta tudo a ela.

Assenti e tomei nota mental para cortar Cecil Dobbs por completo das questões do caso a partir de agora.

— OK, acho que entendo. Mas quanto tempo você ia deixar passar sem me contar? Não vê como isso muda tudo?

— Não sou advogado.

— Louis, deixe-me contar a você um pouco sobre como a coisa funciona. Você sabe o que sou? Sou um neutralizador. Meu trabalho é neutralizar o caso da acusação. Pegar cada prova e descobrir um meio de eliminá-la da disputa. Pense nisso como um daqueles artistas de rua que você vê no calçadão na praia de Venice. Você algum dia foi lá e viu o cara girando todos aqueles pratos em cima daquelas varetinhas?

— Acho que sim. Faz muito tempo que não vou lá.

— Não importa. O cara tem as varetinhas, põe um prato em cada uma e começa a girar o prato de modo que ele permanecerá equilibrado e aprumado. Ele coloca um monte deles girando e vai de prato a prato, de vareta em vareta, certificando-se de que tudo esteja girando, se equilibrando e ficando lá. Entende?

— Sim. Entendo.

— Bem, este é o caso da acusação, Louis. Um monte de pratos girando. E cada um daqueles pratos é uma prova contra você. Meu trabalho é pegar cada prato, fazê-lo parar de girar e derrubá-lo ao chão de modo que se quebre e não possa mais ser usado. Se o prato azul contém o sangue da vítima nas suas mãos, então preciso achar um meio de derrubá-lo. Se o prato amarelo tem uma faca com suas digitais ensanguentadas nela, então mais uma vez preciso derrubar o estúpido. Neutralizá-lo. Está me acompanhando?

— Estou. Eu...

— Bem, no meio desses pratos todos tem um grande. É a porra de uma travessa, Louis, e se esse bebê cair, vai levar tudo com ele. Cada prato. O caso todo cai por terra. Você sabe qual é essa travessa, Louis?

Ele fez que não com a cabeça.

— A travessa grande é a vítima, a principal testemunha contra você. Se pudermos derrubar essa travessa, então todo o espetáculo está encerrado e o público vai embora.

Aguardei um momento para ver se ele ia reagir. Louis não disse nada.

— Louis, por quase duas semanas você tem escondido de mim o método pelo qual eu poderia derrubar essa travessa grande. E vem a pergunta, por quê?

Por que um cara com dinheiro à disposição, um Rolex no pulso, um Porsche no estacionamento e um endereço em Holmby Hills precisou usar um canivete para obter sexo de uma mulher que, afinal, vende seu corpo? Quando se resume tudo a esta pergunta, o caso começa a desmoronar, Louis, porque a resposta é simples. O cara não o faria. O bom senso diz que não faria. E quando você chega a essa conclusão, todos os pratos param de girar. Você vê a armação, vê a cilada, e agora é o réu que começa a parecer a vítima.

Olhei para ele, que assentiu.

— Sinto muito — disse Louis.

— Deveria sentir — retruquei. — O caso teria começado a se desfazer duas semanas atrás e provavelmente não estaríamos sentados aqui agora se você tivesse sido sincero comigo desde o início.

Naquele momento percebi de onde realmente vinha minha raiva. E não era porque Roulet se atrasava ou tivesse mentido, ou porque Sam Scales me chamara de trambiqueiro dentro da lei. Era porque eu via os honorários me escapulindo. Não haveria nenhum julgamento neste caso, nenhum honorário de seis dígitos. Eu teria sorte se ao menos mantivesse o sinal que recebera no início. O caso chegaria ao final hoje, quando eu entrasse na promotoria e contasse a Ted Minton o que sabia e o que tinha.

— Sinto muito — repetiu Roulet numa voz lamurienta. — Eu não pretendia melar as coisas.

Eu agora estava olhando para o chão entre meus pés. Sem fitá-lo, estendi o braço e pus minha mão no seu ombro.

— Desculpe ter gritado com você antes, Louis.

— O que vamos fazer agora?

— Tenho mais umas poucas perguntas a lhe fazer sobre aquela noite e depois vou entrar naquele edifício lá, me encontrar com o promotor e derrubar todos os pratos dele. Creio que na hora em que sair de lá isto tudo pode estar acabado e você estará livre para voltar a mostrar suas mansões para gente rica.

— Simples assim?

— Bem, formalmente ele pode querer ir à corte e pedir a um juiz para arquivar o caso.

Roulet abriu a boca em choque.

— Sr. Haller, não posso começar a lhe contar como...

— Pode me chamar de Mickey. Desculpe por aquilo antes.

— Não tem problema. Obrigado. Que perguntas você quer fazer?

Pensei por um momento. Realmente não precisava de nada mais para ir me encontrar com Minton. Eu estava trancado e carregado. Tinha prova ambulante.

— O que o bilhete dizia? — perguntei.

— Que bilhete?

— Aquele que ela lhe deu no bar do Morgan's.

— Oh, dizia apenas seu endereço e abaixo ela escreveu "quatrocentos dólares". E mais abaixo escreveu "chegar depois das dez".

— Muito ruim não termos esse bilhete. Mas acho que já temos o suficiente.

Consultei meu relógio. Ainda tinha 15 minutos até o encontro, mas já havia encerrado com Roulet.

— Pode ir agora, Louis. Ligarei para você quando tudo terminar.

— Tem certeza? Eu poderia esperar aqui, se quiser.

— Não sei quanto tempo irá levar. Vou ter que expor tudo isso para ele, que provavelmente irá levar a seu chefe. Poderia ser demorado.

— Tudo bem, acho que vou embora então. Mas você me ligará, certo?

— Sim, ligarei. Provavelmente teremos que ir ver o juiz segunda ou terça-feira, depois tudo estará acabado.

Ele estendeu a mão e apertei-a.

— Obrigado, Mick. Você é o melhor. Eu soube que tinha o melhor advogado quando consegui você.

Observei-o caminhar de volta através da praça e passar entre as duas cortes de justiça em direção ao estacionamento.

— É, sou o melhor — disse para mim mesmo.

Senti a presença de alguém, virei-me e vi um homem sentar-se no banco perto de mim. Ele virou-se, olhou para mim e nos reconhecemos ao mesmo tempo. Era Howard Kurlen, um detetive da Divisão de Homicídios de Van Nuys. Tínhamos batido de frente em alguns casos ao longo dos anos.

— Ora, ora, ora — disse Kurlen. — O orgulho da Ordem dos Advogados da Califórnia. Você não está falando sozinho, está?

— Talvez.

— Isso poderia ser ruim para um advogado, caso se espalhasse.

— Não estou preocupado. Como está indo, detetive?

Kurlen estava desembrulhando um sanduíche que tirara de uma sacola marrom.

— Dia atarefado. Almoço tardio.

Do invólucro surgiu um sanduíche de manteiga de amendoim. Havia uma camada de alguma coisa além da manteiga de amendoim, mas não era geleia. Não pude identificar a coisa. Olhei meu relógio. Ainda tinha alguns minutos antes de entrar na fila para os detectores de metal na entrada da corte, mas não estava certo se queria passá-los com Kurlen e seu sanduíche de aspecto horrível. Pensei em tocar no assunto do veredicto de Blake, esticando um pouco o papo para o DPLA, mas Kurlen foi mais rápido do que eu.

— Como está indo o meu homem Jesus? — perguntou o detetive.

Kurlen fora o detetive encarregado do caso Menendez. Tinha-o encalacrado tão firmemente que Menendez não teve escolha senão declarar-se culpado e esperar pelo melhor. Ainda continuava vivo.

— Não sei — respondi. — Nunca mais falei com Jesus.

— É, imagino que quando eles assumem a culpa e vão para o interior do estado não têm muita utilidade para você. Nenhum trabalho de apelação, nadinha.

Assenti. Todo tira olhava atravessado para advogados de defesa. Era como se eles acreditassem que suas ações e investigações estivessem além de questionamento ou reprovação. Não acreditavam num sistema de justiça baseado em análise e imparcialidade.

— Tal como você, imagino — eu disse. — É partir para o próximo. Espero que seu dia atarefado signifique que está trabalhando para me arranjar um novo cliente.

— Não vejo dessa maneira. Mas estava imaginando: você dorme bem à noite?

— E sabe o que eu estava imaginando? Que diabo de sanduíche é esse?

Ele mostrou o que restava do sanduíche.

— Manteiga de amendoim com sardinha. Um monte de boa proteína para eu aguentar mais um dia caçando marginais. Falando com eles, também. Mas você não respondeu à minha pergunta.

— Durmo muito bem, detetive. Sabe por quê? Porque represento uma parte importante do sistema. Uma parte necessária... tal como a sua parte. Quando alguém é acusado de um crime, surge a oportunidade de testar o sistema. Se eles querem fazer isso, me procuram. É tudo do que se trata. Quando você entende isso, não tem dificuldade em dormir.

— Boa história. Quando você fecha os olhos espero que acredite nisso.

— E quanto a você, detetive? Alguma vez você pôs a cabeça no travesseiro e imaginou se não matou gente inocente?

— Não — disse ele rapidamente, com a boca cheia de sanduíche. — Nunca aconteceu, nem irá.

— Deve ser ótimo ter tanta certeza.

— Um cara me disse uma vez que quando você chega ao fim de sua estrada tem de olhar para a pilha de lenha da comunidade e observar se acrescentou lenha a ela enquanto esteve lá ou se apenas tirou dela. Bem, eu acrescento lenha à pilha, Haller. Durmo bem à noite. Mas fico pensando sobre você e sua espécie. Vocês advogados são todos tomadores da pilha de lenha.

— Obrigado pelo sermão. Manterei isso em mente da próxima vez que cortar lenha.

— Você não gosta disso, então tenho uma piada para você. Qual é a diferença entre um bagre e um advogado de defesa?

— Hum, não sei, detetive.

— Um é um sugador de restos de comida do fundo e o outro é um peixe.

Ele riu ruidosamente. Levantei-me. Era hora de ir.

— Espero que você escove os dentes depois de comer uma coisa dessas — falei. — Eu não gostaria de ser o seu parceiro se não o fizesse.

Afastei-me, pensando acerca do que ele tinha dito sobre a pilha de lenha e sobre o que Sam Scales dissera sobre eu ser um trambiqueiro dentro da lei. Hoje eu estava ganhando porrada de todos os lados.

— Obrigado pela dica — gritou Kurlen atrás de mim.

CATORZE

Ted Minton tinha arranjado para nós discutirmos o caso Roulet em particular marcando nossa entrevista numa hora em que o comissário da promotoria com quem dividia o espaço tivesse uma audiência no tribunal. Minton encontrou-me na sala de espera e me fez entrar. Ele não parecia ter mais que trinta anos, mas tinha uma presença autoconfiante. Eu provavelmente o superava em dez anos e cem julgamentos, embora ele não mostrasse nenhum sinal de deferência ou respeito. Agia como se o encontro fosse uma amolação que ele tivesse de aturar. Isso era ótimo. Era o habitual. E punha mais gasolina no meu tanque.

Quando chegamos ao seu escritório pequeno e sem janelas, ofereceu-me a cadeira do seu parceiro de escritório e fechou a porta. Sentamos e nos entreolhamos. Deixei-o começar.

— Muito bem — disse ele. — Antes de mais nada queria conhecê-lo. Sou meio novo aqui no Valley e não conheço muitos membros da área da defesa. Sei que você é um daqueles caras que cobre todo o condado, mas nunca cruzamos um com o outro antes.

— Talvez seja porque você não trabalhou em muitos casos de delitos graves antes.

Ele sorriu e assentiu como se eu tivesse marcado algum tipo de ponto.

— Poderia ser verdade — disse ele. — De qualquer modo, quero lhe dizer: quando eu estava na faculdade de direito da Universidade do Sul da Califórnia li um livro sobre seu pai e os casos dele. Creio que chamava-se *Haller pela defesa*. Algo assim. Um sujeito interessante e uma época interessante.

Assenti de volta e repliquei:

— Ele morreu antes que eu realmente o conhecesse, mas havia uns poucos livros sobre ele, e li todos mais que umas poucas vezes. É provavelmente a razão por que estou fazendo isto agora.

— Deve ter sido duro, só vir a conhecer seu pai através de livros.

Dei de ombros. Não achava que Minton e eu precisávamos conhecer um ao outro tão bem, especialmente à luz do que eu estava prestes a fazer com ele.

— Acho que acontece — concluiu ele.

— É.

Ele uniu as mãos num gesto de vamos-passar-aos-negócios.

— Muito bem, então estamos aqui para falar de Louis Roulet, não é isso?

— Pronuncia-se *Ru-lê.*

— *Ruuu-lê.* Saquei. Então, vamos ver. Tenho algumas coisas para você aqui.

Ele girou no assento para ficar de frente para sua mesa. Pegou uma pasta fina, virou-se e a entregou a mim.

— Quero jogar limpo. Esta é a descoberta de última hora para você. Sei que não tenho que dá-la até depois da citação, mas, que diabo, vamos ser cordiais.

Pela minha experiência, quando promotores dizem que estão jogando limpo e sendo cordiais, então é bom ficar de pé atrás. Abanei-me com a pasta nas mãos e não cheguei a ler nada. A pasta que Levin coletara para mim era pelo menos quatro vezes mais grossa. Não estava emocionado porque Minton tinha tão pouco material. Desconfiava que ele estava me escondendo o jogo. Muitos promotores fazem você correr atrás da descoberta, tendo de solicitá-la repetidamente, a ponto de irem para o tribunal e se queixarem ao juiz quanto a isso. Mas Minton havia me passado casualmente pelo menos parte dela. Ou ele tinha mais a aprender do que eu imaginava acerca de acusações de delito grave ou havia alguma espécie de jogada aqui.

— Isto é tudo? — perguntei.

— Tudo o que consegui.

Era sempre assim. Se o promotor não tivesse nada, então ele podia protelar sua liberação para a defesa. Eu sabia por um fato — já tendo sido casado com uma promotora — que não era fora do comum um promotor dizer aos investigadores da polícia empenhados num caso para não se apressarem em reunir toda a papelada. Eles podiam então se voltar e dizer ao advogado de defesa que queriam jogar limpo e não passavam praticamente nada. As regras da descoberta eram com frequência chamadas pelos profissionais da defesa de regras da desonestidade. Isto, é claro, valendo para os dois lados. Descoberta era supostamente uma rua de mão-dupla.

— E você vai a julgamento com isso?

Agitei a pasta como se dissesse que seu conteúdo era tão frágil quanto o caso.

— Não estou preocupado com isso. Mas se você quiser falar sobre alguma disposição, ouvirei.

— Não, nada de disposição nisso. Estamos indo pro pau. Vamos abrir mão da preliminar e ir direto para o julgamento. Sem delongas.

— Ele não abriu mão muito rápido?

— Não. A gente obteve sessenta dias a partir da segunda-feira para entrar com uma petição ou calar.

Minton franziu os lábios como se o que eu acabara de lhe contar fosse apenas uma inconveniência e surpresa de pouca importância. Era uma boa cobertura. Eu sabia que tinha desferido um golpe certeiro.

— Bem, então acho que devíamos falar acerca de descoberta unilateral. O que você tem para mim?

Ele havia abandonado o tom agradável.

— Ainda estou reunindo — respondi. — Mas terei tudo na citação de segunda-feira. Mas a maior parte do que consegui já está provavelmente nesta pasta que você me deu, não acha?

— É muito provável.

— O que você tem é que a suposta vítima é uma prostituta que deu em cima do meu cliente, certo? E que ela continuou nessa linha de trabalho após o alegado incidente, certo?

A boca de Minton se abriu um pouco e depois fechou-se, mas isto era uma boa dica. Eu tinha lhe dado outra porrada firme. Mas agora ele se recuperou rapidamente.

— Na verdade — disse ele —, estou ciente da ocupação dela. Mas o que me surpreende é que você já esteja sabendo disso. Espero que não tenha ficado fungando no cangote de minha vítima, Sr. Haller.

— Pode me chamar de Mickey. E o que estou fazendo é o menor dos seus problemas. É melhor dar uma boa olhada neste caso, Ted. Sei que é novo em processos criminais e não quer dar vacilo com um perdedor como este aqui. Especialmente depois do fiasco de Blake. Mas este aqui é um cachorro e vai morder sua bunda.

— É mesmo? E como?

Olhei por trás de seus ombros para o computador sobre a mesa.

— Essa coisa passa DVDs?

Minton olhou para o computador. Parecia antigo.

— Deveria. O que conseguiu?

Percebi que lhe exibir o vídeo de vigilância do bar seria dar-lhe uma revelação antecipada do maior trunfo que eu tinha, mas confiava que, uma vez que o visse, não haveria citação na segunda-feira e nenhum caso. Minha função era neutralizar o caso e tirar meu cliente debaixo do peso do governo. Era assim que se fazia.

— Não juntei toda a minha descoberta, mas tenho isto — respondi.

Passei a Minton o DVD que obtivera anteriormente de Levin. O promotor o pôs no computador.

— Isto veio do bar no Morgan’s — contei-lhe enquanto ele tentava fazê-lo passar. — Seus caras nunca foram lá, mas o meu foi. Este vídeo é da noite do

domingo do suposto ataque.

— E isto poderia ter sido editado.

— Poderia, mas não foi. Você pode verificar. Meu investigador tem o original e direi a ele para disponibilizá-lo depois da citação.

Após algum tempo de esforço, Minton conseguiu colocar o DVD. Ele observou em silêncio e mostrei o código de tempo e todos os mesmos detalhes que Levin mostrara para mim, inclusive o Sr. X e sua canhotice. Minton acelerou a imagem conforme instruí e depois a colocou em câmera lenta para observar o momento em que Reggie Campo abordou meu cliente no bar. O rosto dele se franziu em concentração. Quando terminou, ele ejetou o DVD e o reteve.

— Posso ficar com este até obter o original?

— À vontade.

Minton pôs o DVD de volta em sua caixa e colocou-o sobre uma pilha de pastas em sua mesa.

— Muito bem, o que mais? — perguntou.

Agora foi minha boca que se abriu.

— O que quer dizer com o que mais? Isso já não é o bastante?

— Bastante para o quê?

— Olhe, Ted, por que não paramos com essa conversa fiada?

— Por favor, faça isto.

— Do que estamos falando aqui? Esse vídeo arrasa com o caso. Vamos esquecer esse negócio de citação e julgamento e entrar no tribunal na próxima semana com uma moção conjunta para desistir. Quero isto descartado, abrindo mão de tudo, Ted. Não voltar para meu cliente se alguém aqui decidir mudar de ideia.

Minton sorriu e sacudiu a cabeça.

— Não se pode fazer isto, Mickey. Esta mulher sofreu graves lesões corporais. Ela foi agredida por um animal e não vou desistir de nada contra...

— Graves lesões? Ela esteve fazendo armações de novo toda a semana. Você...

— Como sabe disso?

Sacudi a cabeça.

— Cara, estou tentando ajudar você aqui, salvá-lo de algum embaraço, e tudo com que se preocupa é se ultrapassei algum limite com a vítima. Bem, tenho novidades para você. Ela não é a vítima. Não vê o que tem aqui? Se isto chegar a um júri e eles assistirem ao DVD, todos os pratos caem, Ted. Seu caso está acabado e vai ter de voltar aqui e explicar ao seu chefe Smithson por que não viu isto chegando. Não conheço Smithson muito bem, mas sei de uma coisa

sobre ele. Não gosta de perder. E depois do que aconteceu ontem, eu diria que ele se sente um pouco mais insistente a respeito disso.

— Prostitutas podem ser vítimas também. Mesmo amadoras.

Sacudi a cabeça. Decidi exibir meu trunfo.

— Ela armou para cima dele — revelei. — Sabia que tinha grana e preparou uma armadilha. Ela quer processá-lo e faturar em cima disso. Ou ela se autolesionou ou pediu ao namorado do bar, o homem canhoto, para fazer isso. Nenhum júri do mundo vai comprar o que você está vendendo. Sangue na mão ou impressões digitais no canivete... foi tudo encenado depois que ele foi nocauteado.

Minton assentiu como se acompanhasse a lógica, mas então tirou um ás da manga.

— Estou preocupado que você esteja tentando intimidar minha vítima, mandando segui-la e perturbando-a.

— O quê?!

— Você conhece o regulamento. Deixe a vítima em paz ou iremos nos queixar com um juiz.

Sacudi a cabeça e abri os braços.

— Está ouvindo alguma coisa do que estou dizendo aqui?

— Sim, ouvi tudo e isso não altera o rumo que estou tomando. Mas tenho uma proposta para você, e só valerá até a citação de segunda-feira. Depois disso, encerram-se as apostas. Seu cliente assume seus riscos com um juiz e um júri. E não estou intimidado por você ou pelos sessenta dias. Estarei pronto e à espera.

Senti-me como se estivesse debaixo d’água e tudo que eu disse estivesse preso em bolhas carregadas pelo vento e indo embora. Ninguém podia me ouvir corretamente. A seguir percebi que havia alguma coisa que eu estava deixando escapar. Algo importante. Não importava o quão inexperiente Minton fosse, ele não era nada bobo, e eu havia erroneamente achado que ele estava agindo de modo idiota. A promotoria do condado de Los Angeles recrutava alguns dos melhores das melhores faculdades de direito. Ele já havia mencionado a Universidade do Sul da Califórnia, e eu sabia que era uma faculdade de direito que formava advogados de primeira. Era apenas uma questão de experiência. Minton poderia carecer de experiência, mas isso não significava que fosse curto de informação jurídica. Percebi que deveria estar olhando para mim mesmo, não para Minton, para compreender.

— O que estou deixando escapar aqui? — perguntei.

— Não sei — disse Minton. — Você é o maioral da defesa. O que poderia estar deixando escapar?

Olhei para ele por um momento e em seguida eu soube. Havia uma falha na descoberta. Havia alguma coisa nesta pasta fina que não constava naquela grossa que Levin tinha coletado. Algo que faria a acusação deixar passar o fato de que Reggie estava se prostituindo. Minton até já me tinha dito: *Prostitutas também podem ser vítimas.*

Eu queria parar tudo e examinar a pasta de descobertas da acusação para comparar com tudo o que eu já sabia sobre o caso. Mas não podia fazer isso agora, na frente dele.

— OK — falei. — Qual é sua proposta? Meu cliente não vai aceitar, mas irei apresentá-la.

— Bem, ele vai pegar algum tempo de prisão. Isso é dado como certo. Estamos dispostos a retirar tudo para uma agressão com arma letal e tentativa de estupro. Iremos para o meio da pauta, que o coloca mais ou menos na faixa de sete anos.

Assenti. Agressão com arma letal e tentativa de estupro. Uma sentença de sete anos equivaleria na verdade a quatro anos. Não era uma proposta ruim, mas só do ponto de vista de que Roulet houvesse cometido o crime. Se ele era inocente, então nenhuma proposta era aceitável.

Dei de ombros.

— Levarei isso a ele — eu disse.

— Lembre-se, é só até a citação. Portanto, se ele aceitar, é melhor você me ligar bem cedo na segunda-feira.

— Certo.

Fechei minha maleta e me levantei para ir embora. Estava pensando em como Roulet estaria aguardando um telefonema meu, dizendo que o pesadelo estava encerrado. Em vez disso, eu estaria lhe apresentando um acordo de sete anos.

Minton e eu trocamos um aperto de mão, eu disse que ligaria para ele e a seguir saí. No corredor rumo à área de recepção parei para ver Maggie McPherson.

— Hayley teve um sábado feliz — disse ela sobre nossa filha. — Ela continua falando nisso. Disse que você também vai encontrá-la neste fim de semana.

— É, se estiver tudo bem.

— Você está bem? Parece aturdido.

— Foi uma semana dura. Estou feliz por não ter nada agendado amanhã. O que é melhor para Hayley? Sábado ou domingo?

— Tanto faz. Esteve reunido com Ted a respeito do caso Roulet?

— Sim. Aceitei a proposta dele.

Levantei a maleta para mostrar que estava levando comigo a proposta de apelo da acusação.

— Agora vou ter que tentar vendê-la — acrescentei. — Vai ser difícil. O cara diz que é inocente.

— Sempre achei que todos diziam isso.

— Não como este cara.

— Bem, boa sorte.

— Obrigado.

Seguimos caminhos opostos no corredor quando então me lembrei de algo e gritei para ela:

— Ei, feliz Dia de São Patrício.

— Oh.

Ela deu meia-volta e veio em minha direção.

— Stacey vai ficar mais duas horas com Hayley e nossa patota vai para o Four Green Fields depois do expediente. Gostaria de um canecão de cerveja irlandesa?

O Four Green Fields era um pub irlandês não muito longe do Centro Cívico. Era frequentado por advogados de ambos os lados da barra do tribunal. Animosidades eram postas de lado sob o sabor de uma Guinness em temperatura ambiente.

— Não sei — respondi. — Acho que tenho de subir a colina para ver meu cliente. Mas nunca se sabe. De repente apareço lá.

— Bem, só fico até as oito e depois tenho de ir para liberar Stacey.

— Tudo bem.

Nos despedimos de novo e saí do tribunal. O banco onde eu me sentara com Roulet e depois com Kurlen estava vazio. Sentei-me, abri a maleta e tirei a pasta de descoberta que Minton me dera. Folheei relatórios dos quais já obtivera cópias por meio de Levin. Parecia não haver nada novo até que deparei com um relatório de análise comparativa de impressões digitais confirmando o que tínhamos achado o tempo todo: as impressões digitais sangrentas no canivete pertenciam ao meu cliente, Louis Roulet.

Ainda assim não era o bastante para justificar a conduta de Minton. Continuei olhando e então descobri a razão no relatório de análise da arma. O relatório que eu obtivera de Levin era completamente diferente, como se proveniente de outro caso e de outra arma. Enquanto o lia rapidamente, senti a transpiração ensopar meu cabelo. Eu havia sido enrolado. Tinha me sentido embaraçado na reunião com Minton e, pior ainda, lhe dera a dica antecipada para meu trunfo. Ele tinha o DVD do Morgan’s e dispunha de todo o tempo necessário para editá-lo para a corte.

Finalmente, fechei a pasta e peguei meu celular. Levin atendeu depois de dois toques.

— Como está indo? — perguntou ele. — Bônus para todo mundo?

— Não inteiramente. Sabe onde fica o escritório de Roulet?

— Sim, na Canon, em Beverly Hills. Consegui o endereço certo na pasta.

— Encontre-me lá.

— Agora?

— Estarei lá em meia hora.

Apertei o botão, encerrando a chamada sem maiores discussões, e depois liguei para Earl. Ele devia estar com os fones do iPod nos ouvidos, porque só atendeu ao sétimo toque.

— Venha me buscar — falei. — Vamos subir a colina.

Fechei o celular e levantei-me do banco. Caminhando em direção à abertura entre os dois tribunais e o local onde Earl me pegaria, fiquei furioso. Com Roulet, com Levin, e principalmente comigo mesmo. Mas também estava ciente do lado positivo disso. A única certeza agora era que o caso classe A — e o pagamento classe A que viria com ele — estava de pé. O caso se manteria em julgamento, a não ser que Roulet aceitasse a proposta da acusação. E eu achava que as chances eram as mesmas do que nevar em Los Angeles. Poderia acontecer, mas eu só acreditaria se visse com meus próprios olhos.

QUINZE

Quando os ricos em Beverly Hills queriam esbanjar pequenas fortunas em roupas e joias, eles iam até Rodeo Drive. Quando queriam esbanjar fortunas maiores em casas e condomínios, caminhavam alguns quarteirões até Canon Drive, onde as imobiliárias de alta classe se situavam, as fotografias dos seus imóveis de milhões de dólares apresentadas no showroom em ornamentadas molduras douradas, como se fossem Picassos e Van Goghs. Foi onde encontrei a Windsor Residential Estates e Louis Roulet na tarde de quinta-feira.

Na hora em que cheguei lá, Raul Levin já estava à espera — e quero dizer à espera mesmo. Ele tinha sido mantido no showroom com uma garrafa de água mineral enquanto Louis trabalhava ao telefone no seu escritório privativo. A recepcionista, uma loura exageradamente bronzeada com um corte de cabelo que pendia de um lado de seu rosto como uma foice, me disse que só demoraria mais alguns minutos e então ambos poderíamos entrar. Assenti e me afastei da mesa.

— Quer me contar o que está acontecendo? — perguntou Levin.

— Você vai saber, quando estivermos lá com ele.

O showroom era alinhado dos dois lados com arames de aço que corriam do teto ao chão e nos quais estavam presas molduras de 20 x 25 cm contendo as fotos e descrições das propriedades postas à venda. Agindo como se estivesse examinando a fileira de casas que eu não poderia comprar nem em cem anos, fui andando na direção do corredor ao fundo que levava aos escritórios. Quando cheguei lá, notei uma porta aberta e ouvi a voz de Louis Roulet. Soava como se estivesse combinando mostrar uma mansão em Mulholland Drive a uma cliente que disse, do outro lado da linha, querer manter seu nome em sigilo. Olhei para Levin, que ainda estava na frente do showroom.

— Isso é uma babaquice — murmurei e fiz sinal para ele.

Desci o corredor e entrei no suntuoso escritório de Roulet. Havia a inevitável mesa abarrotada de papéis e catálogos. Mas Roulet não estava nela. Estava numa área de sentar à direita da escrivaninha, esparramado num sofá com um cigarro numa das mãos e o telefone na outra. Pareceu chocado ao me ver e pensei que talvez a recepcionista não lhe tivesse avisado que havia visitantes.

Levin entrou no escritório atrás de mim, seguido pela recepcionista, o cabelo em forma de foice balançando para um lado e outro enquanto tentava emparelhar conosco. Fiquei com medo que a foice pudesse decepar o seu nariz.

— Sr. Roulet, desculpe, mas estes homens simplesmente foram entrando.

— Lisa, preciso desligar — disse Roulet ao telefone. — Ligarei de volta para você.

Ele pôs o fone no gancho sobre a mesinha de centro com tampo de vidro.

— Está tudo bem, Robin — disse ele. — Pode ir agora.

Roulet fez um gesto de dispensa com as costas da mão. Robin olhou para mim como se eu fosse o trigo que ela queria cortar com aquela lâmina loura e a seguir deixou a sala. Fechei a porta e olhei de volta para Roulet.

— O que aconteceu? — disse ele. — Está encerrado?

— Não por um bom tempo — falei.

Eu estava com a pasta de descobertas da acusação. O relatório da arma estava na frente e no centro. Adiantei-me e joguei a pasta sobre a mesinha de centro.

— Só fui bem-sucedido em ficar embaraçado diante da promotoria. O caso contra você continua e provavelmente vamos ter que ir a júri.

O rosto de Roulet caiu.

— Não entendo — replicou. — Você disse que ia mostrar àquele babaca como a banda toca.

— Acontece que o único que não sabia tocar lá era eu. Porque, mais uma vez, você não se nivelou comigo. — Depois, virando-me para Levin, completei: — E porque você nos botou numa arapuca.

Roulet abriu a pasta. Na primeira página havia a foto colorida de um canivete com sangue no seu cabo preto e na ponta da lâmina. Não era o mesmo canivete que foi xerocado nos registros que Levin obtivera de suas fontes na polícia e que ele nos mostrara na reunião no escritório de Dobbs, no primeiro dia do caso.

— Que diabo é isso? — disse Levin, examinando a foto.

— É um canivete. O autêntico, aquele que Roulet levava quando foi ao apartamento de Reggie Campo. Aquele com o sangue dela e as *iniciais* dele.

Levin sentou-se no sofá do lado oposto de Roulet. Continuei de pé e ambos olharam para mim. Comecei com Levin.

— Fui ver o promotor disposto a chutar-lhe o rabo e ele é que acabou chutando o meu com isso. Quem é sua fonte, Raul? Porque ela lhe deu uma carta marcada.

— Espere aí, espere aí. Isso não...

— Não, espere aí você. O relatório que você conseguiu, sendo não rastreável, era falso. Foi colocado lá para nos ferrar, nos enganar, e funcionou

perfeitamente, porque fiquei me exibindo lá achando que não perderia o dia e simplesmente dei a ele o DVD do Morgan's. Saí de lá como se isso fosse bater o martelo. Só que não bateu, merda!

— Foi o mensageiro — disse Levin.

— O quê?

— O mensageiro. O cara que transporta os relatórios entre a delegacia de polícia e a promotoria. Eu digo a ele em que casos estou interessado e ele tira cópias para mim.

— Bem, eles o enrabaram e funcionou perfeitamente. É melhor você ligar para este mensageiro e dizer que, se ele precisar de um bom advogado de defesa, não estou disponível.

Percebi que estava andando para lá e para cá diante deles sentados no sofá, mas não parei.

— E você — dirigi-me a Roulet. — Agora que tenho o autêntico relatório da arma, descubro não só que o canivete foi feito por encomenda como também é rastreável diretamente a você porque tem a porra das suas iniciais nele! Você mentiu de novo!

— Eu não menti! — gritou Roulet de volta. — Tentei lhe dizer. Disse que não era meu canivete. Disse duas vezes, mas ninguém me ouviu.

— Então você devia ter esclarecido o que queria dizer. Simplesmente dizer que não era o seu canivete foi como dizer que você era inocente. Deveria ter dito: "Ei, Mick, poderia haver um problema com o canivete porque eu tinha um, mas não é esse que está na foto." O que você pensou, que isso simplesmente não seria notado?

— Por favor, baixe a voz — protestou Roulet. — Pode haver clientes lá fora.

— Não estou nem aí. Fodam-se os seus clientes! Lá para onde está indo não vai mais precisar de clientes. Não vê que este canivete derruba tudo que conseguimos? Você levou uma arma de assassinato para um encontro com uma prostituta. O canivete não foi plantado. Ele era seu. E isso significa que não temos mais a armação. Como iremos alegar que ela armou para cima de você quando o promotor pode provar que estava de posse deste canivete ao cruzar a porta?

Ele não respondeu, mas não lhe dei tempo bastante para isso.

— Você fez isso e eles o pegaram — continuei, apontando para ele. — Não é de admirar que eles não se incomodassem com qualquer investigação de acompanhamento no bar. Nenhum acompanhamento era necessário quando conseguiram o *seu* canivete e *suas* impressões digitais no sangue que está nele.

— Eu não fiz isso! É uma armação. Estou LHE DIZENDO! Foi...

— Quem está gritando agora? Olhe, não me importo com o que está me dizendo. Não posso lidar com um cliente que não se nivela, que não vê a vantagem em dizer ao próprio advogado o que está acontecendo. Assim, a promotoria lhe fez uma proposta e acho que seria melhor aceitá-la.

Roulet sentou-se ereto e pegou o maço de cigarros na mesa. Tirou um cigarro e o acendeu na ponta daquele que já estava terminando.

— Não vou me declarar culpado por algo que não fiz — disse ele, sua voz de súbito calma depois de uma profunda tragada.

— Sete anos. Você estará fora em quatro. Tem até a hora da corte na segunda-feira e depois já era. Pense a respeito e depois me diga se quer fazer isso.

— Não vou aceitar. Não fiz nada disso, e se você não quiser levar o caso para julgamento, então encontrarei alguém que o faça.

Levin estava segurando a pasta de descoberta. Estendi o braço e a tomei rudemente das suas mãos, de modo que pudesse ler direto do relatório da arma.

— Você não fez isso? — eu disse para Roulet. — OK, se não o fez, se importaria em me dizer por que foi ver esta prostituta com um canivete Black Ninja feito de encomenda com uma lâmina de 12 centímetros, completa, com suas iniciais gravadas não uma, mas duas vezes em ambos os lados da lâmina?

Tendo acabado de ler o relatório, joguei-o de volta para Levin. Ele passou por suas mãos e bateu contra seu peito.

— Porque sempre andei com ele!

A força da resposta de Roulet silenciou a sala. Medi passos mais uma vez, olhando para ele.

— Você sempre andou com ele — falei, não como uma pergunta.

— Isso mesmo. Sou um corretor de imóveis. Dirijo automóveis caros. Uso joias caras. E com frequência me encontro com estranhos sozinho em casas vazias.

Mais uma vez ele me deu uma pausa. Por mais irado que eu estivesse, ainda conhecia um lampejo quando via um. Levin inclinou-se à frente e olhou para Roulet e depois para mim. Ele viu o lampejo também.

— Do que está falando? — repliquei. — Você vende casas para pessoas ricas.

— Como se vai saber se são ricas, quando elas telefonam e dizem que querem ver uma casa?

Abri os braços, confuso.

— Você deve ter algum tipo de sistema para checá-las, certo?

— Claro, podemos passar um relatório de crédito e podemos pedir referências. Mas ainda assim isto perde para o que eles nos oferecem e esse tipo

de gente não gosta de esperar. Quando cismam de ver uma propriedade, querem vê-la imediatamente. Há um monte de corretores na área. Se você não agir com rapidez, haverá mais alguém que o fará.

Assenti. O lampejo estava ficando mais brilhante. Poderia haver alguma coisa aqui com que eu pudesse trabalhar.

— Aconteceram assassinatos, sabia? — disse Roulet. — Ao longo dos anos. Todo corretor sabe que existe perigo quando se vai a um desses lugares sozinho. Durante um tempo houve um cara por aí que chamavam de Estuprador Imobiliário. Ele atacava e roubava mulheres em casas vazias. Minha mãe...

Ele não terminou. Esperei. Nada.

— O que houve com sua mãe?

Roulet hesitou antes de responder.

— Ela estava mostrando uma propriedade em Bel-Air. Estava sozinha e pensava estar a salvo porque era Bel-Air. O homem a estuprou e a deixou amarrada. Como ela não voltou para o escritório, fui até a casa e a encontrei.

Os olhos de Roulet estavam fixados na lembrança.

— Há quanto tempo foi isso? — perguntei.

— Faz uns quatro anos. Ela parou de vender depois disso. Só fica no escritório e nunca mais mostrou outro imóvel. Eu fazia a venda. E foi quando e por que arranjei o canivete. Eu o tinha há quatro anos e o carregava para toda parte, exceto nos aviões. Estava no meu bolso quando fui àquele apartamento. Não pensava a respeito.

Deixei-me cair na cadeira da mesa em frente ao sofá. Minha mente trabalhava. Tentava ver como isso poderia funcionar. Era ainda uma defesa que confiava na coincidência. Roulet foi enrolado por Campo e a armação foi ajudada coincidentemente quando ela encontrou o canivete com ele após nocauteá-lo. Poderia funcionar.

— Sua mãe deu parte à polícia? Houve uma investigação?

Roulet sacudiu a cabeça enquanto amassava seu cigarro no cinzeiro.

— Não, ela ficou muito embaraçada. Tinha medo que pudesse sair nos jornais.

— Quem mais sabe disso? — perguntei.

— Hã... eu... e Cecil, tenho certeza de que ele sabe. Provavelmente ninguém mais. Você não pode usar isso. Ela iria...

— Não vou usar sem a permissão dela — repliquei. — Mas poderia ser importante. Terei que falar com ela a respeito.

— Não, não quero que você...

— Sua vida e sua profissão estão em jogo aqui, Louis. Você vai para a prisão se não fizer isso. Não se preocupe com sua mãe. Uma mãe sempre fará o que

tem de fazer para proteger o filho.

Roulet baixou a vista e sacudiu a cabeça.

— Não sei... — disse.

Expirei, tentando liberar toda a minha tensão. O desastre podia ter sido evitado.

— Só sei de uma coisa — concluí. — Vou voltar à promotoria e recusar o acordo. Iremos a julgamento e assumiremos nossos riscos.

DEZESSEIS

Os golpes continuavam chegando. Eu só cuidaria do caso da acusação depois que deixasse Earl no estacionamento onde ele guardava seu carro a cada manhã e eu dirigisse o Lincoln de volta a Van Nuys e ao Four Green Fields. Era um bar badalado no Victory Boulevard — talvez fosse por isso que os advogados gostavam do lugar — com o balcão do bar correndo do lado esquerdo e uma fileira de cabines de madeira à direita. Estava lotado como só um bar irlandês estaria na noite do Dia de São Patrício. Meu palpite era de que havia ainda mais gente que nos anos anteriores devido ao fato de que o feriado dos bebedores caiu na quinta-feira e muitos farristas estavam enforcando a sexta para curtir um longo fim de semana. Eu havia me certificado de que minha agenda estivesse vaga na sexta, pois sempre folgava no dia seguinte ao de São Patrício.

Enquanto começava a abrir caminho entre a massa à procura de Maggie McPherson, a solicitada "Danny Boy" começou a tocar ruidosamente da vitrola automática nos fundos. Mas era uma versão punk rock do início dos anos 1980 e sua batida impulsiva obliterava qualquer chance que eu tivesse de ouvir alguma coisa. Foi então que notei rostos familiares, disse olá e perguntei se tinham visto minha ex-mulher. Os pequenos retalhos de conversa que entreouvia pareciam ser todos sobre Robert Blake e o atordoante veredicto proferido na véspera.

Esbarrei com Robert Gillen na multidão. O videoperador pôs a mão no bolso, tirou quatro notas estalantes de cem dólares e me entregou. As notas eram provavelmente quatro das dez originais que eu lhe pagara duas semanas antes no tribunal de Van Nuys, enquanto tentava impressionar Cecil Dobbs com minhas habilidades de manipulação da mídia. Eu já tinha posto os mil dólares na conta de Roulet. Os quatrocentos eram lucro.

— Imaginei que o encontraria por aqui — gritou ele no meu ouvido.

— Obrigado, Sticks — respondi. — Irei direto pagar minha conta no bar.

Ele riu. Olhei para a multidão atrás dele procurando minha ex-mulher.

— Até mais ver, meu chapa — disse ele.

Ele deu um tapinha no meu ombro enquanto eu me espremia para passar por ele e abria caminho. Finalmente achei Maggie na última cabine nos fundos. Estava repleta com seis mulheres, todas promotoras ou secretárias do escritório

de Van Nuys. A maioria eu conhecia pelo menos de passagem, mas a cena era esquisita, pois tive que ficar de pé e gritar acima do ruído da música e da multidão. Além do fato de elas serem promotoras e me enxergarem como tendo parte com o demônio. Elas tinham dois baldes de cerveja Guinness sobre a mesa e um ainda estava cheio. Porém minhas chances de atravessar a multidão até o balcão para pegar um copo eram mínimas. Maggie notou meu apuro e ofereceu-se para partilhar seu copo comigo.

— Está tudo bem — gritou ela. — Já misturamos saliva antes.

Sorri e sabia que os dois baldes na mesa não tinham sido os dois primeiros. Tomei um gole prolongado e achei bom. A Guinness sempre me reanimava.

Maggie estava no meio do lado esquerdo da cabine entre duas jovens promotoras que eu sabia serem suas protegidas. Na divisão de Van Nuys, muitas das mulheres mais jovens gravitavam em torno de minha ex-mulher porque o homem que chefiava, Smithson, rodeava-se de promotores como Minton.

Ainda de pé ao lado da cabine, ergui o copo para brindá-la, mas Maggie não pôde retribuir porque eu estava usando o copo dela. Então esticou o braço e ergueu o balde.

— À nossa!

Ela não chegou ao ponto de beber do balde. Depositou-o na mesa e sussurrou para a mulher do lado externo da cabine. Ela se levantou e deixou Maggie sair. Minha ex-mulher levantou-se, beijou-me na face e disse:

— É sempre mais fácil para uma dama obter um copo nessas situações.

— Especialmente damas bonitas — comentei.

Ela me lançou um daqueles seus olhares e virou-se para a multidão que se aglomerava entre nós e o balcão. Ela assobiou com estridência e chamou a atenção de um dos rapazes irlandeses de puro-sangue que trabalhavam nas chopeiras e podiam esboçar uma harpa, um anjo ou uma mulher nua na espuma acumulada na borda do copo.

— Preciso de um canecão — gritou ela.

O atendente teve que ler seus lábios. E como uma adolescente sendo passada por cima das cabeças da multidão num show do Pearl Jam, um copo limpo fez seu caminho até nós passando de mão em mão. Ela o encheu do balde mais novo sobre a mesa da cabine e fizemos tintim.

— Então — disse ela —, está se sentindo um pouco melhor do que quando o vi hoje?

Assenti.

— Um pouco.

— Minton enrolou você?

Assenti de novo.

— Ele *e* os tiras.

— Com aquele tal de Corliss? Eu lhes disse que ele era cheio de merda. Todos eles são.

Não respondi e tentei agir como se o que ela acabara de dizer não fosse novidade para mim e que Corliss era um nome que eu já conhecesse. Tomei um longo e demorado gole do meu copo.

— Acho que eu não deveria ter dito isso — continuou ela. — Mas minha opinião não importa. Se Minton é tolo o bastante para usá-lo, então você vai cortar a cabeça do cara, tenho certeza.

Imaginei que ela estivesse falando de uma testemunha. Mas não tinha visto nada em minha revisão da pasta de descoberta que mencionasse uma testemunha chamada Corliss. O fato de ser uma testemunha na qual ela não confiava levou-me a acreditar que Corliss fosse um dedo-duro. Mais provavelmente um dedo-duro de prisão.

— Como soube sobre ele? — perguntei finalmente. — Minton lhe falou a respeito dele?

— Não, eu é que o mandei para Minton. Não importa o que eu pense sobre o que ele disse, era meu dever enviá-lo para o promotor certo e coube a Minton avaliá-lo.

— O que quero dizer é: por que ele a procurou?

Ela franziu o cenho para mim porque a resposta era óbvia demais.

— Porque cuidei da primeira aparição. Ele estava lá no cercado. Pensou que o caso ainda era meu.

Agora entendi. Corliss era um *C*. Roulet foi tirado da ordem alfabética e chamado primeiro. Corliss devia ter estado no grupo de reclusos levados ao tribunal com Roulet. Ele nos vira argumentando sobre a fiança de Louis. Ele então pensou que ela ainda estava no caso. Devia ter feito uma ligação de deduragem para ela.

— Quando ele ligou para você? — perguntei.

— Estou lhe contando demais, Haller. Eu não...

— Apenas me diga quando ele ligou. Aquela audiência foi numa segunda-feira, portanto foi mais tarde naquele dia?

O caso não chamou muita atenção dos jornais nem da TV. Então fiquei curioso sobre onde Corliss obtivera a informação que queria negociar com os promotores. Tive de presumir que não veio de Roulet. Eu estava inteiramente certo de tê-lo assustado para ficar calado. Sem um ponto de informação da mídia, Corliss teria ficado com a informação coletada no tribunal quando as acusações foram lidas e Maggie e eu discutimos a fiança.

Era suficiente, me dei conta. Maggie tinha sido específica em detalhar as lesões sofridas por Regina Campo enquanto tentava impressionar o juiz a manter Roulet detido e sem fiança. Se Corliss tivesse estado no tribunal, teria tido acesso a todos os detalhes de que necessitaria para fabricar uma confissão de cadeia do meu cliente. Acrescente a isso sua proximidade com Roulet e nasce então a deduragem prisional.

— Sim, ele me ligou mais tarde na segunda — respondeu Maggie por fim.

— Então por que você achou que ele estava cheio de merda? Ele já fez isso antes, não fez? O cara é um dedo-duro profissional, certo?

Eu estava jogando a isca e ela sabia disso. Balançou a cabeça.

— Estou certa de que você descobrirá tudo que precisa saber durante a investigação. Não podemos simplesmente tomar cerveja numa boa aqui? Tenho que ir embora dentro de uma hora.

Assenti, mas queria saber mais.

— Deixe disso. Você provavelmente já tomou cerveja suficiente para um Dia de São Patrício. Que tal sairmos daqui e procurar alguma coisa para comer?

— Por quê? Para você continuar a me fazer perguntas a respeito do seu caso?

— Não, para que possamos falar sobre a nossa filha.

Seus olhos se estreitaram.

— Alguma coisa errada? — perguntou Maggie.

— Não que eu saiba. Mas quero conversar com você sobre ela.

— Vai me levar para jantar onde?

Mencionei um caro restaurante italiano no Ventura Boulevard em Sherman Oaks e os olhos dela se aqueceram. Era um lugar onde fomos comemorar aniversários e a gravidez dela. Nosso apartamento, que ela ainda tinha, ficava a poucos quarteirões, na Dickens.

— Acha que podemos comer lá em uma hora? — perguntou ela.

— Se sairmos agora e fizermos os pedidos rápido.

— Tem razão. Deixe-me apenas dar alguns tchaus.

— Eu dirijo.

E foi uma boa coisa eu dirigir, porque ela estava meio de pilequinho. Tivemos que caminhar devagar até o Lincoln e depois a ajudei a entrar.

Tomei Van Nuys sul para o Ventura. Após alguns momentos Maggie procurou debaixo de suas pernas e puxou um CD sobre o qual estivera desconfortavelmente sentada. Era de Earl. Um dos CDs que ele ouvia no estéreo do carro quando eu estava no tribunal. Isso poupava a bateria do seu iPod. O CD era de um cantor pornográfico do sul chamado Ludacris.

— Não admira que eu estivesse tão desconfortável — disse ela. — É isso que você anda ouvindo enquanto dirige de um tribunal para outro?

— Na verdade, não. É de Earl, que tem sido meu chofer ultimamente. Ludacris não faz mesmo o meu gosto. Sou mais para um cara da velha escola. Tupac e Dre, gente assim.

Ela riu porque achou que eu estava brincando. Poucos minutos depois, descemos a estreita alameda que levava à porta do restaurante. Um manobrista pegou o carro e entramos. A recepcionista nos reconheceu e agiu como se fizesse apenas duas semanas desde a última vez em que estivemos ali. Na verdade, provavelmente ambos fôramos lá recentemente, só que com parceiros diferentes.

Pedi uma garrafa de Singe Shiraz e escolhemos pratos de massa sem olhar para o cardápio. Dispensamos saladas e antepastos e pedi ao garçom para apressar a refeição. Depois que ele se foi, consultei o relógio e vi que ainda tínhamos quarenta minutos. Tempo de sobra.

A Guinness estava fazendo efeito sobre Maggie. Ela sorria de uma maneira meio fragmentada que me dizia que estava bêbada. Lindamente bêbada. Ela nunca ficava má sob o efeito de um porre. Sempre se tornava mais doce. Foi provavelmente assim que acabamos tendo uma filha.

— Talvez você devesse evitar o vinho — avisei a ela. — Ou terá dor de cabeça amanhã.

— Não se preocupe comigo. Beberei o que quiser e evitarei o que quiser.

Ela sorriu para mim e retribuí.

— E então, como vai você, Haller? Quero dizer, de verdade.

— Ótimo. E você? Quero dizer, de verdade.

— Melhor do que nunca. Está separado de Lorna agora?

— Sim, somos até amigos.

— E o que somos nós?

— Não sei. Às vezes adversários, acho.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não podemos ser adversários se não podemos permanecer no mesmo caso juntos. Além disso, estou sempre cuidando de você. Como com aquele escroto do Corliss.

— Obrigado por tentar, mas mesmo assim ele causou o estrago.

— Simplesmente não tenho nenhum respeito por um promotor que usaria um alcaguete de prisão, mesmo que seu cliente seja um escroto ainda maior.

— Ele não contou exatamente o que Corliss disse que meu cliente disse.

— Do que está falando?

— Ele só me disse que tinha um dedo-duro. Não revelou o que ele contou.

— Isso não é justo.

— Foi o que eu disse. É uma questão de descoberta, mas só teremos um juiz designado depois da citação de segunda-feira. Portanto, ainda não há ninguém a

quem eu realmente possa me queixar. E Minton sabe disso. É como você me avisou. Ele não joga limpo.

Suas faces enrubesceram. Eu tinha premido os botões certos e ela estava furiosa. Para Maggie, vencer limpamente era o único meio de vencer. Por isso é que ela era uma boa promotora.

Estávamos sentados ao final de um jirau que corria ao longo da parede dos fundos do restaurante, em ambos os lados de um canto. Maggie inclinou-se tanto em minha direção que quase batemos de cabeça. Ela riu, mas depois tentou de novo. Falou em voz baixa.

— Ele disse que perguntou ao seu cliente por que ele estava naquela fria e que seu cliente respondeu: "Por dar a uma puta exatamente o que ela merecia." Ele disse que seu cliente revelou que lhe deu um soco tão logo ela abriu a porta.

Ela se recostou e eu poderia dizer que se moveu rápido demais, quase causando um desfalecer de vertigem.

— Você está bem?

— Sim, mas podemos mudar de assunto? Não quero mais falar sobre trabalho. Há gente escrota demais e isto é muito frustrante.

— Claro.

Foi então que o garçom chegou com nosso vinho e nosso jantar ao mesmo tempo. O vinho estava bom e a comida parecia caseira. Começamos a comer em silêncio. Então Maggie me atingiu de modo totalmente inesperado.

— Você não sabia nada sobre Corliss, sabia? Não até que eu abrisse minha boca grande.

— Eu sabia que Minton estava escondendo alguma coisa. Pensei que fosse uma prisão...

— Besteira. Você me embebedou para descobrir o que eu sabia.

— Epa, acho que você já estava bêbada quando a peguei esta noite.

Ela pairava com seu garfo sobre o prato, uma comprida fieira de linguine com molho pesto pendendo dele. Ela então apontou o garfo para mim.

— Ponto para você. E quanto à nossa filha?

Eu não esperava que ela se lembrasse disso. Dei de ombros.

— Achei que o que você disse na semana passada está certo. Ela precisa mais do pai em sua vida.

— E?

— E quero representar um papel maior. Gosto de observá-la. Como quando a levei ao cinema no sábado. Fiquei meio sentado de lado de modo que pude observá-la vendo o filme. Observar seus olhos, entende?

— Bem-vindo ao clube.

— Então eu não sei. Estava pensando que podíamos talvez montar um esquema, sabe? Fazer algo regular. Ela poderia até passar a noite às vezes... isto é, se ela quisesse.

— Tem certeza de tudo isso? É novidade, partindo de você.

— É porque não sabia disso antes. Quando era pequena e eu não podia realmente me comunicar com ela, ficava meio perdido. Sentia-me desajeitado. Agora, não. Gosto de falar com ela. Estar com ela. Aprendo mais com ela do que ela comigo, com certeza.

De repente senti a mão dela na minha perna debaixo da mesa.

— Isso é ótimo — disse ela. — Estou muito feliz em ouvi-lo dizer isso. Mas vamos devagar. Você não esteve muito por perto por mais de quatro anos e não vou deixá-la construir suas esperanças só para você desaparecer se lhe der na telha.

— Entendo. Podemos assumir isto como você quiser. Só estou lhe dizendo que vou estar presente. Prometo.

Ela sorriu, querendo acreditar. E fiz a mesma promessa que acabara de fazer para mim mesmo.

— Bem, ótimo — disse ela. — Estou realmente contente que você queira fazer isso. Vamos ter uma agenda, estabelecer algumas datas e ver no que vai dar.

Ela retirou sua mão e continuamos comendo em silêncio até que ambos tínhamos quase terminado. Então Maggie me surpreendeu mais uma vez.

— Não creio que possa dirigir meu carro esta noite — disse ela.

Assenti.

— Eu estava pensando a mesma coisa.

— Você parece bem. Só bebeu uns dois copos e...

— Não, eu estava pensando a mesma coisa em relação a você. Mas não se preocupe. Levarei você para casa.

— Obrigada.

Ela então estendeu a mão sobre a mesa e segurou meu pulso.

— E pela manhã me levará de volta para buscar meu carro?

Ela sorriu docemente para mim. Olhei para ela, tentando ler esta mulher que tinha me dito para cair fora quatro anos antes. A mulher em quem eu nunca fora capaz de dar um jeito ou superar, cuja rejeição me jogou num relacionamento que eu sabia desde o início que não iria longe.

— Claro — falei. — Levarei você.

DEZESSETE

Sexta-feira, 18 de março

Pela manhã acordei e encontrei minha filha de oito anos dormindo entre mim e minha ex-mulher. A luz vazava de uma janela de catedral no alto da parede. Na época em que morei aqui aquela janela sempre me incomodara porque deixava entrar luz demais no começo das manhãs. Olhando para o padrão que ela lançava sobre o teto inclinado, revisei o que havia acontecido na noite anterior e lembrei-me de que tinha bebido três-quartos da garrafa de vinho no restaurante. Lembrei-me de ter levado Maggie em casa e entrado para ver que nossa filha já caíra no sono — na sua própria cama.

Depois que a babá tinha sido liberada, Maggie abriu outra garrafa de vinho. Quando a esvaziamos, ela pegou-me pela mão e levou-me para o quarto que partilháramos por quatro anos, mas não em quatro anos. O que me incomodava agora era que minha memória havia absorvido todo o vinho e não podia me lembrar se tinha sido um triunfante retorno ao quarto ou um fracasso. Também não recordava as palavras que foram ditas, que promessas tinham possivelmente sido feitas.

— Isto não é justo para ela.

Virei a cabeça sobre o travesseiro. Maggie estava desperta. Olhava para o rosto angelical de nossa filha adormecida.

— O que não é justo?

— Ela acordar e descobrir você aqui. Ela poderia elevar suas esperanças ou simplesmente ter a ideia errada.

— Como ela chegou aqui?

— Eu a carreguei. Estava tendo um pesadelo.

— Com que frequência ela tem pesadelos?

— Em geral, quando dorme sozinha. No quarto dela.

— Então ela sempre dorme aqui?

Algo no meu tom de voz a incomodou.

— Não comece. Você não faz ideia do que é criar uma criança sozinha.

— Eu sei. Não estou dizendo nada. Então, o que você quer que eu faça? Sair antes que ela acorde? Eu poderia me vestir e agir como se estivesse apenas chegando para buscar você e levá-la para pegar seu carro.

— Não sei. Vista-se por enquanto. Tente não acordá-la.

Deslizei para fora da cama, peguei minhas roupas e fui até o corredor para o banheiro de hóspedes. Fiquei confuso pelo modo como o comportamento de Maggie em relação a mim mudara da noite para o dia. Álcool, concluí. Ou talvez alguma coisa que fiz ou disse depois que voltamos para o apartamento. Vesti-me rapidamente, desci o corredor de volta ao quarto e dei uma olhada.

Hayley ainda dormia. Com os braços espalhados através de dois travesseiros ela parecia um anjo com asas. Maggie enfiava uma camiseta de mangas compridas sobre uma velha calça de corrida que tinha desde que éramos casados. Entrei e caminhei até ela.

— Vou indo e depois volto — sussurrei.

— O quê? — disse ela com irritação. — Pensei que íamos buscar o carro.

— Mas achei que você não quisesse que ela acordasse e me visse. Deixe-me ir para tomar um desjejum e estarei de volta em uma hora. Podemos ir juntos para buscar seu carro e depois levarei Hayley para a escola. Até mesmo poderei buscar você mais tarde, se quiser. Minha agenda está vaga hoje.

— Simplesmente assim? Você vai começar a levá-la para a escola?

— Ela é minha filha. Não se lembra de nada que eu lhe disse a noite passada?

Ela mudou a postura de seu maxilar e eu sabia por experiência própria que vinha artilharia pesada. Eu estava deixando escapar alguma coisa. Maggie havia trocado de marcha.

— Bem, sim, mas pensei que você só estivesse falando — replicou ela.

— O que quer dizer?

— Apenas pensei que você estivesse tentando fazer minha cabeça sobre seu caso ou simplesmente me levar para a cama. Não sei.

Ri e sacudi a cabeça. Quaisquer fantasias sobre nós que eu tivera na noite passada se desvaneceram rapidamente.

— Não fui o único a conduzir o outro para subir as escadas em direção ao quarto — repliquei.

— Oh, então era realmente o caso. Você queria o que eu sabia sobre o seu caso.

Limitei-me a fitá-la por um longo momento.

— Não posso ganhar de você, não é?

— Não quando você é ardiloso, quando age como um criminalista.

Ela era sempre a melhor dos dois quando a coisa acabava em arremesso de faca verbal. A verdade era que eu estava grato por termos tido um conflito de interesse incorporado e nunca ter de enfrentá-la no tribunal. Ao longo dos anos algumas pessoas — principalmente profissionais de defesa que sofriam nas mãos dela — chegaram ao ponto de dizer que fora por esta razão que eu casara com ela. Para evitá-la profissionalmente.

— Bem — falei —, voltarei em uma hora. Se quiser carona para buscar o carro que você estava bêbada demais para dirigir a noite passada, estejam prontas, você e ela.

— Está tudo bem. Pegaremos um táxi.

— Eu as levarei.

— Não, iremos de táxi. E fale baixo.

Olhei para minha filha, ainda adormecida apesar do embate verbal de seus pais.

— E quanto a ela? Quer que eu a leve amanhã ou no domingo?

— Não sei. Ligue-me amanhã.

— Ótimo. Tchau.

Deixei-a lá no quarto. Ao sair do edifício, caminhei um quarteirão e meio pela Dickens antes de encontrar o Lincoln mal estacionado junto ao meio-fio. Havia uma multa no para-brisa por ter estacionado junto a um hidrante. Entrei no carro e joguei a multa no assento traseiro. Eu cuidaria disso da próxima vez em que estivesse viajando lá atrás. Não ia fazer como Louis Roulet, deixando que minhas multas fossem para cobrança judicial. Havia um condado cheio de tiras lá fora que adorariam me encaixar numa cobrança judicial.

Brigar sempre me dava fome e percebi que estava faminto. Voltei para o Ventura e dirigi rumo a Studio City. Ainda era cedo, especialmente para a manhã seguinte ao Dia de São Patrício. Fui para o DuPar’s no Laurel Canyon Boulevard antes que enchesse. Consegui uma cabine no fundo e pedi panquecas e café. Tentei esquecer sobre Maggie McFeroz ao abrir minha maleta e tirar um bloco e as pastas do caso Roulet.

Antes de me ocupar com as pastas, liguei para Raul Levin, acordando-o na sua casa em Glendale.

— Tenho uma coisa para você fazer — eu disse.

— Não pode esperar até segunda? Cheguei em casa faz apenas duas horas. Eu ia começar o fim de semana hoje.

— Não, não pode esperar e você ficou me devendo uma depois daquilo de ontem. Além disso, você nem sequer é irlandês. Preciso que rastreie alguém.

— Certo. Espere um minuto.

Ouvi-o depor o fone enquanto provavelmente pegava caneta e papel para anotar.

— OK, diga lá.

— Tem um cara chamado Corliss que foi para citação logo depois de Roulet no dia 7. Ele estava no primeiro grupo e ambos ficaram no cercado ao mesmo tempo. Ele está agora tentando dedurar Roulet e quero saber tudo que há para saber sobre o cara de modo que eu possa encurralá-lo.

— Tem o primeiro nome?

— Não.

— Sabe por que ele está lá?

— Não, e nem mesmo sei se continua lá.

— Obrigado pela ajuda. O que ele está dizendo que Roulet contou a ele?

— Que ele bateu numa puta que estava merecendo. Algo mais ou menos assim.

— OK, o que mais conseguiu?

— Que além disso ele é um dedo-duro profissional. Descubra quem ele ferrou no passado e poderia haver algo aí que possamos usar. Vá o mais fundo que puder com esse cara. O pessoal da promotoria não costuma fazer isso. Têm medo do que poderiam descobrir. Preferem ficar na ignorância.

— OK, cuidarei disso.

— Avise-me quando você souber.

Fechei o celular no exato momento em que minhas panquecas chegaram. Encharquei-as com calda e comecei a comer enquanto examinava a pasta que continha as descobertas da acusação.

O relatório da arma continuava sendo a única surpresa. Tudo mais que havia na pasta, exceto as fotos coloridas, eu já vira no material de Levin.

Concentrei-me nisso. Como era de se esperar com um investigador contratado, Levin tinha recheado a pasta com tudo que pescara na rede que havia jogado. Tinha até mesmo cópias de tíquetes de estacionamento e de multas por excesso de velocidade que Roulet acumulara e deixara de pagar nos anos recentes. Isto me aborreceu de início porque havia muito a vasculhar para chegar até o que ia ser pertinente na defesa de Roulet.

Eu estava quase terminando quando a garçonete se aproximou com um bule de café para completar minha caneca. Ela recuou quando viu o rosto espancado de Reggie Campo em uma das fotos coloridas que eu pusera ao lado das pastas.

— Desculpe por isso — eu disse.

Cobri a foto com uma das pastas e fiz sinal para ela voltar. A garçonete voltou, hesitante, e serviu o café.

— Isto é trabalho — falei, numa débil explicação. — Não era minha intenção incomodar você.

— Tudo que posso dizer é que espero que vocês peguem o sacana que fez isso com ela.

Assenti. Ela pensava que eu era um policial. Talvez porque fazia 24 horas que não me barbeava.

— Estou trabalhando nisso — respondi.

Ela se afastou e me concentrei de novo na pasta. Enquanto retirava a foto de Reggie Campo que pusera debaixo dela, vi de novo o lado do rosto dela que estava incólume. O lado esquerdo. Algo me ocorreu e segurei a pasta numa posição em que pudesse ver novamente o lado ileso do seu rosto. A onda de familiaridade me voltou. Mas de novo não pude situar sua origem. Sabia que Campo parecia com outra que eu conhecia ou pelo menos me era familiar. Mas quem?

Também sabia que isso iria me incomodar até que eu descobrisse. Pensei nisso por um longo tempo, bebericando meu café e tamborilando os dedos sobre a mesa, e então decidi tentar alguma coisa. Peguei a foto do rosto de Campo e a dobrei ao meio de modo que um lado do vinco só mostrasse a parte direita lesionada de seu rosto e o outro a parte esquerda ilesa. Depois coloquei a foto dobrada no bolso interno do paletó e levantei-me para deixar a cabine.

Não havia ninguém no toalete. Rapidamente fui até a pia e tirei a foto dobrada. Inclinei-me sobre a pia e segurei o vinco da foto contra o espelho, expondo o lado ileso do rosto de Reggie Campo. O espelho refletiu a imagem, criando um rosto inteiro e sem lesões. Olhei para ele por longo tempo e finalmente percebi por que o rosto me era familiar.

— Martha Renteria — falei.

A porta do toalete se abriu de repente e dois adolescentes entraram, já puxando os zíperes das calças. Rapidamente tirei a foto da frente do espelho e a devolvi ao bolso do paletó. Voltei-me e caminhei até a porta. Ouvi os garotos gargalharem enquanto saía. Não podia imaginar o que pensavam que eu estivesse fazendo.

De volta à cabine, recolhi meus arquivos e fotos e os coloquei de volta na maleta. Deixei uma quantia que pagava com sobra a conta e a gorjeta e saí apressado. Sentia-me como se estivesse tendo uma estranha reação alimentar. Meu rosto enrubesceu e eu estava quente sob o colarinho. Pensei que podia ouvir meu coração batendo debaixo da camisa.

Quinze minutos depois, estacionei diante do meu depósito na Oxnard Avenue, em North Hollywood. Eu tinha um espaço de 140 m^2 atrás de uma porta dupla de garagem. O dono do lugar era um homem cujo filho defendi num caso

de posse de drogas, livrando-o da cadeia numa intervenção preliminar. Em vez de honorários, o pai cedeu-me o depósito livre de aluguel por um ano. Mas o filho viciado continuava se metendo em encrenca e eu continuava com anos isentos de aluguel.

Ali eu guardava caixas com as pastas de casos encerrados bem como dois outros carros Lincoln Town. No ano passado, quando estava abonado, comprei quatro Lincolns de uma vez de modo a manter uma frota. O plano era usar cada um até completar cem mil de rodagem e depois repassá-los para um serviço de limusines para transportar viajantes de ida e volta ao aeroporto. Até aqui o plano estava funcionando. Eu estava no segundo Lincoln e em breve seria a vez do terceiro.

Uma vez que consegui abrir uma das portas da garagem, segui para a área de arquivo, onde as caixas estavam arrumadas por ano em prateleiras industriais. Encontrei a seção para caixas de dois anos antes e meu dedo percorreu a lista com os nomes dos clientes escritos do lado de cada caixa até encontrar o nome de Jesus Menendez.

Puxei a caixa da prateleira, agachei-me e a abri no chão. O caso Menendez tivera vida curta. Ele assumiu a culpa cedo, antes que a promotoria o propusesse. Portanto havia apenas quatro pastas, contendo principalmente cópias dos documentos relativos à investigação policial. Examinei as pastas procurando por fotografias e por fim encontrei o que queria na terceira pasta.

Martha Renteria era a mulher por cujo assassinato Jesus Menendez se declarara culpado. Era uma dançarina de 24 anos, dona de uma beleza morena e um sorriso de grandes dentes brancos. Tinha sido encontrada esfaqueada até a morte no seu apartamento de Panorama City. Havia sido espancada antes de ser esfaqueada e suas lesões faciais eram do lado esquerdo do rosto, o oposto de Reggie Campo. Encontrei a foto em close de seu rosto que estava no relatório da necropsia. Mais uma vez dobrei a foto ao meio, um lado do rosto lesionado, o outro intacto.

No chão peguei as duas fotos dobradas, uma de Reggie Campo, outra de Martha, e ajustei as duas nas dobras. Descontando o fato de que uma mulher estava morta e a outra não, as metades dos rostos se combinavam à perfeição. As duas mulheres se pareciam tanto que poderiam ter passado por irmãs.

DEZOITO

Jesus Menendez cumpria prisão perpétua em San Quentin porque havia limpado seu pênis em uma toalha do banheiro. Não importa como se interpretasse isso, foi realmente o que aconteceu. Aquela toalha tinha sido o seu maior erro.

Sentado de pernas abertas no chão de concreto de meu depósito, o conteúdo das pastas de Menendez espalhado à minha volta, eu me familiarizava de novo com os fatos do caso em que havia trabalhado dois anos antes. Menendez foi condenado por assassinar Martha Renteria após segui-la ao sair de um clube de strip-tease em East Hollywood chamado The Cobra Room até sua casa em Panorama City. Ele a estuprou e depois a esfaqueou mais de cinquenta vezes, provocando tanto sangue que escorreu da cama e formou uma poça no assoalho de madeira. No dia seguinte o sangue se filtrou entre rachaduras no assoalho e formou um gotejar no teto do apartamento abaixo. Então a polícia foi chamada.

O caso contra Menendez era formidável mas circunstancial. Ele se comprometera ao admitir à polícia — antes que eu assumisse o caso — que estivera no apartamento dela na noite do crime. Mas foi o DNA na toalha rosa felpuda no banheiro da vítima que definitivamente o condenou. Isto não pôde ser neutralizado. Era uma prova que não podia ser derrubada. Os advogados de defesa chamavam provas assim de iceberg, porque afundam o navio.

Eu assumira o caso de assassinato de Menendez como o que eu chamaria de uma “roubada”. Menendez não tinha dinheiro para pagar pelo tipo de tempo e esforço exigido para montar uma defesa consistente, mas o caso havia acumulado uma substancial publicidade e eu estava disposto a negociar meu tempo e aproveitar a publicidade grátis. Menendez me procurara porque, apenas alguns meses antes de sua prisão, eu tinha defendido com sucesso seu irmão mais velho, Fernando, num caso de posse de heroína. Pelo menos na minha opinião, eu havia sido bem-sucedido. Havia derrubado uma acusação de posse e tráfico para simplesmente posse. Ele conseguira uma liberdade condicional em vez de prisão.

Aqueles bons esforços resultaram em Fernando me ligar na noite em que Jesus foi preso pelo assassinato de Martha Renteria. Jesus teria ido espontaneamente à divisão de Van Nuys para falar com os detetives. Um

desenho de seu rosto tinha sido exibido em cada canal de TV na cidade e estava tendo um grande rodízio em particular nos canais hispânicos. Ele contara à família que iria procurar os detetives para esclarecer as coisas e que voltaria. Mas nunca voltou, por isso seu irmão me ligou. Falei ao irmão que a lição a ser aprendida era nunca ir à polícia para esclarecer as coisas antes de consultar um advogado.

Eu já vira vários noticiários na TV sobre o assassinato da exótica dançarina, como Renteria tinha sido rotulada, quando o irmão de Jesus Menendez me ligou. Os relatórios incluíam os retratos falados do hispânico que pretensamente a seguira a partir da boate. Eu sabia que o interesse da mídia antes da detenção significava que provavelmente o caso seria levado à frente pelos noticiários de TV e que eu poderia tirar uma boa vantagem disso. Concordei em assumir o caso no ato. De graça. *Pro bono.* Pelo bem do sistema. Além disso, casos de assassinato são poucos e raros. Eu os assumo sempre que possível. Menendez foi o 12º assassino acusado que eu havia defendido. Os 11 primeiros ainda estavam na prisão, mas nenhum deles no corredor da morte. Considerava isso um bom resultado.

Na hora em que alcancei Menendez num cercado na Divisão Van Nuys, ele já dera uma declaração que o incriminava junto à polícia. Dissera aos detetives Howard Kurlen e Don Crafton que não havia seguido Renteria, mas sim convidado a ir ao apartamento dela. Explicou que naquele dia ganhara 1.100 dólares na loto da Califórnia e se dispusera a gastar boa parte deste dinheiro com as atenções de Renteria. Disse que no apartamento dela fizeram sexo consensual — embora não tivesse usado essas palavras — e que quando saiu ela estava viva e 500 dólares mais rica.

Os furos que Kurlen e Crafton pinçaram na história de Menendez foram muitos. Para começar, não houvera nenhuma extração da loto naquele dia nem no dia anterior ao assassinato e no minimercado da vizinhança onde ele disse ter recebido seu bilhete premiado não havia nenhum registro de pagamento de 1.100 dólares de prêmio a Menendez nem a qualquer outra pessoa. Além disso, não se encontrou mais que oitenta dólares no apartamento da vítima. E, por fim, o relatório da autópsia indicou que contusões e outros danos no interior da vagina da vítima excluíam o que pudesse ser considerado sexo consensual. O legista concluiu que ela havia sido brutalmente estuprada.

Quaisquer impressões digitais que não as da vítima foram encontradas no apartamento. O local tinha sido vasculhado. Nenhum vestígio de sêmen foi achado no corpo da vítima, indicando que o estuprador usara camisinha ou não havia ejaculado durante o ataque. Mas no banheiro fora do quarto onde se dera o estupro e o assassinato, um investigador da cena do crime, usando uma luz preta,

encontrou uma pequena quantidade de sêmen numa toalha cor-de-rosa pendurada no porta-toalhas junto ao vaso. A teoria formulada foi que após o estupro e assassinato o matador tinha ido ao banheiro e retirado a camisinha, jogando-a no vaso e dando descarga. Tinha então limpado o pênis na toalha próxima. Quando limpou tudo após o crime, inclusive as superfícies que poderia ter tocado, ele havia se esquecido da toalha.

Os investigadores mantiveram em segredo a descoberta do depósito de DNA e sua resultante teoria. Isto nunca chegou à mídia. Ia tornar-se o trunfo de Kurlen e Crafton.

Com base nas mentiras de Menendez e na admissão de que estivera no apartamento da vítima, ele foi preso sob suspeita de assassinato e sem direito a fiança. Os detetives conseguiram um mandado de busca e amostras do epitélio bucal foram colhidas de Menendez e enviadas ao laboratório para tipificação de DNA e comparação com o DNA recolhido da toalha.

Foi mais ou menos quando entrei no caso. Como dizem em minha profissão, a esta altura o *Titanic* já tinha deixado o porto. E o iceberg estava lá à espera. Menendez havia se prejudicado seriamente ao falar — e mentir — para os detetives. Ainda assim, sem saber da comparação de DNA que estava a caminho, vi um lampejo de luz para Jesus Menendez. Havia um caso a ser criado para neutralizar sua entrevista com os detetives — que, aliás, se transformou numa inequívoca confissão na hora em que foi relatada pela mídia. Menendez era nascido no México e viera para os EUA aos 8 anos. Sua família só falava espanhol em casa e ele frequentou uma escola para falantes de espanhol até ser expulso, aos 14 anos. Falava apenas um inglês rudimentar e seu nível de conhecimento da língua pareceu-me ainda mais baixo que seu nível de fala. Kurlen e Crafton não fizeram nenhum esforço para trazer um intérprete e, de acordo com a entrevista gravada, nenhuma vez foi perguntado se Menendez queria um.

Esta era a brecha pela qual eu abriria caminho. A entrevista era o alicerce do caso contra Menendez. Era o prato girando na varinha. Se eu pudesse derrubá-la, todos os outros pratos iriam ao chão com ela. Meu plano era atacar a entrevista como uma violação aos direitos de Menendez porque ele poderia não ter entendido os direitos do acusado lidos por Kurlen ou os documentos listando esses direitos em inglês que ele assinou a pedido do detetive.

O caso permanecia nesse ponto até duas semanas após a detenção de Menendez quando chegaram os resultados do laboratório, comparando seu DNA àquele encontrado na toalha no banheiro da vítima. Depois disso a acusação não precisava mais da entrevista ou das admissões dele. O DNA punha Menendez diretamente na cena de um estupro e assassinato brutais. Eu poderia tentar uma

defesa do tipo O.J. — atacar a credibilidade da comparação de DNA. Mas os promotores e os técnicos do laboratório tinham aprendido muito com aquela derrota e nos anos seguintes, pelo que eu sabia, era improvável tal questionamento prevalecer num júri. O DNA era o iceberg e a velocidade do navio tornava impossível fazer uma manobra de desvio a tempo.

O próprio promotor distrital revelou os achados do DNA numa entrevista coletiva e anunciou que seu gabinete buscaria a pena de morte para Menendez. Ele acrescentou que os detetives haviam também localizado três testemunhas oculares que viram Menendez jogar uma faca no rio Los Angeles. O promotor disse que o rio foi vasculhado em busca da arma mas não foi possível recuperá-la. Não obstante, ele considerou sólidos os relatos das testemunhas — eram três colegas de quarto de Menendez.

Baseado no caso da acusação se formando e na ameaça de pena de morte, decidi que a defesa O.J. seria arriscada demais. Usando Fernando Menendez como intérprete, fui até a prisão de Van Nuys e disse a Jesus que sua única esperança era um acordo que o promotor deixara no ar para mim. Se Menendez se declarasse culpado de assassinato eu poderia conseguir-lhe uma sentença de vida com a possibilidade de condicional. Disse-lhe que estaria fora em 15 anos. Disse-lhe que era a única saída.

Foi uma discussão lacrimosa. Os irmãos choraram e me suplicaram que encontrasse outra saída. Jesus insistia em que não havia matado Martha Renteria. Disse ter mentido para os detetives para proteger Fernando, que lhe dera o dinheiro após um bom mês vendendo heroína. Jesus achava que revelar a generosidade de seu irmão levaria a outra investigação de Fernando e sua possível detenção.

Os irmãos me pediram para investigar o caso. Jesus disse-me que Martha Renteria tinha outros pretendentes aquela noite no Cobra Room. A razão por ter-lhe pago tanto dinheiro era porque ela descartara um outro requisitante dos seus serviços.

Finalmente, Jesus disse-me que era verdade que tivesse jogado a faca no rio, mas isto foi porque estava com medo. Não era a arma do assassinato. Era apenas uma faca que usava para biscates que arrumava em Pacoima. Parecia a faca que estavam descrevendo no canal hispânico e ele se livrara dela antes de ir à polícia para esclarecer as coisas.

Ouvi tudo e depois disse a eles que nenhuma de suas explicações importava. A única coisa que importava era o DNA. Jesus tinha uma escolha. Ele poderia pegar os 15 anos ou ir para julgamento e arriscar-se a ganhar pena de morte ou perpétua *sem* a possibilidade de condicional. Lembrei a Jesus de que ele era jovem. Poderia estar fora aos quarenta anos. Ainda podia ter uma vida.

Na hora em que saí do encontro na prisão, tinha a autorização de Jesus Menendez para fazer o acordo. Só o vi mais uma vez depois disso, na sua audiência de confissão e sentenciamento, quando fiquei de pé junto a ele diante do juiz para instruí-lo durante a admissão de culpa. Ele foi levado inicialmente para Pelican Bay e depois para San Quentin. Eu soubera através de boatos de tribunal que seu irmão tinha sido autuado de novo — desta vez por uso de heroína. Mas ele não me ligou. Foi procurar outro advogado e não tive de especular por quê.

No chão do depósito, abri o relatório sobre a autópsia de Martha Renteria. Procurava por duas coisas específicas que provavelmente não tinham sido olhadas com muita atenção por ninguém antes. O caso estava encerrado. Era um arquivo morto. Ninguém se importava mais.

A primeira foi a parte do relatório que lidava com as 53 estocadas que Renteria sofrera durante o ataque em sua cama. Sob o título “Perfil do Ferimento” a arma foi descrita como uma lâmina com não mais que 12,7 cm e não mais larga que 2,5 cm. Sua espessura foi estimada em 3 mm. Também notei que no relatório havia a ocorrência de rasgões de pele dentados no topo dos ferimentos da vítima, indicando que o topo da lâmina possuía uma linha irregular, ou seja, foi projetada como uma arma que poderia infligir dano tanto ao entrar quanto ao sair. O pouco comprimento da lâmina sugeria que a arma poderia ser um canivete retrátil.

Havia um desenho grosseiro no relatório que representava o contorno de uma lâmina sem o cabo. Parecia-me familiar. Puxei minha maleta do lugar onde a colocara no chão e abri. Da pasta de descobertas da acusação, puxei a foto do canivete aberto com as iniciais de Louis Roulet gravadas na lâmina. Comparei a lâmina com o contorno desenhado na página do relatório da autópsia. Não era uma combinação exata, mas chegava bem perto disso.

Então puxei o relatório de análise de arma recuperada e li o mesmo parágrafo que tinha lido durante a reunião no escritório de Roulet na véspera. O canivete foi descrito como um Black Ninja retrátil feito sob encomenda, com uma lâmina medindo 12,7 cm de comprimento, 2,5 cm de largura e 3 mm de espessura — as mesmas medidas da faca desconhecida utilizada para matar Martha Renteria. A faca supostamente jogada no rio Los Angeles por Jesus Menendez.

Eu sabia que uma lâmina de 12,7 cm não era rara. Nada era conclusivo, mas meus instintos me disseram que eu estava chegando perto de alguma coisa. Tentei não permitir que a queimação que se formava em meu peito e garganta me distraísse. Tentei permanecer no ponto. Continuei. Precisava verificar por um ferimento específico, mas não queria olhar para as fotos contidas no fim do relatório, as fotos que documentavam com frieza o corpo horrivelmente violado

de Martha Renteria. Em vez disso, fui à página que trazia perfis corporais genéricos lado a lado, um para a frente, outro para as costas. Nestes o legista havia marcado e numerado os ferimentos. Apenas o perfil da frente tinha sido usado. Pontos e números de 1 a 53. Parecia como um macabro quebra-cabeça de ligue os pontos e eu não tinha dúvidas de que Kurlen ou outro detetive olhando para aquilo antes da detenção de Menendez os havia ligado, esperando que o assassino tivesse deixado suas iniciais ou outra dica bizarra.

Estudei o pescoço no perfil dianteiro e vi dois pontos de cada lado. Tinham os números 1 e 2. Virei a página e olhei a lista das descrições dos ferimentos individuais.

Na descrição para o ferimento nº 1 lia-se: *Perfuração superficial na base do lado direito do pescoço, com níveis de histamina* ante-mortem *indicativos de ferimentos de coerção.*

Na descrição para o ferimento nº 2 lia-se: *Perfuração superficial na base do lado esquerdo do pescoço, com níveis de histamina* ante-mortem *indicativos de ferimentos de coerção. Esta perfuração é 1 cm maior que o ferimento nº 1.*

As descrições significavam que os ferimentos foram infligidos enquanto Martha Renteria ainda estava viva. E era provavelmente por isso que tinham sido os primeiros ferimentos listados e descritos. O legista havia sugerido ser provável que os ferimentos resultaram de uma faca sendo enfiada no pescoço da vítima de uma maneira coercitiva. Foi o método usado pelo assassino para controlá-la.

Voltei à pasta de descobertas da acusação para o caso Campo. Puxei as fotografias de Reggie Campo e o relatório sobre seu exame físico no Holy Cross Medical Center. Ela tinha um pequeno ferimento perfurante no lado inferior esquerdo do pescoço e nenhum do lado direito. Em seguida examinei seu depoimento para a polícia até que descobri a parte na qual ela descrevia como tinha sido ferida. Disse que o agressor a levantou do chão da sala de estar e disse-lhe para conduzi-lo até o quarto. Ele a controlava por trás, agarrando a tira do sutiã às suas costas com a mão direita e com a esquerda mantendo a ponta da faca contra o lado esquerdo do seu pescoço. Quando sentiu-o repousar momentaneamente o punho direito no seu ombro, ela reagiu, girando de repente e empurrando para trás, nocauteando o agressor com um grande vaso de planta e depois fugindo.

Achei que compreendia agora por que Reggie Campo tinha somente um ferimento no pescoço, em comparação com os dois que Martha Renteria recebera. Se o agressor de Campo tivesse conseguido levá-la para o quarto e a jogado na cama, ele teria ficado de frente ao montar sobre ela. Se mantivesse a faca na mesma mão — a esquerda — a lâmina mudaria para o outro lado do

pescoço. Quando a encontrassem morta na cama, ela apresentaria perfurações de coerção em ambos os lados do pescoço.

Pus as pastas de lado e sentei-me de pernas cruzadas no chão sem me mover por um longo tempo. Meus pensamentos eram sussurros na escuridão interna. Na minha mente eu conservava a imagem do rosto raiado de lágrimas de Jesus Menendez quando ele me havia contado que era inocente — quando me suplicara para acreditar nele — e eu lhe disse que devia declarar-se culpado. O conselho que eu estava dispensando era mais do que legal. Ele não tinha nenhum dinheiro, nenhuma defesa e nenhuma chance — nessa ordem — e respondi que não tinha escolha. E embora definitivamente fosse decisão dele e da sua boca que a palavra *culpado* foi proferida diante do juiz, agora me parecia como se tivesse sido eu, seu próprio advogado, a segurar a faca do sistema contra o pescoço dele e forçá-lo a dizer isso.

DEZENOVE

Saí da enorme loja nova de carros de aluguel no San Francisco International por volta de uma hora e segui para o norte da cidade. O Lincoln que me deram parecia ter sido usado por um fumante, talvez o locatário ou talvez apenas o cara que o limpou para mim.

Eu não sabia como chegar a lugar nenhum em São Francisco. Só sabia como dirigir pela cidade. Três ou quatro vezes por ano eu precisava ir até a prisão junto à baía, San Quentin, para falar com clientes e testemunhas. Poderia dizer a qualquer um como chegar lá, sem problema. Mas se me perguntassem como chegar à Coit Tower ou ao Fisherman's Wharf haveria um problema.

Quando entrei na cidade por cima da Golden Gate já eram quase duas horas. Eu estava em boa forma. Sabia por experiências anteriores que visitas de advogado terminavam às quatro horas.

San Quentin tem mais de cem anos de idade e parece como se a alma de cada prisioneiro que viveu ou morreu lá estivesse gravada nas suas paredes escuras. Era a prisão mais agourenta que já havia visitado, e vez por outra já estivera em cada uma da Califórnia.

Revistaram minha maleta e me fizeram passar pelo detector de metal. Depois disso ainda passaram o bastão sobre mim para ter maior certeza. Até então não me era permitido contato direto com Menendez porque eu não havia agendado formalmente a entrevista, exigida com cinco dias de antecedência. Portanto fui posto numa sala de não contato — uma parede de acrílico entre nós com buracos do tamanho de uma moeda através dos quais falar. Mostrei ao guarda o pacote de fotos que queria dar a Menendez. Ele me disse que eu teria de mostrar as fotos pelo acrílico. Sentei-me, pus as fotos na maleta e não tive de esperar muito tempo até que trouxeram Menendez do outro lado do vidro.

Dois anos atrás, quando fora mandado para a prisão, Jesus Menendez tinha sido um homem jovem. Agora parecia já ter os quarenta anos que eu lhe disse com que poderia sair caso se declarasse culpado. Fitou-me com olhos tão mortos quanto o cascalho no estacionamento. Ele me viu e sentou-se relutantemente. Não tinha mais tanto uso para mim.

Não nos incomodamos com saudações e fui direto ao assunto.

— Olhe, Jesus, não preciso lhe perguntar como tem passado. Eu sei. Mas surgiu alguma coisa que poderia afetar seu caso. Preciso lhe fazer algumas perguntas. Você me entende?

— Por que perguntas agora, cara? Você não fez perguntas antes.

Assenti.

— Tem razão. Eu deveria ter feito mais perguntas a você na ocasião. E não fiz porque não sabia à época o que sei agora. Ou pelo menos o que penso que sei agora. Estou tentando fazer as coisas direito.

— O que você quer?

— Quero que me conte sobre aquela noite no Cobra Room.

Ele deu de ombros.

— A garota estava lá e falei. Ela me mandou segui-la até a casa dela.

Voltou a dar de ombros.

— Fui à casa dela, cara, mas não matei ela daquele jeito.

— Voltemos ao clube. Você me disse que teve de impressionar a garota, que precisou mostrar o dinheiro e que gastou mais do que pretendia. Lembra-se?

— Está certo.

— Você disse que havia outro cara a fim dela. Lembra disso?

— *Sí*, ele estava lá falando na maior marra. Ela ia com ele mas voltou para mim.

— Você teve que pagar mais, certo?

— Isso mesmo.

— OK, você lembra do cara? Se visse um retrato se lembraria dele?

— O cara cheio de marra? Acho que lembro.

— OK.

Abri minha maleta e tirei o conjunto de fotos. Havia seis fotos, incluindo a de Louis Roulet e as de cinco outros homens que eu catara nas minhas caixas de arquivo. Levantei-me e comecei a segurá-las uma a uma contra o vidro. Menendez levantou-se para olhar as fotos mais de perto.

Quase imediatamente uma voz ribombou do alto-falante acima:

— Afaste-se do vidro. Vocês dois, afastem-se do vidro e permaneçam sentados ou a entrevista estará terminada.

Sacudi a cabeça e xinguei. Recolhi as fotos e sentei-me. Menendez também sentou-se.

— Guarda! — gritei alto.

Olhei para Menendez e esperei. O guarda não entrou na sala.

— Guarda! — chamei de novo, mais alto.

Finalmente, a porta se abriu e o guarda avançou até meu lado na sala de entrevista.

— Acabou?

— Não. Preciso que ele dê uma olhada nessas fotos.

Levantei o maço.

— Mostre a ele pelo vidro. Ele não tem permissão de receber nada de você.

— Mas vou levá-las de volta.

— Não importa. Você não pode dar nada a ele.

— Mas se você não deixá-lo chegar até o vidro, como é que ele vai enxergar?

— Não é problema meu.

Acenei em desistência.

— Certo, tudo bem. Pode então ficar aqui por mais um minuto?

— Para quê?

— Quero que você veja isto. Vou mostrar as fotos e se ele fizer uma identificação, quero que testemunhe.

— Não me envolva na sua merda.

Ele caminhou até a porta e saiu.

— Droga — falei.

Olhei para Menendez.

— Muito bem, Jesus, vou lhe mostrar, de qualquer maneira. Veja se reconhece algum desses homens de onde está sentado.

Uma a uma, segurei as fotos a uns 30 cm do vidro. Menendez inclinou-se à frente. À medida que eu lhe mostrava cada uma das cinco primeiras, ele olhava, pensava a respeito e depois negava com a cabeça. Mas na sexta foto vi seus olhos se iluminarem. Parecia como se houvesse alguma vida neles, afinal.

— Esse aí — disse. — É ele.

Virei a foto para mim para ter certeza. Era Roulet.

— Eu me lembro — disse Menendez. — É esse.

— Tem certeza?

Menendez assentiu.

— O que o faz estar tão certo?

— Porque eu sei. Aqui, fico pensando naquela noite o tempo todo.

Assenti.

— Quem é o homem? — perguntou ele.

— Não posso lhe dizer no momento. Só sei que estou tentando tirar você daí.

— O que eu faço?

— O que esteve fazendo. Fique firme, tenha cuidado e mantenha-se a salvo.

— A salvo?

— Eu sei. Mas tão logo eu tenha alguma coisa, você será informado. Estou tentando tirá-lo daí, Jesus, mas talvez leve algum tempo.

— Foi você quem me disse que era melhor vir para cá.

— Na época não havia melhor escolha.

— Como você nunca me perguntou se matei aquela garota? Você era meu advogado, cara. Você não se importou. Você não ouviu.

Levantei-me e gritei pelo guarda. Depois respondi à pergunta de Menendez.

— Para defendê-lo legalmente eu não precisava saber a resposta desta pergunta. Se eu perguntasse aos meus clientes se eram culpados dos crimes de que eram acusados, muito poucos me diriam a verdade. E se o fizessem, talvez eu não fosse capaz de defendê-los com o máximo de minha capacidade.

O guarda abriu a porta e olhou para mim.

— Estou pronto para ir — eu disse.

Consultei o relógio e imaginei que se eu tivesse sorte com o trânsito poderia pegar a ponte aérea das cinco horas de volta a Burbank. Das seis horas o mais tardar. Joguei as fotos em minha maleta e fechei-a. Olhei de volta para Menendez, que ainda estava na sua cadeira do outro lado do vidro.

— Posso apenas pôr minha mão sobre o vidro? — perguntei ao guarda.

— Apresse-se.

Inclinei-me através do balcão e pus a mão sobre o vidro, os dedos espalhados. Esperei que Menendez fizesse o mesmo, criando um aperto de mão carcerário.

Menendez se levantou, adiantou-se e cuspiu no vidro onde estava minha mão.

— Você nunca aperta minha mão — disse ele. — Não vou apertar a sua.

Assenti. Achei que compreendia simplesmente de onde ele estava vindo.

O guarda deu um sorriso afetado e me mandou passar pela porta. Em dez minutos eu estava fora da prisão e triturando o cascalho em direção ao meu carro alugado.

Eu viajara 600 km para falar cinco minutos, mas aqueles minutos foram arrasadores. Acho que o ponto mais baixo de minha vida e carreira profissional chegou uma hora depois, no vagão que me levava de volta ao terminal da United. Não mais concentrado em dirigir e chegar de volta a tempo, eu só tinha que pensar no caso. Casos, na verdade.

Inclinei-me, cotovelos apoiados nos joelhos e meu rosto entre as mãos. Meu maior temor se concretizara, há dois anos, mas eu não sabia disso. Não até agora. Eu havia sido presenteado com a inocência, mas não a tinha percebido ou agarrado. Em vez disso, a tinha lançado no estômago da máquina como tudo mais. Agora era uma inocência fria e cinzenta, tão morta quanto cascalho e escondida numa fortaleza de pedra e aço. E eu teria de conviver com isso.

Não havia consolo a ser encontrado na alternativa. Se tivéssemos jogado os dados e ido para o julgamento, Jesus provavelmente estaria agora no corredor da morte. Não havia nenhum consolo em saber que esse destino foi evitado, porque eu sabia com tanta certeza quanto sabia qualquer coisa mais no mundo que Jesus Menendez era inocente. Algo tão raro quanto um verdadeiro milagre — um homem inocente — tinha vindo a mim e não o reconheci. Tinha virado as costas.

— Dia ruim?

Ergui a vista. Havia um homem diante de mim e um pouco mais afastado no outro lado do vagão. Éramos os únicos ali. Ele parecia uns dez anos mais velho que eu e tinha cabelo rareando, o que o fazia parecer sábio. Talvez fosse até mesmo um advogado, mas eu não estava interessado.

— Estou ótimo — respondi. — Apenas cansado.

E levantei a mão, palma para fora, num sinal de que não queria conversa. Em geral viajo com fones como os que Earl usa. Eu os coloquei e levei o fio a um bolso do paletó. Não fica ligado a nada, mas evita que as pessoas puxem conversa comigo. Eu estive muito apressado esta manhã para pensar sobre elas. Apressado demais para alcançar este ponto de desolação.

O homem captou a mensagem e não disse mais nada. Voltei aos meus pensamentos sombrios sobre Jesus Menendez. O ponto crucial era que eu acreditava que tinha um cliente culpado de assassinato e outro cliente que estava cumprindo pena por isso. Eu não podia ajudar um sem prejudicar o outro. Precisava de uma resposta. Precisava de um plano. Precisava de prova. Mas naquele momento, no vagão, eu só podia pensar nos olhos mortos de Jesus Menendez, porque eu sabia que havia sido eu quem matara a luz neles.

VINTE

Tão logo peguei a ponte aérea em Burbank, liguei meu celular. Ainda não tinha pensado num plano, mas pensei no meu próximo passo, que começou com um telefonema para Raul Levin. O celular zumbiu na minha mão, o que significava que eu tinha mensagens. Decidi que iria checá-los depois de falar com Levin.

Ele atendeu minha ligação e a primeira coisa que perguntou foi se eu recebera sua mensagem.

— Acabei de embarcar num avião. Perdi a mensagem.

— Um avião? Onde esteve?

— No norte. Qual era a mensagem?

— Apenas uma atualização sobre Corliss. Se você não estivesse ligando sobre isso, então sobre o quê?

— O que vai fazer esta noite?

— Apenas embromando. Não gosto de sair nas sextas e sábados. São dias de amadores. Bêbados demais nas ruas.

— Bem, quero encontrá-lo. Preciso falar com alguém. Coisas ruins estão acontecendo.

Levin pareceu ter sentido alguma coisa em minha voz, porque imediatamente mudou sua política de ficar-em-casa-nas-noites-de-sexta e marcamos um encontro no Smoke House, perto dos estádios Warner. Não ficava longe de onde eu estava e nem longe da casa dele.

Na janela do atendente do aeroporto entreguei meu bilhete a um homem de jaqueta vermelha e chequei as mensagens enquanto esperava pelo Lincoln.

Três mensagens haviam chegado, todas durante a hora de voo desde São Francisco. A primeira era de Maggie McPherson.

“Michael, só quis ligar para dizer que sinto muito pelo modo como eu estava esta manhã. Para falar a verdade, estava chateada comigo mesma por alguma das coisas que disse na noite passada e pelas escolhas que fiz. Descontei em você e não deveria ter feito isso. Hã, se você quiser pegar Hayley amanhã ou no domingo, ela ia adorar e, quem sabe, talvez eu pudesse ir também. De qualquer modo, me avise.”

Ela não me chamava de Michael com muita frequência, mesmo quando éramos casados. Ela era uma daquelas mulheres que podiam usar nosso sobrenome e transformar isso num afeto. Isto é, se ela quisesse. Tinha sempre me chamado de Haller. Desde o dia em que nos conhecemos na fila para passar pelo detector de metais nas Cortes Criminais. Ela ia buscar orientação na promotoria e eu seguia para a corte de citação para resolver um caso.

Salvei a mensagem para ouvi-la novamente a qualquer hora e passei para a seguinte. Eu esperava que fosse de Levin, mas a voz automatizada relatou que a chamada vinha de um número com a área de código 310. A voz que ouvi a seguir foi a de Louis Roulet.

"Sou eu, Louis. Eu estava só checando. Estava apenas imaginando em que pé estão as coisas depois de ontem. Também tem uma coisa que quero lhe contar."

Premi o botão de apagar e passei para a terceira e última mensagem. Era a de Levin.

"Ei, chefe, me dê uma ligada. Tenho alguma coisa sobre Corliss. De qualquer modo, o nome é Dwayne Jeffery Corliss. Esse Dwayne é com *D*-*W*. Ele é um viciado e já fez isso de dedurar duas outras vezes aqui em Los Angeles. Qual a novidade, certo? Seja como for, ele está preso agora por roubar uma bicicleta que provavelmente planejava trocar por um bagulhinho mexicano. Ele explorou com sucesso dedurar Roulet num programa de desintoxicação de noventa dias no County-USC. Portanto não seremos capazes de pegá-lo e falar com ele a não ser que você consiga um juiz que dê um jeito nisso. Uma jogada bastante sagaz do promotor. De qualquer modo, continuo na cola dele. Surgiu uma coisa na internet em Phoenix que parece muito boa para nós se fosse o mesmo cara. Alguma coisa que explodiu na cara dele. Até segunda-feira posso confirmar. Por enquanto é isso. Ligue para mim no fim de semana. Não pretendo sair."

Apaguei a mensagem e fechei o telefone.

— Não diga — falei para mim mesmo.

Uma vez que ouvi que Corliss tomava pico, não precisava saber de mais nada. Entendi por que Maggie não confiava nele. Viciados em drogas injetáveis eram as pessoas mais desesperadas e inconfiáveis com quem se pode deparar na máquina. Tendo a oportunidade, eles entregariam a própria mãe para conseguir o próximo pico, ou entrar no próximo programa de desintoxicação por metadona. Cada um deles era um mentiroso e cada um podia ser facilmente desmascarado no tribunal.

Todavia, me sentia intrigado pelo que o promotor estava armando. O nome Dwayne Corliss não constava no material de descoberta que Minton me dera. Ainda assim, o promotor estava fazendo os movimentos que faria com uma testemunha. Ele havia enfiado Corliss num programa de custódia de 90 dias. O

julgamento de Roulet ocorreria e findaria nesta ocasião. Estava ele escondendo Corliss? Ou simplesmente guardando o dedo-duro numa redoma de modo que soubesse exatamente onde ele estava e onde tinha estado caso chegasse a hora no julgamento em que seu testemunho seria necessário? Ele estava obviamente atuando sob a crença de que eu nada sabia sobre Corliss. E não saberia, se Maggie McPherson não me tivesse dado uma dica. Não obstante, ainda era um movimento perigoso. Juízes não costumam ser amáveis com promotores que escarnecem tão abertamente das regras da descoberta.

Isto me levou a pensar numa possível estratégia para a defesa. Se Minton fosse tolo o bastante para tentar aparecer com Corliss no julgamento, eu poderia nem objetar sobre as regras da descoberta. Poderia deixá-lo colocar o viciado em heroína no estrado de modo que eu tivesse a chance de rasgá-lo diante do júri como um recibo de cartão de crédito. Tudo dependeria do que Levin tivesse levantado. Eu planejava dizer a ele para continuar a cavar em Dwayne Jeffery Corliss. Não reter nada.

Também pensei acerca de Corliss participando de um programa de tratamento no County-USC. Levin estava errado e Minton também, se pensava que eu não poderia chegar a sua testemunha no programa. Por coincidência, minha cliente Gloria Dayton havia passado por um programa desses no County-USC depois que dedurou o seu fornecedor de drogas. Embora houvesse diversos programas desses lá, era provável que partilhasse de sessões de terapia em grupo ou mesmo horários de refeição com Corliss. Eu talvez não fosse capaz de chegar diretamente a Corliss, mas como advogado de Gloria podia ter acesso a ela, que em troca poderia passar uma mensagem para Corliss.

O Lincoln chegou e dei dois dólares ao homem de jaqueta vermelha. Saí do aeroporto e segui rumo sul na Hollywood Way em direção ao centro de Burbank, onde ficavam todos os estúdios. Cheguei ao Smoke House antes de Levin e pedi um martíni no bar. Na TV passava um resumo sobre o início do torneio colegial de basquete. Flórida havia derrotado Ohio no primeiro jogo. O título no canto inferior na tela dizia “Loucura de Março” e fiz um brinde a isso. Sabia com que a verdadeira Loucura de Março estava começando a parecer.

Levin chegou e pediu uma cerveja antes que sentássemos para jantar. Ainda estava fresca, sobra da noite anterior. Devia ter sido uma noite fraca. Talvez todo mundo tivesse ido para o Four Green Fields.

— Nada como o pelo fresco — disse ele naquele sotaque que já estava ficando velho.

Ele bebericou a beirada do copo de modo que pudesse caminhar com ele e fomos até o posto da recepcionista para conseguir uma mesa. Ela nos conduziu para uma cabine forrada de vermelho que tinha a forma de um U. Sentamos de

frente um para o outro e pus a maleta do meu lado. Quando a garçonete chegou para os aperitivos, fizemos o pedido completo: saladas, bifes e batatas fritas. Também pedi uma especialidade da casa: pão de queijo ao alho.

— É uma boa coisa você não sair nos fins de semana — falei para Levin depois que a garçonete se foi. — Se comer esse pão de queijo ao alho, seu hálito provavelmente vai matar qualquer um que chegue perto de você.

— Terei que correr meus riscos.

Ficamos calados por um longo momento depois disso. Eu podia sentir a vodca atuando sobre minha culpa. Eu já ia pedir outra quando as saladas chegaram.

— E aí? — disse finalmente Levin. — Você marcou o encontro.

Assenti.

— Quero lhe contar uma história. Nem todos os detalhes estão conhecidos ou estabelecidos. Mas lhe direi isto do modo como eu vejo que funciona e depois você me conta o que acha e o que eu deveria fazer, OK?

— Gosto de ouvir histórias. Prossiga.

— Acho que não vai gostar dessa. Começa dois anos atrás com...

Parei e esperei enquanto a garçonete servia nossas saladas e o pão de queijo. Pedi outra bebida embora ainda estivesse na metade da que pedira antes. Queria me certificar de que não haveria nenhuma lacuna.

— Então — disse depois que ela se foi —, essa coisa toda começa dois anos atrás com Jesus Menendez. Você lembra dele, certo?

— Sim, nós o mencionamos no outro dia. O DNA. Ele é o cliente que você sempre diz que está na prisão porque limpou o pênis numa toalha.

Ele sorriu porque era verdade que com frequência eu reduzia o caso de Menendez a uma base tão absurdamente vulgar. Geralmente usava isso para provocar risos quando trocava histórias de guerra com outros advogados no Four Green Fields. Isso foi antes de saber o que sabia agora.

Não devolvi o sorriso.

— Bem, acontece que Jesus não fez aquilo.

— O que quer dizer? Foi outro que limpou o pênis na toalha?

Desta vez Levin riu alto.

— Não, você não entendeu. Estou lhe dizendo que Jesus Menendez era inocente.

O rosto de Levin ficou sério. Ele assentiu, começando a juntar as coisas.

— Ele está em San Quentin. Você esteve lá hoje.

Assenti.

— Deixe-me voltar atrás e lhe contar a história — falei. — Você não trabalhou muito para mim no caso Menendez porque nada havia a ser feito. Eles

tinham o DNA, sua própria declaração o incriminando e três testemunhas que o viram jogar a faca no rio. Nunca encontraram a faca, mas tinham as testemunhas... seus próprios colegas de quarto. Era um caso sem esperança. A verdade é que assumi o caso pelo seu valor como publicidade. Assim, basicamente tudo que fiz foi conduzi-lo a uma admissão de culpa. Ele não gostou da ideia, disse que não tinha feito nada, mas não havia outra escolha. A promotoria ia pedir a pena de morte. Ele tinha conseguido isso ou a vida. Arranjei para ele a vida e fiz o sacaninha aceitar. Eu o persuadi.

Olhei para minha salada intocada. Dei-me conta de que não tinha apetite. Limitei-me a beber e arrolhar meu cérebro que continha todas as células da culpa.

Levin ficou esperando. Ele tampouco estava comendo.

— Se não está lembrado, o caso era sobre o assassinato de uma mulher chamada Martha Renteria. Era dançarina no The Cobra Room, na East Sunset. Você acabou não indo até lá para o caso, não é?

Levin sacudiu a cabeça.

— Eles não têm um palco — eu disse. — Eles têm uma espécie de poço no centro e para cada número uns caras vestidos como Aladim entram carregando uma grande cesta de cobra entre duas varas de bambu. Eles depositam a cesta e a música começa. Então o tampo é retirado da cesta e a garota aparece dançando e começa a se despir. É uma espécie de nova versão para a dançarina que sai de dentro do bolo.

— Isto aqui é Hollywood, meu caro — disse Levin. — É preciso haver espetáculo.

— Bem, Jesus Menendez gostava de espetáculo. Ele tinha ganhado 1.100 dólares de seu irmão traficante e se interessou por Martha Renteria. Talvez porque ela fosse a única dançarina mais baixa do que ele. Talvez porque falava em espanhol com ele. Depois do show eles sentaram-se e conversaram, depois ela circulou um pouco e voltou, e ele logo soube que estava em competição com outro cara no clube. Ele levou a melhor, oferecendo a Martha quinhentos paus se ela o levasse para casa.

— Mas não a matou quando chegou lá?

— Hã-hã. Ele seguiu o carro dela no seu. Chegou lá, fez sexo, tirou a camisinha, limpou o pênis na toalha e depois foi para casa. A história começa depois que ele sai.

— O verdadeiro assassino.

— O verdadeiro assassino bate na porta, talvez dando a entender que era Jesus e que havia esquecido alguma coisa. Ela abre a porta. Ou talvez um encontro estivesse marcado. Ela estava esperando a batida e abre a porta.

— O cara do clube? Aquele que a estava disputando com Menendez?

Assenti.

— Exatamente. Ele entra, soca Renteria algumas vezes para amaciá-la, depois tira seu canivete de mola e segura-o contra o pescoço dela enquanto a conduz ao quarto. Parece familiar? Só que ela não teve a sorte que Reggie Campo iria ter em dois anos. Ele a coloca na cama, põe uma camisinha e monta nela. Agora o canivete está no outro lado do pescoço e ele o mantém ali enquanto a estupra. E quando termina, ele a mata. Golpeia diversas vezes com aquele canivete. É um caso de matar em dobro, se é que isso existe. Ele está maquinando alguma coisa na porra da sua mente doentia enquanto faz isso.

Meu segundo martíni chegou e o tomei direto da mão da garçonete, bebendo a metade dele. Ela perguntou se já havíamos terminado com nossas saladas e ambos mandamos que ela as levasse, intocadas.

— Seus bifes já vão chegar — disse ela. — Ou preferem que eu os jogue no lixo para ganhar tempo?

Olhei para ela. Sorria, mas eu estava tão envolvido na história que contava que não entendi o que ela dissera.

— Esqueça — disse ela. — Eles já vão chegar.

Retomei a história. Levin não dizia nada.

— Depois que ela está morta, o assassino limpa tudo, sem pressa. Ela não ia a lugar nenhum nem chamar ninguém. Ele se preocupa em apagar quaisquer impressões digitais que pudesse ter deixado. E no processo apaga as de Jesus Menendez. Isto complica Menendez quando ele vai à polícia explicar que é o cara que esteve lá, mas que não matou Martha. Eles olham para ele e dizem: “Então por que usou luvas quando foi lá?”

Levin sacudiu a cabeça.

— Oh, cara, se isto for verdade...

— Não se preocupe, é verdade. Menendez consegue um advogado que um dia fez um bom serviço para seu irmão, mas este advogado não reconheceria um homem inocente nem que ele lhe desse um chute nos bagos. Este advogado só se preocupa com o acordo. Ele nunca pergunta ao garoto se ele fez aquilo. Simplesmente aceita que o fez porque pegaram a porra de seu DNA e ainda tem as testemunhas que o viram se livrar da faca. O advogado vai à luta e consegue o melhor acordo possível. Na verdade sente-se muito bem sobre isso porque vai livrar Menendez do corredor da morte e algum dia conseguir-lhe uma condicional. Então ele vai até Menendez e bate o martelo. Ele o faz aceitar o acordo, levantar-se lá no tribunal e declarar-se culpado. Jesus vai então para a prisão e todo mundo fica feliz. O estado, porque poupa dinheiro num julgamento e a família de Martha Renteria está feliz por não ter de enfrentar um julgamento

com todas aquelas fotos de necropsia e histórias sobre a filha dançando nua e receber homens por dinheiro. E o advogado está feliz porque conseguiu aparecer na TV pelo menos seis vezes, além de ter livrado mais um cliente do corredor da morte.

Engoli o resto do martíni e olhei em volta procurando a garçonete. Queria outro.

— Jesus Menendez vai para a prisão ainda jovem. Acabei de vê-lo e ele pulou de 26 para 40. Ele é um cara franzino. Você sabe o que acontece com os franzinos por lá.

Eu estava olhando direto para o espaço vazio na mesa diante de mim quando foi colocada uma travessa em forma de ovo com um suculento bife e batatas cozidas. Olhei para a garçonete e disse a ela para trazer outro martíni. Não pedi por favor.

— É melhor ir mais devagar — disse Levin depois que ela se foi. — Provavelmente não existe um tira neste condado que não adoraria mandar você parar, passar pelo bafômetro e botá-lo em cana.

— Sei disso. Este será a saideira. E se for demais, não dirijo. Sempre tem um táxi aqui em frente.

Achando que a comida poderia ajudar, cortei meu bife e comi um pedaço. Depois tirei um naco do pão de queijo enrolado num guardanapo na cesta, só que já havia esfriado. Coloquei no meu prato e meti o garfo.

— Olhe, sei que você está se culpando por isso, mas está esquecendo de uma coisa — disse Levin.

— É? O que é?

— Sua exposição. Ele ia enfrentar a injeção letal, cara, e o caso era uma roubada. Não trabalhei nele para você porque não havia nada em que trabalhar. Eles o tinham encalacrado e você o salvou da agulha. Este é o seu trabalho e você o fez bem. Só que você agora acha que sabe o que realmente aconteceu. Não pode se culpar pelo que não sabia na época.

Ergui a mão num gesto de *pare por aí.*

— O cara era inocente. Eu deveria ter visto isso. Deveria ter feito alguma coisa a respeito. Em vez disso, simplesmente fiz minha parte habitual e fui para as moções com os olhos fechados.

— Babaquice.

— Não, não é babaquice.

— OK, continue com a história. Quem era o segundo cara que bateu à porta dela?

Abri minha maleta e peguei as fotos.

— Fui a San Quentin hoje e mostrei a Menendez um conjunto de seis fotos de clientes meus. Na maioria ex-clientes. Menendez o identificou em menos de dez segundos.

Joguei a foto de Louis Roulet através da mesa. Ela pousou de face para baixo. Levin pegou-a e examinou por alguns momentos. Depois a pôs de volta na mesa de face para baixo.

— Permita que eu lhe mostre mais uma coisa — falei.

Minha mão voltou à maleta e extraí as duas fotografias dobradas de Martha Renteria e Reggie Campo. Olhei em torno para me certificar de que a garçonete não estivesse por perto para entregar meu martíni e depois as passei por sobre a mesa.

— Isto é um quebra-cabeça — expliquei. — Coloque-as lado a lado e veja o que você obtém.

Levin fez o que mandei e assentiu como se entendesse a importância. O matador — Roulet — se concentrava em mulheres que se encaixavam ao modelo ou perfil que desejava. Em seguida mostrei-lhe o esboço da arma feito pelo legista na autópsia de Renteria e li para ele a descrição dos dois ferimentos coercitivos encontrados no pescoço.

— Sabe aquele vídeo que você conseguiu no bar? — perguntei. — O que ele mostra é um matador em ação. Tal como você, ele viu que o Sr. X era canhoto. Quando atacou Reggie Campo, ele a socou com a esquerda e depois segurou o canivete com a mão esquerda. Esse cara sabe o que está fazendo. Ele viu uma oportunidade e aproveitou-a. Reggie Campo é a mulher viva mais sortuda que existe.

— Você acha que há outros? Outros assassinatos, quero dizer.

— Talvez. É nisso que quero que você dê uma olhada. Verifique todos os esfaqueadores de mulheres nos anos recentes. Depois consiga os retratos das vítimas e veja se combinam com o perfil físico. E não se atenha só aos casos não solucionados. Martha Renteria estava supostamente entre os casos arquivados.

Levin se inclinou à frente.

— Olhe, cara, não vou jogar uma rede sobre isto, como a polícia pode fazer. Você tem que botar os tiras na parada. Ou recorrer ao FBI. Eles têm seus próprios especialistas para assassinos em série.

Sacudi a cabeça.

— Não posso. Ele é meu cliente.

— Menendez também é seu cliente, e você tem que livrá-lo.

— Estou trabalhando no caso. E eis por que preciso que faça isso por mim, Misto.

Ambos sabíamos que eu sempre o chamava de Misto quando precisava de alguma coisa que ultrapassava os limites de nossa relação profissional e caía na amizade subjacente a ela.

— Já pensou num pistoleiro? — retrucou Levin. — Isso resolveria nossos problemas.

Assenti, sabendo que ele estava sendo brincalhão.

— É, isso funcionaria — eu disse. — E também faria do mundo um lugar melhor. Mas provavelmente não libertaria Menendez.

Levin se inclinou à frente de novo. Agora estava sério.

— Farei o que puder, Mick, mas não acho que seja o caminho certo a seguir. Você pode declarar conflito de interesse e descartar Roulet. Depois batalhar para tirar Menendez de San Quentin.

— Tirá-lo com quê?

— A identificação que ele fez no conjunto de fotos. Aquilo foi sólido. Ele não sabia nada sobre Roulet e aí vai lá e o aponta no meio do bolo.

— Quem vai acreditar nisso? Sou o advogado dele! Nenhum dos tiras da junta de clemência vai acreditar que não armei a coisa. Isso é tudo teoria, Raul. Eu e você sabemos que é verdade, mas não podemos provar coisa nenhuma.

— E quanto aos ferimentos? Eles poderiam comparar o canivete que conseguiram do caso Campo com os ferimentos de Martha Renteria.

Sacudi a cabeça.

— Ela foi cremada. Todos eles têm as descrições e fotos da necropsia e isso não seria conclusivo. Não é suficiente. Além disso, não posso ser visto como o cara que empurra isso sobre seu próprio cliente. Se eu me voltar contra um cliente, então me volto contra todos os clientes. Não posso olhar a coisa desse jeito ou perderei todos eles. Preciso pensar em alguma coisa mais.

— Acho que você está errado. Acho...

— Por ora vou prosseguir como se não soubesse de nada disso, entende? Mas dê uma olhada nisso. Em tudo. Mantenha a coisa separada de Roulet de modo que eu não tenha uma questão de descoberta. Arquive tudo sob Jesus Menendez e me cobre o tempo sobre esse caso. Entende?

Antes que Levin pudesse responder, a garçonete trouxe meu terceiro martíni. Acenei para levá-lo de volta.

— Não quero mais. Apenas a conta.

— Bem, não posso colocá-lo de volta na garrafa — disse ela.

— Não se preocupe, pagarei por ele. Só não quero tomá-lo. Dê para o cara que faz o pão de queijo e apenas me traga a conta.

Ela voltou-se e se afastou, provavelmente chateada por eu não ter oferecido o drinque a ela. Olhei de novo para Levin. Ele parecia estar sofrendo por tudo que

eu tinha revelado. Eu simplesmente sabia o que ele estava sentindo.

— Consegui uma tabela A, hã? — falei.

— É isso aí. Como você vai ser capaz de agir direito com esse cara e, enquanto tem de lidar com ele, jogar esta outra merda para o lado?

— Com Roulet? Planejo vê-lo o mínimo possível. Só quando estritamente necessário. Ele deixou-me uma mensagem hoje, tem alguma coisa para me contar. Mas não vou ligar de volta.

— Por que ele escolheu você? Quero dizer, por que escolheria o único advogado que poderia juntar tudo isso?

Sacudi a cabeça.

— Não sei. Pensei sobre isso durante toda a viagem de avião. Acho que talvez ele estivesse preocupado que eu pudesse ouvir sobre o caso e somar dois mais dois, de qualquer modo. Mas se ele fosse meu cliente, então sabia que eu estaria eticamente amarrado para protegê-lo. Pelo menos no início. Além disso, tem o dinheiro.

— Que dinheiro?

— O dinheiro da mãe. Os honorários. Ele sabe que o pagamento é polpudo para mim. O maior que já tive. Talvez achasse que eu olharia para o outro lado para o dinheiro continuar entrando.

Levin assentiu.

— Talvez eu devesse, não acha? — falei.

Foi uma tentativa de humor incitada pela bebida, mas Levin não sorriu e então lembrei-me do rosto de Jesus Menendez atrás da barreira de acrílico e não pude sequer me forçar a sorrir.

— Escute, há uma outra coisa que preciso que você faça — continuei. — Quero que fique de olho nele também. Roulet. Descubra tudo que puder sem chegar perto demais. E verifique aquela história sobre a mãe, sobre ter sido estuprada na casa que estava vendendo em Bel-Air.

Levin assentiu.

— Estou nessa.

— E nada de terceirizar.

Esta era uma piada corrente entre nós. Tal como eu, Levin era um cara centralizador. Não costumava terceirizar.

— Fique tranquilo. Eu mesmo cuidarei disso.

Essa era sua resposta habitual, mas dessa vez carecia da falsa sinceridade e humor que costumava dar a ela. Só respondeu por força do hábito.

A garçonete se aproximou da mesa e depositou nossa conta sem agradecer. Joguei um cartão de crédito sobre ela sem sequer conferir a despesa. Só queria ir embora.

— Você quer que ela embale seu bife para viagem? — perguntei.
— Tudo bem — disse Levin. — Fiquei meio sem apetite agora.
— E o cão de guarda que você tem em casa?
— Boa ideia. Já ia esquecendo de Bruno.
Ele olhou em volta para pedir à garçonete uma embalagem.
— Leve o meu bife também. Não tenho cachorro.

VINTE E UM

Apesar do efeito da bebida, atravessei o ziguezague que era o Laurel Canyon sem danificar o Lincoln ou ser parado por um guarda. Moro em Fareholm Drive, sobranceiro à boca sul do cânion. Todas as casas são construídas alinhadas com a rua e o único problema que tive para chegar em casa foi quando descobri que um idiota estacionara seu utilitário na frente da minha garagem e eu não podia entrar. Estacionar na rua estreita é sempre difícil e a abertura diante da porta de minha garagem era em geral muito convidativa, em especial numa noite de fim de semana, quando invariavelmente alguém na rua estava dando uma festa.

Manobrei junto à casa e encontrei um espaço grande o bastante para o Lincoln a cerca de um quarteirão e meio. Quanto mais distante eu ficava de casa, mais furioso ficava com o dono do utilitário. Cresceu a fantasia de cuspir no para-brisa para bloquear o espelho lateral, esvaziar os pneus e chutar os painéis laterais. Mas em vez disso escrevi um pequeno bilhete sóbrio numa página adesiva amarela: *Esta não é uma vaga de estacionamento! Na próxima vez você será rebocado.* Afinal, nunca se sabe quem está dirigindo um utilitário em Los Angeles, e se ameaçar alguém por estacionar diante de sua garagem, então todos vão saber onde você mora.

Voltei e estava colocando o bilhete sob o limpador de para-brisa do invasor quando notei que o utilitário era um Range Rover. Coloquei a mão sobre o capô e estava frio ao toque. Olhei acima da garagem para as janelas da minha casa que podia ver, mas elas estavam às escuras. Enfiei o bilhete dobrado debaixo do limpador de para-brisa e comecei a subir as escadas para o deque e a porta da frente. Meio que esperei que Louis Roulet estivesse sentado em uma das altas cadeiras de executivo, apreciando uma vista cintilante da cidade, mas ele não estava lá.

Em vez disso, fui até o canto da varanda e olhei para a cidade. Foi esta vista que me convenceu a comprar a casa. Tudo na casa, uma vez que se atravessasse a porta, era comum e antiquado. Mas a varanda da frente e a vista bem acima do Hollywood Boulevard podia disparar um milhão de sonhos. Eu havia usado o dinheiro do último caso tabela A para um pagamento antecipado. Mas uma vez lá instalado e sem ter outro caso que pagasse assim, tomei o capital de

contrapartida numa segunda hipoteca. A verdade era que eu pelejava todo mês para pagar a prestação. Precisava me livrar desse peso, mas aquela vista do deque me paralisava. Eu provavelmente estaria admirando a paisagem quando eles chegassem para pegar a chave e tomar a casa.

Conheço a pergunta que minha casa instiga. Mesmo lutando para me manter à tona, até que ponto é justo que, quando uma promotora e um advogado de defesa se divorciaram, o advogado fique com a casa na colina com a vista de um milhão de dólares enquanto a promotora e a filha ficam com o apartamento de dois quartos no Valley? A resposta é que Maggie McPherson podia comprar uma casa de sua escolha e eu a ajudaria o máximo que pudesse. Mas ela não queria se mudar enquanto esperava ser indicada para uma promoção no escritório do centro da cidade. Comprar uma casa em Sherman Oaks ou qualquer outro lugar passaria a mensagem errada, aquela de contentamento sedentário. Não estava contente em ser a Maggie McFeroz da Divisão Van Nuys. Ela não estava contente em ser preterida por John Smithson ou qualquer de seus jovens talentos. Era ambiciosa e queria ir para o centro, onde supostamente os melhores e mais brilhantes cuidavam dos crimes importantes. Ela se recusava a aceitar o truísmo simples de que quanto melhor você fosse maior a ameaça para aqueles no topo, em especial se eles eram eleitos. Eu sabia que Maggie nunca seria convidada para o centro. Ela era boa demais.

Vez por outra esta percepção a penetrava e ela fustigava de maneiras inesperadas. Fazia uma afirmação cortante numa entrevista coletiva ou se recusava a cooperar com uma investigação do centro. Ou, de pileque, podia revelar a um advogado de defesa detalhes que ele não deveria saber acerca de um caso.

O telefone começou a tocar dentro da casa. Corri para a porta, me atrapalhei com as chaves para abri-la, mas consegui entrar a tempo. Meus números de telefone e aqueles que os têm formam uma pirâmide. O número nas páginas amarelas é a base e qualquer um poderia obtê-lo. Mais alto na pirâmide está meu telefone celular, que foi espalhado entre colegas-chave, investigadores, homens da fiança, clientes e outras engrenagens da máquina. O telefone de minha casa — a linha fixa — estava no topo da pirâmide. Muito poucos tinham o número. Nada de clientes e nada de advogados, exceto um.

Agarrei o telefone na parede da cozinha antes que fosse deixada a mensagem na secretária eletrônica. Quem ligava era o único advogado que tinha o número: Maggie McPherson.

— Recebeu minhas mensagens?

— Recebi uma no meu celular. O que há de errado?

— Nada de errado. Deixei uma neste número um bocado mais cedo.

— Oh, estive fora o dia inteiro. Acabei de chegar.

— Onde esteve?

— Bem, fui a São Francisco, voltei e acabei de jantar com Raul Levin. Tudo bem com você?

— Estou apenas curiosa. O que havia em São Francisco?

— Um cliente.

— Então o que realmente quer dizer é que esteve em San Quentin e voltou.

— Você sempre foi esperta demais para mim, Maggie. Nunca posso enganá-la. Existe uma razão para esta chamada?

— Eu só queria ver se recebeu minhas desculpas e também queria saber se você ia marcar alguma coisa com Hayley amanhã.

— Sim e sim. Mas nenhuma desculpa é necessária, Maggie, e você deveria saber disso. Lamento o modo como agi antes de sair. E se minha filha quiser ficar comigo amanhã, então quero estar com ela. Diga-lhe que podemos passear no píer ou ir ao cinema. O que ela preferir.

— Bem, na verdade ela quer ir ao shopping.

Ela disse isso como se estivesse pisando em ovos.

— Shopping? O shopping está ótimo. Eu a levarei. O que há de errado com o shopping? Há algo em especial que ela queira?

De repente notei um odor estranho na casa. O cheiro de fumaça. Enquanto estava de pé no meio da cozinha, verifiquei forno e fogão. Estavam apagados. Eu me via acorrentado à cozinha porque o telefone não era sem fio. Eu o estiquei até a porta e acendi a luz da sala de jantar. Estava vazia e sua luminosidade era lançada no próximo cômodo, a sala de estar que atravessei ao entrar. Também parecia vazia.

— Eles têm um lugar lá onde as pessoas podem fazer seu próprio ursinho de pelúcia, escolher o estilo e a caixa de voz e pôr um coraçãozinho no estofamento. É tudo muito gracioso.

Eu agora queria desligar e verificar mais a fundo a minha casa.

— Ótimo. Eu a levarei. Qual a melhor hora?

— Estava pensando por volta do meio-dia. Talvez nós pudéssemos almoçar primeiro.

— Nós?

— Isso o incomodaria?

— Não, Maggie, de jeito nenhum. Está bom eu chegar ao meio-dia?

— Legal.

— A gente se vê então.

Desliguei o telefone antes que ela pudesse se despedir. Eu possuía uma arma, mas era uma peça de colecionador que não tinha sido disparada em minha vida

inteira e estava guardada numa caixa no closet de meu quarto, nos fundos da casa. Assim, abri silenciosamente uma gaveta da cozinha e tirei uma curta mas afiada faca para bife. Então atravessei a sala de estar rumo ao corredor que levava aos fundos da casa. Havia três portas no corredor. Davam para o meu quarto, um banheiro e outro quarto que eu transformara em escritório, o único escritório de verdade que eu tinha.

A luz da escrivaninha estava acesa no escritório. Não era visível do ângulo que eu tinha no corredor, mas podia dizer que estava acesa. Havia dois dias que não vinha em casa, mas não me lembrava de tê-la deixado acesa. Aproximei-me devagar da porta aberta, ciente de que isto é o que eu podia ter pretendido fazer. Focalizar-me na luz de um cômodo enquanto o intruso está esperando na escuridão do quarto de dormir ou do banheiro.

— Pode entrar, Mick. Sou eu.

Reconheci a voz, mas isto não me deixou à vontade. Louis Roulet estava esperando no escritório. Avancei até a soleira e parei. Ele estava sentado na poltrona preta de couro da escrivaninha. Girou-a de modo a ficar de frente para mim e cruzou as pernas. Suas calças se arregaçaram na perna esquerda e pude ver a argola de rastreamento que Valenzuela o obrigava a usar. Eu sabia que se Roulet tivesse vindo me matar, pelo menos deixaria uma trilha. Porém isto não era reconfortante. Apoiei-me na moldura da porta para poder segurar a faca atrás do meu quadril sem ser óbvio demais sobre isso.

— Então é aqui que você faz seu grande trabalho jurídico? — perguntou Roulet.

— Parte dele. O que está fazendo aqui, Louis?

— Vim para vê-lo. Você não retornou minha ligação e então quis me certificar de que ainda formamos uma equipe, sabe?

— Estive fora da cidade. Acabei de voltar.

— E quanto ao jantar com Raul? Não foi o que disse para quem telefonou para você?

— Ele é um amigo. Jantei no meu caminho de volta do aeroporto de Burbank. Como descobriu onde moro, Louis?

Ele pigarreou e sorriu.

— Trabalho com imóveis, Mick. Posso descobrir onde mora qualquer pessoa. De fato, costumava ser uma fonte para a *National Enquirer.* Sabia disso? Eu podia dizer a eles onde qualquer celebridade morava, não importa que testas de ferro e empresas estivessem por trás das compras deles. Mas desisti depois de algum tempo. O pagamento era bom, mas a coisa era... de muito mau gosto. Você sabe o que quero dizer, Mick? Seja como for, parei. Mas ainda posso

descobrir onde qualquer pessoa mora. Posso também descobrir se estão no limite do valor da hipoteca e até mesmo se estão fazendo os pagamentos em dia.

Ele olhou para mim com um sorriso conhecedor. Estava me dizendo que a casa era uma bomba financeira, que eu não tinha nada no lugar e em geral atrasava um mês nas duas hipotecas. Fernando Valenzuela provavelmente nem mesmo aceitaria a casa como garantia por uma fiança de cinco mil dólares.

— Como você entrou? — perguntei.

— Bem, há uma coisa engraçada sobre isso. Acontece que eu tinha uma chave. Quando esta casa foi colocada à venda... hã, quando foi? Uns 18 meses atrás? De qualquer modo, eu queria vê-la porque achava que tinha um cliente que se interessaria pela vista. Por isso vim e peguei a chave no escaninho do corretor. Entrei, olhei e soube de imediato que não era a escolha certa para meu cliente... ele queria alguma coisa mais chique. Então saí. E esqueci de pôr a chave de volta. Tenho o péssimo hábito de fazer isso. Não é estranho que depois de todo esse tempo meu advogado viria a morar nesta casa? E, a propósito, vejo que não fez muita coisa com ela. Você tem a vista, é claro, mas realmente precisa fazer algumas reformas.

Eu soube então que ele estivera de olho em mim desde o caso Menendez. E que provavelmente sabia que eu acabara de ir a San Quentin para visitá-lo. Pensei sobre o homem na fila de devolução da locadora de carros. *Um dia ruim?* Mais tarde eu o vira na ponte aérea para Burbank. Estivera me seguindo? Estaria a serviço de Roulet? Era o investigador que Cecil Dobbs tentara me impingir para o caso? Eu não sabia todas as respostas, mas sabia que a única razão para Roulet estar em minha casa, me esperando, era porque ele sabia o que eu sabia.

— O que realmente quer, Louis? Está tentando me assustar?

— Não, nada disso. Eu é que deveria estar assustado. Presumo que tenha uma arma de algum tipo às suas costas. O que é? Uma pistola?

Agarrei a faca com mais firmeza, mas não a exibi.

— O que você quer? — repeti.

— Quero lhe fazer uma proposta. Não pela casa. Mas pelos seus serviços.

— Você já tem meus serviços.

Ele girou de um lado para outro na poltrona antes de responder. Meus olhos vasculharam a escrivaninha, para ver se faltava alguma coisa. Notei que ele tinha usado como cinzeiro um pratinho de cerâmica que minha filha fizera para mim. Originalmente para colocar clipes.

— Estive pensando sobre nosso acordo de honorários e as dificuldades que o caso apresenta — disse ele. — Francamente, Mick, acho que está sendo mal pago. Portanto, quero estabelecer um novo esquema de honorários. Você será pago pela quantia já combinada e será pago integralmente antes do início do

julgamento. Mas vou agora acrescentar uma bonificação pelo desempenho. Quando eu for a júri pelos meus pares para ser inocentado deste crime horrível, seus honorários dobram automaticamente. Preencherei o cheque no seu Lincoln quando estivermos voltando do tribunal.

— Isso é ótimo, Louis, mas a Ordem dos Advogados da Califórnia se recusa a permitir que advogados de defesa aceitem bônus baseados em resultados. Eu não poderia aceitar. É mais do que generoso, mas não posso.

— Mas a Ordem dos Advogados não está aqui, Mick. E não temos que tratar isto como um bônus de desempenho. É apenas parte do esquema de honorários. Porque, afinal, você será bem-sucedido em me defender, não é?

Ele me olhou com intensidade e pude ler a ameaça.

— Nada é garantido num tribunal. As coisas sempre podem dar errado. Mas ainda penso que o caso parece bom.

O rosto de Roulet vagarosamente esboçou um sorriso.

— O que posso fazer para que pareça ainda melhor?

Pensei em Reggie Campo. Ainda viva e pronta para ir ao tribunal. Não fazia a mínima ideia de contra quem ela ia testemunhar.

— Nada — respondi. — Apenas fique firme e aguarde. Não tenha quaisquer ideias. Não faça nada. O caso está se definindo e nos sairemos bem.

Ele não respondeu. Eu queria afastá-lo de pensamentos acerca da ameaça que Reggie Campo representava.

— Mas há porém uma coisa que surgiu — eu disse.

— É mesmo? Qual é?

— Não tenho os detalhes. O que sei me foi passado por uma fonte que não pode me contar nada mais. Mas parece que a promotoria tem um dedo-duro na cadeia. Você não falou com ninguém sobre o caso, não é? Lembre-se, eu disse a você para não falar com ninguém.

— E não falei. Quem quer que tenham arranjado, é um mentiroso.

— A maioria deles é. Só queria ter certeza. Cuidarei disso se aparecer.

— Ótimo.

— Uma outra coisa. Falou com sua mãe acerca de testemunhar sobre o ataque na casa vazia? Precisamos disso para sustentar a defesa de você estar armado de canivete.

Roulet franziu os lábios mas não respondeu.

— Preciso que você a convença — insisti. — Seria muito importante para estabelecer isto solidamente com o júri. Além disso, poderia criar simpatia em relação a você.

Roulet assentiu. Ele viu a luz.

— Pode por favor pedir a ela? — perguntei.

— Eu o farei. Mas ela resistirá. Nunca deu queixa. Jamais contou isso a ninguém, exceto Cecil.

— Precisamos dela para testemunhar e depois podemos conseguir que Cecil também testemunhe para apoiá-la. Isto não é tão bom quanto um relatório da polícia, mas funcionará. Precisamos dela, Louis. Acho que se ela testemunhar, pode convencê-los. Jurados gostam de senhoras.

— OK.

— Ela alguma vez lhe contou como o cara parecia ou sua idade provável, algo assim?

Ele balançou a cabeça.

— Ela não poderia dizer. Ele usava máscara e óculos de esquiador. Pulou sobre ela tão logo mamãe passou pela porta. Tinha ficado escondido atrás dela. Foi tudo muito rápido e muito brutal.

Sua voz tremeu enquanto descrevia a cena. Fiquei intrigado.

— Pensei que você tinha dito que o agressor era um comprador em potencial que ela supostamente ia encontrar lá — retruquei. — Ele já estava na casa?

Ele trouxe os olhos para encontrar os meus.

— Sim. De alguma forma ele já tinha entrado e estava esperando por ela. Foi terrível.

Assenti. No momento eu não queria me aprofundar com ele. Queria-o fora de minha casa.

— Bem, obrigado pela oferta, Louis. Agora, se me desculpar, quero ir para a cama. Foi um dia longo.

Gesticulei com minha mão livre rumo ao corredor que levava à porta da casa. Roulet levantou-se da poltrona da escrivaninha e veio em minha direção. Recuei no corredor e depois até a porta aberta do meu quarto. Mantive a faca atrás de mim e preparada. Mas Roulet passou sem nenhum incidente.

— E amanhã você tem sua filha para entreter — disse ele.

Isto me congelou. Ele ouvira minha conversa com Maggie. Não disse nada. Ele, sim.

— Não sabia que tinha uma filha, Mick. Deve ser muito bom.

Ele relanceou de volta para mim, sorrindo enquanto descia o corredor.

— Ela é linda — comentou ele.

Minha inércia se transformou em ímpeto. Caminhei pelo corredor e comecei a segui-lo, a raiva crescendo a cada passo. Segurei a faca com firmeza.

— Como sabe como ela é? — perguntei.

Ele parou e eu também. Louis olhou para a faca em minha mão e depois para meu rosto. Falou calmamente:

— Pelo retrato em sua escrivaninha.

Eu havia emoldurado uma foto de Hayley em que ela aparecia numa lanchonete na Disneylândia.

— Oh — falei.

Ele sorriu, sabendo o que eu estivera pensando.

— Boa noite, Mick. Curta sua filha amanhã. Talvez não a veja com muita frequência.

Ele virou-se, atravessou a sala de estar e abriu a porta da frente. Voltou a olhar para mim antes de sair.

— Você precisa é de um bom advogado — disse ele. — Um que lhe consiga a guarda da menina.

— Não. Ela está melhor com a mãe.

— Boa noite, Mick. Obrigado pela conversa.

— Boa noite, Louis.

Dei um passo à frente para fechar a porta.

— Uma linda vista — disse ele, já do lado de fora.

— É mesmo — respondi enquanto trancava a porta.

Fiquei parado ali com a mão na maçaneta, esperando ouvir seus passos descendo as escadas para a rua. Mas pouco depois ele bateu na porta. Fechei os olhos, segurei a faca pronta para usá-la e abri. Roulet ergueu sua mão. Recuei um passo.

— Sua chave — disse ele. — Imaginei que deveria ficar com ela.

Peguei de sua mão espalmada.

— Obrigado.

— Não por isto.

Bati a porta e tranquei-a mais uma vez.

VINTE E DOIS

Terça-feira, 12 de abril

O dia começou melhor do que qualquer advogado de defesa poderia pedir. Eu não tinha de ir a nenhum tribunal, nem me reunir com qualquer cliente. Acordei tarde, passei a manhã lendo o jornal de cabo a rabo e ganhei um ingresso para o jogo inicial dos Dodgers de Los Angeles na temporada de beisebol. Era um dia de jogo e uma tradição honrada pelo tempo, entre os profissionais, assistir àquele jogo. Meu ingresso viera de Raul Levin, que ia levar cinco advogados de defesa para quem trabalhava como um gesto de agradecimento pelos negócios deles. Tinha certeza de que os outros iam resmungar e se queixar durante o jogo de que eu estava monopolizando Levin enquanto me preparava para o julgamento de Roulet. Mas eu não estava nem aí para isso.

Estávamos na hora aparentemente lenta que antecede o julgamento, quando a máquina se move num impulso silencioso e constante. O julgamento de Louis Roulet estava marcado para começar em um mês. À medida que ficava mais próximo eu estava aceitando cada vez menos clientes. Precisava de tempo para preparar minha estratégia. Embora o julgamento estivesse a semanas de distância, seria provável vencer ou perder com a informação reunida agora. Eu precisava manter minha agenda desimpedida por causa disso. Só assumi casos de clientes antigos — e só se o dinheiro fosse certo e pago adiantado.

Um julgamento era um estilingue. A chave estava na preparação. O pré-julgamento é quando o estilingue é carregado com a pedra adequada e o elástico é lentamente puxado para trás e esticado até o limite. Por fim, no julgamento você o solta e o projétil é disparado à frente, infalivelmente para o alvo. O alvo é a absolvição. Inocente. Você só acerta esse alvo se escolheu adequadamente a pedra e puxou o elástico cuidadosamente para trás, retesando-o ao máximo possível.

Levin estava fazendo a maior parte do retesamento. Ele continuava a cavoucar nas vidas dos participantes nos casos de Roulet e Menendez. Ele havia tramado uma estratégia e plano que estávamos chamando de “arremesso duplo”

porque tinha dois alvos em mira. Eu não tinha nenhuma dúvida de que quando o julgamento começasse, em maio, estaríamos retesados até o limite e prontos para arremessar.

A acusação também fez sua parte para nos ajudar a carregar o estilingue. Nas semanas desde a citação de Roulet a pasta de descobertas deles ia ficando cada vez mais grossa à medida que relatórios científicos chegavam, mais investigações policiais eram levadas a cabo e novos desdobramentos ocorriam.

Entre os desdobramentos dignos de nota estava a identificação do Sr. X, o homem canhoto que estivera com Reggie Campo no Morgan's, na noite do ataque. Os detetives do DPLA, usando o vídeo sobre o qual eu alertara a acusação, foram capazes de identificá-lo mostrando um fotograma tirado do vídeo a conhecidas prostitutas e garotas de programa, quando eram presas pela Delegacia de Costumes. O Sr. X foi identificado como Charles Talbot. Era freguês habitual de muitas das profissionais do sexo. Algumas disseram que era dono ou empregado de uma loja de conveniências no Reseda Boulevard.

Os relatórios investigativos adiantados para mim por meio de pedidos de descoberta revelaram que os detetives entrevistaram Talbot e descobriram que na noite de 6 de março ele deixou o apartamento de Reggie Campo pouco antes das dez e foi para a loja de conveniências 24 horas mencionada anteriormente. Talbot era o dono do negócio. Ele foi para a loja para poder controlar um armário de cigarros do qual só ele possuía a chave. Câmeras de vigilância da loja confirmaram que ele esteve lá das 10h09 às 10h51, repondo o estoque de cigarros debaixo do balcão da frente. O sumário investigativo isentou Talbot de ter tomado parte nos eventos ocorridos depois que deixou o apartamento de Campo. Foi apenas mais um dos fregueses.

Em nenhum lugar das descobertas da acusação mencionava-se o alcaguete de cadeia que os procurara com uma história para contar sobre Louis Roulet. Minton ou tinha decidido não usá-lo ou estava guardando-o apenas para uso emergencial. Eu tendia a pensar nesta última hipótese. Minton o mantinha sob sequestro no programa de desintoxicação. Ele não teria se metido na encrenca a não ser que quisesse manter Corliss fora de cena, mas a postos. Isto era ótimo para mim. O que Minton não sabia era que Corliss era a pedra que eu iria pôr no estilingue.

E enquanto as descobertas da acusação contivessem pouca informação sobre a vítima do crime, Raul Levin estava perseguindo vigorosamente Reggie Campo. Ele localizou um site chamado PinkMink.com, no qual ela anunciava seus serviços. O importante sobre a descoberta não era necessariamente que isto estabelecesse que ela estava envolvida em prostituição, mas sim que o anúncio declarava ser ela "muito mente aberta e gostava de tornar-se selvagem" e estava

“disponível para sessões de sadomasoquismo — você me bate ou eu bato em você”. Isso era uma boa munição para se ter. Era o tipo de coisa que poderia ajudar a colorir uma vítima ou testemunha aos olhos de um júri. E ela era as duas coisas.

Levin também estava escavando mais fundo na vida e nas épocas de Louis Roulet e descobrira que ele tinha sido um aluno medíocre que frequentara cinco escolas diferentes em Beverly Hills e cercanias, Ele estivera na UCLA e obtivera um diploma em literatura inglesa, mas Levin localizou colegas de turma que disseram que Roulet abriu seu caminho comprando de outros alunos boletins de frequência, respostas de provas e até mesmo uma monografia de noventa páginas sobre a vida e obra de John Fante.

Um perfil muito mais sombrio emergiu da vida adulta de Roulet. Levin descobriu inúmeras mulheres de suas relações que revelaram ter sido maltratadas por Roulet, física ou mentalmente, ou de ambos os modos. Duas mulheres que haviam conhecido Roulet enquanto eram estudantes na UCLA disseram a Levin desconfiar que Roulet, numa festa de estudantes, havia batizado suas bebidas com uma droga para depois se aproveitar sexualmente delas. Nenhuma delas relatou suas suspeitas às autoridades, mas uma delas fez exame de sangue no dia seguinte à festa. Declarou que foram encontrados vestígios de cloreto de quetamina, um sedativo veterinário. Felizmente para a defesa, nenhuma dessas mulheres tinha sido até então localizada pelos investigadores da acusação.

Levin também deu uma olhada nos casos do suposto Estuprador Imobiliário de cinco anos até aqui. Quatro mulheres — todas corretoras — reportaram ter sido dominadas e estupradas por um homem que estava à espera quando entraram nas casas supostamente esvaziadas pelos proprietários para serem mostradas. Os ataques ficaram sem solução, mas cessaram 11 meses depois que o primeiro foi relatado. Levin falou com um especialista em crimes sexuais do DPLA que trabalhou nos casos. Ele disse que seu instinto sempre foi de que o estuprador não era um estranho ao ramo. Parecia saber como entrar nas casas e atrair corretoras mulheres para elas, sozinhas. O investigador estava convicto de que o estuprador estava no ramo imobiliário, mas como nenhuma prisão jamais foi feita, ele nunca provou sua teoria.

Em acréscimo a esta linha de sua investigação, Levin pouco pôde descobrir para confirmar que Mary Alice Windsor tivesse sido uma das vítimas não reportadas do estuprador. Ela tinha nos garantido uma entrevista e concordado em testemunhar sobre sua tragédia secreta, mas só se o seu depoimento fosse vitalmente necessário. A data do ataque que forneceu caía entre as datas dos ataques documentados atribuídos ao Estuprador Imobiliário, e Windsor forneceu um livro de anotações e outros documentos mostrando que ela foi de fato a

corretora encarregada da venda da casa em Bel-Air onde disse que foi atacada. Mas, definitivamente, só tínhamos a palavra dela para isso. Não havia registros médicos ou hospitalares indicativos de tratamento para um ataque sexual. E nenhum registro policial.

Ainda assim, quando Mary Windsor recontou sua história, ela bateu em quase todos os detalhes com o relato de Roulet. Depois, tinha soado estranho para mim e Levin que Louis houvesse sabido tanto sobre o ataque. Se sua mãe decidira manter a coisa em segredo e sem queixa à polícia, então por que partilharia tantos detalhes de sua dolorosa provação com o filho? Essa pergunta levou Levin a postular uma teoria que era tão repulsiva quanto intrigante.

— Acho que ele conhece todos os detalhes porque estava lá — dissera Levin depois da entrevista e quando estávamos a sós.

— Acha que ele viu tudo e não fez nada para impedir?

— Não, quero dizer que acho que ele era o homem com máscara e óculos de esquiador.

Fiquei em silêncio. Creio que em um nível subliminar posso ter pensado a mesma coisa, mas a ideia era repugnante demais para ter aflorado à superfície.

— Oh, cara... — eu disse.

Levin, pensando que eu estava discordando, levou avante sua teoria.

— Ela é uma mulher muito forte — disse ele. — Construiu sua empresa do nada e o negócio imobiliário nesta cidade é uma briga de foice. Ela é durona e não engulo essa de não ter relatado o caso, não querendo que o cara que a estuprou fosse capturado. Vejo as pessoas de duas maneiras. Ou elas são do tipo olho por olho ou são do tipo deixa-isso-pra-lá. Ela definitivamente é um olho por olho e não posso vê-la deixando para lá a não ser que estivesse protegendo aquele cara. A não ser que aquele cara fosse o nosso cara. Estou lhe dizendo, Mick, Roulet é mau. Não sei de onde isso vem ou como ele conseguiu, porém quanto mais olho para ele, mais vejo o demônio.

Tudo deste currículo era completamente *sub rosa.* Obviamente, não era o tipo de currículo que de algum modo seria levado avante como um meio de defesa. Deveria ser escondido da descoberta, portanto muito pouco do que Levin ou eu descobrimos foi posto no papel. Mas ainda era informação que eu tinha de saber enquanto tomava minhas decisões e planejava o julgamento e a atuação dentro dele.

Às 11h05 meu telefone de casa tocou enquanto eu estava de pé diante de um espelho, ajustando um boné dos Dodgers na minha cabeça. Verifiquei quem ligava antes de atender e vi que era Lorna Taylor.

— Por que seu celular está desligado? — perguntou ela.

— Porque estou desligado. Eu lhe disse, nada de chamadas hoje. Vou entrar na dança com Misto e marquei encontro com ele cedo.

— Quem é Misto?

— É Raul. Por que está me incomodando?

— Porque acho que você vai querer ser incomodado com isso. A correspondência chegou um pouco cedo hoje e assim você conseguiu uma notícia do Segundo.

A Corte de Apelação do Segundo Distrito revisava todos os casos provenientes do condado de Los Angeles. Era a primeira barreira a transpor no caminho para a Corte Suprema. Mas eu não achava que Lorna iria ligar para dizer que eu perdera uma apelação.

— Qual caso?

A qualquer tempo determinado eu tinha geralmente quatro ou cinco casos em apelação no Segundo Distrito.

— Um de seus Road Saints. Harold Casey. Você venceu!

Fiquei chocado. Não por vencer, mas pelo tempo. Eu tentara seguir rapidamente com a apelação. Escrevera o resumo antes de chegar o veredicto e paguei um extra para receber transcrições diárias do processo. Protocolei a notificação de apelo no dia seguinte ao veredicto e solicitei uma revisão acelerada. Mesmo assim, não estava esperando ouvir nenhuma novidade sobre Casey antes de dois meses.

Pedi a Lorna que lesse o acórdão e um sorriso se alargou em meu rosto. O sumário era literalmente uma cópia de minha petição. O grupo de três juízes concordara comigo na alegação de que o voo rasante do helicóptero sobre o rancho de Casey constituía uma invasão de privacidade. A corte revogou a condenação de Casey, dizendo que a busca que levou à descoberta da plantação de maconha hidropônica foi ilegal.

A acusação agora teria que decidir se revisava o processo de Casey e, realisticamente, um segundo julgamento estava fora de questão. Não teria nenhuma prova, uma vez que a corte de apelações decidiu que tudo que foi acumulado durante a busca no rancho era inadmissível. A decisão do Segundo foi claramente uma vitória para a defesa, e eles não faziam isso com muita frequência.

— Cara, que dia para o pobre-diabo!

— Onde ele está, afinal? — perguntou Lorna.

— Ele pode estar ainda no centro de recepção, mas eles iam mandá-lo para Corcoran. Eis o que você vai fazer. Tire dez cópias da decisão, coloque-as num envelope e mande para Casey em Corcoran. Você deve ter o endereço.

— Bem, eles não o soltarão?

— Ainda não. A condicional foi violada após sua prisão e a apelação não influi sobre isso. Ele não vai sair até que vá à junta de condicional e alegue que não teve outra saída, que só a violou por causa de uma busca ilegal. Levará talvez seis semanas para tudo isso funcionar por si só.

— Seis semanas? Isto é inacreditável!

— Quem não pode esperar, não faz besteira sem pensar.

Cantarolei o tema de um velho programa de televisão.

— Por favor, não cante para mim, Mick.

— Desculpe.

— Por que estamos enviando dez cópias para ele? Uma não é suficiente?

— Porque ele guardará uma para si e espalhará as outras pela prisão, e então seu telefone não vai parar de tocar. Um advogado que pode vencer uma apelação é como ouro num presídio. Eles começarão a ligar e você fará uma triagem para descobrir quem tem família e pode pagar.

— Você sempre tem uma jogada, não é?

— Pelo menos tento. Alguma coisa mais acontecendo?

— Apenas o habitual. As chamadas que você me disse que nem quer ouvir. Foi ver Gloria Days no County-USC?

— É Gloria Dayton. Sim, consegui vê-la. Ela parece estar dando a volta por cima. Ainda vai ficar mais de um mês para ter alta.

Na verdade Gloria Dayton parecia melhor do que dando a volta por cima. Fazia anos que eu não a via tão perspicaz e com o olhar tão vívido. Eu tive um propósito em ir ao County-USC para falar com ela, mas vê-la a caminho da recuperação foi uma bela recompensa.

Como era esperado, Lorna foi a voz do pessimismo.

— E por quanto tempo vai durar desta vez até ela ligar de novo e dizer: “Estou em cana. Preciso de Mickey”?

Ela falou o final da frase com o tom lamuriento e nasalado de Gloria Dayton. Era inteiramente perfeito, mas de qualquer modo me incomodava. Então ela concluiu com a paródia da canção de um clássico de Disney:

— Mickey... te vejo em breve. Por quê? Ora, porque você nunca me cobra! Quem não gosta de mamata? Mickey Mamata, o advogado que todas...

— Por favor, não cante para mim, Lorna.

Ela riu ao telefone.

— Estou só colocando um ponto de vista.

Eu estava sorrindo, mas tentava não deixar transparecer em minha voz.

— Ótimo. Entendi. Tenho que desligar agora.

— Bem, tenha um ótimo dia... Mickey Mamata.

— Você poderia cantar aquela música o dia todo, e os Dodgers poderiam até perder para os Giants que ainda assim terei um ótimo dia. Depois de ouvir suas notícias, o que poderia dar errado?

Após encerrar o telefonema fui para o escritório em minha casa e liguei de celular para Teddy Vogel, o líder dos Saints no mundo exterior. Dei-lhe as boas-novas e sugeri que ele poderia passar isso para Hard Case mais rápido do que eu. Em toda prisão havia gente dos Road Saints. Eles tinham um sistema de comunicação que a CIA e o FBI fariam bem em aprender. Vogel disse que cuidaria disso. Depois falou que os dez mil que me dera um mês antes à beira da estrada foi um investimento que valeu a pena.

— Aprecio isto, Ted — respondi. — Lembre-se de mim na próxima vez que precisar de um advogado.

— É o que farei.

Ele desligou e eu também. Então peguei no armário minha luva de primeira-base e segui para a porta da frente.

Tendo dado a Earl uma folga remunerada, eu mesmo dirigi até o estádio dos Dodgers. O tráfego estava tranquilo até eu chegar às proximidades. O jogo de abertura é sempre de casa cheia, mesmo num dia de semana. O início da temporada de beisebol é um rito de primavera que atrai torcedores aos milhares. É o único evento esportivo em Los Angeles onde se vê todos os homens de camisas e gravatas brancas engomadas. Estavam todos matando o dia de trabalho. Não há coisa melhor do que o início da temporada, antes de todas as perdas de bases, rebatidas erradas e oportunidades perdidas. Antes de cair na real.

Fui o primeiro a chegar. Estávamos a três fileiras do campo, em assentos acrescentados ao estádio durante o recesso. Levin devia ter pago uma nota para comprar os ingressos na mão de um dos cambistas locais. Pelo menos isso era dedutível como despesa de entretenimento profissional.

O plano era para Levin também chegar lá cedo. Ele ligara na noite anterior e disse que queria algum tempo em particular comigo. Além de observarmos o aquecimento dos batedores e conferir todos os melhoramentos que o novo proprietário fizera no estádio, iríamos discutir minha visita a Gloria Dayton e Raul me atualizaria sobre todas as suas investigações relativas a Louis Roulet.

Mas Levin não apareceu para ver o aquecimento. Os outros quatro advogados chegaram — três deles de gravata, vindo do tribunal — e eu e Levin perdemos a chance de conversar a sós.

Eu conhecia os quatro advogados de alguns casos dos barcos em que tínhamos atuado juntos. De fato, a tradição de profissionais de defesa irem assistir aos jogos dos Dodgers começou com os casos dos barcos. Sob um

mandado de amplo leque para parar o fluxo de drogas para os EUA, a Guarda Costeira estava autorizada a deter qualquer barco suspeito em qualquer parte dos oceanos. Quando achavam ouro — ou seja, cocaína — eles apreendiam os barcos e as tripulações. Muitas das acusações eram afuniladas para a Corte Distrital Federal em Los Angeles. Isto resultava em acusações de às vezes 12 ou mais réus ao mesmo tempo. Cada réu tinha seu próprio advogado, a maioria designada pela corte e paga pela Viúva. Os casos eram lucrativos e constantes, e divertidos. Alguém teve a ideia de nos reunirmos para discutir os casos no estádio dos Dodgers. Uma vez fizemos uma vaquinha e compramos um camarote privativo para um jogo dos Cubs. Na verdade só falávamos sobre o caso por alguns minutos durante o intervalo.

As cerimônias que antecedem o jogo começaram e nem sinal de Levin. Centenas de pombos foram libertados de cestas no campo, fizeram uma formação, circularam o estádio sob aplausos vibrantes e depois voaram para longe. Pouco depois, um bombardeiro B-2 zuniu sobre o estádio para aplausos ainda maiores. Assim era Los Angeles. Alguma coisa para todo mundo e uma pequena ironia para arrematar.

O jogo começou e nada ainda de Levin. Liguei meu celular e tentei chamá-lo, muito embora fosse difícil ouvir. A multidão era ruidosa e turbulenta, na esperança de que a temporada não acabasse em nova decepção. Deixei uma mensagem.

— Misto, onde você está, cara? Estamos no jogo e os assentos são fantásticos, só que um está vazio. Estamos esperando você.

Fechei o telefone, olhei para os outros e dei de ombros.

— Não sei — eu disse. — Ele não atendeu o celular.

Pus meu celular de volta no cinto.

Antes de acabar o primeiro tempo lamentei o que dissera a Lorna sobre não se preocupar se os Giants nos enfiassem 20-0. Eles meteram 5-0 antes que os Dodgers sequer dessem sua primeira rebatida da temporada e a multidão foi ficando frustrada cedo. Ouvi gente se queixando dos preços, da reforma, da excessiva comercialização do estádio. Um dos advogados, Roger Mills, examinou as superfícies do estádio e notou que estava mais atulhado de propaganda do que uma corrida de Fórmula-1.

Os Dodgers estavam reagindo, mas no quarto tempo o ânimo regrediu e os Giants aumentaram a vantagem com Jeff Weaver percorrendo três bases. Aproveitei o intervalo para me gabar de quão rápido eu obtivera a decisão do Segundo Distrito sobre o caso Casey. Os outros advogados ficaram impressionados, embora um deles, Dan Daly, sugerisse que eu só tinha recebido uma revisão rápida da apelação porque os três juízes estavam na minha lista de

Natal. Lembrei a Daly que ele provavelmente não prestara atenção ao memorando da Ordem dos Advogados relativo à desconfiança dos jurados por advogados que usavam rabo de cavalo. O dele descia pelas costas.

Foi também durante este intervalo do jogo que ouvi meu telefone tocar. Agarrei o celular no meu quadril e atendi sem olhar para o visor.

— Raul?

— Não, senhor. Aqui é o detetive Lankford do Departamento de Polícia de Glendale. É Michael Haller quem fala?

— Sim — respondi.

— Está com tempo livre?

— Estou, mas não sei se vou conseguir ouvir direito. Estou num jogo dos Dodgers. Pode esperar até que eu possa ligar de volta?

— Não, não posso. Conhece um homem chamado Raul Aaron Levine? Ele é um...

— Sim, conheço. O que há de errado?

— Lamento dizer que o Sr. Levine está morto. Foi vítima de um homicídio em sua casa.

Minha cabeça caiu tão baixo e tão à frente que bati com ela nas costas do homem sentado diante de mim. Então recuei, pus uma das mãos num ouvido e pressionei o telefone contra o outro. Isolei-me de tudo a minha volta.

— O que aconteceu?

— Não sabemos — disse Lankford. — É por isso que estamos aqui. Parece que ele andou trabalhando para você recentemente. Há alguma chance de vir até aqui para responder algumas perguntas e nos dar uma assistência?

Eu expirei e tentei manter a voz calma e modulada.

— Estou a caminho — falei.

VINTE E TRÊS

O corpo de Raul Levin estava no quarto dos fundos de seu bangalô a poucos quarteirões do Brand Boulevard. O quarto tinha sido provavelmente projetado como um solário ou uma saleta para TV, mas Raul o transformara em seu escritório. Como eu, ele não tinha necessidade de uma sala comercial. A atividade profissional dele não era grande. Nem mesmo constava nas páginas amarelas. Ele trabalhava para advogados e pegava tarefas por indicação. Os cinco advogados que estiveram comigo no jogo eram o testemunho de sua habilidade e sucesso.

Os policiais em uniforme que lá estavam me disseram para aguardar na sala de estar até que os detetives voltassem lá dos fundos para falar comigo. Um dos policiais ficou postado no corredor para o caso de eu decidir dar uma corrida louca para os fundos ou para a porta da rua. Ele estava posicionado para impedir as duas coisas. Sentei-me à espera e fiquei pensando no meu amigo.

Na viagem do estádio para cá eu concluí que sabia quem matara Raul Levin. Eu não precisava ser levado ao quarto dos fundos para ver ou ouvir a prova que levaria ao assassino. Lá no fundo eu sabia que Raul chegara perto demais para Louis Roulet. E fora eu que o mandara fazer isso. A única questão que restava era: o que ia eu fazer a respeito?

Após vinte minutos, dois detetives chegaram dos fundos e entraram na sala de estar. Levantei-me e falamos. O detetive que me ligara identificou-se como Lankford. Era o mais velho, o veterano. Seu parceiro era uma mulher chamada Sobel. Ela não parecia ter experiência em investigar homicídios.

Não trocamos apertos de mão. Os dois usavam luvas de borracha. Também tinham botinhas de papel sobre seus sapatos. Lankford mascava chicletes.

— Bem, o que descobrimos é o seguinte — disse ele asperamente. — Levine estava em seu escritório, sentado na poltrona da escrivaninha. Percebe-se, pela posição da poltrona, que ele encarava o intruso. Foi baleado uma vez no peito. Algo pequeno, calibre 22, talvez, mas vamos esperar o legista para conferir.

Lankford bateu no centro de seu peito e pude ouvir o som duro do colete à prova de balas debaixo de sua camisa.

Eu o corrigi. Ele havia pronunciado o nome aqui e ao telefone como Levine. Disse a ele que o nome não tinha o “e” no final.

— Levin, então — disse ele, corrigindo-se. — De qualquer modo, após o tiro, ele tentou se levantar ou simplesmente caiu à frente para o chão. Ele expirou de cara no chão. O intruso vasculhou o escritório e estamos presentemente num sufoco para determinar o que ele estava procurando ou o que possa ter levado.

— Quem o encontrou? — perguntei.

— Uma vizinha que descobriu o cachorro dele correndo à solta. O intruso deve ter deixado o cachorro escapar antes ou depois do assassinato. A vizinha viu o bicho perambulando, o reconheceu e trouxe de volta. Ela encontrou a porta aberta, entrou e descobriu o cadáver. Não parecia nada com um cão de guarda, se quer saber. É uma daquelas bolinhas peludas.

— Um *shih tzu* — eu disse.

Eu já tinha visto o cachorro antes e ouvido Levin falar sobre ele, mas não conseguia me lembrar do seu nome. Era algo como Rex ou Bronco — um nome que não correspondia ao pequeno tamanho do cão.

Sobel referiu-se a um caderno de anotações que segurava antes de continuar o interrogatório.

— Não encontramos nada aqui que possa nos levar a um parente próximo — disse ela. — Sabe dizer se ele tinha família?

— Acho que a mãe dele mora lá no Leste. Ele nasceu em Detroit. Talvez ela esteja lá. Não creio que se relacionassem muito.

Ela assentiu.

— Encontramos uma agenda. Inclui seu nome em quase todo dia do último mês. Ele trabalhava em algum caso específico para você.

Confirmei.

— Em dois casos diferentes. Principalmente em um deles.

— Importa-se em nos contar a respeito? — perguntou ela.

— Tenho um caso prestes a ir para julgamento. No mês que vem. É uma tentativa de estupro e assassinato. Ele estava cuidando das provas e me ajudando a ficar pronto.

— Quer dizer ajudando você a tentar a porta dos fundos da investigação, é isso? — disse Lankford.

Percebi então que a polidez de Lankford ao telefone foi apenas um artifício para me trazer até a casa. Seria diferente agora. Até parecia estar mascando o chiclete mais agressivamente do que quando chegara à sala.

— Seja lá como queira chamar, detetive. Todo mundo merece uma defesa.

— É, claro, e são todos inocentes, é apenas culpa de seus pais por desmamá-los cedo demais — disse Lankford. — Seja o que for. Este Levine já tinha sido um tira, certo?

Ele voltou a errar a pronúncia do nome.

— Sim, ele pertenceu ao DPLA. Foi detetive do esquadrão de Crimes Contra Pessoas, mas aposentou-se depois de 12 anos na força. Acho que foram 12 anos. Você terá que verificar. E o nome é Levin.

— Certo, Levin. Imagino que ele não queria mais trabalhar assalariado a serviço da lei, não é?

— Depende de como você vê a coisa, acho.

— Podemos voltar a seu caso? — perguntou Sobel. — Qual é o nome do réu?

— Louis Ross Roulet. O julgamento é no Supremo de Van Nuys perante a juíza Fullbright.

— Ele está em custódia?

— Não, está sob fiança.

— Alguma animosidade entre Roulet e o Sr. Levin?

— Não que eu saiba.

Eu havia decidido. Ia lidar com Roulet à minha maneira. Estava empenhado no plano que tinha preparado — com a ajuda de Raul Levin. Lançar uma profunda acusação sobre o caso e me certificar de que fosse esclarecida. Sentia que devia isso ao meu amigo Misto. Ele teria desejado que fosse dessa maneira. Eu não deixaria cair no esquecimento. Lidaria pessoalmente com isso.

— Não poderia ser coisa de gays? — perguntou Lankford.

— O quê?! Por que diz isso?

— Um cachorro fresco e depois, por toda a casa, ele só tem retratos de homens e do cachorro. Por toda parte. Nas paredes, junto à cama, sobre o piano.

— Olhe atentamente, detetive. Talvez seja um homem só. O parceiro dele morreu alguns anos atrás. Não creio que ele tenha ficado com ninguém mais desde então.

— Morreu de Aids, aposto.

Não confirmei isso para ele. Apenas esperei. Por um lado, estava aborrecido com os modos de Lankford. Por outro lado, imaginava que seu método de investigação de pôr lenha na fogueira o impediria de ser capaz de rotular Roulet com isso. O que para mim era ótimo. Eu só precisava resguardá-lo por cinco ou seis semanas e depois não me incomodaria se juntassem isso ou não. Até lá, eu teria terminado minha parte.

— Esse cara costumava sair para patrulhar as espeluncas de gays? — perguntou Lankford.

Dei de ombros.

— Não faço a menor ideia. Mas se foi um assassinato gay, por que o escritório dele foi vasculhado, e o resto da casa não?

Lankford assentiu. Pareceu momentaneamente confuso pela lógica da minha pergunta. Mas então me golpeou com um soco de surpresa.

— Então, onde esteve esta manhã, advogado?

— O quê?!

— É apenas rotina. A cena indica que a vítima conhecia seu matador. Deixou o atirador ir direto ao quarto dos fundos. Como eu disse antes, estava provavelmente sentado na poltrona da escrivaninha quando recebeu a bala. Mas parece que estava inteiramente à vontade com seu matador. Vamos ter de esclarecer todos os seus relacionamentos, profissionais e sociais.

— Está dizendo que sou um suspeito?

— Não, estou apenas tentando esclarecer as coisas e estreitar o foco.

— Fiquei em casa toda a manhã. Estava me preparando para encontrar Raul no jogo. Saí para o estádio por volta do meio-dia e era onde eu estava quando você ligou.

— E antes disso?

— Como eu disse, estava em casa. Sozinho. Mas recebi um telefonema por volta das 11 que me colocará em minha casa, que fica a pelo menos meia hora daqui. Se ele foi morto depois das 11, então estou limpo.

Lankford não mordeu a isca. Ele não me dera a hora da morte. Talvez fosse ignorada até o momento.

— Quando foi a última vez que falou com ele? — perguntou em vez disso.

— Na noite passada, por telefone.

— Quem ligou para quem e por quê?

— Ele me ligou e perguntou se eu poderia chegar cedo ao estádio. Respondi que sim.

— Para quê?

— Ele gosta... ele gostava de assistir ao aquecimento dos rebatedores. Disse que podíamos discutir o caso Roulet um pouco mais. Nada específico, mas ele não me atualizava fazia quase uma semana.

— Obrigado por sua cooperação — disse Lankford, a voz cheia de sarcasmo.

— Percebe que simplesmente fiz o que sempre aconselho a cada cliente que será ouvido a não fazer? Falei com você sem a presença de um advogado, dei-lhe o meu álibi. Não devo estar no meu juízo perfeito.

— Eu disse obrigado.

Sobel tomou a palavra.

— Existe algo mais que possa nos contar, Sr. Haller? Sobre o Sr. Levin ou seu trabalho?

— Sim, tem mais uma coisa. Algo que vocês provavelmente deveriam verificar. Mas quero que isso permaneça confidencial.

Olhei atrás dele para o policial uniformizado ainda de pé no corredor. Sobel seguiu meu olhar e entendeu que eu queria privacidade.

— Patrulheiro, você pode esperar lá fora, por favor? — disse ela.

O policial saiu, parecendo chateado, talvez por ter sido dispensado por uma mulher.

— OK — disse Lankford. — O que você obteve?

— Terei de conferir as datas exatas, mas poucas semanas atrás, em março, Raul fez um trabalho para mim em outro caso que envolveu um de meus clientes que denunciou um traficante de drogas. Ele deu alguns telefonemas, ajudou a identificar o cara. Ouvi depois que o cara era um colombiano e que tinha muito boas ligações. Ele poderia ter amigos que...

Deixei que eles tirassem suas conclusões.

— Não sei, não — disse Lankford. — Isso foi limpo demais. Não parece um caso de vingança. Não lhe cortaram a garganta nem arrancaram sua língua. Um tiro, depois vasculharam o escritório. O que o pessoal do traficante estaria procurando?

Balancei a cabeça.

— Talvez o nome do meu cliente. O acordo que fiz o mantinha fora de circulação.

Lankford assentiu, pensativo.

— Qual é o nome do cliente?

— Não posso revelar. Privilégio advogado-cliente.

— OK, vamos prosseguir com esta besteira. Como vamos investigar isso sem saber sequer o nome do cliente? Não se importa com seu amigo caído lá, com um pedaço de chumbo no coração?

— Claro que me importo. Obviamente sou o único aqui que se importa. Mas também estou amarrado pelas normas e ética jurídicas.

— Seu cliente poderia estar em perigo.

— Meu cliente está a salvo. Está num programa de desintoxicação.

— É uma mulher, não é? — disse Sobel. — Você continua dizendo “cliente” em vez de ele ou ela.

— Não estou falando com vocês a respeito do meu cliente. Se quiser o nome do traficante, é Hector Arrande Moya. Está sob custódia federal. Creio que a acusação original veio de um caso da DEA em San Diego. É tudo que posso dizer a vocês.

Sobel anotou. Acreditei que agora tinha dado a eles motivo suficiente para investigar além de Roulet e do ângulo gay.

— Sr. Haller, já esteve antes no escritório do Sr. Levin? — perguntou Sobel.

— Poucas vezes. Não vinha pelo menos há dois meses.

— Importa-se de ir até lá conosco? Talvez possa ver algo fora do lugar ou notar alguma coisa faltando.

— Ele ainda está lá?

— A vítima? Sim, do mesmo jeito como foi encontrada.

Assenti. Não tinha certeza se desejava ver o corpo de Raul Levin no centro de uma cena de crime. Então decidi no ato que tinha de vê-lo e que não deveria esquecer a visão. Precisaria disso para reabastecer minha resolução e meu plano.

— OK, irei lá.

— Então coloque isso e não toque em nada enquanto estiver lá — disse Lankford. — Ainda estamos processando a cena.

Extraiu do bolso um par de botinhas de papel. Sentei-me no sofá de Raul para calçá-las. Depois os segui pelo corredor até o cômodo da morte.

O corpo de Raul Levin estava *in situ* — como o encontraram. Estava de bruços no chão, seu rosto voltado para a direita, a boca e os olhos abertos. Seu corpo estava numa postura desajeitada, um quadril mais alto do que o outro e os braços e mãos debaixo dele. Parecia claro que tinha caído da poltrona que estava atrás dele.

Imediatamente lamentei minha decisão de ir até o quarto. De repente soube que a olhada final no rosto de Raul iria desencadear todas as outras memórias visuais que eu tinha dele. Seria forçado a tentar esquecê-lo, de modo que não tivesse de fitar de novo aqueles olhos em minha mente.

Foi a mesma coisa com meu pai. Minha única lembrança visual era de um homem numa cama. Ele perdera metade do seu peso e estava sendo devastado por dentro pelo câncer. Todas as outras lembranças visuais que eu tinha dele eram falsas. Vinham de fotos nos livros que eu tinha lido.

Havia um monte de gente trabalhando no quarto. Investigadores da cena do crime e pessoal da perícia. Meu rosto deve ter exibido o horror que eu sentia.

— Sabe por que não podemos cobri-lo? — perguntou-me Lankford. — Por causa de gente como você. Por causa de O.J. Simpson. É o que eles chamam de *transferência de prova.* Algo que vocês advogados gostam de passar por cima. Assim nada mais de cobrir o corpo com lençóis. Não até que seja removido daqui.

Não falei nada, apenas assenti. Ele estava certo.

— Pode ir até a escrivaninha e nos dizer se vê alguma coisa incomum? — perguntou Sobel, aparentemente sentindo alguma simpatia por mim.

Fiquei grato por isso porque podia dar as costas para o cadáver. Caminhei até a escrivaninha, que era um conjunto de três mesas de trabalho formando uma curva no canto do cômodo. Eram móveis que reconheci como procedentes da loja IKEA nas vizinhanças de Burbank. Não eram nada elegantes. Eram simples e funcionais. A mesa central no canto tinha um computador sobre ela e um apoio embutido para o teclado. As mesas de ambos os lados pareciam espaços de trabalho gêmeos e possivelmente usados por Levin para evitar que investigações em separado se misturassem.

Meus olhos se detiveram no computador enquanto imaginava o que Levin podia ter posto nos arquivos eletrônicos acerca de Roulet. Sobel notou.

— Não temos um especialista em computador — disse ela. — É um departamento muito pequeno. Conseguimos um cara que está vindo, mas me parece que toda a viagem foi inútil.

Ela apontou com sua caneta para debaixo da mesa onde o computador estava assentado, com um lado de sua capa de plástico tendo sido removido e colocada atrás.

— Provavelmente não tem nada aí para nós — disse ela. — E quanto às escrivaninhas?

Meus olhos moveram-se primeiro para a mesa à esquerda do computador. Papéis e pastas espalhavam-se através dela de modo casual. Olhei para algumas etiquetas e reconheci os nomes.

— Alguns desses são meus clientes, mas são casos antigos. Terminados.

— Eles provavelmente vieram dos arquivos no closet — disse Sobel. — O assassino deve tê-los espalhado aqui para nos confundir. Para desviar a atenção do que estava de fato procurando ou levando. E nessa aqui?

Fomos para a mesa à direita do computador. Esta não estava tão desarrumada. Havia uma agenda de mesa na qual estava claro que Levin mantinha anotações de suas horas e para qual advogado estava trabalhando no momento. Examinei as anotações e vi meu nome diversas vezes, retroagindo a cinco semanas. Era como ele havia me dito: estivera trabalhando para mim praticamente em tempo integral.

— Não sei — eu disse. — Não sei o que procurar. Não vejo nada que pudesse ajudar.

— Bem, a maioria dos advogados não ajuda mesmo — disse Lankford atrás de mim.

Não me incomodei em virar-me para me defender. Ele se encontrava junto ao cadáver e eu não queria ver o que estava fazendo. Estendi o braço para girar o Rolodex que estava sobre a mesa de modo a poder olhar os nomes nos cartões.

— Não toque nisso! — disse Sobel instantaneamente.

Recolhi a mão depressa.

— Desculpe, eu só ia dar uma olhada nos nomes. Eu não...

Não terminei. Estava nauseado ali. Queria sair e beber alguma coisa. Parecia que eu ia vomitar o cachorro-quente que havia achado tão bom lá no estádio.

— Ei, vejam isso — disse Lankford.

Virei-me com Sobel e vi que os legistas estavam lentamente virando o corpo de Levin. O sangue tinha manchado a camisa dos Dodgers que ele estava usando. Mas Lankford estava apontando para as mãos do homem morto, que não estiveram visíveis antes debaixo do corpo. Os três dedos médios de sua mão esquerda estavam dobrados contra a palma enquanto os dois dedos externos se encontravam plenamente estendidos.

— Que gesto é esse? — comentou Lankford. — Esse cara era um torcedor dos Chifres Longos do Texas?

Ninguém achou graça.

— O que você acha? — perguntou-me Sobel.

Olhei fixamente para o derradeiro gesto do meu amigo e apenas sacudi a cabeça.

— Oh, entendi — disse Lankford. — É como um sinal. Um código. Ele está nos dizendo que o demônio fez isso.

Pensei em Raul chamando Roulet de demônio, de ter a prova de que ele representava o mal. E soube o que significava a última mensagem do meu amigo para mim. Enquanto morria no chão de seu escritório, ele tentou me dizer. Tentou me avisar.

VINTE E QUATRO

Fui para o Four Green Fields e pedi uma cerveja Guinness, mas rapidamente passei para vodca com gelo. Achei que não havia nenhum sentido em protelar as coisas. O jogo dos Dodgers estava acabando na TV sobre o bar. Os rapazes de azul estavam agora reagindo, com duas bases conquistadas no nono tempo. O barman não desgrudava os olhos da tela, porém eu não me importava mais com o início da temporada. Não me importava com reações no nono tempo.

Após a segunda dose de vodca, trouxe o celular para o bar e comecei a fazer chamadas. Primeiro liguei para os outros quatro advogados do jogo. Tínhamos todos saído quando recebi a notícia, mas eles foram para casa sabendo apenas que Levin estava morto, nada dos detalhes. A seguir liguei para Lorna e ela chorou ao telefone. Falamos por algum tempo e então ela me fez a pergunta que estava esperando evitar:

— É por causa do seu caso? Por causa de Roulet?

— Não sei — menti. — Falei aos tiras sobre isso, mas eles pareciam mais interessados nele como sendo um gay do que em qualquer outra coisa.

— Ele era gay?

Eu sabia que isso funcionaria como um desvio.

— Ele não dava pinta.

— E você sabia e não me contou?

— Não havia nada a contar. Era a vida dele. Se ele quisesse contar às pessoas teria contado, imagino.

— Os detetives disseram que foi isto que aconteceu?

— O quê?

— Você sabe, que ele foi assassinado por causa da sua condição de gay.

— Não sei. Eles continuam perguntando sobre isso. Não sei o que pensam. Eles olharão para tudo e esperamos que isto leve a alguma coisa.

Houve silêncio. Olhei para a TV no justo momento em que a corrida da vitória cruzava o quadrilátero para os Dodgers e o estádio irrompia em tumulto e alegria. O barman gritou em vibração e usou um controle remoto para aumentar o som da transmissão. Desviei a vista e cobri com a mão meu ouvido livre.

— Faz a gente pensar, não é? — disse Lorna.

— Sobre o quê?

— Sobre o que fazemos. Mickey, quando eles pegarem o escroto que fez isso, ele é bem capaz de me ligar para contratar você.

Chamei a atenção do barman sacudindo o gelo em meu copo vazio. Queria outra dose. O que eu não queria era contar a Lorna que acreditava já estar trabalhando para o maldito que tinha matado Raul.

— Calma, Lorna. Você está ficando...

— Poderia acontecer!

— Olhe, Raul era meu colega e era também meu amigo, mas não vou mudar o que faço e em que acredito porque...

— Talvez você devesse. Talvez nós dois devêssemos. Isso é tudo que estou dizendo.

Ela recomeçou a chorar. O barman trouxe minha terceira vodca, que bebi num gole só.

— Lorna, você quer que eu vá até aí?

— Não, não quero nada. Não sei o que quero. Isso é simplesmente terrível demais.

— Posso lhe contar uma coisa?

— O quê? É claro que pode.

— Lembra-se de Jesus Menendez? Meu cliente?

— Sim, mas o que ele tem...

— Ele era inocente. E Raul estava trabalhando nisso. Nós estávamos trabalhando nisso. Íamos libertá-lo.

— Por que está me contando isso?

— Estou lhe contando porque não podemos nos abater com o que aconteceu com Raul e simplesmente interromper nosso trabalho. O que fazemos é importante. É necessário.

As palavras soaram ocas enquanto eu as proferia. Ela não respondeu. Provavelmente havia deixado Lorna confusa porque eu mesmo estava confuso.

— OK? — perguntei.

— OK.

— Ótimo. Tenho que dar mais alguns telefonemas, Lorna.

— Você me dirá quando descobrir sobre os serviços?

— Direi.

Após fechar meu celular, decidi fazer uma pausa antes de dar outro telefonema. Pensei sobre a última pergunta de Lorna e percebi que eu teria de ser a pessoa que organizaria os serviços que ela queria saber. A não ser que uma senhora em Detroit, que renegara Raul Levin 25 anos atrás, entrasse na parada.

Empurrei meu copo para a beirada do balcão e pedi ao barman:

— Me dê uma Guinness e tome uma também.

Decidi que era hora de ir mais devagar e um meio era beber cerveja, já que se leva mais tempo para encher um copo na torneira. Quando o barman finalmente a trouxe, vi que ele tinha desenhado uma harpa na espuma com o bico da torneira. Uma harpa de anjo. Ergui o copo antes de beber.

— Deus abençoe os mortos — eu disse.

— Deus abençoe os mortos — replicou o barman.

Bebi generosamente do copo e a cerveja espessa caiu como um morteiro nas minhas entranhas. Imediatamente me senti como se fosse chorar. Mas então meu telefone tocou. Agarrei-o sem olhar para o visor e disse alô. O álcool tinha dado à minha voz um tom irreconhecível.

— É Mick? — perguntou uma voz.

— É, quem fala?

— Aqui é Louis. Acabei de saber sobre Raul. Sinto muito, cara.

Afastei o telefone do ouvido como se fosse uma cobra prestes a me morder. Puxei meu braço para trás, pronto para arremessá-lo no espelho atrás do bar, onde vi meu próprio reflexo. Depois parei e recoloquei o telefone no ouvido.

— É, seu filho da mãe, como você...

Interrompi-me e comecei a rir ao perceber do que tinha acabado de chamá-lo e lembrar da teoria de Raul Levin acerca de Roulet.

— Desculpe — disse Roulet. — Você está bebendo?

— Acertou em cheio, estou bebendo — respondi. — Como, diabos, já sabe o que aconteceu com Misto?

— Se com Misto você quer dizer o Sr. Levin, acabei de receber um telefonema da polícia de Glendale. Uma detetive disse que queria falar comigo sobre ele.

Essa resposta espremeu pelo menos duas doses de vodca direto do meu fígado. Aprumei-me sobre a banqueta.

— Sobel? Foi ela quem ligou?

— Acho que sim. Disse que obteve meu nome com você. Disse que seriam perguntas de rotina. Ela está vindo para cá.

— Onde?

— No escritório.

Pensei a respeito por um momento, mas não achei que Sobel corresse algum tipo de perigo, mesmo se fosse até lá sem Lankford. Roulet não tentaria nada com uma policial, especialmente no seu próprio escritório. Minha maior preocupação era que, de algum modo, Sobel e Lankford já estivessem desconfiados de Roulet, roubando-me assim a chance de vingar pessoalmente

Raul Levin e Jesus Menendez. Teria Roulet deixado alguma impressão digital? Algum vizinho o vira entrar na casa de Levin?

— Isso foi tudo que ela disse?

— Sim. Disse que estava falando com todos os seus clientes recentes e que eu era o mais recente.

— Não fale com eles.

— Tem certeza?

— Não sem o seu advogado presente.

— Eles não vão ficar desconfiados se eu não falar com eles, como dar-lhes um álibi ou algo assim?

— Isto não importa. Eles não falam com você a menos que eu dê minha permissão. E não estou dando.

Cerrei minha mão livre num punho. Não podia suportar a ideia de dar aconselhamento legal ao homem que eu tinha certeza de que matara meu amigo naquela mesma manhã.

— OK — disse Roulet. — Eu a despacharei.

— Onde esteve esta manhã?

— Eu? Fiquei aqui no escritório. Por quê?

— Alguém o viu?

— Bem, Robin chegou às dez. Não antes disso.

Pensei logo na mulher com o cabelo cortado em forma de foice. Não sabia o que dizer a Roulet porque ignorava qual foi a hora da morte. Não queria mencionar nada sobre a argola de rastreamento que ele supostamente tinha no tornozelo.

— Me ligue depois que a detetive Sobel for embora. E lembre-se: não importa o que ela e seu parceiro lhe digam, não fale nada. Eles podem mentir à vontade para você. E todos eles fazem isso. Considere qualquer coisa que lhe disserem como uma mentira. Estão apenas tentando embromá-lo a fim de que abra o jogo para eles. Se disserem que está tudo OK para falar, é mentira. Pegue o telefone e ligue para mim. Direi a eles para que caiam fora.

— Certo, Mick. É assim que farei. Obrigado.

Ele encerrou o telefonema. Fechei meu celular e o deixei cair sobre o balcão como se fosse algo sujo e descartado.

— É, não por isso — falei.

Bebi um bom gole de cerveja, depois peguei o telefone de novo. Usando a discagem rápida, liguei para o celular de Fernando Valenzuela. Ele estava em casa, tendo acabado de chegar do jogo dos Dodgers. O que significava que havia saído mais cedo para escapar do trânsito. Um típico torcedor de Los Angeles.

— Você ainda tem a argola de rastreamento em Roulet?

— Sim, ele a carrega.

— Como é que funciona? Você pode rastreá-lo onde ele esteve ou só onde ele está?

— É posicionamento global. Ela envia um sinal. É possível rastrear para trás para se saber onde a pessoa esteve.

— Você está com isso aí ou no seu escritório?

— Está no meu laptop, cara. O que é que há?

— Quero ver onde ele esteve hoje.

— Bem, deixe-me dar uma olhada. Espere aí.

Esperei. Terminei minha cerveja e o barman começou a servir outra antes que Valenzuela ligasse seu laptop.

— Onde está você, Mick?

— No Four Green Fields.

— Alguma coisa errada?

— Sim, alguma coisa errada. Já conseguiu ligar essa coisa?

— Já, estou verificando. Quanto tempo atrás você quer que eu rastreie?

— Comece pela manha de hoje.

— OK. Ele, hã... ele não fez muita coisa hoje. Rastreei da sua casa ao escritório às oito. Parece que ele deu uma saída nas proximidades... uns dois quarteirões, talvez para almoçar... e depois voltou para o escritório. Ele ainda está lá.

Pensei a respeito por alguns momentos. O barman me entregou mais uma cerveja.

— Val, como se tira essa argola do tornozelo?

— Quer dizer se você estivesse com ela? Você não pode. Ela está aparafusada, a chave para abri-la é única e ficou comigo.

— Tem certeza?

— Absoluta. Ela está bem aqui no meu chaveiro.

— Não tem cópias? Como, por exemplo, do fabricante?

— Não deveria ter. Além disso, não importa. Se a argola for quebrada... como se ele tivesse conseguido abri-la... tenho um alarme no sistema. Ela também tem o que é chamado de “detector de massa”. Tão logo eu ponha aquela argola no seu tornozelo, já tenho um alarme no computador que lê que não há nada lá. Não tem jeito, Mick. Então você está falando sobre uma serra como o único meio. Corte fora a perna e deixe a argola no tornozelo. Esse é o único meio.

Bebi o colarinho de minha nova cerveja. O barman não se incomodara com qualquer obra de arte dessa vez.

— E quanto à bateria? E se a bateria descarregar? Você perde o sinal?

— Não, Mick. Tenho isto coberto também. Ele tem um carregador e um receptáculo na argola. A cada poucos dias ele tem que ligá-la na tomada por duas horas para recarregar. Você sabe, enquanto estiver trabalhando na escrivaninha ou tirando uma soneca. Se a bateria cair abaixo de vinte por cento, tenho um alarme no meu computador e posso ligar para ele e mandar carregá-la na tomada. Se ele não o fizer, tenho outro alarme a quinze por cento, e então aos dez por cento *ele* começa a bipar e não tem outro jeito senão tirá-la ou desligá-la. Não dá para uma boa fuga. E estes últimos dez por cento ainda me dão cinco horas de rastreamento. Posso localizá-lo em cinco horas facilmente.

— Tudo bem, tudo bem.

Fui convencido pela ciência.

— O que está acontecendo?

Contei-lhe sobre Levin e disse que a polícia provavelmente teria de checar Roulet, e a argola no tornozelo e o sistema de rastreamento seriam o álibi de nosso cliente. Valenzuela ficou atônito com as novidades. Podia não ter sido tão íntimo de Levin quanto eu, mas o conhecera por quase tanto tempo.

— O que você acha que aconteceu, Mick?

Eu sabia que ele estava perguntando se eu achava que Roulet era o assassino ou se, de algum modo, estaria por trás do assassinato. Valenzuela estava a par de tudo que eu sabia e do que Levin havia descoberto.

— Não sei o que pensar — eu disse —, mas você deveria tomar cuidado com esse cara.

— O mesmo vale para você.

— Sei disso.

Fechei o celular, imaginando se havia algo que Valenzuela ignorava. Se Roulet tinha de alguma forma encontrado um jeito de retirar a argola do tornozelo ou de burlar o sistema de rastreamento. Eu estava convencido pela ciência, mas não pelo lado humano da coisa. Sempre acontecem falhas humanas.

O barman se aproximou de onde eu estava no bar.

— Ei, parceiro, você perdeu as chaves do carro? — perguntou.

Olhei em torno para me certificar de que ele falava comigo e então sacudi a cabeça.

— Não — falei.

— Tem certeza? Alguém achou umas chaves no estacionamento. É melhor verificar.

Procurei no bolso do paletó, depois retirei a mão e a estendi, palma para cima, mostrando minhas chaves.

— Escute, eu...

Num gesto rápido e inesperado, o barman arrebatou as chaves e sorriu.

— Usei este truque como um teste de sobriedade para você — disse ele. — De qualquer modo, meu chapa, você não vai dirigir... não por algum tempo. Quando você quiser ir, chamarei um táxi.

Ele recuou do bar para o caso de eu ter uma reação violenta. Mas limitei-me a assentir.

— Você me convenceu — eu disse.

Ele jogou minhas chaves atrás do balcão, onde as garrafas estavam alinhadas. Consultei o relógio. Ainda não eram cinco horas. O embaraço queimava através do meu revestimento de álcool. Eu apelara para o meio fácil. O meio do covarde: encher a cara diante de uma ocorrência terrível.

— Pode levar isso — falei para o barman, apontando para meu copo de cerveja.

Peguei o telefone e apertei um número de chamada rápida. Maggie McPherson atendeu imediatamente. Os tribunais costumam fechar por volta de quatro e meia. Os promotores ficavam em geral em suas mesas por uma ou duas horas antes de encerrar o dia.

— Ei, ainda está fazendo compensação?

— Haller?

— Ele mesmo.

— O que está havendo? Você está bebendo? Sua voz está diferente.

— Acho que *eu* é que vou precisar que você me leve em casa desta vez.

— Onde você está?

— No For Greedy Fucks.

— O quê?

— Four Green Fields. Estive aqui por um bom tempo.

— Michael, o que é...

— Raul Levin está morto.

— Oh, meu Deus, o que...

— Assassinado. Desta vez você pode me levar em casa? Bebi demais.

— Deixe-me ligar para Stacey e pedir-lhe que fique com Hayley até mais tarde, depois estarei a caminho. Não tente sair daí, OK? Simplesmente não saia.

— Não se preocupe. O barman não me deixou dirigir.

VINTE E CINCO

Após fechar o telefone, falei ao barman que queria mais uma cerveja enquanto esperava minha carona. Puxei a carteira e pus um cartão de crédito sobre o balcão. Ele cobrou a conta primeiro e depois me deu outra Guinness. Ele levou tanto tempo enchendo o copo, tirando a espuma formada na borda para me servir uma quantidade maior, que mal tinha provado a cerveja quando Maggie chegou.

— Foi tão rápido — falei. — Aceita uma bebida?

— Não, é cedo demais. Vamos logo para sua casa.

— OK.

Desci da banqueta, lembrando-me de recolher cartão de crédito e celular, e deixei o bar com meu braço em volta dos ombros dela e sentindo-me como se tivesse desperdiçado mais cerveja e vodca do que despejando em minha própria garganta.

— Estacionei bem em frente — disse Maggie. — Four Greedy Fucks. Quatro Escrotos Ambiciosos. De onde você tirou essa? São quatro os donos do bar?

— Não, não é *four,* "quatro", é *for,* "para". Como em *para o povo.* Como em Haller *para a defesa.* Não é o número quatro. E "escrotos ambiciosos" refere-se aos advogados.

— Obrigada pela parte que me toca.

— Não você. Você não é advogada, é uma promotora.

— Quanto você bebeu, Haller?

— Mais ou menos entre muito e paca.

— Não vá vomitar no meu carro.

— Prometo que não.

Chegamos ao carro, um dos modelos Jaguar baratos. Foi o primeiro carro que ela comprou sem eu estar segurando sua mão e dando palpite nas escolhas. Ela escolhera o Jaguar porque a fazia se sentir classuda, mas qualquer um que conhecesse carros sabia que não passava de um Ford maquiado. Eu não ia cortar o prazer dela. Qualquer coisa que a fizesse feliz fazia-me também — exceto na vez em que achou que sua vida seria mais feliz divorciando-se. Aquilo não fez muito por mim.

Ela me ajudou a embarcar e partimos.

— E não vá apagar também — disse ela enquanto saía do estacionamento. — Não sei o caminho.

— É só pegar Laurel Canyon colina acima. Depois disso, basta dobrar à esquerda no final.

Muito embora devesse ser uma viagem curta, levou quase quarenta minutos em um tráfego de final do dia para alcançarmos Fareholm Drive. Ao longo do caminho contei a ela sobre Raul Levin e o que havia acontecido. Ela não teve a mesma reação de Lorna porque nunca conhecera Levin. Embora eu o tivesse conhecido e usado como investigador durante anos, ele só se tornara um amigo depois que Maggie e eu nos divorciamos. De fato, foi Raul quem me levou várias vezes do bar para casa enquanto eu passava pela crise do fim de meu casamento.

Meu controle remoto da garagem estava no Lincoln, lá no estacionamento do bar. Por isso disse a ela para estacionar na saída da garagem. Também me dei conta de que a chave da minha porta estava no chaveiro com as chaves do Lincoln confiscado pelo barman. Eu tinha que descer pela lateral da casa até o deque dos fundos e pegar a chave sobressalente — aquela que Roulet me dera — debaixo de um cinzeiro na mesa de piquenique. Fomos para a porta dos fundos, que levava diretamente ao meu escritório. Isto era bom, porque mesmo em meu estado inebriado fiquei satisfeito por evitarmos subir as escadas da porta da frente. Não só porque isto me esgotaria como também ela teria visto a paisagem e se lembraria das desigualdades entre a vida como promotora e a vida como um escroto ambicioso.

— Ah, isto é lindo — disse ela. — Nosso pequeno tesouro!

Acompanhei seus olhos e vi que estava admirando a foto de nossa filha que eu mantinha sobre a escrivaninha. Emocionei-me à ideia de que, inesperadamente, havia marcado um ponto de alguma espécie em relação a ela.

— É — eu disse, eliminando qualquer chance de tirar vantagem.

— Qual é o caminho para o quarto? — ela perguntou.

— Bem, não é para onde está indo. Fica à direita.

— Desculpe, Haller, não posso ficar muito tempo. Só combinei duas horas extras com Stacey, e com este trânsito, vou ter de fazer um contorno e voltar sem demora pela colina.

Ela me encaminhou até o quarto e nos sentamos lado a lado na cama.

— Obrigado por isso — falei.

— Uma boa ação merece outra, eu acho — disse ela.

— Eu achava que tinha praticado minha boa ação naquela noite em que a levei em casa.

Ela pôs a mão em minha face e virou meu rosto em direção ao dela. Beijou-me. Tomei isso como confirmação de que realmente tínhamos feito amor naquela noite. Sentia-me incrivelmente excluído por não lembrar.

— Guinness — adivinhou ela, lambendo os lábios enquanto se afastava.

— E um pouco de vodca.

— Boa combinação. Estará de ressaca pela manhã.

— É mais provável eu ficar de ressaca esta noite. Escute, que tal irmos jantar no Dan Tana's? Craig está na porta agora e...

— Não, Mick. Tenho de ir para casa por causa de Hayley e você precisa dormir.

Fiz um gesto de rendição.

— OK, OK.

— Me ligue pela manhã. Quero falar com você quando estiver sóbrio.

— Certo.

— Quer que eu tire suas roupas e o coloque debaixo das cobertas?

— Não, estou bem. Irei apenas...

Recostei-me na cama e chutei meus sapatos fora. Então rolei para a beirada e abri uma gaveta na mesinha de cabeceira. Tirei um frasco de Tylenol e um CD que ganhara de um cliente chamado Demetrius Folk. Ele era um pugilista de Norwalk conhecido nas ruas como Lil' Demon. Ele me havia contado uma vez que tivera uma visão certa noite e que soube estar destinado a morrer jovem e de forma violenta. Ele me deu o CD e disse para tocá-lo quando estivesse morto. Eu o fiz. A profecia de Demetrius comprovou-se correta. Ele foi morto num tiroteio seis meses depois de me dar o CD. Com marca-texto ele escrevera *Wreckrium for Lil' Demon* no CD. Era uma coleção de baladas copiadas dos CDs de Tupac.

Coloquei o CD no aparelho sobre a mesinha de cabeceira e logo soou a batida rítmica de "God Bless the Dead". A canção era um tributo aos companheiros caídos.

— Você ouve isso? — perguntou Maggie, os olhos fixados em mim com descrença.

Dei de ombros o melhor que pude enquanto me apoiava num cotovelo.

— Às vezes. Me ajuda a entender melhor um bocado dos meus clientes.

— São pessoas que deviam estar na cadeia.

— Talvez alguns. Mas um monte deles têm alguma coisa a dizer. Alguns são verdadeiros poetas e este cara era o melhor deles.

— Era? Quem é? Aquele que foi baleado à porta do museu de carros na Wilshire?

— Não, você está falando de Biggie Smalls. Este é o último grande Tupac Shakur.

— Não acredito que você ouça essa porcaria.

— Eu lhe disse. Isso me ajuda.

— Faça-me um favor. Não ouça isso perto de Hayley.

— Não se preocupe, não vou ouvir.

— Preciso ir.

— Fique mais um pouco.

Ela ficou, mas sentada rigidamente na beira da cama. Eu podia dizer que ela estava tentando decorar as letras. Era preciso um bom ouvido para isso e levava algum tempo. A próxima canção foi “Life Goes On”, e observei seu pescoço e ombros enrijecerem enquanto captava algumas das palavras.

— Posso, por favor, ir agora? — perguntou ela.

— Maggie, fique mais alguns minutos.

Estiquei o braço e baixei um pouco o som.

— Ei, desligo o som se você cantar para mim como costumava fazer.

— Não esta noite, Haller.

— Ninguém conhece a Maggie McFeroz que conheço.

Ela sorriu um pouco e fiquei em silêncio por um momento enquanto recordava aqueles tempos.

— Maggie, por que você fica comigo?

— Já lhe disse, não posso ficar.

— Não me refiro a esta noite. Estou falando sobre você ficar comigo, não manchar a minha imagem com Hayley e estar presente quando eu preciso de você. Como esta noite. Não conheço muitos homens com ex-esposas que ainda gostam deles.

Ela pensou um pouco antes de responder.

— Não sei. Acho que é porque vejo um bom homem e um bom pai esperando aí para surgir um dia.

Assenti e esperava que ela estivesse certa.

— Diga-me alguma coisa. O que faria se não pudesse ser promotora?

— Está falando sério?

— É, o que faria?

— Na verdade, nunca pensei nisso. Nesse exato momento, consigo fazer o que sempre quis fazer. Tenho sorte. Por que desejaria mudar?

Abri o frasco de Tylenol e engoli dois a seco. A canção seguinte foi “So Many Tears”, outra balada para todos aqueles amigos perdidos. Parecia apropriado.

— Acho que seria professora — disse ela finalmente. — De escola primária. De garotinhas como Hayley.

Sorri. Fiz voz de falsete:

— Tia, tia, o cachorro comeu meu dever de casa.

Ela me beliscou o braço.

— Falando sério, é bonito — eu disse. — Você daria uma boa professora... exceto quando estiver botando os garotos de castigo sem fiança.

— Engraçadinho. E quanto a você?

Sacudi a cabeça.

— Eu não daria um bom professor.

— Refiro-me ao que faria se não fosse advogado.

— Não sei. Mas tenho três Town Cars. Acho que poderia abrir um serviço de limusines, para levar pessoas ao aeroporto.

Agora ela sorriu para mim.

— Eu o contrataria.

— Ótimo. Já tenho uma cliente. Dê-me um dólar e o prenderei na parede para dar sorte.

Mas a gozação não estava funcionando. Recostei-me, pus as palmas das mãos sobre os olhos e tentei esquecer o dia, esquecer a lembrança de Raul Levin no chão de sua casa, os olhos fitando um céu negro permanente.

— Sabe do que eu costumava ter medo? — perguntei.

— Do quê?

— De que não pudesse reconhecer a inocência. De que ela estivesse bem diante de mim e eu não visse. Não estou falando de culpado ou não culpado. Falo de inocência. Pura inocência.

Ela não disse nada.

— Mas sabe do que eu deveria ter sentido medo?

— Do quê, Haller?

— Do mal. Do puro mal.

— O que quer dizer?

— Quero dizer, a maioria das pessoas que defendo não são más, Mags. São culpadas, sim, mas não são más. Sabe o que quero dizer? Há uma diferença. Você ouve essas pessoas e ouve essas canções e fica sabendo por que elas fazem as escolhas que fazem. Elas estão apenas tentando ir levando, apenas viver com o que lhes foi dado, e algumas delas nem receberam nada, para começar. Mas o mal é outra coisa. É diferente. É como... não sei. Ele está lá e quando se mostra... não sei. Não consigo explicar.

— Você está bêbado, é por isso.

— Tudo que sei é que eu deveria ter tido medo de uma coisa, mas estava temeroso do oposto completo.

Ela esticou o braço e afagou meu ombro. A última canção foi “To Live & Die in L.A.” e era a minha preferida no CD pirata. Comecei a cantarolar

suavemente e então soltei a voz quando entrou o refrão:

Viver & morrer em L.A.
é o lugar para se estar
você tem que estar lá para saber
todo mundo quer ver.

Logo parei de cantar e baixei as mãos do meu rosto. Caí no sono de roupa e tudo. Nem ouvi a mulher que eu amara mais que qualquer pessoa na vida deixar a casa. Ela me diria mais tarde que a última coisa que murmurei antes de apagar foi “não posso fazer isto nunca mais”.

Não estava falando de minha cantoria.

VINTE E SEIS

Quarta-feira, 13 de abril

Dormi quase dez horas, mas ainda acordei na escuridão. O relógio marcava 5h18. Tentei voltar ao sonho, mas a porta já se fechara. Por volta de 5h30 pulei da cama, pelejei para me equilibrar e fui para o chuveiro. Fiquei debaixo da ducha até o tanque de água quente esfriar. Depois saí e me vesti para outro dia de combate à máquina.

Ainda era cedo demais para ligar para Lorna e checar a programação do dia, mas eu mantinha em minha escrivaninha uma agenda que em geral estava atualizada. Fui até o escritório doméstico para consultá-la e a primeira coisa que vi foi uma nota de um dólar presa na parede acima da escrivaninha.

Minha adrenalina subiu dois pontos enquanto a mente disparava e pensei em algum intruso que deixara o dinheiro na parede como uma espécie de ameaça ou mensagem. Então me lembrei.

— Maggie — falei em voz alta.

Sorri e decidi deixar a nota presa na parede.

Tirei a agenda da maleta e verifiquei a programação. Parecia que eu tinha a manhã livre até uma audiência às 11h no tribunal de San Fernando. O caso era uma cliente reincidente apanhada com equipamento de droga. Era uma acusação besta que mal merecia o tempo e o dinheiro, mas Melissa Menkoff já estava em condicional por uma variedade de delitos envolvendo drogas. Se ela pisou na bola por algo tão pequeno quanto posse de equipamento para droga, sua sentença de condicional seria cancelada e ela terminaria atrás de uma porta de aço por seis ou nove meses.

Isso era tudo que eu tinha na agenda. Depois de San Fernando meu dia estava livre e me congratulei silenciosamente pela antevisão que devo ter usado ao manter o dia seguinte livre. Claro, quando preparei a agenda eu não sabia que a morte de Raul Levin me mandaria tão cedo para o Four Green Fields, mas foi bom planejar apesar de tudo.

A audiência sobre o caso Menkoff envolvia minha moção para suprimir o cachimbo de crack encontrado numa revista em seu carro após uma imprudente barbeiragem em Northridge. O cachimbo havia sido encontrado no console central fechado do carro. Ela me contou não ter dado permissão para a polícia revistar o carro, mas o fizeram assim mesmo. Meu argumento foi de que não houve nenhum consentimento para a busca e nenhuma causa provável para tal. Se Menkoff tinha sido parada pela polícia por barbeiragem no trânsito, então não havia nenhuma razão para revistar o compartimento fechado do veículo.

Ela era um caso perdido e eu sabia disso, mas o pai de Menkoff me pagava bem para fazer o melhor que pudesse por sua filha encrenqueira. E era exatamente isto que eu ia fazer às 11h no tribunal de San Fernando.

Meu café da manhã foram dois comprimidos de Tylenol que engoli com ovos estrelados, torrada e café. Temperei os ovos liberalmente com pimenta e molho. Tudo isso derrubou a ressaca e me deu o combustível para entrar na batalha. Folheei as páginas do *Times* enquanto comia, procurando alguma notícia sobre o assassinato de Raul Levin. Inexplicavelmente, não havia nada. Não entendi de início. Por que a polícia de Glendale mantinha o caso em segredo? Então me lembrei de que o *Times* publicava várias edições regionais a cada manhã. Eu vivia no Westside e Glendale era considerado parte do San Fernando Valley. Notícias sobre um assassinato no Valley podem ter sido consideradas pelos editores do jornal como pouco importantes para os leitores do Westside, que tinham os próprios assassinatos na sua área com que se preocupar. Não achei nada sobre Levin.

Decidi que teria de comprar um segundo exemplar do *Times* numa banca a caminho de San Fernando e verificar de novo. Pensamentos acerca de em qual banca Earl deveria parar me lembraram de que eu estava sem carro. O Lincoln ficara no estacionamento do Four Green Fields — a não ser que tivesse sido roubado durante a noite — e eu só poderia recuperar as chaves depois que o bar abrisse para almoço às 11h. Era um problema. Eu tinha visto o carro de Earl no estacionamento integrado onde eu o pegava toda manhã. Era um Toyota todo enfeitado com um perfil de gosto duvidoso e aros de roda cromados. Meu palpite era de que tinha também um fedor permanente de maconha. Eu não queria viajar nele. No condado norte era um convite a uma parada pela polícia. No condado sul era um convite para levar tiro. Eu também não queria que Earl me pegasse em casa. Nunca deixava que meus motoristas soubessem onde moro.

O plano que bolei era pegar um táxi até meu depósito em North Hollywood e usar uma das minhas limusines novas. O Lincoln no Four Green Fields tinha mais de 80 mil km rodados, de qualquer modo. Talvez surgir de carro novo me ajudasse a superar a depressão por causa de Raul Levin.

Após lavar a frigideira e o prato na pia, decidi que já era hora de acordar Lorna com um telefonema para confirmar meu programa do dia. Voltei ao escritório, e quando peguei o telefone fixo para fazer a ligação, ouvi a secretária eletrônica me dizendo que tinha pelo menos uma mensagem à espera.

Liguei o número de recuperação e uma voz eletrônica me disse que eu perdera uma chamada às 11h07 do dia anterior. Quando a voz me ditou o número do telefone que eu havia perdido, congelei. O número era o do celular de Raul Levin. Eu perdera o seu último telefonema.

— Ei, sou eu. Você provavelmente já saiu para o jogo e seu celular está fora de área. Se você não receber esta chamada, tudo bem, vou encontrá-lo no estádio. Acho que você...

Ele se interrompeu por um momento por causa do som de um cachorro latindo.

— ... poderia dizer que consegui o tíquete para Jesus sair de San Quentin. Tenho que desligar, meu chapa.

Então era isso. Ele desligou sem se despedir e usara aquele sotaque idiota no final. O sotaque sempre havia me irritado. Agora soava afetuoso. Eu já sentia falta dele.

Pressionei o botão para repetir a mensagem e ouvi outra vez, e o fiz três vezes mais antes de finalmente salvar a mensagem e desligar. A seguir sentei-me à escrivaninha e tentei aplicar a mensagem ao que eu sabia. O primeiro quebra-cabeça envolvia a hora da ligação. Não saí para o jogo pelo menos até as 11h30. Ainda assim, de alguma forma, eu tinha perdido o telefonema de Levin que ocorrera mais de vinte minutos antes.

Isto não fez nenhum sentido até que me lembrei da ligação de Lorna. Às 11h07 eu estivera ao telefone com ela. Meu telefone fixo era usado tão raramente e tão poucas pessoas sabiam o número que não me incomodei de instalar na linha um sistema de chamada em espera. Isto significava que a última ligação de Levin tinha sido transferida para o correio de voz e eu nunca saberia disso enquanto falava com Lorna.

O que explicava as circunstâncias do telefonema mas não seu conteúdo.

Levin obviamente tinha descoberto alguma coisa. Ele não era advogado, mas certamente conhecia uma prova e sabia como avaliá-la. Havia descoberto algo que podia me ajudar a tirar Menendez da prisão. Ele arranjara o tíquete de saída de Jesus.

A última coisa que restava a considerar era a interrupção pelo latido do cachorro e isso era fácil. Eu já estivera na casa de Levin e sabia que o cão latia em tom alto e agudo. Cada vez que chegava na casa já o ouvia latir antes mesmo de eu bater à porta. O latido ao fundo da mensagem telefônica e Levin

terminando apressadamente a ligação me dizia que alguém estava chegando à porta. Ele teve visita e poderia muito bem ser seu assassino.

Pensei sobre as coisas por alguns momentos e decidi que a hora da chamada era algo que em sã consciência eu não poderia omitir da polícia. O conteúdo da mensagem levantaria novas perguntas que eu poderia ter dificuldades em responder, mas era mais importante pelo valor da hora da ligação. Fui até o quarto e vasculhei os bolsos do jeans que usara na véspera do jogo. Num dos bolsos de trás achei o canhoto do ingresso para o jogo e os cartões comerciais que Lankford e Sobel me deram ao fim de minha ida à casa de Levin.

Escolhi o cartão de Sobel e notei que só dizia *Detetive Sobel*. Nada de prenome. Talvez ela fosse como eu, com dois cartões diferentes em bolsos alternados. Com o nome completo em um, com o nome mais formal no outro.

Ela atendeu a ligação de imediato e decidi ver o que podia obter dela antes de fornecer o que eu tinha.

— Algo novo na investigação? — perguntei.

— Não muita coisa. Não muita coisa que eu possa partilhar com você. Ainda estamos meio que organizando as provas que temos. Recebemos alguma coisa da balística e...

— Já têm o resultado da autópsia? — eu disse. — Isso foi rápido.

— Não, a autópsia só vai mandar amanhã.

— Então como é que já têm o da balística?

Ela não respondeu, mas então imaginei.

— Vocês encontraram uma cápsula. Ele foi morto por uma automática que ejetou o cartucho.

— Você é bom, Sr. Haller. Sim, encontramos um cartucho.

— Já estive em um bocado de processos. E pode me chamar de Mickey. É engraçado, o assassino vasculhou o local mas não recolheu a cápsula.

— Talvez porque ela rolou pelo chão e caiu num escape da calefação. O assassino teria precisado de uma chave de fenda e um bocado de tempo.

Assenti. Foi um golpe de sorte. Eu não podia imaginar quantos clientes tinham se ferrado porque os tiras deram um golpe de sorte. Mas também houve um monte de clientes que se deram bem por um golpe de sorte. No fim, acabava tudo empatado.

— Então, seu parceiro estava certo sobre ter sido um calibre 22?

Ela deu um tempo antes de responder, decidindo se devia se arriscar a revelar qualquer informação a mim, uma parte envolvida no caso mas ainda assim um inimigo, um advogado de defesa.

— Ele estava certo. E graças às marcas no cartucho, sabemos até a arma exata que estamos procurando.

De tanto interrogar peritos em balística e armas de fogo em julgamentos ao longo dos anos, eu sabia que marcas deixadas nos cartuchos durante o processo de disparo podiam identificar a arma mesmo sem a arma na mão. Com uma automática, percussor, bloco de culatra, ejetor e extrator deixam marcas de assinatura na cápsula na fração de segundo em que a arma é disparada. Analisar as quatro marcas simultaneamente pode levar à fabricação e modelo específicos da arma a ser identificada.

— Acontece que o próprio Sr. Levin possuía uma calibre 22 — disse Sobel. — Mas a encontramos num closet secreto na casa e não é uma Woodsman. A única coisa que ainda não encontramos é o seu celular. Sabemos que ele tinha um, mas...

— Ele estava falando comigo nele no exato momento em que foi morto.

Houve um instante de silêncio.

— Você nos disse ontem que falou com ele pela última vez na noite de sexta-feira.

— Exatamente. Mas é por isso que estou ligando. Raul me ligou ontem às 11h07 e deixou uma mensagem. Só hoje a recebi, porque depois que deixei vocês ontem, simplesmente saí e tomei um porre. Aí fui dormir e só agora há pouco é que percebi que havia uma mensagem dele. Raul ligou para falar de um dos casos em que estava trabalhando para mim meio na surdina. É um caso de apelação e o cliente está preso. Uma coisa sem pressa. De qualquer modo, o conteúdo da mensagem não é importante, mas o telefonema ajuda a fixar a hora. E, veja só, enquanto ele deixava a mensagem, pode-se ouvir um cachorro começar a latir. Ele latia toda vez que alguém chegava à porta. Sei porque estive lá antes e o cachorro sempre latia.

Mais uma pausa silenciosa antes que ela respondesse.

— Não entendo uma coisa, Sr. Haller.

— O quê?

— Você nos disse ontem que esteve em casa até por volta do meio-dia antes de sair para o jogo. E agora diz que o Sr. Levin lhe deixou uma mensagem às 11h. Por que não atendeu?

— Porque estava ao telefone e não tenho chamada em espera. Se verificar minhas gravações, verá que recebi uma ligação de minha assistente, Lorna Taylor. Estava falando com ela quando Raul ligou. Sem chamada em espera, fiquei sem saber. E claro que ele pensava que eu já havia saído para o jogo. Por isso só deixou uma mensagem.

— OK, entendo. Provavelmente vamos querer sua permissão para transcrever aquelas gravações.

— Não tem problema.

— Onde está agora?

— Em casa.

Dei o endereço e Sobel disse que ela e seu parceiro estavam vindo.

— Façam isso rápido. Dentro de uma hora tenho que partir para o tribunal.

— Já estamos indo.

Fechei o celular sentindo-me inquieto. Eu havia defendido dezenas de assassinos ao longo dos anos e isso me pusera em contato com muitos investigadores de homicídios. Mas eu mesmo nunca tinha sido interrogado antes sobre um assassinato. Lankford e agora Sobel pareciam desconfiar de cada resposta que eu podia dar. Isto me fez especular: o que eles sabiam que eu não sabia?

Arrumei as coisas sobre a mesa e fechei minha maleta. Não queria que eles vissem nada que não deviam ver. Então caminhei pela casa e verifiquei cada cômodo. Minha última parada foi no quarto. Fiz a cama e pus o CD *Wreckrium for Lil' Demon* de volta na gaveta da mesinha de cabeceira. E então me ocorreu. Sentei-me na cama enquanto recordava algo que Sobel dissera. Ela havia cometido um deslize e a princípio isso passara despercebido por mim. Ela dissera que tinham encontrado a arma calibre 22 de Raul Levin, mas não era a arma do crime. Não era uma Woodsman.

Ela me havia inadvertidamente revelado o fabricante e o modelo da arma do crime. Eu sabia que a automática Woodsman era fabricada pela Colt. Sabia disso porque possuía uma Woodsman Sport Model que herdara de meu pai muitos anos atrás, após sua morte. Quando cheguei à idade para usá-la, jamais sequer a tirara de seu estojo de madeira.

Levantei-me da cama e fui até o closet. Movi-me como se em meio a uma densa névoa. Meus passos eram cautelosos; pus minha mão na parede e depois no batente da porta, como se precisasse ganhar equilíbrio. O estojo de madeira polido estava na prateleira onde supostamente deveria estar. Estendi as mãos para pegá-la e depois caminhei de volta para o quarto.

Pus a caixa sobre a cama e abri o fecho de latão. Ergui a tampa e tirei a capa de oleado.

A arma tinha sumido.

PARTE DOIS

Um mundo sem verdade

VINTE E SETE

Segunda-feira, 23 de maio

O cheque de Roulet foi compensado. No primeiro dia do julgamento eu tinha mais dinheiro em minha conta bancária do que jamais tivera em toda a vida. Se quisesse, podia retirar os anúncios nos bancos de ônibus e prosseguir com outdoors. Também podia pegar a quarta capa das páginas amarelas em vez de meia página que eu possuía dentro. Eu podia bancar. Finalmente tinha um caso que valia a pena. Isto é, em termos de dinheiro. A perda de Raul Levin iria para sempre tornar este caso um negócio deficitário.

Tínhamos atravessado três dias de seleção do júri e estávamos agora prontos para começar o espetáculo. O julgamento estava programado para outros três dias no máximo — dois para a acusação e um para a defesa. Eu dissera à juíza que precisaria de um dia para expor meu caso diante do júri, mas na verdade a maior parte do meu trabalho seria durante a apresentação da acusação.

Sempre havia uma sensação elétrica no início de um julgamento. Um nervosismo que ataca fundo nas entranhas. Afeta tudo. Reputação, liberdade pessoal, a integridade do próprio sistema. Ter aqueles 12 estranhos sentados para julgar nossa vida e nosso trabalho sempre provoca pulos dentro de nós. E estou me referindo a mim, o advogado de defesa — o julgamento do réu era coisa inteiramente diferente. Nunca me acostumei a isso, e na verdade nunca desejei me acostumar. Só posso comparar à ansiedade e tensão de ficar de pé diante do altar da igreja no dia do casamento. Já havia passado por isso duas vezes e ainda me lembrava toda vez que um juiz pedia silêncio no tribunal.

Embora minha experiência em trabalho de tribunal superasse amplamente a do meu oponente, não havia nenhum engano acerca de onde eu me encontrava. Eu era um homem parado diante do bucho do sistema. Sem dúvida eu era o pobre-diabo. Sim, era verdade que eu enfrentava um promotor no seu primeiro processo criminal de vulto. Mas essa vantagem foi igualada e depois superada um pouco pelo poder do estado. Sob o comando do promotor estavam as forças

de todo o sistema de justiça. E para enfrentar isso eu só contava comigo mesmo. E com um cliente culpado.

Sentei-me junto a Louis Roulet à mesa da defesa. Estávamos sozinhos. Eu não tinha nenhum auxiliar e nenhum investigador me apoiando — por alguma estranha lealdade a Raul Levin, eu não havia contratado um substituto. Na verdade, tampouco carecia de um. Levin me dera tudo de que eu precisava. O julgamento, e como seria travado, serviria como um derradeiro tributo a suas habilidades como investigador.

Na primeira fila da galeria sentavam-se C. C. Dobbs e Mary Alice Windsor. Seguindo uma regra das intervenções preliminares, a juíza só permitiu que a mãe de Roulet ficasse no tribunal durante as declarações de abertura. Como estava relacionada como uma das testemunhas da defesa, não lhe seria permitido ouvir qualquer dos depoimentos que se seguiriam. Ela ficaria no corredor lá fora, junto com seu cãozinho de estimação Dobbs, até que fosse chamada.

Também na primeira fila, mas não sentada junto a eles, estava minha própria seção de apoio: minha ex-mulher Lorna Taylor. Vestia um terninho azul-marinho e blusa branca. Parecia linda e poderia ter se misturado com a falange de promotoras que desciam todo dia para o tribunal. Mas ela estava lá por minha causa e a amei por isso.

As demais fileiras na galeria só lotavam esporadicamente. Havia uns poucos repórteres presentes para pegar citações das declarações de abertura, alguns advogados e uma plateia ocasional. Nenhuma equipe de TV aparecera. O julgamento ainda não despertara mais que uma atenção superficial do público, o que era bom. Isto significava que nossa estratégia de contenção de publicidade havia funcionado bem.

Roulet e eu ficamos em silêncio enquanto esperávamos que a juíza assumisse a bancada e chamasse os jurados para que pudéssemos começar. Eu tentava me acalmar ensaiando o que queria dizer aos jurados. Roulet olhava para o símbolo do estado da Califórnia afixado em frente à bancada da juíza.

O escrivão atendeu a uma ligação telefônica, disse umas poucas palavras e desligou.

— Dois minutos, senhores — disse em voz alta. — Dois minutos.

Quando um juiz ligava de antemão para a corte, isto significava que as pessoas deveriam estar nos seus lugares e prontas para começar. Nós estávamos. Olhei para Ted Minton na mesa da acusação e vi que estava fazendo a mesma coisa que eu. Ensaiando para se acalmar. Inclinei-me e estudei as anotações no bloco diante de mim. Então Roulet inclinou-se inesperadamente à frente e quase junto a mim. Falou num sussurro, embora não fosse ainda necessário.

— É agora, Mick.

— Eu sei.

Desde a morte de Raul Levin, meu relacionamento com Roulet vinha sendo de tolerância fria. Continuei com ele porque tinha de fazê-lo. Mas encontrei-me com ele o mínimo possível nos dias e semanas que antecederam o julgamento, e ia falar com ele o mínimo possível quando começasse. Sabia que uma fraqueza no meu plano era a minha própria fraqueza. Temia que qualquer interação com Roulet pudesse me levar a detonar minha raiva e o desejo de vingar meu amigo, física e pessoalmente. Os três dias de seleção do júri haviam sido uma tortura. Dia após dia, eu tinha de me sentar bem junto a ele e ouvir seus comentários condescendentes sobre os jurados potenciais. A única maneira de aturar isso foi fingir que ele não estava presente.

— Está pronto? — ele me perguntou.

— Estou tentando estar — falei. — E você?

— Estou pronto. Mas eu queria lhe dizer uma coisa antes de começarmos.

Olhei para ele. Estava bem perto de mim. Teria sido invasivo mesmo se eu gostasse dele e não o odiasse. Recostei-me.

— O que é?

Ele me acompanhou, recostando-se junto a mim.

— Você é meu advogado, certo?

Inclinei-me à frente, tentando me afastar dele.

— Louis, o que é isto? Estivemos juntos nisso há mais de dois meses e agora você está sentado aqui com um júri escolhido e pronto para o julgamento. Você me pagou mais de 150 mil e vem me perguntar se sou seu advogado? É claro que sou seu advogado. Do que se trata? O que está errado?

— Não há nada de errado.

Ele inclinou-se à frente e continuou:

— Quero dizer, se você é meu advogado, vou lhe contar uma coisa e você tem de manter em segredo, mesmo que seja um crime. Mais do que um crime. Isto é coberto pelo relacionamento advogado-cliente, não é?

Senti o ronco baixo do desconforto em meu estômago.

— Sim, Louis, é isso mesmo... a não ser que você vá me contar sobre um crime que está a ponto de ser cometido. Nesse caso posso ser atenuado do código de ética e avisar à polícia, de modo que eles possam impedir o crime. De fato, seria meu dever informá-los. Um advogado é um oficial da corte de justiça. E então, o que tem para me contar? Você ouviu o aviso de dois minutos. Estamos prestes a começar aqui.

— Eu matei pessoas, Mick.

Olhei para ele por um momento.

— O quê?!

— Você me ouviu.

Ele estava certo. Eu o tinha ouvido. E não devia ter demonstrado surpresa. Já sabia que ele matara pessoas. Raul Levin estava entre elas e Louis tinha até mesmo usado a minha arma — embora eu não fizesse ideia de como ele havia burlado o rastreador no seu tornozelo. Estava simplesmente surpreso por ele ter decidido me contar de uma maneira tão prosaica dois minutos antes de começar seu julgamento.

— Por que está me contando isso? — perguntei. — Estou prestes a tentar defendê-lo de tudo isso e você...

— Porque sei que você já sabe. E porque sei qual é o seu plano.

— Meu plano? Que plano?

Ele sorriu astutamente para mim.

— Ora, vamos, Mick. É simples. Você me defende neste caso. Dá o melhor de si, é pago generosamente, você vence e eu saio. Mas então, uma vez que tudo esteja encerrado e você pegue seu dinheiro no banco, se volta contra mim porque não sou mais seu cliente. Me entrega aos tiras de modo que possa libertar Menendez e assim se redimir.

Não respondi.

— Bem, não posso deixar que isso aconteça — replicou ele, baixinho. — Agora sou seu para sempre, Mick. Estou lhe contando que matei pessoas, Mick, e adivinha? Martha Renteria foi uma delas. Dei a ela simplesmente o que merecia, e se você procurar a polícia ou usar o que lhe contei contra mim, então não vai praticar advocacia por muito tempo. Sim, você teve sucesso em livrar Jesus do corredor da morte. Mas nunca serei acusado por causa da sua má conduta. Acredito que isto é chamado “fruto da árvore venenosa”, e você é a árvore, Mick.

Continuei sem responder. Apenas assenti de novo. Roulet tinha certamente pensado nisso tudo. Imaginei quanta ajuda obtivera de Cecil Dobbs. Obviamente ele tinha alguém a instruí-lo nas questões jurídicas.

Inclinei-me para ele e sussurrei:

— Siga-me.

Levantei-me e passei rapidamente pela portinhola rumo à porta dos fundos do tribunal.

Ouvi a voz do escrivão lá atrás:

— Sr. Haller? Estamos prestes a começar. A juíz...

— Um minuto — respondi sem me voltar.

Também levantei um dedo. Então empurrei as portas para o vestíbulo mal iluminado, projetadas com um amortecedor para proteger o tribunal dos sons do

corredor. Um conjunto de portas duplas do outro lado levava para o corredor. Movi-me para o lado e esperei que Roulet chegasse ao pequeno espaço.

Tão logo ele cruzou a porta, agarrei-o e o girei para a parede. Mantive-o imprensado contra a parede com as duas mãos no seu peito.

— Que porra você pensa que está fazendo?

— Calma, Mick. Só achei que devíamos saber onde nós...

— Seu filho da mãe! Você matou Raul e tudo que ele estava fazendo era trabalhar para você! Estava tentando ajudá-lo!

Eu queria levar as mãos ao seu pescoço e sufocá-lo no ato.

— Você está certo sobre uma coisa. Sou um filho da mãe. Mas está errado sobre tudo mais, Mick. Levin não estava tentando me ajudar. Estava tentando me ferrar e estava chegando bem perto. Ele ganhou o que merecia por isso.

Pensei na última mensagem de Levin no meu telefone. *Consegui o passe para Jesus sair de San Quentin.* O que quer que ele tivesse descoberto havia causado sua morte. E havia sido assassinado antes de me passar a informação.

— Como fez isso? Se está confessando tudo para mim aqui, então quero saber como você fez. Como burlou o rastreador? Ele mostrou que você sequer esteve perto do Glendale.

Ele sorriu para mim, como um garoto com um brinquedo que não quer partilhar.

— Digamos apenas que é informação particular e vamos deixar assim. Nunca se sabe, posso ter encenado de novo o truque de Houdini.

Nas suas palavras ouvi a ameaça e no seu sorriso vi o mal que Raul Levin tinha visto.

— Não alimente ideias, Mick — disse ele. — Como você provavelmente sabe, tenho uma apólice de seguro.

Imprensei-o com mais força e inclinei-me para mais perto.

— Escute, seu merda, quero a arma de volta. Pensa que está com a faca e o queijo na mão? Você não está com porra nenhuma. *Eu* é que tenho a faca e o queijo na mão. E você não vai passar de uma semana se eu não tiver aquela arma de volta. Entendeu?

Roulet ergueu lentamente os braços, agarrou meus pulsos e retirou minhas mãos do seu peito. Começou a endireitar sua camisa e gravata.

— Eu poderia sugerir um acordo — disse ele calmamente. — Ao final deste julgamento saio do tribunal como um homem livre. Continuo a manter minha liberdade e em troca disso a arma nunca vai cair, digamos assim, nas mãos erradas.

Ele se referia a Lankford e Sobel.

— Porque realmente odiaria ver isso acontecer, Mick. Um monte de gente depende de você. Um monte de clientes. E você, claro, não iria querer ir para onde eles estão indo.

Recuei um passo dele, usando toda a minha vontade para não erguer os punhos e atacar. Falei com uma voz baixa que fervilhava com toda a minha raiva e ódio.

— Eu lhe prometo — falei —, se você me ferrar, nunca mais ficará livre de mim. Estamos claros sobre isso?

Roulet começou a sorrir. Mas antes que pudesse responder, a porta do tribunal se abriu e Meehan, o oficial de justiça, espiou.

— A juíza está na bancada — disse duramente. — Ela quer vocês aqui dentro. Agora.

Olhei atrás para Roulet.

— Eu disse: estamos claros?

— Sim, Mick — disse ele, jovial. — Claros como cristal.

Afastei-me dele e entrei no tribunal, caminhando pela ala até a portinhola. A juíza Constance Fullbright me olhava fixamente a cada passo que eu dava.

— Muito gentil decidir se juntar a nós esta manhã, Sr. Haller.

Onde eu tinha ouvido isso antes?

— Lamento, meritíssima — falei enquanto atravessava a portinhola. — Tive uma situação de emergência com meu cliente. Tivemos que conferenciar.

— Conferências com o cliente podem ser feitas na mesa da defesa — respondeu ela.

— Sim, meritíssima.

— Não creio que estejamos começando do modo correto aqui, Sr. Haller. Quando meu escrivão anuncia que estaremos em sessão dentro de dois minutos, então espero que todos, inclusive advogados de defesa e seus clientes, estejam a postos e prontos.

— Peço desculpas, meritíssima.

— Isso não é bom o bastante, Sr. Haller. Antes do final da sessão de hoje, quero que faça uma visita ao meu escrivão com seu talão de cheques. Estou multando-o em quinhentos dólares por desacato à corte. Você não é quem manda neste tribunal. Sou eu.

— Meritíssima...

— Agora vamos chamar o júri — ordenou ela, cortando meu protesto.

O escrivão abriu a porta da sala do júri e os 12 jurados e dois suplentes começaram a ocupar o seu recinto. Virei-me para Roulet, que acabava de sentar, e sussurrei:

— Você me deve mais quinhentos dólares.

VINTE E OITO

A declaração de abertura de Ted Minton foi um modelo repetitivo de agressividade acusatória. Em vez de dizer aos jurados que provas ia apresentar e como se encaixavam no caso, o promotor tentou dizer-lhes o que tudo isso significava. Ele estava indo para um grande quadro e isto era quase sempre um erro. O grande quadro envolve inferência e sugestões. Extrapola suposições para o nível de suspeitas. Qualquer promotor com uma dúzia ou mais de julgamentos no currículo lhe diria para pegar mais leve. Você quer os jurados para condenar, não necessariamente para entender.

— Este caso diz respeito a um predador — dizia ele aos jurados. — Louis Ross Roulet é um homem que na noite de 6 de março estava tocaiando a presa. E se não fosse a cabal determinação de uma mulher em sobreviver, estaríamos aqui julgando um caso de assassinato.

Logo notei que Minton tinha escolhido um controlador de placar. É assim que chamo um jurado que não para de tomar notas durante um julgamento. Uma declaração de abertura não é uma validação das provas, e a juíza Fullbright tinha portanto repreendido o júri, mas a mulher no primeiro assento da fila da frente estivera escrevendo desde o início da apresentação de Minton. Isto era bom. Gosto de controladores de placar porque eles documentam apenas o que os promotores dizem que será apresentado e provado no julgamento e no fim vão verificar. Eles controlam o placar.

Olhei para o mapa do júri que havia preenchido uma semana antes e vi que a controladora de placar era Linda Truluck, uma dona de casa de Reseda. Era uma das três únicas mulheres no júri. Minton tentara com afinco manter a mulher no mínimo contente porque, acredito, temia que se ficasse claro no julgamento que Regina Campo oferecia serviços sexuais por dinheiro, poderia perder a simpatia das mulheres e, definitivamente, seus votos num veredicto. Acreditei que ele estava provavelmente certo na sua presunção e trabalhei de modo diligente para obter mulheres no júri. Ambos acabamos usando todos os nossos vinte desafios e esta foi talvez a principal razão por se levar três dias para escolher um júri. No fim consegui três mulheres e só precisava de uma para evitar uma condenação.

— Agora os senhores vão ouvir o testemunho da própria vítima acerca de seu estilo de vida ser um que devíamos não tolerar — disse Minton aos jurados. — O ponto crucial é que ela estava vendendo sexo aos homens que convidava a sua casa. Mas quero que se lembrem: o que a vítima neste caso fazia como meio de vida não é o que está em pauta neste tribunal. Qualquer um pode ser vítima de crime violento. Qualquer um. Seja lá o que alguém faça para viver, a lei não permite que seja agredido, ameaçado a ponta de faca ou fique temendo pela própria vida. Essa pessoa desfruta da mesma proteção que todos nós, não importa o que faça para ganhar dinheiro.

Ficou totalmente claro para mim que Minton nem mencionava as palavras *prostituição* ou *prostituta* por temer que isto prejudicasse seu argumento. Escrevi a palavra no bloco que ia levar comigo para a tribuna na hora de minha apresentação. Eu planejava compensar as omissões da acusação.

Minton fez um retrospecto das provas. Falou acerca do canivete com as iniciais do réu na lâmina. Falou sobre o sangue encontrado na sua mão esquerda. E preveniu os jurados para que não se deixassem enganar pelos esforços da defesa em confundi-los ou embaralhar as provas.

— Este é um caso muito bem definido e direto — disse ele quando estava terminando. — Os senhores têm um homem que atacou uma mulher na casa dela. Planejava estuprá-la e depois matá-la. É só pela graça de Deus que ela estará aqui para contar a história.

Encerrando, ele agradeceu pela atenção e foi sentar-se à mesa da acusação. A juíza Fullbright consultou o relógio e depois olhou para mim. Eram 11h40 e ela estava provavelmente avaliando se fazia uma pausa ou se me deixava entrar com minha abertura. Uma das principais tarefas de um juiz durante um julgamento é administrar o júri. É dever do juiz se certificar de que os jurados estejam confortáveis e motivados. Várias pausas, curtas ou longas, costumam ser a resposta.

Eu havia conhecido Connie Fullbright pelo menos uns 12 anos antes, antes que se tornasse juíza. Ela havia sido tanto promotora quanto advogada de defesa. Tinha experiência de ambos os lados. À parte ser demasiadamente rápida com citações desdenhosas, ela era uma juíza boa e justa — até chegar a hora da sentença. Você ia para o tribunal dela sabendo que estava num mesmo nível com a acusação. Mas se o júri condenasse o seu cliente, devia estar preparado para o pior. Fullbright era uma das mais duras juízas de sentença do condado. Era como se estivesse punindo advogado e cliente por fazê-la perder tempo com um julgamento. Se houvesse qualquer espaço dentro das pautas de sentença, ela sempre optava pela máxima, se fosse prisão ou condicional. Isto lhe valera um

apelido entre os profissionais de defesa que trabalhavam no tribunal de Van Nuys. Eles a chamavam de juíza “Fullbraba”.

— Sr. Haller — disse ela —, está planejando deixar para depois sua declaração?

— Não, meritíssima, mas acho que vou ser bem rápido.

— Ótimo — replicou ela. — Então vamos ouvi-lo e depois iremos almoçar.

Na verdade eu não sabia quanto tempo iria levar. Minton levara quarenta minutos e eu sabia que chegaria perto disso. Mas disse à juíza que seria rápido simplesmente porque não gostava da ideia dos jurados irem almoçar apenas com o lado da história da acusação para pensar a respeito enquanto mastigavam seus hambúrgueres e saladas de atum.

Levantei-me e fui para a tribuna situada entre as mesas da acusação e da defesa. A sala do tribunal era um dos espaços recém-reformados no velho palácio de justiça. Tinha recintos de jurados gêmeos de cada lado da bancada. Tudo era feito em madeira clara, inclusive a parede atrás da bancada. A porta para o gabinete da juíza ficava quase escondida na parede, contornos camuflados nas linhas e granulações da madeira. A maçaneta era a única pista de que ali havia uma porta.

Fullbright conduzia seus julgamentos como um juiz federal. Os advogados não podiam se aproximar das testemunhas e nunca lhes era permitido chegar perto do recinto do júri. Era exigido que só falassem da tribuna.

De pé agora na tribuna, vi o júri no recinto à minha direita e mais perto da mesa da acusação do que da defesa. Isto era ótimo para mim. Eu não queria os jurados perto demais de Roulet. Queria que representasse um pouco de mistério para eles.

— Senhoras e senhores do júri — comecei —, meu nome é Michael Haller e estou representando o Sr. Roulet neste julgamento. Sinto-me feliz em dizer-lhes que o julgamento provavelmente será rápido. Só tomará uns poucos dias do tempo de vocês. No decorrer talvez perceberão que levou mais tempo escolher vocês do que apresentar os dois lados do caso. O promotor, o Sr. Minton, pareceu gastar seu tempo esta manhã falando-lhes do que ele acha que cada prova significa e de quem realmente é o Sr. Roulet. E eu os aconselharia a simplesmente sentar, avaliar as provas e deixar que seu bom senso lhes diga o que tudo isto significa e quem é o Sr. Roulet.

Mantive os olhos se movendo de um jurado para outro. Raramente olhei para o bloco que havia colocado sobre a tribuna. Queria que pensassem que eu falava amigavelmente com eles, dizendo o que me vinha à mente no momento.

— Em geral o que gosto de fazer é postergar minha declaração de abertura. Num processo criminal a defesa sempre tem a opção de dar uma abertura no

início do julgamento, tal como o Sr. Minton fez, ou logo antes de apresentar o argumento da defesa. Normalmente, eu tomaria a segunda opção. Eu esperaria e faria minha declaração antes de apresentar todas as testemunhas e a prova da defesa. Mas este caso é diferente. É diferente porque o argumento da acusação também vai ser o da defesa. Os senhores certamente ouvirão as testemunhas da defesa, mas o coração e a alma deste caso serão a prova e as testemunhas da acusação e como os senhores decidem interpretá-las. Garanto-lhes que uma versão bem diferente dos eventos e do conjunto de provas que o Sr. Minton acabou de esboçar vai emergir neste tribunal. E quando chegar a hora de apresentar o caso da defesa, isto provavelmente nem será necessário.

Olhei para a controladora de placar e vi o lápis dela movendo-se pelo caderno de notas.

— Acho que o que os senhores vão descobrir aqui esta semana é que todo este caso vai resumir-se às ações e motivações de uma pessoa. Uma prostituta que viu um homem com sinais exteriores de riqueza e o escolheu como alvo. As provas irão mostrar isto claramente, e será também mostrado pelas próprias testemunhas da acusação.

Minton se levantou e protestou, dizendo que eu estava ultrapassando os limites ao tentar invalidar a principal testemunha da acusação com insinuações sem fundamento. Não havia nenhuma base legal para o protesto. Era apenas uma tentativa amadorística de enviar uma mensagem para o júri. A juíza respondeu convidando nós dois até uma barra lateral.

Fomos até o lado da bancada e a juíza deu um piparote num neutralizador de som de um alto-falante sobre a bancada para impedir que o júri ouvisse o que estava sendo sussurrado. A juíza foi rápida com Minton, como um assassino.

— Sr. Minton, sei que é novato em processo criminal, portanto vejo que terei de orientá-lo à medida que prosseguirmos. Mas nunca proteste durante uma declaração de abertura no meu tribunal. Isto que ele está apresentando não é uma prova. Não me importa se ele diz que sua própria mãe é a testemunha álibi do réu, mas nunca proteste diante de meu júri.

— Merit...

— É só. Voltem.

Ela girou sua poltrona de volta ao centro da bancada e desligou o neutralizador de som. Minton e eu voltamos para nossos lugares sem mais palavras.

— Protesto indeferido — disse a juíza. — Continue, Sr. Haller, e deixe-me lembrar que disse que seria rápido.

— Obrigado, meritíssima. Esta continua sendo minha intenção.

Consultei minhas anotações e depois olhei de volta para o júri. Sabendo que Minton fora intimidado ao silêncio pela juíza, decidi aumentar um grau na minha retórica, descartar as anotações e ir direto à conclusão.

— Senhoras e senhores, em essência, o que estarão decidindo aqui é quem foi o verdadeiro predador neste caso. O Sr. Roulet, um empresário bem-sucedido com antecedentes imaculados, ou uma prostituta notória, bem-sucedida em tomar dinheiro dos homens em troca de sexo? Os senhores ouvirão o testemunho de que a alegada vítima neste caso esteve empenhada num ato de prostituição com outro homem poucos momentos antes de ocorrer este suposto ataque. E ouvirão testemunho de que, dias depois deste suposto ataque de ameaça à vida, ela estava de volta ao negócio de trocar sexo por dinheiro.

Relanceei para Minton e vi que ele estava ficando irritado. Tinha os olhos baixados sobre a mesa diante dele e sacudia lentamente a cabeça. Olhei para a juíza.

— Meritíssima, poderia instruir o promotor a parar de fazer encenações diante do júri? Eu não protestei e nem tentei distrair a atenção do júri quando ele fez sua declaração de abertura.

— Sr. Minton — entoou a juíza —, por favor, sente-se ereto e dê à defesa a mesma cortesia que lhe foi dada.

— Sim, meritíssima — disse Minton docilmente.

O júri agora já tinha visto o promotor ser admoestado duas vezes e ainda nem passáramos das aberturas. Tomei isto como um bom sinal que alimentou meu ímpeto. Olhei para o júri e notei que a controladora de placar continuava escrevendo.

— Finalmente, os senhores terão depoimentos de muitas das testemunhas da própria acusação que fornecerão uma explicação perfeitamente aceitável para boa parte das provas físicas neste caso. Estou falando sobre o sangue e o canivete que o Sr. Minton mencionou. Tomado individualmente ou como um todo, o próprio argumento da acusação lhes fornecerá dúvida mais do que razoável acerca da culpa de meu cliente. Podem anotar isso em seus blocos. Garanto que vão descobrir que só têm uma escolha no final deste caso. E trata-se de descobrir que o Sr. Roulet é inocente destas acusações. Obrigado.

Enquanto voltava para meu assento, pisquei para Lorna Taylor. Ela acenou de cabeça para mim como se dissesse que eu havia me saído bem. Minha atenção foi então atraída para duas figuras sentadas duas fileiras atrás dela. Lankford e Sobel. Eles entraram de mansinho depois que os tinha visto pela primeira vez na galeria.

Sentei-me e ignorei o gesto de polegar erguido feito pelo meu cliente. Minha mente estava nos dois detetives de Glendale, imaginando o que estariam fazendo

no tribunal. Observando-me? Esperando por mim?

A juíza dispensou o júri para o almoço e todos se levantaram enquanto a controladora de placar e seus colegas saíam em fila. Depois que se foram, Minton solicitou à juíza outro encontro privado. Ele queria tentar explicar seu protesto e reparar o dano, mas não em público. A juíza negou.

— Estou com fome, Sr. Minton, e já passamos da hora. Vá almoçar.

Ela deixou a bancada e a plateia, que estivera tão silenciosa — exceto pelas vozes dos advogados — então irrompeu em bate-papo, desde a galeria até os funcionários do tribunal. Guardei o bloco na minha maleta.

— Foi realmente bom — disse Roulet. — Acho que já estamos ganhando o jogo.

Olhei para ele furioso.

— Isto não é um jogo.

— Sei disso. É apenas um modo de dizer. Escute, vou almoçar com Cecil e minha mãe. Gostaríamos que se juntasse a nós.

Balancei a cabeça.

— Tenho que defendê-lo, Louis, mas não tenho que almoçar com você.

Tirei meu talão de cheques da maleta e me afastei de Roulet. Contornei a mesa até o posto do escrivão para preencher um cheque de quinhentos dólares. O dinheiro não doeu tanto quanto eu sabia que ia doer a revisão da Ordem dos Advogados que se segue a qualquer citação de desacato.

Quando acabei, virei-me e descobri Lorna me esperando na portinhola com um sorriso. Combinamos almoçar juntos e depois ela voltaria para atender às ligações telefônicas no seu condomínio. Em três dias eu retornaria aos negócios e precisava de clientes. Dependia dela para começar a encher minha agenda.

— Acho melhor eu pagar seu almoço hoje — disse ela.

Joguei meu talão de cheques na maleta e fechei-a.

— Seria ótimo — respondi.

Empurrei a portinhola e olhei para onde tinha visto Lankford e Sobel sentados momentos antes.

Eles tinham ido embora.

VINTE E NOVE

A acusação começou a apresentar seu caso ao júri na sessão da tarde e muito rapidamente a estratégia de Minton começou a ficar clara para mim. As primeiras quatro testemunhas foram uma telefonista do 911, os patrulheiros que atenderam ao pedido de socorro de Regina Campo e o paramédico que tratou dela antes que fosse transportada para o hospital. Em antecipação à estratégia da defesa, estava claro que Minton queria estabelecer firmemente que Campo havia sido brutalmente atacada e era de fato a vítima neste crime. Não era uma estratégia ruim. Na maioria dos casos funcionava.

A telefonista foi essencialmente usada como o instrumento necessário para apresentar uma gravação do pedido de socorro de Campo ao 911. Transcrições impressas da chamada foram entregues aos jurados para que pudessem ler enquanto ouviam a gravação cheia de chiados. Protestei no ato, dizendo que era prejudicial tocar a gravação quando a transcrição impressa seria suficiente, mas a juíza rapidamente indeferiu antes que Minton sequer se opusesse. A gravação foi apresentada e não havia dúvida de que Minton dera uma largada forte enquanto os jurados sentavam-se ouvindo arrebatados os gritos de Campo pedindo socorro. Ela parecia genuinamente perturbada e apavorada. Era exatamente o que Minton queria que os jurados ouvissem e eles certamente ouviram. Eu não ousava contestar a telefonista porque isto daria a Minton a oportunidade de repetir a gravação e redirecioná-la.

Os dois patrulheiros que se seguiram ofereceram depoimentos diferentes porque separaram o que tinham de fazer quando chegaram ao edifício em resposta ao pedido de socorro pelo 911. Um deles permaneceu com a vítima, enquanto o outro subiu até o apartamento para algemar o homem que os vizinhos de Campo tinham imobilizado — Louis Ross Roulet.

A policial Vivian Maxwell descreveu Regina Campo como desgrenhada, ferida e assustada. Ela disse que Campo continuava a perguntar se estava a salvo e se o intruso havia sido capturado. Mesmo depois de tranquilizada sobre ambas as perguntas, Campo permaneceu assustada e intranquila, a certa altura pedindo à policial que sacasse sua arma e a tivesse pronta caso o agressor conseguisse se

libertar. Quando Minton acabou com esta testemunha, levantei-me para realizar meu primeiro interrogatório do julgamento.

— Patrulheira Maxwell — perguntei —, alguma vez perguntou a Regina Campo o que aconteceu com ela?

— Sim, perguntei.

— O que exatamente perguntou a ela?

— Perguntei o que havia acontecido e quem tinha feito aquilo com ela, o senhor sabe, quem a tinha machucado.

— O que ela lhe contou?

— Disse que um homem chegou a sua porta, bateu e, quando abriu, ele a socou. Disse que a golpeou várias vezes e depois sacou um canivete.

— Ela disse que ele sacou o canivete depois de tê-la socado?

— Foi como ela disse. Estava transtornada e ferida na hora.

— Entendo. Ela lhe contou quem era o homem?

— Não. Disse que não conhecia o homem.

— Perguntou a ela especificamente se ela conhecia o homem?

— Sim. Ela disse que não.

— Então simplesmente ela abriu a porta às dez da noite para um estranho.

— Ela não disse desta maneira.

— Mas você falou que ela disse que não conhecia o homem, certo?

— Certo. Foi como ela disse: “Não sei quem é ele.”

— E pôs isto no seu relatório?

— Sim.

Apresentei o relatório da patrulheira como instrumento de prova da defesa e fiz Maxwell ler partes dele para o júri. Estas partes envolviam Regina Campo dizendo que o ataque foi sem motivo e nas mãos de um estranho.

— A vítima não conhece o homem que a atacou e não sabe por que foi atacada — leu ela de seu relatório.

O parceiro dela, John Santos, depôs em seguida, dizendo aos jurados que Campo o direcionou até seu apartamento, onde ele encontrou um homem no chão perto da entrada. O homem estava semiconsciente, imobilizado no chão por dois vizinhos dela, Edward Turner e Ronald Atkins. Um deles estava montado no peito do homem e outro sentava-se sobre suas pernas.

Santos confirmou que o homem imobilizado no chão era o réu, Louis Ross Roulet. Também o descreveu como tendo sangue nas roupas e na mão esquerda. Disse que Roulet parecia estar sofrendo de uma concussão ou algum tipo de lesão na cabeça e inicialmente não parecia reagir a ordens. Santos virou-o e algemou-o com as mãos às costas. O policial pôs então uma sacola plástica, que

levava em um compartimento do seu cinto, sobre a mão ensanguentada de Roulet.

Santos testemunhou que um dos homens que estivera contendo Roulet entregou-lhe um canivete dobrável que estava aberto e tinha sangue no cabo e na lâmina. Santos contou aos jurados que ensacolou também este item e passou-o ao detetive Martin Booker tão logo ele chegou à cena do crime.

Na inquirição fiz a Santos somente duas perguntas.

— Patrulheiro, havia sangue na mão direita do réu?

— Não, não havia nenhum sangue em sua mão direita, do contrário a teria ensacolado também.

— Entendo. Então você teve sangue apenas na mão esquerda e um canivete com sangue no cabo. Nesse caso lhe pareceria que se o réu tivesse empunhado aquele canivete, então ele teria tido de empunhá-lo com a mão esquerda?

Minton protestou, dizendo que Santos era um policial e que a pergunta estava além do alcance de sua especialidade. Argumentei que a pergunta exigia apenas uma resposta de bom senso, não um especialista. A juíza indeferiu o protesto e o escrivão leu a pergunta de novo para a testemunha.

— Assim me pareceria — respondeu Santos.

Arthur Metz foi o paramédico que depôs em seguida. Ele contou aos jurados sobre o comportamento de Campo e a extensão de suas lesões quando a tratou menos de trinta minutos após o ataque. Disse que pareceu-lhe que ela havia sofrido pelo menos três impactos significativos no rosto. Também descreveu um pequeno ferimento perfurante no pescoço. Descreveu todas as lesões como superficiais porém dolorosas. Uma grande ampliação da mesma fotografia do rosto de Campo que eu vira no primeiro dia em que assumi o caso foi exibida sobre um cavalete diante do júri. Protestei, argumentando que a foto era prejudicial porque tinha sido superampliada, mas fui indeferido pela juíza Fullbright.

Depois, quando foi minha vez de interrogar Metz, usei a foto à qual acabara de objetar.

— Quando você falou que ela pareceu ter sofrido pelo menos três impactos no rosto, o que quis dizer com “impacto”? — perguntei.

— Ela foi golpeada com alguma coisa. Ou com o punho ou um objeto rombudo.

— Assim, basicamente alguém a agrediu três vezes. Poderia por favor usar este apontador a laser e mostrar ao júri onde esses impactos ocorreram?

Tirei do bolso um apontador a laser e entreguei-o à juíza para que o examinasse. Ela deu-me permissão para entregá-lo a Metz. Ele então pôs o olho vermelho do facho de laser sobre a foto do rosto espancado de Campo e

desenhou círculos nas três áreas onde acreditava que ela havia sido golpeada. Circulou seu olho direito, sua face direita, a face esquerda e uma área abrangendo o lado direito da boca e do nariz.

— Obrigado — eu disse, pegando o apontador de volta e voltando para a tribuna. — Portanto, se ela foi agredida três vezes no lado direito do rosto, os impactos teriam vindo do lado esquerdo do atacante, correto?

Minton protestou, mais uma vez dizendo que a pergunta estava além do alcance da especialidade da testemunha. Mais uma vez argumentei por bom senso e mais uma vez a juíza indeferiu o protesto.

— Se o atacante estivesse de frente para ela a teria golpeado da esquerda, a não ser que fosse um golpe oblíquo — disse Metz. — Então poderia ter sido da direita.

Ele assentiu e pareceu satisfeito consigo mesmo. Obviamente pensava estar ajudando a acusação, mas seu esforço era tão desajeitado que provavelmente estava na verdade ajudando a defesa.

— Está sugerindo que o agressor da Srta. Campo bateu nela três vezes com um golpe oblíquo e causou este grau de lesão?

Apontei para a foto no cavalete. Metz deu de ombros, percebendo que talvez não tivesse sido tão útil à acusação.

— Tudo é possível — disse.

— Tudo é possível — repeti. — Bem, existe qualquer outra possibilidade que poderia explicar estas lesões como vindo de qualquer coisa que não socos diretos de um canhoto?

Metz voltou a dar de ombros. Não era uma testemunha que impressionasse, principalmente vindo a seguir de dois policiais e uma telefonista que foram muito precisos em seus depoimentos.

— E se a Srta. Campo tivesse batido no rosto com seu próprio punho? Não teria ela usado o direito...

Minton pulou imediatamente e protestou.

— Meritíssima, isto é um ultraje! Sugerir que a própria vítima se autolesionou é uma afronta a este tribunal como a todas as vítimas de crime violento em todo lugar. O Sr. Haller está descambando para...

— A testemunha disse que tudo é possível — argumentei, tentando derrubar Minton do palanque improvisado. — Estou tentando explorar o que...

— Protesto aceito — disse Fullbright, encerrando a arenga. — Sr. Haller, não prossiga a menos que esteja fazendo mais do que um vaivém exploratório através das possibilidades.

— Sim, meritíssima — respondi. — Não tenho mais perguntas.

Sentei-me, olhei para os jurados e soube pelas suas expressões que eu havia cometido um erro. Tinha me transformado de um interrogador positivo em negativo. O ponto que eu havia marcado acerca de um agressor canhoto foi obscurecido pelo ponto contra com a sugestão de que as lesões no rosto da vítima foram autoinfligidas. As três mulheres no júri me olhavam particularmente irritadas.

Ainda assim, tentei me focalizar num aspecto positivo. Era bom saber os sentimentos do júri a este respeito agora, antes que Campo testemunhasse e eu perguntasse a mesma coisa.

Roulet inclinou-se para mim e sussurrou:

— Que merda foi essa?

Sem responder, virei-lhe as costas e olhei ao redor do tribunal. Estava quase vazio. Lankford e Sobel não voltaram e os repórteres também tinham ido embora. Só restavam uns poucos espectadores. Pareciam ser uma coleção discrepante de aposentados, estudantes de direito e advogados descansando os pés até que suas próprias audiências começassem em outros tribunais. Mas eu desconfiava de que um desses espectadores tivesse sido plantado pela promotoria. Ted Minton poderia estar voando solo, mas meu palpite era de que seu chefe tivesse meios de ficar de olho nele e no caso. Eu sabia que atuava tanto para o espião quanto para o júri. Perto do final do julgamento eu precisava enviar uma mensagem de pânico para o segundo andar, que ecoaria de volta para Minton. Eu precisava impelir o jovem promotor a tomar uma medida desesperada.

A tarde se arrastou. Minton ainda tinha muito que aprender sobre como manipular um júri, conhecimento que só vem com experiência de tribunal. Mantive os olhos no recinto do júri — onde os verdadeiros juízes se sentavam — e vi que os jurados estavam cada vez mais entediados à medida que as testemunhas se sucediam, dando depoimentos que preenchiam pequenos detalhes na apresentação linear da acusação dos eventos de 6 de março. Fiz umas poucas perguntas na inquirição e tentei manter uma expressão em meu rosto que espelhasse aquelas que via no recinto do júri.

Minton obviamente quis reservar sua coisa mais poderosa para o segundo dia. Ele levaria o principal investigador, detetive Martin Booker, para reunir todos os detalhes, e depois a vítima, Regina Campo, para explicar tudo ao júri. Era uma fórmula testada e real — terminando com vigor e emoção — e funcionava em noventa por cento dos casos, mas estava fazendo o primeiro dia mover-se como uma geleira.

As coisas finalmente começaram a detonar com a última testemunha do dia. Minton trouxe Charles Talbot, o homem que tinha pegado Regina Campo no

Morgan’s e ido para o apartamento dela na noite do dia 6. O que Talbot tinha a oferecer ao caso da acusação era insignificante. Ele foi basicamente pinçado para testemunhar que Campo estava saudável e sem lesões quando a deixou. Era isso. Mas o que sua chegada representou para resgatar o julgamento do poço do tédio era que se tratava de um autêntico homem de estilo de vida alternativo, e os jurados sempre gostavam de visitar o outro lado dos trilhos.

Talbot tinha 55 anos e cabelo louro tingido que não enganava ninguém. Tinha tatuagens borradas em ambos os antebraços. Estava divorciado há vinte anos e era dono de uma loja de conveniências 24 horas chamada Kwik Kwik. O negócio lhe permitia um estilo de vida confortável com um apartamento no Warner Center, um Corvette último modelo e uma vida noturna que incluía uma ampla amostra das profissionais do sexo da cidade.

Minton estabeleceu tudo isto nos primeiros estágios de sua inquirição. Podia-se quase sentir o ar ficar parado no tribunal enquanto os jurados se fixavam em Talbot. O promotor então levou-o rapidamente à noite de 6 de março, e Talbot descreveu a pegação com Reggie Campo no Morgan’s do Ventura Boulevard.

— Conhecia a Srta. Campo antes de encontrá-la no bar aquela noite?

— Não, não conhecia.

— Como aconteceu de se encontrar com ela lá?

— Apenas telefonei e disse que queria um encontro com ela, que então sugeriu o Morgan’s. Eu já conhecia o lugar, por isso disse que sim.

— E como ligou para ela?

— Com o telefone.

Vários jurados riram.

— Desculpe. Sei que você usou um telefone. Eu queria dizer: como sabia o *modo* de entrar em contato com ela?

— Vi o anúncio na internet, gostei do que vi, fui em frente, liguei para ela e marcamos um encontro. Simples assim. O número dela está no anúncio.

— E vocês se encontraram no Morgan’s.

— Sim, é lá que encontra seus clientes, ela me disse. Assim fui lá, tomamos dois drinques, conversamos, gostamos um do outro e foi isso. Fomos para a casa dela.

— Quando chegaram ao apartamento vocês tiveram relações sexuais?

— Claro. Fui lá para isso.

— E pagou a ela?

— Quatrocentos paus. E valeu a pena.

Vi um homem do júri enrubescer e soube ter feito a escolha perfeita durante a seleção da semana anterior. Eu o quisera porque ele tinha levado uma Bíblia para ler enquanto os outros jurados potenciais estavam sendo interrogados.

Minton não percebera isso, concentrado nos candidatos apenas à medida que iam sendo interrogados. Mas eu tinha visto a Bíblia e fiz algumas perguntas para o homem quando chegou sua vez. Minton o aceitou no júri e eu também. Imaginava que seria fácil voltá-lo contra a vítima por causa da profissão dela. Seu rosto enrubescido confirmou isso.

— A que horas deixou o apartamento dela? — perguntou Minton.

— Cerca de cinco para as dez — respondeu Talbot.

— Ela lhe disse que estava esperando outro freguês no apartamento?

— Não, não falou nada sobre isso. De fato, agiu meio como se tivesse encerrado por aquela noite.

Levantei-me e protestei.

— Não acho que o Sr. Talbot esteja qualificado aqui para interpretar o que a Srta. Campo estivesse pensando ou planejando.

— Protesto aceito — disse a juíza antes que Minton pudesse oferecer um argumento.

O promotor continuou:

— Sr. Talbot, poderia por favor descrever o estado físico da Srta. Campo quando a deixou pouco antes das dez da noite do dia 6 de março?

— Completamente satisfeito.

Houve uma explosão alta de risos no tribunal e Talbot se inflou de orgulho. Olhei para o homem da Bíblia e pareceu que sua mandíbula estava rigidamente contraída.

— Sr. Talbot — disse Minton —, refiro-me ao estado físico. Ela estava ferida ou sangrando quando a deixou?

— Não, ela estava ótima. Estava bem. Quando saí, ela estava afinada como um violino, e sei disso porque havia acabado de tocá-la.

Ele sorriu, orgulhoso de seu uso da linguagem. Desta vez não houve risos e a juíza já estava farta de seu uso do duplo sentido. Ela o admoestou para guardar para si suas declarações mais picantes.

— Desculpe, meritíssima — disse ele.

— Sr. Talbot — continuou Minton. — A Srta. Campo não estava lesionada de modo algum quando a deixou?

— Não, de modo algum.

— Ela estava sangrando?

— Não.

— E não a golpeou ou maltratou fisicamente de alguma maneira?

— Não outra vez. O que fizemos foi de comum acordo e prazeroso. Nada de dor.

— Obrigado, Sr. Talbot.

Consultei minhas anotações por alguns momentos antes de me levantar. Eu queria uma pausa para marcar claramente a linha entre comando e interrogatório.

— Sr. Haller? — instou a juíza. — Deseja interrogar a testemunha?

Levantei-me e segui para a tribuna.

— Sim, meritíssima, desejo.

Depositei meu bloco e olhei diretamente para Talbot. Ele sorria agradavelmente para mim, mas eu sabia que não seria por muito tempo.

— Sr. Talbot, o senhor é destro ou canhoto?

— Sou canhoto.

— Canhoto — repeti. — E não é verdade que na noite do dia 6, antes de deixar o apartamento de Regina Campo, ela lhe pediu para golpeá-la repetidamente no rosto?

Minton ergueu-se.

— Meritíssima, não existe base para este tipo de questionamento. O Sr. Haller está simplesmente tentando turvar as águas ao pegar declarações afrontosas e transformá-las em perguntas.

A juíza olhou para mim e esperou por uma resposta.

— Meritíssima, isto faz parte da teoria da defesa conforme esbocei na minha abertura.

— Vou permitir isto. Apenas seja rápido, Sr. Haller.

A pergunta foi lida para Talbot, que deu um sorriso afetado e sacudiu a cabeça.

— Isto não é verdade. Jamais machuquei uma mulher em minha vida.

— Você a golpeou com seu punho três vezes, não é, Talbot?

— Não, não é. Isto é uma mentira.

— Você disse que nunca machucou uma mulher na sua vida.

— Está correto. Nunca.

— Conhece uma prostituta chamada Shaquilla Barton?

Talbot teve de pensar antes de responder.

— Não me lembro bem.

— No site onde anuncia seus serviços ela usa o nome Shaquilla Algemas. Isto o faz lembrar, Sr. Talbot?

— OK, sim, acho que sim.

— Alguma vez se envolveu em atos de prostituição com ela?

— Uma vez, sim.

— Quando foi isso?

— Pelo menos um ano atrás. Talvez mais.

— E você a machucou naquela ocasião?

— Não.

— E se ela viesse a este tribunal e dissesse que você a machucou socando-a com seu punho esquerdo, estaria mentindo?

— Com certeza absoluta estaria. Tentei com ela e não gostei daquela coisa grosseira. Sou estritamente um homem de papai e mamãe. Não toquei nela.

— Não tocou nela?

— Quero dizer que não a soquei ou machuquei de modo algum.

— Obrigado, Sr. Talbot.

Sentei-me.

Minton não se incomodou com uma reinquirição. Talbot foi dispensado e Minton disse à juíza que só tinha mais duas testemunhas a apresentar, mas que o depoimento delas seria extenso. A juíza consultou o relógio e decretou o recesso para aquele dia.

Restavam duas testemunhas. Eu sabia que tinham de ser o detetive Booker e Reggie Campo. Parecia como se Minton fosse prosseguir sem o testemunho do dedo-duro da prisão que ele escondia no programa de desintoxicação no County-USC. O nome de Dwayne Corliss nunca aparecera em qualquer lista de testemunhas ou qualquer outro documento de descoberta associado com a acusação. Eu achava que talvez Minton tivesse descoberto a mesma coisa que Raul Levin descobrira sobre Corliss antes que meu amigo fosse assassinado. De qualquer modo, parecia evidente que Corliss tinha sido descartado pela acusação. E era isso que eu precisava mudar.

Enquanto reunia papéis e documentos na minha maleta, também reuni a resolução de falar com Roulet. Olhei de relance para ele. Estava sentado lá, esperando ser dispensado por mim.

— Então, o que você acha? — perguntei.

— Acho que se saiu muito bem. Mais do que uns poucos minutos de dúvida razoável.

Tranquei os fechos da maleta.

— Hoje só estive plantando sementes. Amanhã elas irão brotar e na quarta estarão em flor. Você ainda não viu nada.

Levantei-me e ergui a pasta da mesa. Estava pesada com todos os documentos do caso e meu computador.

— Vejo você amanhã.

Atravessei a portinhola. Cecil Dobbs e Mary Windsor estavam esperando por Roulet no corredor perto da porta do tribunal. Enquanto eu saía viraram-se para falar comigo, mas segui em frente.

— Vejo vocês amanhã — falei.

— Espere um minuto — chamou Dobbs atrás de mim.

Voltei-me.

— Ficamos o tempo todo aqui — disse ele enquanto se aproximava junto com a Sra. Windsor. — Como está indo lá?

Dei de ombros.

— Nesse exato momento é o caso da acusação — respondi. — Tudo que estou fazendo é embromar e empurrar com a barriga, tentando proteger. Acho que amanhã será a nossa vez. E quarta-feira vamos partir para o nocaute. Tenho que me preparar.

Enquanto seguia para o elevador, vi que vários jurados tinham se antecipado a mim e estavam na fila do elevador, entre eles a controladora de placar. Fui para o banheiro junto ao hall dos elevadores para não ter que descer com eles. Pus minha maleta na bancada entre as pias e lavei o rosto e as mãos. Olhei para minha imagem no espelho e procurei por sinais da tensão do caso e tudo que estava associado a ele. Eu parecia razoavelmente saudável e calmo para um profissional de defesa que enfrentava ao mesmo tempo o seu cliente e a acusação.

A água fria me reanimou e refrescou quando saí do banheiro, esperando que os jurados já tivessem ido embora.

Já tinham ido. Mas de pé no hall dos elevadores estavam Lankford e Sobel. Lankford segurava um maço dobrado de documentos numa das mãos.

— Enfim apareceu — disse ele. — Estivemos procurando por você.

TRINTA

O documento que Lankford me entregou era um mandado de busca dando à polícia autorização para revistar minha casa, escritório e carro à procura de uma pistola Colt modelo Woodsman Sport com o número de série 656300081-52. A autorização dizia que a pistola era suspeita de ser a arma do assassinato de Raul Levin em 12 de abril. Lankford entregou-me o mandado com um orgulhoso sorriso no rosto. Dei o melhor de mim para agir de modo tão profissional como de hábito, o tipo de coisa que manipulo a cada dia, mas na verdade meus joelhos quase vergaram.

— Como conseguiu isso?

Era uma réplica absurda para um momento absurdo.

— Está assinado, carimbado e entregue — disse Lankford. — Portanto, por onde quer começar? Você tem seu carro aqui, certo? Aquele Lincoln em que circula por aí como uma prostituta de luxo.

Conferi a assinatura do juiz na última página e vi que era um da corte municipal de Glendale do qual nunca ouvira falar. Os tiras tinham ido a juiz local que sabiam precisar do endosso da polícia quando chegasse a época da eleição. Comecei a me recuperar do choque. Talvez a busca fosse uma fachada.

— Isso é babaquice — eu disse. — Vocês não têm a causa provável para isso. Eu poderia derrubar esse mandado em dez minutos.

— Ele pareceu muito bom para a juíza Fullbright — disse Lankford.

— Fullbright? O que tem ela a ver com isto?

— Bem, soubemos que você estava em julgamento, então achamos que devíamos perguntar a ela se estava OK lhe apresentar o mandado. Ninguém quer enfurecer uma dama como aquela, você sabe. Após o encerramento da sessão ela disse que por ela tudo bem... e não disse merda nenhuma sobre causa provável ou qualquer outra coisa.

Eles deviam ter procurado a juíza na pausa para o almoço, logo depois de eu tê-los visto na plateia. Meu palpite era que devia ter sido ideia de Sobel consultar a juíza primeiro. Um sujeito como Lankford teria apreciado me abordar em pleno tribunal e interromper o julgamento.

Eu precisava pensar rapidamente. Olhei para Sobel, a mais simpática dos dois.

— Estou no meio de um julgamento de três dias — aleguei. — Não podemos adiar isso até quinta-feira?

— Adiar porra nenhuma — Lankford respondeu antes que sua parceira pudesse falar. — Não vamos perder você de vista até realizarmos a busca. Não vamos lhe dar o tempo para se livrar da arma. Bem, onde está seu carro, advogado do Lincoln?

Conferi a autorização do mandado. Ele tinha de ser muito específico e eu estava com sorte. O mandado autorizava a busca no Lincoln placa NT GLTY da Califórnia. Percebi que alguém devia ter anotado a placa no dia em que fui chamado do estádio para ir até a casa de Raul Levin. Porque aquele era o Lincoln velho — o que eu estava dirigindo naquele dia.

— Está em casa — expliquei. — Quando estou em julgamento não uso o motorista. Consegui uma carona com meu cliente esta manhã e ia pegar a carona de volta. Ele provavelmente está esperando lá embaixo.

Menti. O Lincoln que eu estive dirigindo estava no estacionamento do tribunal. Mas eu não podia deixar que os tiras o revistassem porque havia uma arma num compartimento do descanso de braço do banco traseiro. Não se tratava da arma que estavam procurando, mas de uma substituta. Depois que Raul Levin foi assassinado e encontrei o estojo da minha pistola vazio, pedi a Earl Briggs que me arranjasse uma para minha proteção. Eu sabia que com Earl não haveria nenhum período de dez dias de espera. Mas eu não conhecia a história da arma ou o registro e não queria descobrir isso através do Departamento de Polícia de Glendale.

Mas estava com sorte porque o Lincoln que continha a arma não era o descrito no mandado. Aquele estava em minha garagem de casa, à espera do funcionário do serviço de limusines aparecer para dar uma olhada. E que seria o Lincoln a ser revistado.

Lankford arrebatou o mandado de minha mão e o colocou em um bolso interno do casaco.

— Não se preocupe com a carona — disse ele. — Nós somos sua carona. Vamos.

À saída do tribunal não encontramos com Roulet e sua comitiva. Logo eu estava viajando no banco traseiro de um Grand Marquis, pensando que tinha feito a escolha certa quando vim com o Lincoln. Havia mais espaço no Lincoln e a viagem era mais confortável.

Lankford dirigia e eu sentava-me atrás dele. As janelas estavam levantadas e eu podia ouvi-lo mascando chicletes.

— Deixe-me ver o mandado de novo — falei.

Lankford não se moveu.

— Não vou deixá-los entrar em minha casa antes de ter uma chance de estudar por completo o mandado. Eu poderia fazer isso no caminho e poupar algum tempo de vocês. Ou...

Lankford procurou no bolso e extraiu o mandado. Passou-o para mim por cima do ombro. Eu sabia por que ele hesitava. Os policiais em geral têm de resumir toda a investigação no formulário do mandado a fim de convencer um juiz da causa provável. Eles não gostavam que o alvo do mandado o lesse, porque isso revelava sua munição.

Olhei pela janela enquanto passávamos pelas agências de automóveis no Van Nuys Boulevard. Vi um novo modelo Town Car sobre um pedestal diante da concessionária Lincoln. Olhei de volta para o mandado, abri na seção do sumário e li.

Lankford e Sobel tinham começado fazendo algum trabalho bom. Tinha que admitir isso. Um deles teve um palpite — eu apostava em Sobel —, pôs meu nome no Sistema Automatizado de Armas de Fogo do estado e tirou a sorte grande. O computador disse que eu era o proprietário registrado de uma pistola do mesmo fabricante e modelo da arma do crime.

Foi um movimento insinuante, mas ainda assim não era suficiente para criar uma causa provável. A Colt fabricava o modelo Woodsman há mais de sessenta anos. Isso significava que havia provavelmente um milhão deles espalhados por aí e um milhão de suspeitos que o possuíam.

Eles tinham a fumaça. Então esfregaram outros gravetos um no outro para criar o fogo necessário. O resumo do formulário dizia que eu havia escondido dos investigadores o fato de possuir a arma em questão. Dizia também que eu tinha fabricado um álibi quando interrogado de início sobre a morte de Raul Levin, e depois tentado desviar os detetives do caminho ao dar-lhes uma dica falsa sobre o traficante de drogas Hector Arrande Moya.

Embora motivação não fosse necessariamente um tema imprescindível para se obter um mandado de busca, o sumário de causa provável aludia a isso de qualquer modo, dizendo que a vítima — Raul Levin — estivera extorquindo tarefas investigativas de mim e que eu me recusara a pagá-lo até que essas tarefas fossem completadas.

Deixando de lado o ultraje de uma tal afirmação, a fabricação do álibi era o ponto-chave da causa provável. O sumário dizia que eu contara aos detetives que estava em casa na hora do assassinato, mas uma mensagem fora deixada no meu telefone fixo pouco antes da suspeitada hora da morte, o que indicava que eu não

estava em casa, derrubando o meu álibi e provando ao mesmo tempo que era um mentiroso.

Li lentamente duas vezes a declaração de causa provável, mas minha raiva não diminuiu. Joguei o mandado no assento a meu lado.

— De alguma maneira, é realmente muito ruim que eu não seja o assassino — eu disse.

— É? Por que isso? — replicou Lankford.

— Porque este mandado é uma boa merda e vocês dois sabem disso. Ele não resiste a um desafio. Eu lhes disse que a mensagem veio quando eu já estava ao telefone e que isto pode ser verificado e provado, só que vocês são preguiçosos demais ou não querem verificar porque iria dificultar um pouco para conseguirem o seu mandado. Mesmo com o seu juiz amigo em Glendale. Vocês mentiram por omissão e cometimento. É um mandado de má-fé.

Como eu estava sentado atrás de Lankford, tinha um melhor ângulo de visão para Sobel. Observei-a procurando sinais de dúvida enquanto falava.

— E a sugestão de que Raul estava extorquindo tarefas de mim e que eu não ia pagar é uma piada completa. Extorquir-me com o quê? E o que eu não paguei a ele? Eu o pagava toda vez que recebia de um cliente. Vou lhes contar: se é assim que trabalham em todos os seus casos, vou abrir um escritório em Glendale. Vou enfiar este mandado no cu do seu chefe de polícia.

— Você mentiu sobre a arma — disse Lankford. — E devia dinheiro a Levin. Está lá no livro contábil dele. Quatro mil.

— Não menti sobre nada. Vocês nunca perguntaram se eu possuía uma arma.

— Mentiu por omissão. De volta para você.

— Babaquice.

— Quatro paus.

— Oh, sim, os quatro paus... eu o matei porque não queria pagar quatro paus — repliquei com todo o sarcasmo que pude reunir. — Você me pegou nessa, detetive. Motivação. Mas aposto que nunca lhe ocorreu ver se ele já tinha sequer me cobrado os quatro mil, ou ver se eu não havia acabado de pagar uma fatura dele de seis mil dólares uma semana antes que fosse assassinado.

Lankford estava impávido. Mas vi a dúvida começar a percorrer o rosto de Sobel.

— Não importa quanto ou quando você pagou a ele — disse Lankford. — Um chantagista nunca está satisfeito. Você nunca deixou de pagar até chegar ao ponto de não ter nada em troca. É disso que se trata. O ponto de não ter nada em troca.

Sacudi a cabeça.

— E o que exatamente era que ele tinha sobre mim que fazia eu dar-lhe tarefas até chegar ao ponto de não ter nada em troca?

Lankford e Sobel trocaram um olhar. Sobel alcançou uma maleta no chão e extraiu uma pasta de papel. Passou-a para mim por sobre o assento.

— Dê uma olhada — disse Lankford. — Você deixou escapar quando estava vasculhando o lugar. Ele a tinha escondido numa gaveta da cômoda.

Abri a pasta e vi que continha várias fotos coloridas 20 x 25 cm. Foram batidas de longe e eu estava em cada uma delas. O fotógrafo havia seguido meu Lincoln por vários dias e vários quilômetros. Cada imagem um momento congelado no tempo, as fotos me mostravam com vários indivíduos que reconheci facilmente como clientes. Eram prostitutas, traficantes de rua e Road Saints. As fotos podiam ser interpretadas como suspeitas porque mostravam uma fração de segundo do tempo. Um garoto de programa em shortinhos descendo do banco traseiro do Lincoln. Teddy Vogel me passando um grosso maço de dinheiro pela janela de trás. Fechei a pasta e a devolvi por sobre o assento.

— Estão de brincadeira comigo, não é? Estão me dizendo que Raul veio a mim com isso? Que me extorquia com isso? Aqueles são clientes meus. É uma piada ou estou deixando escapar alguma coisa?

— A Ordem dos Advogados poderia não achar que é uma piada — disse Lankford. — Ouvimos dizer que você está pisando na bola com a Ordem. Levin sabia disso. Trabalhou em cima disso.

Sacudi a cabeça.

— É incrível — comentei.

Eu sabia que tinha de parar de falar. Estava fazendo tudo errado com esta gente. Sabia que devia apenas me calar e deixar o barco correr. Mas sentia uma necessidade quase esmagadora de convencê-los. Comecei a entender por que tantos casos eram criados nas salas de interrogatório das delegacias. As pessoas simplesmente não sabiam ficar de boca fechada.

Tentei situar no tempo as fotos que estavam na pasta. Vogel me passando o maço de dinheiro foi no estacionamento do clube de strip-tease dos Saints na Sepulveda. Isso aconteceu depois do julgamento de Harold Casey e Vogel estava me pagando por conseguir a apelação. O garoto de programa chamava-se Terry Jones e cuidei de uma acusação contra ele por prostituição em via pública na primeira semana de abril. Tivera de encontrá-lo na área de pegação do Santa Monica Boulevard na noite anterior a uma audiência para me certificar de que ia comparecer.

Ficou claro que as fotos tinham sido todas batidas entre a manhã em que eu assumira o caso Roulet e o dia em que Raul Levin foi assassinado. Elas haviam sido plantadas na cena do crime pelo assassino — tudo parte do plano de Roulet

para me encalacrar de modo a ter controle sobre mim. A polícia teria tudo que precisava para atribuir a mim o assassinato de Levin — exceto a arma do crime. Enquanto Roulet mantivesse a arma, ele me tinha no cabresto.

Tive de admirar o plano e a engenhosidade ao mesmo tempo que isto me fazia sentir o pavor do desespero. Tentei baixar o vidro da janela, mas o botão não funcionava. Pedi a Sobel para abrir uma janela e ela o fez. Ar fresco começou a soprar no carro.

Após um momento, Lankford me olhou pelo retrovisor e tentou reiniciar a conversa.

— Rastreamos a história daquela arma — disse ele. — Sabe quem já foi dono dela, não sabe?

— Mickey Cohen — respondi na bucha, olhando pela janela para as íngremes encostas do Laurel Canyon.

— Como a arma de Mickey Cohen foi parar com você?

Respondi sem me virar da janela.

— Meu pai era advogado. Mickey Cohen era cliente dele.

Lankford assoviou. Cohen foi um dos mais famosos gângsteres de Los Angeles. Era do tempo em que os gângsteres competiam com os astros de cinema pelas manchetes nos jornais.

— E aí? Ele simplesmente deu uma arma a seu pai?

— Cohen foi acusado num tiroteio e meu pai o defendeu. Alegou legítima defesa. Houve um julgamento e meu pai conseguiu sua absolvição. Quando a arma foi devolvida, Mickey a deu para meu pai. Uma espécie de lembrança, se poderia dizer.

— Seu pai algum dia pensou em quanta gente Mickey apagou com esta arma?

— Não sei. Na verdade não conheci meu pai.

— E Mickey Cohen? Algum dia o encontrou?

— Meu pai o representou antes que eu tivesse nascido. A arma veio para mim em seu testamento. Não sei por que ele me escolheu. Tinha apenas cinco anos quando ele morreu.

— E você cresceu para ser um advogado como o bom e velho papai, e sendo um bom advogado você registrou a arma.

— Achei que se algum dia fosse roubada ou algo assim, eu seria capaz de recuperá-la. Dobre aqui na Fareholm.

Lankford fez como instruí e começamos a subir a colina para minha casa. Então dei a ele as más notícias:

— Obrigado pela carona — eu disse. — Seu pessoal pode dar busca na minha casa, no meu escritório e no meu carro por quanto tempo quiserem, mas

devo lhe dizer que estão perdendo seu tempo. Não apenas sou o homem errado para isto, como também vocês não vão encontrar aquela arma.

Vi a cabeça de Lankford se sacudir e ele estava me olhando de novo pelo retrovisor.

— E por que isso, advogado? Você já a jogou fora?

— Porque a arma foi roubada de minha casa e não sei onde foi parar.

Lankford começou a rir. Vi a alegria nos seus olhos.

— Hã-hã, roubada. Muito conveniente. Quando isso aconteceu?

— Difícil dizer. Há anos que eu não verificava aquela arma.

— Você comunicou à polícia ou preencheu um pedido de pagamento de seguro?

— Não.

— Então alguém chega, rouba sua pistola de Mickey Cohen e você não dá queixa. Mesmo depois de nos dizer que a registrou para o caso de algo assim acontecer. Sendo um advogado e coisa e tal, isto não soa um pouco desleixado da sua parte?

— Soa, a não ser que eu saiba quem a roubou. Foi um cliente. Ele me disse que a pegou e que se eu fosse dar parte disso estaria violando a confiança do cliente, porque minha queixa à polícia levaria à sua prisão. Uma espécie de ardil-22, detetive.

Sobel virou-se e olhou para mim. Acho que talvez ela pensasse que eu estava correndo risco de vida, o que estava mesmo.

— Isto soa como babaquice e jargão jurídico, Haller — comentou Lankford.

— Mas é a verdade. Chegamos. Estacione diante da garagem.

Lankford encostou o carro no espaço em frente à minha garagem e desligou o motor. Virou-se para me fitar de novo antes de sair.

— Qual cliente roubou a arma?

— Já lhe disse, não posso revelar.

— Bem, Roulet é o seu cliente do momento, não é?

— Tenho um monte de clientes. Mas repito: não posso revelar.

— Acha talvez que deveríamos verificar os gráficos da argola no tornozelo de Roulet e descobrir se esteve em sua casa recentemente?

— Faça o que você quiser. Ele realmente esteve aqui. Tivemos uma reunião aqui uma vez. No meu escritório.

— Vai ver que foi nessa ocasião que ele levou a arma.

— Não estou dizendo que foi ele, detetive.

— Bem, aquela argola dá a Roulet um salvo-conduto para o caso de Levin, de qualquer modo. Verificamos o GPS. Portanto acho que só resta você, advogado.

— E o que resta vai fazê-lo perder seu tempo.

De repente percebi alguma coisa sobre a argola no tornozelo de Roulet, mas tentei não exibir isto. Talvez uma linha sobre o alçapão para o número de Houdini representado por ele. Era algo que eu teria de verificar mais tarde.

— Vamos só ficar sentados aqui? — perguntei.

Lankford virou-se e saiu. Ele, a seguir, abriu minha porta, porque a maçaneta de dentro tinha sido desativada, uma vez que o carro transportava suspeitos e custodiados. Olhei para os dois detetives.

— Querem que mostre a vocês o estojo da arma? Talvez quando virem que está vazio possam ir embora e nos poupar todo o tempo.

— Não é bem assim, advogado — disse Lankford. — Vamos vasculhar o lugar todo. Eu fico com o carro e a detetive Sobel começará pela casa.

Balancei a cabeça.

— Não é bem assim, detetive. Não vai funcionar dessa maneira. Não confio em você. Seu mandado é tendencioso, até onde me diz respeito, e você é tendencioso. Vocês ficam juntos de modo que eu possa observar os dois, ou vamos esperar até que eu consiga um segundo observador aqui. Minha gerente de casos poderia chegar em dez minutos. Eu podia trazê-la aqui para vigiá-los e vocês também poderiam perguntar a ela sobre ter ligado para mim na manhã em que Raul Levin foi morto.

O rosto de Lankford ficou sombrio com afronta e raiva, e parecia ter dificuldade para se controlar. Decidi forçar a barra. Peguei meu celular e o abri.

— Vou ligar para o seu juiz agora mesmo e ver se ele...

— Está bem — disse Lankford. — Começaremos com o carro. Juntos. Depois procuraremos dentro da casa.

Fechei o celular e o devolvi ao bolso.

— Ótimo.

Fui até um botão na parede externa da garagem. Teclei a combinação e a porta começou a se elevar, revelando o Lincoln azul-escuro aguardando avaliação. Sua placa era NT GLTY. Lankford olhou para ela e sacudiu a cabeça.

— É, confere.

Ele entrou na garagem, seu rosto ainda rígido de raiva. Decidi facilitar um pouco as coisas.

— Ei, detetive — falei. — Qual é a diferença entre um bagre e um advogado de defesa?

Ele não respondeu. Olhava furioso para a placa do meu Lincoln.

— Um é um sugador de merda do fundo — expliquei. — O outro é um peixe.

Por um momento seu rosto permaneceu congelado. Depois um sorriso o descontraiu e ele irrompeu numa risada prolongada e dura. Sobel havia entrado na garagem, não tendo ouvido a piada.

— O que é? — disse ela.

— Depois eu lhe conto — disse Lankford.

TRINTA E UM

Levaram meia hora para revistar o Lincoln e depois seguiram para a casa, onde começaram pelo escritório. Fiquei de olho neles o tempo todo e só falava para dar explicação sobre alguma coisa, o que lhes dava uma pausa em sua busca. Eles não falavam muito um com o outro e estava ficando cada vez mais claro que havia uma divergência entre os dois parceiros quanto ao rumo que Lankford tomara na investigação.

A certa altura, Lankford recebeu uma chamada no seu celular e seguiu para a varanda para falar com privacidade. As persianas estavam erguidas e, se eu ficasse no corredor, poderia olhar para um lado e vê-lo, e olhar para o outro lado e ver Sobel no meu escritório.

— Você não está muito feliz com isso, está? — eu disse para Sobel quando tive certeza de que seu parceiro não podia ouvir.

— Não importa como eu esteja. Estou acompanhando o caso e isto é tudo.

— Seu parceiro é sempre assim, ou é só com advogados?

— Ele gastou cinquenta mil dólares com um advogado no ano passado, tentando obter a guarda de seus filhos. Não conseguiu. Antes disso perdemos um grande caso, um assassinato, numa artimanha jurídica.

Assenti.

— E ele culpou o advogado. Mas quem infringiu as regras?

Ela não respondeu, como que confirmando que tinha sido Lankford a fazer a cagada jurídica.

— Entendo — falei.

Olhei para Lankford na varanda de novo. Ele gesticulava impacientemente como se estivesse tentando explicar alguma coisa a um idiota. Deve ter sido o seu advogado de custódia. Decidi mudar de assunto com Sobel.

— Acha que estão sendo manipulados em todo este caso?

— Do que está falando?

— As fotos enfurnadas na cômoda, o cartucho no respiradouro do aquecedor. Muito conveniente, não acha?

— O que está dizendo?

— Não estou dizendo nada. Estou fazendo perguntas nas quais seu parceiro não parece estar interessado.

Olhei para Lankford. Ele estava teclando um número no seu celular, fazendo uma nova chamada. Voltei-me e fui até a porta aberta do escritório. Sobel procurava atrás das pastas em uma gaveta. Não encontrando nenhuma arma, ela fechou a gaveta e se aprumou sobre a escrivaninha. Falei em voz baixa.

— E quanto à mensagem de Raul para mim? — eu disse. — Acerca de ter encontrado um passe de saída para Jesus Menendez. O que acha que ele queria dizer?

— Ainda não pensamos nisso.

— Que pena. Acho que é importante.

— Tudo é importante até que deixe de ser.

Assenti, incerto do que ela queria dizer com isso.

— Sabe, o caso em que estou atuando é muito interessante. Você devia voltar lá para assistir. Poderia aprender alguma coisa.

Ela olhou da escrivaninha para mim. Seus olhos se fixaram por um momento. Depois ela os semicerrou desconfiada, como se estivesse tentando julgar se um suposto suspeito de homicídio estava realmente avançando os limites com ela.

— Fala sério?

— Sim, por que não?

— Bem, para começar, você poderia estar em dificuldade em ir à corte se está preso.

— Ei, se não tem arma, não tem caso. É para isto que estão aqui, certo?

Ela não respondeu.

— Além disso, é coisa de seu parceiro — continuei. — Você não está fechada com ele nisso, dá para perceber.

— O advogado típico. Você acha que conhece todos os ângulos.

— Não, eu não. Estou descobrindo que não conheço nenhum deles.

Ela mudou de assunto.

— Esta é sua filha?

Apontou para a fotografia emoldurada na escrivaninha.

— É. Hayley.

— Bela aliteração. Hayley Haller. O nome veio do cometa?

— Mais ou menos. Com pronúncia diferente. Minha ex-mulher sugeriu.

Lankford entrou então, falando em voz alta sobre a ligação que recebera. Tinha sido de um supervisor, dizendo-lhes que deviam voltar e cuidar do próximo homicídio em Glendale, quer o caso Levin ainda estivesse ativo ou não. Não falou nada sobre o telefonema que tinha feito.

Sobel disse que terminara a busca no escritório. Nada de arma.

— Estou lhes dizendo, ela não está aqui — comentei. — Estão perdendo seu tempo. E o meu. Tenho tribunal amanhã e preciso me preparar para as testemunhas.

— Vamos revistar o quarto agora — disse Lankford, ignorando meu protesto.

Recuei no corredor a fim de dar-lhes espaço para passar de um cômodo ao outro. Eles foram até os lados da cama onde duas mesinhas de cabeceira gêmeas esperavam. Lankford abriu a gaveta da sua e tirou um CD.

— *Wreckrium for Lil' Demon* — leu. — Você só pode estar me sacaneando.

Não respondi. Sobel abriu rapidamente as duas gavetas da mesinha de cabeceira e as descobriu vazias, exceto por uma embalagem de camisinhas. Olhei para o outro lado.

— Cuidarei do closet — disse Lankford após terminar com sua mesinha, deixando as gavetas abertas num típico modo de busca policial. Ele foi para o closet e logo falou de dentro dele: — Aqui vamos nós.

Saiu do closet segurando o estojo de madeira da arma.

— Bingo — falei. — Você encontrou um estojo vazio. Você deve ser um detetive.

Lankford sacudiu o estojo em suas mãos antes de depositá-lo na cama. Ou estava tentando fazer graça comigo ou o estojo tinha um peso sólido dentro dele. Senti um pequeno arrepio descer pela nuca ao perceber que Roulet poderia ter facilmente invadido minha casa de novo para devolver a arma. Teria sido o esconderijo perfeito para ela. O último lugar que eu pensaria em verificar de novo após ter decidido que a arma desaparecera. Lembrei-me do estranho sorriso no rosto de Roulet quando lhe dissera que queria minha arma de volta. Ele estava sorrindo porque já a tinha devolvido?

Lankford deu um piparote no fecho do estojo e abriu a tampa. Puxou a cobertura de oleado. A cortiça recortada que acomodava a arma de Mickey Cohen continuava vazia. Soltei o ar tão pesadamente que quase saiu um suspiro.

— Que foi que eu lhe disse? — falei rapidamente, tentando disfarçar.

— É, o que nos disse — replicou Lankford. — Heidi, você tem uma sacola? Vamos levar o estojo.

Olhei para Sobel. Para mim não parecia uma Heidi. Imaginei se era algum tipo de apelido na sala do esquadrão. Ou talvez fosse a razão para ela não pôr o primeiro nome no seu cartão.

— No carro — disse ela.

— Vá pegar.

— Vocês vão levar um estojo de arma vazio? — perguntei. — Para que serve isso?

— É tudo parte do conjunto de provas, advogado. Deveria saber disso. Além do mais, estará à mão, já que tenho o pressentimento de que nunca encontraremos a arma.

Sacudi a cabeça.

— Talvez só nos seus sonhos. O estojo não é prova de nada.

— É prova de que você tinha a arma de Mickey Cohen. Diz aqui nesta plaquinha de latão que seu pai ou alguém mais mandou fazer.

— E daí, porra?

— Bem, acabei de dar um telefonema enquanto estava na varanda, Haller. Sabe, mandamos alguém verificar o caso de legítima defesa de Mickey Cohen. Acontece que lá no arquivo do DPLA ainda têm a evidência de balística do caso. É uma sorte danada para nós que o caso tenha sido há... quanto? Cinquenta anos atrás?

Entendi de imediato. Eles iam pegar as balas e cápsulas do caso Cohen e compará-las com a mesma prova obtida no caso Levin. Iam juntar o assassinato de Levin com a arma de Mickey Cohen, a qual iriam depois ligar a mim com o estojo da arma e o computador AFS do estado. Eu duvidava que Roulet tivesse percebido como a polícia poderia abrir um caso mesmo sem ter a arma quando bolou seu esquema para me controlar.

Fiquei ali parado em silêncio. Sobel deixou o quarto com um olhar para mim e Lankford ergueu a vista do estojo com um sorriso assassino.

— O que houve, advogado? — perguntou ele. — A prova comeu sua língua?

Finalmente fui capaz de falar.

— Quanto tempo vai levar para a balística? — consegui perguntar.

— Ei, por você vamos pedir um pouco de pressa. Assim, circule por aí e aproveite enquanto pode. Mas não saia da cidade.

Ele riu, quase atordoado consigo mesmo.

— Cara, achava que só diziam isso nos filmes. Mas está aí, acabei de dizer! Gostaria que minha parceira estivesse aqui.

Sobel voltou com uma enorme sacola marrom e um rolo de fita adesiva vermelha de prova. Observei-a colocar o estojo da arma na sacola e depois lacrar com a fita. Imaginei quanto tempo eu tinha e se as rodas haviam começado a se desprender de tudo que eu pusera em movimento. Comecei a me sentir tão vazio quanto o estojo de madeira que Sobel acabara de lacrar dentro da sacola de papel pardo.

TRINTA E DOIS

Fernando Valenzuela morava em Valencia. De minha casa levava facilmente uma hora de viagem rumo norte no finalzinho da hora de pico do tráfego. Valenzuela tinha se mudado de Van Nuys poucos anos antes porque suas filhas estavam chegando à idade de entrar para o ensino médio e ele temia por sua segurança e educação. Mudou-se para uma vizinhança cheia de pessoas que também fugiram da cidade e seu tempo de viagem passou de cinco para 45 minutos. Mas ele estava feliz. Sua casa era mais confortável e as filhas estavam mais seguras. Morava numa casa em estilo hispânico com telhas vermelhas numa comunidade planejada cheia de casas em estilo hispânico com telhas vermelhas. Era mais do que um agente de fianças poderia um dia sonhar em ter, mas isso veio com uma rígida etiqueta de preço mensal.

Eram quase nove horas da noite quando cheguei lá. Estacionei na garagem, que havia sido deixada aberta. Uma vaga estava ocupada por uma minivan e outra por uma picape. No chão entre a picape e uma bancada de ferramentas plenamente equipada estava uma enorme caixa de papelão com a palavra SONY escrita nela. Era comprida e fina. Olhei mais de perto e vi que era a embalagem para uma TV de plasma de 50 polegadas. Saí e fui até a porta da frente e bati. Valenzuela atendeu após uma longa espera.

— Mick, o que está fazendo aqui?

— Sabe que a porta de sua garagem está aberta?

— Puta merda! Acabaram de entregar uma TV de plasma.

Ele passou por mim e correu pelo pátio para olhar na garagem. Fechei sua porta da frente e o segui até a garagem. Quando cheguei lá ele estava parado junto à sua TV, sorrindo.

— Oh, cara, você sabe que isto nunca aconteceria em Van Nuys — disse ele. — A droga desta TV já teria dançado há muito tempo. Venha, vamos ver o que o trouxe aqui.

Segui para uma porta que nos levaria da garagem para a casa. Bateu num botão que fez a porta da garagem começar a baixar.

— Ei, Val, espere um minuto. Vamos conversar aqui mesmo. É mais privativo.

— Mas Maria provavelmente quer dar um alô para você.

— Fica para a próxima vez.

Ele voltou até mim, os olhos preocupados.

— O que há, chefe?

— O que há é que passei boa parte do dia hoje com os tiras que investigam o assassinato de Raul. Eles dizem que inocentam Roulet nisso por causa da argola no tornozelo dele.

Valenzuela assentiu vigorosamente.

— É isso aí. Eles me procuraram poucos dias depois de acontecer. Mostrei a eles o sistema e como funciona e rastreei os passos de Roulet naquele dia. Viram que Roulet estava trabalhando. E também mostrei a outra argola que consegui e expliquei como não podia ser fraudada. Tinha um detector de massa. O principal é que não se pode tirá-la. O detector saberia e então eu iria saber.

Recostei-me contra a picape e cruzei os braços.

— Então aqueles tiras perguntaram onde *você* estava naquele sábado?

Isto atingiu Valenzuela como um soco.

— O que está dizendo, Mick?

Meus olhos baixaram para a TV de plasma.

— De alguma maneira, ele matou Raul, Val. Agora meu rabo está na reta e quero saber como ele fez isso.

— Mick, escute, ele está limpo. Estou lhe dizendo, aquela argola não saiu do tornozelo dele. A máquina não mente.

— É, eu sei, a máquina não mente...

Após um momento ele entendeu.

— O que está dizendo, Mick?

Ele se adiantou à minha frente, sua postura corporal enrijecendo agressivamente. Desencostei da picape e deixei as mãos caírem junto aos meus flancos.

— Estou perguntando, Val. Onde estava na manhã daquela terça-feira?

— Seu filho da mãe, como pôde me perguntar isso?

Ele assumira uma postura de luta. Eu estava momentaneamente sem reação enquanto pensava sobre me chamando pelo mesmo nome que eu chamara Roulet antes.

Valenzuela de repente avançou e me empurrou duramente contra sua picape. Empurrei-o com mais força ainda e ele foi jogado para trás de encontro à TV encaixotada. Ela caiu e bateu no chão com um baque alto e pesado, e então ele desabou sobre a caixa numa posição sentada. Houve um som agudo de coisa quebrada dentro do caixote.

— Ah, cacete! — gritou ele. — Ah, cacete! Você quebrou a tela!

— Você me empurrou, Val. Empurrei você de volta.

— Ah, cacete!

Ele agarrou o lado do caixote e tentou erguê-lo, mas era pesado demais e difícil de manejar. Fui até o outro lado e o ajudei. Enquanto o caixote se erguia, ouvimos pequenos pedaços de material dentro dele deslizarem para baixo. Parecia vidro.

— Puta que pariu! — gritou Valenzuela.

A porta que levava à cozinha se abriu e apareceu Maria, a esposa dele.

— Olá, Mickey. Val, o que é toda essa barulheira?

— Vá para dentro — ordenou seu marido.

— Bem, o que é...

— Cale a porra da boca e volte para dentro!

Ela fez uma pausa momentânea, olhando para nós, depois fechou a porta. Ouvi quando a trancou. Pareceu-me que Valenzuela dormiria com a TV. Olhei de volta para ele. Sua boca estava aberta em choque.

— Custou oito mil dólares — sussurrou.

— Fabricam TVs que custam oito mil dólares?

Quem ficou chocado agora fui eu. Para onde estava indo o mundo?

— Isso foi com um desconto.

— Val, onde arranjou o dinheiro para comprar uma TV de oito mil dólares?

Ele olhou para mim e o fogo voltou.

— De onde acha que ele veio, porra? Trabalho, cara. Graças a Roulet venho tendo um ano bom pra cacete. Mas, merda, Mick, eu não ia livrar Roulet da argola para que ele pudesse sair e matar Raul. Conheci Raul por tanto tempo quanto você. Não fiz isso. Não pus a argola para ele usá-la enquanto saía para matar Raul. E eu não ia sair para matar Raul para ele pela porra de uma TV. Se não puder acreditar nisso, então saia daqui e caia fora da minha vida!

Ele disse isso com toda a intensidade desesperada de um animal ferido. Um pensamento relâmpago em Jesus Menendez me veio à mente. Eu fracassara em ver os apelos de um inocente. Não queria que jamais acontecesse de novo.

— OK, Val — falei.

Caminhei até a porta da casa e apertei o botão que erguia a porta da garagem. Quando voltei vi que ele tinha tirado um cortador da bancada de ferramentas e estava rasgando a fita adesiva no topo do caixote da TV. Parecia estar tentando confirmar o que já sabíamos sobre a TV de plasma. Passei por ele ao sair da garagem.

— Vou rachar o prejuízo com você, Val — eu disse. — Mandarei Lorna enviar-lhe um cheque pela manhã.

— Não se incomode. Direi a eles que foi entregue quebrada.

Cheguei à porta de meu carro e olhei de volta para ele.

— Então ligue para mim quando o prenderem por fraude. Depois você mesmo se afiança e sai.

Entrei no Lincoln e saí de ré da alameda para carros. Quando olhei de volta para a garagem, vi que Valenzuela havia parado de abrir o caixote e estava de pé, olhando para mim.

O tráfego de volta à cidade estava leve e fiz um bom tempo de viagem. Estava quase entrando em casa quando o telefone fixo começou a tocar. Atendi na cozinha, pensando que talvez fosse Valenzuela ligando para dizer que estava trabalhando para outro advogado de defesa. No momento eu não me importava.

Em vez disso, era Maggie McPherson.

— Tudo bem? — perguntei. Ela não costumava ligar tão tarde.

— Ótimo.

— Onde está Hayley?

— Dormindo. Não quis ligar enquanto ela estivesse acordada.

— O que há?

— Houve um estranho rumor sobre você pairando no escritório hoje.

— Está se referindo sobre eu ser o assassino de Raul Levin?

— Haller, isto é sério?

A cozinha era pequena demais para uma mesa e cadeiras. Eu não podia ir muito longe com o fio do telefone, de modo que me sentei na bancada. Através da janela sobre a pia pude ver as luzes do centro da cidade bruxuleando na distância e um brilho no horizonte que eu sabia vir do estádio dos Dodgers.

— Eu diria que sim, a situação é séria. Estou sendo preparado para assumir a culpa pelo assassinato de Raul.

— Oh, meu Deus, Michael, como isso é possível?

— Por uma mistura de ingredientes diversos: cliente maligno, policial ressentido, advogado idiota, adicione açúcar e especiarias e a receita está pronta.

— É Roulet? É ele o cara?

— Não posso falar sobre meus clientes com você, Mags.

— Bem, o que está planejando fazer?

— Não se preocupe, tenho tudo isso coberto. Estarei bem.

— E quanto a Hayley?

Eu sabia o que ela estava dizendo. Estava me avisando para manter distância de Hayley. Não deixá-la ir para a escola e ouvir os colegas falando sobre seu pai ser suspeito de assassinato com o rosto e o nome espalhados nos noticiários.

— Hayley vai ficar bem. Ela nunca saberá. Ninguém jamais saberá se eu fizer a coisa certa.

Ela não disse nada e não havia nada mais que eu pudesse dizer para tranquilizá-la. Mudei de assunto. Tentei soar confiante, até mesmo caloroso.

— Como parecia o seu garoto Minton hoje, depois do tribunal?

Ela não respondeu de início, provavelmente relutante em mudar de assunto.

— Não sei. Ele parecia bem. Mas Smithson mandou um observador lá, já que era o primeiro trabalho solo de Minton.

Assenti. Eu já estava esperando que Smithson, que dirigia a Divisão Van Nuys, enviasse alguém para ficar de olho em Minton.

— Algum feedback?

— Não, ainda não. Nada que eu tenha ouvido. Escute, Haller, estou realmente preocupada com isso. Correu o boato de que você recebeu um mandado de busca lá no tribunal. É verdade?

— É, mas não se preocupe. Estou lhe dizendo: tenho as coisas sob controle. Tudo ficará OK. Prometo.

Eu sabia que não tinha abrandado seus temores. Ela estava pensando em nossa filha e no possível escândalo. Estava talvez pensando um pouco sobre si mesma e que ter um ex-marido descredenciado da Ordem dos Advogados ou acusado de assassinato reduziria suas chances de promoção.

— Além disso, se tudo isto acabar em merda, você continua sendo minha primeira cliente, certo?

— Do que está falando?

— Do Serviço de Limusines do Advogado do Lincoln. Você continua, não é?

— Haller, parece que isto não é hora de fazer piadas.

— Não é piada, Maggie. Estive pensando em largar a carreira. Mesmo antes de toda esta merda começar. É como lhe disse naquela noite. Não aguento mais fazer isso.

Houve um longo silêncio antes que ela respondesse.

— Qualquer coisa que desejar fazer está tudo bem para mim e Hayley.

Assenti.

— Você não sabe o quanto aprecio isso.

Ela suspirou ao telefone.

— Não sei como você faz isso, Haller.

— Faço o quê?

— Você é um espalhafatoso advogado de defesa com duas ex-esposas e uma filha de oito anos. E nós todas ainda amamos você.

Agora fiquei em silêncio. Apesar de tudo eu sorria.

— Obrigado, Maggie McFeroz — eu disse finalmente. — Boa noite.

E desliguei.

TRINTA E TRÊS

Quinta-feira, 24 de maio

O segundo dia de julgamento começou com Minton e eu chamados sem demora ao gabinete da juíza Fullbright. Ela queria apenas falar comigo, mas os regulamentos do processo consideram impróprio ela me encontrar particularmente sobre qualquer assunto e excluir a acusação. Seu gabinete era espaçoso, com uma escrivaninha e uma área de assentos separada e circundada por três paredes de prateleiras contendo livros jurídicos. Ela nos mandou sentar nas cadeiras diante de sua escrivaninha.

— Sr. Minton — começou ela. — Não posso lhe dizer para não ouvir, mas vou ter uma conversa com o Sr. Haller e espero que não se envolva nela ou interrompa. Não lhe diz respeito ou, até onde sei, ao caso Roulet.

Minton, pego de surpresa, não soube inteiramente como reagir além de deixar o queixo cair e ficar boquiaberto. A juíza girou em sua cadeira na minha direção e juntou as mãos sobre a mesa.

— Sr. Haller, existe alguma coisa que deseje abordar comigo? Tendo em mente que está sentado ao lado de um promotor.

— Não, meritíssima, está tudo ótimo. Lamento se ficou aborrecida ontem.

Fiz o melhor possível para pôr um sorriso de pesar no rosto, como se para mostrar que o mandado de busca não tivesse sido nada mais que uma inconveniência embaraçosa.

— Não chegou a ser um incômodo, Sr. Haller. Investimos um bocado de tempo neste caso. O júri, a acusação, todos nós. Estou esperando que isto não vá ser um transtorno. Não quero repetir tudo outra vez. Minha agenda já está abarrotada.

— Com licença, meritíssima — disse Minton. — Eu poderia perguntar apenas o que...

— Não, não pode — replicou ela, cortando-o. — O que estamos falando não interessa ao julgamento, a não ser o tempo que está tomando. Se o Sr. Haller está

me garantindo que não tem um problema, então acreditarei na palavra dele. Você não precisa de maior explicação além dessa.

Ela me fitou de modo penetrante.

— Vai me dar sua palavra, Sr. Haller?

Hesitei antes de assentir. O que ela estava me dizendo era que eu pagaria bem caro se descumprisse minha palavra e a investigação de Glendale causasse qualquer interrupção no caso Roulet.

— Tem minha palavra — eu disse.

Ela imediatamente se levantou e virou-se para o cabideiro num canto. Sua toga preta pendia de um gancho.

— Muito bem, cavalheiros, vamos começar. Temos um júri à espera.

Minton e eu deixamos seu gabinete e entramos no tribunal através do posto do escrivão. Roulet estava sentado no banco dos réus, esperando.

— Que diabo foi tudo isso? — sussurrou Minton para mim.

Ele estava se fazendo de bobo. Por certo já tinha ouvido os mesmos rumores que minha ex-mulher captara nos corredores da promotoria.

— Nada, Ted. Apenas alguma besteira relativa a outro caso meu. Você vai encerrar isso hoje?

— Depende de você. Quanto mais tempo você levar, mais tempo levarei para limpar a babaquice que lançar.

— Babaquice, hã? Você está sangrando até a morte e nem sabe disso.

Ele sorriu confiante para mim.

— Não penso assim.

— Chame isto de morte por mil giletes, Ted. Uma só não mata. Elas todas, juntas, matam. Bem-vindo à prática criminal.

Afastei-me dele e fui para a mesa da defesa. Tão logo me sentei, Roulet estava em meu ouvido.

— O que foi isso com a juíza? — sussurrou.

— Nada. Ela só estava me prevenindo sobre como lidar com a vítima na inquirição.

— Quem, a mulher? A juíza realmente a chamou de vítima?

— Louis, antes de mais nada, baixe sua voz. Em segundo lugar, ela *é* a vítima nisso tudo. Você pode ter aquela rara habilidade de convencer a si mesmo de quase tudo, mas ainda precisamos... não, é melhor dizer eu preciso... convencer o júri.

Ele aceitou a reprimenda como se eu estivesse jogando bolhas de sabão na sua cara e se desviou.

— Bem, o que foi que ela disse?

— Disse que não vai me conceder um monte de liberdade no interrogatório. Lembrou-me de que Regina Campo é uma vítima.

— Estou contando que você a rasgue em pedaços, tomando emprestada uma citação sua no dia em que nos conhecemos.

— Bem, as coisas mudaram um bocado desde o dia em que nos conhecemos, não é? E o seu pequeno esquema com minha arma está prestes a estourar na minha cara. E estou lhe dizendo exatamente agora, não vou me abater por isso. Se eu tiver que levar pessoas ao aeroporto pelo resto de minha vida, o farei com a maior satisfação se for meu único meio de cair fora disso. Entende, Louis?

— Entendo, Mick — disse ele fluentemente. — Estou certo de que encontrará uma saída. Você é um homem esperto.

Voltei-me e olhei para ele. Por sorte, não tive que dizer mais nada. O oficial de justiça pediu silêncio no tribunal e a juíza Fullbright assumiu a bancada.

A primeira testemunha do dia de Minton foi o detetive Martin Booker, do DPLA. Ele foi uma testemunha sólida para a acusação. Uma rocha. Suas respostas foram claras e concisas e dadas sem hesitação. Booker apresentou a peça-chave de suas provas, o canivete de mola com as iniciais do meu cliente, e sob o interrogatório de Minton ele conduziu o júri através de toda a investigação do ataque a Regina Campo.

Ele testemunhou que na noite de 6 de março estivera no plantão noturno da delegacia do Valley em Van Nuys. Foi chamado ao apartamento de Regina Campo pelo comandante de ronda da Divisão West Valley, que acreditava, após ser inteirado pelos patrulheiros, que o ataque a Campo merecia atenção imediata de um investigador. Booker explicou que os seis departamentos de detetives do Valley só funcionavam durante o dia. Disse que o detetive em plantão noturno era uma posição de resposta rápida e que com frequência assumia casos de natureza urgente.

— O que tornou este caso de natureza urgente, detetive? — perguntou Minton.

— As lesões à vítima, a detenção de um suspeito e a crença de que um crime maior havia sido provavelmente evitado — respondeu Booker.

— O que seria este crime maior?

— Assassinato. Parecia que o sujeito estava planejando matá-la.

Eu poderia ter objetado, mas planejava explorar a troca no meu interrogatório, portanto deixei passar.

Minton conduziu Booker através dos passos investigativos que deu na cena do crime e depois entrevistando Campo enquanto ela era tratada no hospital.

— Antes de chegar ao hospital tinha sido inteirado pelos patrulheiros Maxwell e Santos sobre o que a vítima relatou ter acontecido, certo?

— Sim, eles me deram uma visão geral.

— Contaram-lhe que a vítima se prostituía como meio de vida?

— Não, não contaram.

— Quando você descobriu isso?

— Bem, eu já formava uma boa ideia sobre isso quando estive no apartamento e vi alguns objetos que ela tinha lá.

— Que objetos?

— Coisas que eu descreveria como acessórios sexuais. E num dos quartos havia um armário que só tinha negligês e roupas de uma natureza sexualmente provocativa. Havia também uma TV naquele quarto e uma coleção de fitas pornográficas. Também me contaram que ela não dividia o apartamento com uma colega de profissão, mas pareceu-me que os dois quartos estavam em uso constante. Comecei a achar que um quarto era o dela, onde dormia quando estava sozinha, e o outro estava reservado para suas atividades profissionais.

— Um quarto só para transar?

— Pode chamar assim.

— Isto mudou sua opinião sobre ela como vítima deste ataque?

— Não, não mudou.

— E por que não?

— Porque qualquer pessoa pode ser uma vítima. Prostituta ou o papa, não importa. Vítima é vítima.

Falou como se tivesse ensaiado, pensei. Minton deu uma ticada no seu bloco e foi em frente.

— Bem, quando chegou ao hospital, perguntou à vítima sobre sua teoria referente aos quartos e o que ela fazia para viver?

— Sim, perguntei.

— E o que ela lhe disse?

— Disse na bucha que era garota de programa. Não tentou esconder isso.

— Alguma coisa do que ela lhe disse difere dos relatos do ataque que você já havia reunido na cena do crime?

— Não, não mesmo. Ela me disse que abriu a porta para o réu e ele imediatamente a socou no rosto e a jogou para trás no apartamento. Ele a agrediu mais ainda e puxou um canivete. Disse que ia estuprá-la e depois matá-la.

Minton continuou a esquadrinhar a investigação em mais detalhes e chegou ao ponto de entediar o júri. Quando eu não estava anotando perguntas para fazer a Booker durante a inquirição, observava os jurados e via sua atenção diminuir sob o peso de tanta informação.

Finalmente, após noventa minutos de inquirição direta, chegou a minha vez de interrogar o detetive. Meu objetivo era entrar e sair. Enquanto Minton fez

uma autópsia de todo o caso, eu só queria entrar e raspar a cartilagem dos joelhos.

— Detetive Booker, Regina Campo explicou por que mentiu para a polícia?

— Ela não mentiu para mim.

— Talvez não para você, mas disse para os primeiros policiais na cena, Maxwell e Santos, que não sabia por que o suspeito viera ao seu apartamento, não disse?

— Eu não estava presente quando eles falaram com ela e não posso depor sobre isso. Só sei que ela estava assustada, que tinha sido agredida e ameaçada de estupro e morte na hora da primeira entrevista.

— Então está dizendo que sob aquelas circunstâncias é aceitável mentir para a polícia.

— Não, eu não disse isso.

Conferi minhas anotações e prossegui. Eu não ia partir para uma série linear de perguntas. Estava jogando verde, tentando pegá-lo no contrapé.

— Fez uma lista das roupas que encontrou no quarto que disse ser usado pela Srta. Campo no seu negócio de prostituição?

— Não, não fiz. Foi apenas uma observação que fiz. Não é importante para o caso.

— Poderia algum dos acessórios que viu no armário ter sido adequado para práticas sexuais sadomasoquistas?

— Eu não saberia dizer. Não sou um especialista nessa área.

— E quanto aos vídeos pornográficos? Anotou os títulos?

— Não. Mais uma vez, não acredito que isto seja pertinente à investigação de quem atacou brutalmente esta mulher.

— Lembra se o tema principal de qualquer dos vídeos envolvia sadomasoquismo, submissão ou qualquer coisa dessa natureza?

— Não, não lembro.

— Bem, você instruiu a Srta. Campo a se livrar daquelas fitas e das roupas no armário antes que integrantes da equipe de defesa do Sr. Roulet pudessem ver o apartamento?

— Claro que não.

Verifiquei este detalhe na minha lista e prossegui.

— Falou algum dia com o Sr. Roulet sobre o que aconteceu no apartamento da Srta. Campo aquela noite?

— Não, ele se resguardou na lei antes que eu o pegasse.

— Você quer dizer que ele exerceu seu direito constitucional de permanecer em silêncio?

— É, foi justamente o que ele fez.

— Portanto, até onde sabe, ele nunca falou à polícia acerca do que aconteceu.

— Correto.

— Na sua opinião, a Srta. Campo foi golpeada com muita força?

— Eu diria que sim. Seu rosto estava gravemente cortado e inchado.

— Então, por favor, conte ao júri sobre o impacto das lesões que encontrou nas mãos do Sr. Roulet.

— Ele tinha enrolado um pano em volta do punho para protegê-lo. Não havia lesões nas mãos dele, pelo que pude ver.

— Documentou esta falta de lesão?

— Não — disse ele.

— Então você teve as lesões da Srta. Campo documentadas por fotografias, mas não viu necessidade de documentar a falta de lesões no Sr. Roulet, correto?

— Não me pareceu necessário documentar uma coisa que não havia.

— Como sabe que ele enrolou um pano no punho como proteção?

— A Srta. Campo me disse que viu a mão dele enrolada pouco antes que a socasse na porta.

— Encontrou lá dentro esse pano que ele supostamente enrolou na mão?

— Sim, estava no apartamento. Era um guardanapo de restaurante. Tinha sangue nele.

— Tinha sangue do Sr. Roulet nele?

— Não.

— Houve alguma coisa que identificasse o pano como pertencente ao réu?

— Não.

— Então só temos a palavra da Srta. Campo, certo?

— É isso aí.

Deixei algum tempo passar enquanto rabiscava uma anotação em meu bloco. Então continuei a interrogar o policial.

— Detetive, quando descobriu que Louis Roulet negou ter atacado ou ameaçado a Srta. Campo e que ele iria se defender vigorosamente contra as acusações?

— Deve ter sido quando ele o contratou, acho.

Houve um murmúrio de risos na plateia.

— Buscou outras explicações para os ferimentos da Srta. Campo?

— Não, ela me contou o que aconteceu. E acreditei nela. Ele bateu nela e ia...

— Obrigado, detetive Booker. Tente apenas responder à pergunta.

— Eu estava respondendo.

— Se não procurou nenhuma outra explicação porque acreditou na palavra da Srta. Campo, é seguro dizer que todo este caso se baseia na palavra dela e no que ela disse que ocorreu no seu apartamento na noite de 6 de março?

Booker pensou por um momento. Ele sabia que eu o estava conduzindo à armadilha de suas próprias palavras. Como se costuma dizer, não há armadilha tão mortal como a que você monta para si mesmo.

— Não é só a palavra dela — disse ele após achar que via uma saída. — Existe prova física. O canivete. Suas lesões. Mais do que apenas a palavra dela.

Ele assentiu afirmativamente.

— Mas a explicação da acusação para as lesões e a outra prova não começam com o relato dela do que aconteceu?

— Pode-se dizer que sim — replicou ele, relutante.

— Ela é a árvore na qual crescem todos aqueles frutos, não é?

— Provavelmente não usaria essas palavras.

— Então que palavras usaria, detetive?

Eu o pegara agora. Booker literalmente se contorceu em seu assento. Minton levantou-se e protestou, dizendo que eu estava conduzindo a testemunha. Devia ser alguma coisa que ele vira na TV ou num filme. A juíza o mandou sentar.

— Pode responder à pergunta, detetive — disse a juíza.

— Qual foi a pergunta? — replicou Booker, tentando ganhar algum tempo.

— Você discordou de mim quando caracterizei a Srta. Campo como a árvore onde cresce toda a prova neste caso — eu disse. — Se estou errado, como descreveria a posição dela no caso?

Booker ergueu as mãos num gesto de rendição.

— Ela é a vítima! Claro que é importante porque nos contou o que aconteceu. Temos de confiar nela e manter o rumo da investigação.

— Você confiar nela é um pouco demais neste caso, não acha? Vítima e testemunha principal contra o réu, correto?

— É isso aí.

— Quem mais viu o réu atacar a Srta. Campo?

— Ninguém mais.

Assenti, para sublinhar a resposta para o júri. Ergui a vista e troquei contato visual com aqueles na fila da frente.

— Muito bem, detetive — falei. — Agora quero perguntar-lhe sobre Charles Talbot. Como soube sobre este homem?

— Hã, o promotor, o Sr. Minton, disse-me para encontrá-lo.

— E sabe como o Sr. Minton veio a saber da existência dele?

— Acredito que foi você quem o informou. Tinha uma fita de vídeo de um bar que o mostrava com a vítima umas duas horas antes do ataque.

Eu sabia que isto poderia ser a hora de apresentar o vídeo, mas queria esperar. Queria a vítima no estrado quando exibisse o vídeo para o júri.

— E até esse ponto você não achava que era importante encontrar este homem?

— Não, eu simplesmente não sabia nada sobre ele.

— Então quando finalmente soube acerca de Talbot e o localizou, examinou a mão esquerda dele para determinar se ele tinha quaisquer lesões que poderiam ter ocorrido enquanto golpeava repetidamente o rosto de alguém?

— Não, não o fiz.

— Isso é porque estava confiante na sua escolha do Sr. Roulet como a pessoa que golpeou Regina Campo?

— Não foi uma escolha. Foi para onde a investigação levou. Só localizei Charles Talbot duas semanas depois de ocorrido o crime.

— Então o que está dizendo é que se ele teve lesões, já teriam sarado àquela ocasião, certo?

— Não sou nenhum especialista nisso, mas sim, foi este o meu pensamento.

— Então nunca olhou para a mão dele, não é?

— Especificamente, não.

— Perguntou aos colegas de trabalho do Sr. Talbot se eles viram contusões ou outros machucados na mão dele mais ou menos à época do crime?

— Não, não perguntei.

— Portanto nunca procurou além do Sr. Roulet, não é?

— Isso está errado. Entro em cada caso com a mente aberta. Mas Roulet estava lá e em custódia desde o início. A vítima o identificou como seu agressor. Ele era obviamente um foco.

— Era ele *um* foco ou *o* foco, detetive Booker?

— Ele era as duas coisas. A princípio era *um* foco e mais tarde... depois que achamos as iniciais dele na arma empunhada contra a garganta de Reggie Campo... ele tornou-se *o* foco, se poderia dizer.

— Como sabe que o canivete foi empunhado contra a garganta da Srta. Campo?

— Porque ela nos disse e tinha o ferimento perfurante para provar isto.

— Está dizendo que houve algum tipo de análise de medicina legal que comparou o canivete com o ferimento no pescoço dela?

— Não, isto era impossível.

— Portanto, mais uma vez temos a palavra da Srta. Campo de que a arma foi empunhada contra a garganta dela pelo Sr. Roulet.

— Não tive nenhum motivo para duvidar dela à ocasião. Não tenho nenhum agora.

— Agora não tem qualquer explicação para isso. Imagino que você teria considerado o canivete com as iniciais do réu uma peça incriminatória altamente importante no conjunto da prova, não teria?

— Sim. Mesmo com explicação, eu diria. Ele levou aquele canivete com algum propósito em mente.

— Você é um leitor de pensamento, não é, detetive?

— Não, sou um detetive. Só estou dizendo o que acho.

— Com ênfase no *acho.*

— É o que sei com base nas provas do caso.

— Estou contente por se sentir tão confiante. Não tenho mais perguntas por enquanto. Reservo-me o direito de convocar o detetive Booker como testemunha para a defesa.

Eu não pretendia chamar Booker de volta para depor, mas achei que a ameaça poderia soar boa para o júri.

Voltei para o meu assento enquanto Minton tentava blindar Booker na reinquirição. O dano estava nas percepções e não havia muito que ele pudesse fazer com isso. Booker tinha sido apenas uma vítima fácil para a defesa. O dano real viria mais tarde.

Depois que Booker saiu, a juíza decretou pausa para o meio da manhã. Disse aos jurados que voltassem em 15 minutos, mas eu sabia que o intervalo seria mais longo. A juíza Fullbright era uma fumante e já havia enfrentado acusações administrativas altamente divulgadas por dar umas tragadas no seu gabinete. Isto significava que para ela manter seu vício e evitar mais escândalos, tinha de pegar o elevador, sair do prédio e fumar no portão por onde entravam os ônibus da prisão. Imaginei que levaria pelo menos meia hora.

Saí para o corredor para falar com Mary Alice Windsor e ligar o meu celular. Parecia que eu teria de colocar testemunhas na sessão da tarde.

Primeiro me aproximei de Roulet, que queria falar sobre meu interrogatório de Booker.

— Pareceu-me que correu realmente bem para nós — disse ele.

— Nós?

— Você sabe o que quero dizer.

— Você só pode dizer que foi tudo bem depois que sair o veredicto. Agora, deixe-me em paz, Louis. Preciso dar uns telefonemas. E onde está sua mãe? Talvez vá precisar dela esta tarde. Ela está vindo para cá?

— Ela tinha um compromisso esta manhã mas estará aqui. É só ligar para Cecil e ele a trará.

Depois que Roulet se afastou, o detetive Booker assumiu seu lugar, caminhando para mim e apontando um dedo na minha cara.

— Isto não vai escapar, Haller — disse ele.

— O que não vai escapar? — perguntei.

— Toda essa babaquice de defesa. Você vai ser esmagado e se queimar.

— Veremos.

— É, veremos. Você sabe, você tem colhões por tentar ferrar Talbot com isso. Grandes. Deve precisar de um carrinho de mão para carregá-los por aí.

— Estou apenas fazendo o meu trabalho, detetive.

— E parte do trabalho é isso. Mentir para ganhar a vida. Enganar pessoas que buscam a verdade. Viver num mundo sem verdade. Deixe que lhe pergunte uma coisa. Sabe qual a diferença entre um bagre e um advogado?

— Não, qual é a diferença?

— Um é um sugador de merda no fundo. O outro é um peixe.

— Essa é boa, detetive.

Ele se afastou então e fiquei ali parado, rindo. Não por causa da piada ou por constatar que Lankford tinha sido talvez quem aumentou o insulto aos advogados de defesa incluindo toda a advocacia ao contar a piada para Booker. Sorri porque a piada vinha a confirmar que Lankford e Booker estavam em comunicação. Andavam se falando e isso significava que havia coisas em ação. Meu plano ainda estava bem unido. Ainda tinha uma chance.

TRINTA E QUATRO

Cada julgamento tem um evento principal. Uma testemunha ou uma prova que se tornam o ponto de apoio sobre o qual tudo gira de um modo ou de outro. No presente caso o evento principal era anunciado como Regina Campo, vítima e acusadora, e o caso parecia repousar sobre seu desempenho e testemunho. Mas um grande advogado de defesa sempre tem uma substituta e eu tinha a minha, uma testemunha esperando secretamente nas alas sobre a qual eu esperava mudar o peso do processo.

Não obstante, quando Minton chamou Regina Campo ao estrado depois da pausa, era seguro dizer que todos os olhos estavam sobre ela enquanto era conduzida ao recinto das testemunhas. Era a primeira vez que os jurados a viam pessoalmente. Era também a primeira vez que eu a via. Fiquei surpreso, mas não positivamente. Ela era diminuta e seu passo hesitante e postura frágil desmentiam o retrato de mercenária calculista que eu estivera construindo na consciência coletiva do júri.

Minton estava definitivamente aprendendo enquanto prosseguia. Com Campo ele parecia ter chegado à conclusão de que menos era mais. Conduziu-a economicamente através do testemunho. Começou com o currículo pessoal antes de passar aos eventos de 6 de março.

A história de Regina Campo mostrava-se deploravelmente sem originalidade e era com isto que Minton contava. Ela contou a história de uma jovem e atraente mulher de Indiana chegando a Hollywood uma década antes com esperanças de sucesso no cinema. Houve inícios e interrupções para uma carreira, uma aparição num programa de TV aqui e ali. Ela era uma cara nova e sempre havia homens dispostos a colocá-la em pequenos papéis insignificantes. Mas quando deixou de ser uma cara nova, encontrou trabalho numa série de filmes de TV a cabo que com frequência exigiam que aparecesse nua. Ela complementava sua renda com trabalhos de nu artístico e daí descambou facilmente para um mundo de sexo em troca de favores. Por fim, assumiu totalmente a fachada e começou a trocar sexo por dinheiro. O que finalmente a levou à noite em que encontrou Louis Roulet.

A versão que Regina Campo deu no tribunal do que aconteceu naquela noite não diferia muito dos relatos oferecidos por todas as testemunhas que a precederam. Mas estava dramaticamente diferente no pronunciamento. Regina Campo, com o rosto emoldurado por cabelo escuro e encaracolado, parecia uma garotinha perdida. Mostrou-se assustada e lacrimosa durante a segunda metade de seu depoimento. Seu lábio inferior e o dedo tremiam de medo enquanto apontava para o homem que identificou como seu agressor. Roulet olhava fixamente de volta, uma expressão indefinível no seu rosto.

— Foi ele — disse ela com voz forte. — Ele é um animal que devia ser eliminado!

Deixei isso passar sem protesto. Eu teria minha chance com ela em breve. Minton continuou a interrogar, levando Campo através de seu desabafo, e depois perguntou por que ela não havia contado aos policiais responsáveis a verdade sobre conhecer o homem que a atacara e por que ele estava lá.

— Fiquei assustada — disse ela. — Não tinha certeza se iam acreditar em mim se lhes contasse por que ele estava lá. Queria me garantir de que o levariam preso porque estava com muito medo dele.

— Lamenta essa decisão agora?

— Sim, lamento porque sei que poderia ajudá-lo a ficar livre e fazer isso com alguém novamente.

Protestei a esta resposta como prejudicial e a juíza acatou. Minton fez mais algumas perguntas à testemunha mas parecia saber que tinha ultrapassado o ápice do depoimento e que devia parar antes que ele obscurecesse o dedo trêmulo da identificação.

Campo havia testemunhado em inquirição direta por pouco menos de uma hora. Eram quase 11h30 e a juíza não fez a pausa para o almoço como eu havia esperado. Ela disse aos jurados que queria obter o máximo de depoimentos possível durante o dia e que todos teriam um almoço atrasado e abreviado. Isto me fez especular se ela sabia de algo que eu ignorava. Será que os detetives de Glendale a haviam procurado no intervalo do meio da manhã para avisar de minha detenção iminente?

— Sr. Haller, a testemunha é sua — disse ela, instando-me a manter as coisas em andamento.

Fui até a tribuna com meu bloco e olhei para as anotações. Se estava empenhado numa defesa de mil lâminas, tinha de usar pelo menos metade delas nesta testemunha. Eu estava pronto.

— Srta. Campo, contratou os serviços de um advogado para processar o Sr. Roulet por causa dos alegados acontecimentos de 6 de março?

Ela olhou como se já esperasse a pergunta, mas não como a primeira da série.

— Não, não o fiz.

— Falou com algum advogado sobre este caso?

— Não contratei ninguém para processá-lo. Neste exato momento, só estou interessada em ver que a justiça seja...

— Srta. Campo — interrompi. — Não perguntei se contratou um advogado ou quais são seus interesses. Perguntei se *falou* com um advogado, qualquer advogado, sobre este caso e um possível processo contra o Sr. Roulet.

Ela olhava detidamente para mim, tentando me ler. Eu dissera isto com a autoridade de alguém que conhecia alguma coisa, que tinha mais do que o suficiente para rebater a acusação. Minton provavelmente a havia instruído no aspecto mais importante do seu depoimento: não ser pega em uma mentira.

— Falei com um advogado, sim. Mas não foi nada mais do que conversar. Eu não o contratei.

— E por que o promotor lhe disse para não contratar ninguém até que o caso criminal estivesse encerrado?

— Não, ele não disse nada sobre isso.

— Por que falou com um advogado acerca de seu caso?

Ela caíra numa rotina de hesitação antes de cada resposta. Isto era ótimo para mim. A percepção da maioria das pessoas é que leva tempo para se contar uma mentira. Respostas honestas chegam facilmente.

— Falei com ele porque queria conhecer meus direitos e me certificar de que estava protegida.

— Perguntou a ele se podia processar o Sr. Roulet por danos morais?

— Eu achava que fosse assunto privado o que se diz ao advogado.

— Se quiser, você pode contar aos jurados sobre o que conversou com o advogado.

Houve o primeiro corte profundo com a lâmina. Ela estava numa posição insustentável. Não importa a maneira como respondesse, ela não parecia bem.

— Acho que prefiro manter isto em particular — disse ela finalmente.

— OK, vamos voltar ao dia 6 de março, mas quero ir um pouco mais longe do que foi o Sr. Minton. Vamos voltar ao bar do Morgan’s, quando falou pela primeira vez com o réu, o Sr. Roulet.

— OK.

— O que estava fazendo no Morgan’s naquela noite?

— Estava me encontrando com alguém.

— Charles Talbot?

— Sim.

— Bem, você o estava encontrando lá mais ou menos para avaliar se queria levá-lo de volta a seu apartamento para fazer sexo pago, confere?

Ela hesitou mas depois assentiu.

— Por favor, responda verbalmente — disse-lhe a juíza.

— Sim.

— Você diria que a prática é uma precaução segura?

— Sim.

— Uma forma de sexo seguro, certo?

— Acho que sim.

— Como na sua profissão você lida intimamente com estranhos, deve se proteger, correto?

— Correto.

— As pessoas na sua profissão chamam isto de “teste de esquisitice”, não é?

— Nunca chamei assim.

— Mas é verdade que você encontra seus clientes potenciais num lugar público como o Morgan’s para testá-los e se certificar de que não são estranhos ou perigosos antes de levá-los para seu apartamento. Isto não é correto?

— Poderia se dizer assim. Mas a verdade é que nunca se pode ter certeza sobre alguém.

— É verdade. Portanto, quando estava no Morgan’s você notou o Sr. Roulet sentado no mesmo balcão em que você e o Sr. Talbot estavam?

— Sim, ele estava lá.

— E já o tinha visto antes algum dia?

— Sim, já o tinha visto lá e em alguns outros lugares.

— Algum dia falou com ele?

— Não, nunca conversamos.

— Algum dia notou que ele usava um Rolex?

— Não.

— Algum dia o viu desembarcar nesses lugares em um Porsche ou um Range Rover?

— Não, nunca o vi dirigindo.

— Mas já o viu antes no Morgan’s e outros lugares semelhantes.

— Sim.

— Mas nunca falou com ele.

— Correto.

— Então, por que o abordou?

— Eu sabia que ele estava na vida, isso é tudo.

— O que quer dizer com “na vida”?

— Quer dizer que nas outras vezes em que o vi podia dizer que estava na parada. Já o vira antes com garotas que fazem o que eu faço.

— Viu-o sair com outras prostitutas?

— Sim.

— Para onde?

— Não sei, só o vi sair dos locais. Podia ser para um hotel ou o apartamento da garota. Não estou por dentro dessa parte.

— Bem, como sabe que deixaram o local? Talvez tivessem saído só para fumar.

— Eu os via entrar no carro dele e ir embora.

— Srta. Campo, um minuto atrás declarou que nunca viu os carros do Sr. Roulet. Agora está dizendo que o viu entrar no seu carro com uma mulher que era uma prostituta tal como você. O que é isso?

Ela percebeu seu vacilo e ficou congelada por um momento até que uma resposta lhe ocorreu.

— Eu o vi entrar num carro, mas não sei de que tipo era.

— Você não repara em coisa como essa, não é?

— Geralmente não.

— Sabe a diferença entre um Porsche e um Range Rover?

— Um é grande e o outro pequeno, acho.

— Em que tipo de carro viu o Sr. Roulet chegar?

— Não me lembro.

Fiz uma pausa e concluí que eu havia me aproveitado ao máximo de sua contradição. Olhei para minha lista de perguntas e prossegui.

— Essas mulheres que viu sair com o Sr. Roulet, elas voltaram a ser vistas?

— Não entendo.

— Elas desapareceram? Algum dia as viu de novo?

— Não sumiram. Tornei a vê-las.

— Elas tinham sido agredidas ou lesionadas?

— Não que eu soubesse, mas não perguntei.

— Mas tudo isso se juntou a sua crença de que estava segura até que se aproximou e o abordou, certo?

— Não sei nada sobre estar segura. Eu só sabia que ele estava lá procurando uma garota, e o homem com quem eu já estava disse que me deixaria às dez horas porque tinha de ir trabalhar.

— Bem, pode dizer ao júri por que não se sentou com o Sr. Roulet, como fez com o Sr. Talbot, submetendo-o ao “teste de esquisitice”?

Seus olhos se desviaram para Minton. Ela estava esperando por um resgate, mas nada estava vindo.

— Só pensei que ele certamente tinha dinheiro, isso é tudo.

— Você pensou que ele era seguro.

— Acho que sim. Não sei. Eu precisava de dinheiro e cometi um erro com ele.

— Pensou que ele era rico e que poderia resolver sua necessidade de dinheiro?

— Não, nada desse tipo. Eu o vi como um freguês em potencial que não era novo no jogo. Alguém que sabia o que estava fazendo.

— Você testemunhou que em ocasiões anteriores tinha visto o Sr. Roulet com outras mulheres que exercem a mesma profissão que você?

— Sim.

— Elas são prostitutas?

— São.

— Você as conhece?

— Somos conhecidas.

— E estende uma cortesia profissional a essas mulheres em termos de alertá-las acerca de fregueses que poderiam ser perigosos ou caloteiros?

— Às vezes.

— E elas lhe prestam a mesma cortesia profissional, certo?

— Sim.

— Quantas delas a alertaram sobre Louis Roulet?

— Bem, ninguém o fez, do contrário eu não teria ido com ele.

Assenti e olhei para minhas anotações por um longo momento antes de continuar. Então a fiz dar mais detalhes sobre os eventos no Morgan's e depois apresentei o vídeo de vigilância feito por uma câmera oculta acima do bar. Minton protestou por o vídeo ser exibido ao júri, mas não foi aceito. Um aparelho de TV sobre um cavalete com rodízios foi colocada diante do júri e o vídeo começou. Eu podia ver pela concentrada atenção dos jurados que eles gostavam da ideia de observar uma prostituta em serviço, bem como ver os dois principais atores do caso em momentos descuidados.

— O que dizia o bilhete que passou a ele? — perguntei depois que a TV foi empurrada para um canto de tribunal.

— Acho que só dava meu nome e endereço.

— Não lhe citou um preço pelos serviços que iria prestar?

— Talvez. Não me lembro.

— Qual é o valor que costuma cobrar?

— Geralmente cobro quatrocentos dólares.

— Geralmente? O que a faria cobrar um valor diferente?

— Depende do que o cliente quer.

Olhei para o recinto do júri e vi que o rosto do homem da Bíblia enrijecia de desconforto.

— Alguma vez praticou sadomasoquismo com seus clientes?

— Às vezes. É apenas representação, porém. Ninguém sai machucado. É só encenação.

— Está dizendo que antes da noite de 6 de março você nunca foi ferida por um cliente?

— Sim, é isso o que estou dizendo. Aquele homem me feriu e tentou me ma...

— Por favor, responda apenas à pergunta que faço, Srta. Campo. Obrigado. Agora voltemos ao Morgan's. Sim ou não, no momento que deu ao Sr. Roulet o guardanapo com seu endereço e preço nele, estava confiante de que ele não seria um perigo e que estava carregando dinheiro suficiente para pagar os quatrocentos dólares que cobra por seus serviços?

— Sim.

— Então por que o Sr. Roulet não tinha nenhum dinheiro com ele quando a polícia o revistou?

— Não sei. Eu é que não peguei.

— Sabe quem o fez?

— Não.

Hesitei por longo momento, preferindo pontuar minhas mudanças no fluxo do interrogatório com uma sublinha de silêncio.

— Agora, hã, ainda está trabalhando como prostituta, correto? — perguntei.

Campo hesitou antes de confirmar.

— E sente-se feliz trabalhando como prostituta? — perguntei.

Minton se levantou.

— Meritíssima, o que isto tem a ver com...

— Prossiga — disse-me a juíza.

— OK — disse. — Então não é verdade, Srta. Campo, que disse a vários de seus clientes que sua esperança é largar a profissão?

— Sim, é verdade — respondeu ela, sem hesitar pela primeira vez em muitas perguntas.

— Não é também verdade que vê os potenciais aspectos financeiros deste caso como um meio de largar a profissão?

— Não, isso não é verdade — disse ela vigorosamente e sem hesitar. — Aquele homem me atacou. Ele ia me matar! É disso que se trata!

Sublinhei alguma coisa no meu bloco, outra pontuação de silêncio.

— Charles Talbot era freguês habitual? — perguntei.

— Não, eu o encontrei pela primeira vez naquela noite no Morgan's.

— E ele passou no teste de segurança.

— Sim.

— Foi Charles Talbot o homem que a socou no rosto na noite de 6 de março?

— Não, não foi ele — respondeu ela rapidamente.

— Ofereceu dividir com o Sr. Talbot os lucros que obteria de um processo contra o Sr. Roulet?

— Não. Isto é uma mentira!

Olhei para a juíza.

— Meritíssima, posso pedir ao meu cliente para se levantar agora?

— À vontade, Sr. Haller.

Fiz sinal para Roulet se levantar na mesa da defesa e ele obedeceu. Olhei de volta para Regina Campo.

— Bem, Srta. Campo, tem certeza de que este é o homem que a agrediu na noite de 6 de março?

— Sim, é ele.

— Quanto você pesa, Srta. Campo?

Ela recuou do microfone como se considerasse esta uma pergunta invasiva, mesmo depois de tantas perguntas referentes à sua vida sexual. Notei que Roulet já ia sentando de novo e fiz sinal para que permanecesse de pé.

— Não tenho certeza — disse Campo.

— No seu anúncio na internet você diz que seu peso é 55 quilos. Isto é certo?

— Acho que sim.

— Então para os jurados acreditarem na sua história sobre aquela noite, devem acreditar que você seria capaz de sobrepujar e se libertar do Sr. Roulet.

Apontei para Roulet, que tinha facilmente 1,80 m e pesava pelo menos mais trinta quilos do que ela.

— Bem, foi isso o que fiz.

— E isto foi enquanto ele estava supostamente segurando um canivete na sua garganta.

— Eu queria viver. A gente pode fazer coisas espantosas quando nossa vida está em perigo.

Ela usou sua última defesa. Começou a chorar, como se minha pergunta tivesse despertado de novo o horror de estar à beira da morte.

— Pode se sentar, Sr. Roulet. Por enquanto não tenho nada mais para a Srta. Campo, meritíssima.

Fui me sentar perto de Roulet. Senti que o interrogatório tinha ido bem. Meu trabalho de gilete abrira um bocado de feridas. O caso do estado estava sangrando. Roulet sussurrou uma palavra para mim: “*Brilhante!*”

Minton voltou para uma reinquirição, mas ele era apenas um mosquito voejando em torno de uma ferida aberta. Não havia volta para algumas respostas que sua testemunha estrela tinha dado e não havia como alterar algumas das imagens que eu plantara na mente dos jurados.

Em dez minutos ele acabou e abri mão de uma reinquirição, sentindo que Minton pouco realizara durante seu segundo esforço e eu podia sair com uma boa vantagem. A juíza perguntou ao promotor se ele tinha mais testemunhas e Minton disse que gostaria de pensar a respeito durante o almoço, antes de decidir se encerrava a apresentação de provas da acusação.

Normalmente, eu teria objetado a isso porque desejaria saber se tinha de pôr uma testemunha no estrado logo depois do almoço. Mas deixei passar. Acreditava que Minton sentia a pressão e estava hesitante. Eu queria empurrá-lo rumo a uma decisão e achei que talvez fosse útil dar-lhe a pausa do almoço.

A juíza liberou o júri para o almoço, dando apenas uma hora ao invés dos habituais noventa minutos. Ela estava mantendo as coisas em movimento. Disse à corte que o recesso seria até 13h30 e depois deixou abruptamente a bancada. Devia estar precisando fumar um cigarro, imaginei.

Perguntei a Roulet se sua mãe poderia juntar-se a nós para o almoço de modo que pudéssemos conversar sobre o testemunho dela, que eu achava que seria à tarde, se não logo depois do almoço. Ele disse que providenciaria isso e sugeriu que nos encontrássemos num restaurante francês no Ventura Boulevard. Respondi que tínhamos menos de uma hora e que a mãe dele deveria nos encontrar no Four Green Fields. Eu não gostava da ideia de levá-los ao meu santuário, mas sabia que poderíamos comer lá rapidamente e voltar ao tribunal a tempo. A comida provavelmente não alcançaria os padrões de bistrô francês do Ventura, mas eu não estava preocupado com isso.

Quando me levantei e me voltei da mesa da defesa, vi que as fileiras das galerias estavam vazias. Todo mundo saíra apressado para o almoço. Somente Minton estava esperando por mim junto à balaustrada.

— Posso falar com você por um minuto? — perguntou.

— Claro.

Esperamos até que Roulet tivesse saído do tribunal antes de falarmos. Eu sabia o que estava por vir. Era comum o promotor baixar a bola ao primeiro sinal de dificuldade. Minton sabia que estava encrencado. A testemunha do principal evento foi no máximo uma aposta.

— O que há? — falei.

— Estava pensando sobre o que você disse acerca das mil giletes.

— E?

— E, bem, quero lhe fazer uma proposta.

— Você é novo nisso, garoto. Não precisa de alguém responsável para aprovar um pedido de acordo?

— Tenho alguma autoridade.

— OK, então me diga o que está autorizado a oferecer.

— Baixarei a queixa para ataque agravado com grandes lesões corporais.

— E?

— Baixarei para quatro.

A proposta era uma redução substancial, mas Roulet, se aceitasse, ainda seria condenado a quatro anos de prisão. A principal concessão era que derrubava o caso da categoria de crime sexual. Roulet não teria que se registrar com autoridades locais como um ofensor sexual depois que saísse da prisão.

Olhei para ele como se tivesse acabado de insultar a memória de minha mãe.

— Acho que é um pouco forte, Ted, considerando como seu trunfo acabou de se comportar no estrado. Viu o jurado que está sempre carregando a Bíblia? Ele parecia prestes a xingar o Bom Livro quando ela estava testemunhando.

Minton não respondeu. Eu poderia dizer que ele nem sequer havia notado um jurado com uma Bíblia.

— Não sei — eu disse. — É meu dever levar sua proposta a meu cliente e farei isso. Mas também vou dizer-lhe que seria um tolo se aceitasse.

— OK, então o que você quer?

— Num caso como este, Ted, só existe um veredicto. Vou dizer a ele que deveria recusar. Acho que vai ser uma moleza a partir daqui. Tenha um bom almoço.

Deixei-o ali na portinhola, meio esperando que ele gritasse uma nova proposta às minhas costas enquanto descia a ala central da galeria. Mas Minton se manteve firme.

— Esta proposta só vale até uma e meia, Haller — gritou atrás de mim, um tom estranho em sua voz.

Ergui a mão e acenei sem olhar para trás. Enquanto cruzava a porta do tribunal, tive certeza de que o que tinha ouvido era o som do desespero rastejando em sua voz.

TRINTA E CINCO

Depois que voltamos do Four Green Fields para o tribunal ignorei Minton propositadamente. Queria deixá-lo especulando pelo maior tempo possível. Tudo era parte do plano de empurrá-lo numa direção que eu desejava que ele e o julgamento seguissem. Quando estávamos todos sentados nas mesas e prontos para a juíza, olhei finalmente para ele, esperei por contato visual e depois limitei-me a balançar a cabeça. Nada de acordo. Ele assentiu, tentando da melhor forma que podia dar-me uma exibição de confiança no seu caso e confusão acerca da decisão do meu cliente. Um minuto depois, a juíza assumiu a bancada, chamou o júri, e Minton prontamente desmontou sua barraca.

— Sr. Minton, tem mais alguma testemunha? — perguntou a juíza.

— Meritíssima, neste momento a acusação não tem nada a dizer.

Houve a mais leve hesitação na reação da juíza Fullbright. Ela olhou para Minton por apenas um segundo a mais do que deveria. Achei que isto enviava uma mensagem de surpresa para o júri. Ela então olhou para mim.

— Sr. Haller, está pronto para prosseguir?

O procedimento de rotina seria pedir à juíza por um veredicto dirigido de absolvição ao final do caso da acusação. Mas não o fiz, temendo que esta pudesse ser a rara ocasião em que o pedido fosse garantido. Eu ainda não podia deixar o caso terminar. Disse à juíza que estava pronto para prosseguir com uma defesa.

Minha primeira testemunha era Mary Alice Windsor. Ela chegou escoltada por Cecil Dobbs, que depois sentou-se na primeira fila da galeria. A Sra. Windsor vestia um costume azul pálido com uma blusa de chiffon. Tinha um porte régio enquanto passava diante da bancada e sentava-se no recinto das testemunhas. Ninguém adivinharia que ela havia comido torta de cordeiro no almoço. Muito rapidamente passei pelos esclarecimentos de rotina e estabeleci sua relação profissional e familiar com Louis Roulet. Então pedi à juíza permissão para mostrar à testemunha o canivete que a acusação apresentara como prova no caso.

Com a permissão garantida, fui até o escrivão da corte para recuperar a arma, que ainda estava embrulhada numa sacola transparente de evidência. Estava

dobrado de modo que as iniciais na lâmina ficassem visíveis. Levei o canivete até o recinto das testemunhas e o depositei diante da mãe de Roulet.

— Sra. Windsor, reconhece este canivete?

Ela pegou a sacola e tentou remover o plástico sobre a lâmina de modo a poder enxergar e ler as iniciais.

— Sim, reconheço — disse finalmente. — É o canivete de meu filho.

— E como é que reconheceria um canivete pertencente a seu filho?

— Porque ele o mostrou para mim em mais de uma ocasião. Eu sabia que ele sempre o carregava e às vezes o tinha à mão no escritório quando nossos panfletos chegavam e precisávamos cortar as fitas gomadas dos pacotes. Era muito afiado.

— Há quanto tempo ele tinha o canivete?

— Quatro anos.

— A senhora parece muito precisa a este respeito.

— E sou.

— Como pode estar tão certa?

— Porque ele o comprou para proteção quatro anos atrás. Quase exatamente.

— Proteção contra o quê, Sra. Windsor?

— No nosso ramo com frequência mostramos casas para estranhos completos. Às vezes ficamos sozinhos na casa com esses estranhos. Mais de uma vez um corretor foi roubado ou ferido... ou até assassinado ou estuprado.

— Até onde sabe, Louis algum dia foi vítima de um crime desses?

— Não pessoalmente. Mas ele soube de alguém que foi mostrar uma casa e do que aconteceu...

— O que aconteceu?

— Uma corretora foi estuprada e roubada por um homem com uma faca. Louis foi quem a encontrou depois que aconteceu. Depois disso, a primeira coisa que fez foi sair e encomendar um canivete para proteção.

— Por que um canivete? Por que não um revólver?

— Ele me disse a princípio que ia comprar uma arma de fogo, mas queria alguma coisa que pudesse carregar e não desse muito na vista. Assim comprou um canivete e me deu um também. É por isso que sei que faz quase quatro anos que o comprou.

Ela segurou a sacola que continha o canivete.

— O meu é exatamente igual, só que as iniciais são diferentes. Nós os estivemos carregando desde então.

— Então pareceria que se o seu filho estivesse levando esse canivete na noite de 6 de março seria um comportamento normal da parte dele?

Minton protestou, dizendo que eu não havia construído a base adequada para a Sra. Windsor responder à pergunta. A juíza aceitou o protesto. A Sra. Windsor, inexperiente em direito criminal, presumiu que a juíza lhe estava permitindo responder.

— Ele o carregava todo dia — disse ela. — No dia 6 de março não teria sido dif...

— Sra. Windsor — repreendeu a juíza. — Eu aceitei o protesto. Isto significa que não deve responder. O júri irá desconsiderar a resposta.

— Desculpe — disse a Sra. Windsor em voz fraca.

— Próxima pergunta, Sr. Haller — ordenou a juíza.

— Já encerrei, meritíssima. Obrigado, Sra. Windsor.

Mary Windsor começou a se levantar, mas a juíza a repreendeu novamente, dizendo-lhe para continuar sentada. Voltei para meu assento enquanto Minton se erguia do seu. Meu olhar percorreu a galeria e não vi rostos reconhecíveis exceto o de C. C. Dobbs. Ele deu-me um sorriso encorajador, que ignorei.

O testemunho direto de Mary Windsor tinha sido perfeito em termos de sua participação na coreografia que eu havia montado no almoço. Ela deu sucintamente ao júri a explicação para o canivete, embora também tivesse deixado no seu testemunho um campo minado que Minton teria de atravessar. Seu testemunho direto cobrira não mais do que eu fornecera a Minton em um sumário de descoberta. Se ele se desviasse disso, rapidamente ouviria o *clique* mortal sob seus pés.

— Este incidente que inspirou seu filho a carregar por aí um canivete de mola de 12 centímetros, quando exatamente foi isso?

— Aconteceu em 9 de junho de 2001.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Virei-me no meu assento para poder ver mais plenamente o rosto de Minton. Eu o estava lendo. Ele achava que tinha alguma coisa. A lembrança exata de uma data por parte da Sra. Windsor era indicação óbvia de testemunho plantado. Minton estava excitado, eu poderia dizer.

— Saiu nos jornais alguma notícia sobre este suposto ataque a uma corretora?

— Não, não saiu nada.

— Houve investigação policial?

— Não, não houve.

— E ainda assim sabe a data exata. Como é possível, Sra. Windsor? Deram-lhe esta data antes de vir testemunhar aqui?

— Não, sei a data porque jamais esquecerei o dia em que fui atacada.

Ela esperou um momento. Vi pelo menos três dos jurados abrirem a boca silenciosamente. Minton fez o mesmo. Quase pude ouvir o *clique.*

— Meu filho também nunca esquecerá — continuou Windsor. — Quando ele foi me procurar e me encontrou naquela casa, eu estava amarrada, nua. Havia sangue. Foi traumático para ele me ver daquele jeito. Acho que foi uma das razões para ele passar a andar armado com o canivete. De certa maneira, acho que ele desejava ter chegado lá mais cedo para impedir o ataque.

— Entendo — disse Minton, olhando para suas anotações.

Ficou paralisado, sem saber como prosseguir. Não queria levantar seu pé por medo de que a mina detonasse e explodisse.

— Sr. Minton, mais alguma coisa? — perguntou a juíza, uma nota mal disfarçada de sarcasmo em sua voz.

— Um momento, meritíssima — disse Minton.

O promotor se recuperou, reviu suas anotações e tentou salvar alguma coisa.

— Sra. Windsor, você ou seu filho chamaram a polícia depois que ele a encontrou?

— Não. Louis queria chamar, mas eu não. Achei que isto só aumentaria o trauma.

— Então não houve registro oficial da polícia para este crime, certo?

— Isso mesmo.

Eu sabia que Minton queria ir mais a fundo e perguntar se ela procurara tratamento médico depois do ataque. Mas, pressentindo outra armadilha, não fez a pergunta.

— Portanto o que está dizendo aqui é que só temos a sua palavra de que este ataque ocorreu? Sua palavra e de seu filho, se ele optar por testemunhar.

— Ele ocorreu. Convivo com isso a cada dia de minha vida.

— Mas só temos a sua palavra sobre isso.

Ela fitou o promotor com olhos inexpressivos.

— Isto é uma pergunta?

— Sra. Windsor, veio aqui para ajudar seu filho, não é?

— Se eu puder. Sei que é um bom homem que não teria cometido este crime desprezível.

— Estaria disposta a fazer tudo ao seu alcance para salvar seu filho da condenação e possível prisão, não estaria?

— Mas eu não mentiria sobre uma coisa como esta. Com ou sem juramento, eu não mentiria.

— Mas quer salvar seu filho, não é mesmo?

— Sim.

— E salvá-lo significa mentir por ele, não é?

— Não, não é.

— Obrigado, Sra. Windsor.

Minton voltou rapidamente ao seu assento. Eu só tinha uma pergunta na reinquirição.

— Sra. Windsor, que idade tinha quando este ataque ocorreu?

— Estava com 54.

Voltei a sentar. Minton não tinha mais nada e Windsor foi dispensada. Perguntei à juíza se permitiria que ela sentasse na galeria para o restante do julgamento. Sem nenhuma objeção de Minton, o pedido foi aceito.

Minha próxima testemunha era um detetive do DPLA chamado David Lambkin, que era um especialista nacional em crimes sexuais e que havia trabalhado na investigação do Estuprador Imobiliário. Em breve interrogatório, estabeleci os fatos do caso e os cinco casos relatados de estupro que foram investigados. Rapidamente consegui as cinco respostas-chave de que precisava para apoiar o depoimento de Mary Windsor.

— Detetive Lambkin, qual era a abrangência de idade entre as vítimas conhecidas do estuprador?

— Eram todas profissionais muito bem-sucedidas. Tendiam a ser mais velhas do que a vítima habitual de estupro. Acredito que a mais nova tinha 29 anos e a mais velha 59.

— Então uma mulher de 54 anos se enquadraria no perfil-alvo do estuprador, certo?

— Sim.

— Pode dizer ao júri quando ocorreu o primeiro ataque relatado e quando ocorreu o último?

— Sim. O primeiro foi em 1º de outubro de 2000 e o último em 13 de julho de 2001.

— Então 9 de junho de 2001 cai bem dentro do raio de ação deste chamado Estuprador Imobiliário, certo?

— Sim, certo.

— No decorrer da investigação deste caso, chegou a alguma conclusão ou crença de que houve mais do que cinco estupros cometidos por este indivíduo?

Minton protestou, dizendo que a pergunta suscitava especulação. A juíza aceitou o protesto, mas isso não importava. A pergunta é que era importante, e o júri vendo o promotor impedindo a resposta era o desfecho.

Minton me surpreendeu na sua inquirição. Recuperou-se bem na vacilada com a Sra. Windsor ao atingir Lambkin com três perguntas sólidas com respostas favoráveis à acusação.

— Detetive Lambkin, a força-tarefa que investigou esses estupros deu algum tipo de aviso às profissionais do ramo imobiliário?

— Sim, nós demos. Enviamos panfletos em duas ocasiões. O primeiro foi para todas as imobiliárias licenciadas na área e o segundo enviado individualmente para todos os corretores registrados, homens e mulheres.

— Esses panfletos continham informação sobre a descrição e métodos do estuprador?

— Sim, continham.

— Portanto, se alguém desejasse inventar uma história acerca de sofrer ataque deste estuprador, os panfletos teriam fornecido toda a informação necessária, certo?

— Sim, esta é uma possibilidade.

— Encerrei, meritíssima.

Minton sentou-se orgulhosamente e Lambkin foi dispensado por eu não ter nada mais a perguntar. Pedi à juíza mais alguns minutos para conferenciar com meu cliente e depois me aproximei de Roulet.

— OK, é isso aí — eu disse. — Você é tudo o que nos resta. A não ser que exista mais alguma coisa que não me contou, sua barra está limpa e não há muito que Minton possa fazer para reverter a situação. Você estaria a salvo lá a não ser que se deixe ser enrolado pelo promotor. Ainda está frio com isso?

Roulet dissera o tempo todo que iria depor e negar as acusações. Ele voltara a reiterar seu desejo no almoço. Exigiu isso. Eu sempre enxergava os riscos de deixar um cliente depor. Qualquer coisa que ele dissesse podia voltar para assombrá-lo se a acusação pudesse virar isso a favor da acusação. Mas também sabia que, não importa que advertências fossem dadas a um júri acerca do direito do réu a ficar em silêncio, os jurados sempre queriam ouvir o réu dizer que ele não cometeu o crime. Tire isso dos jurados e eles poderiam ficar ressentidos.

— Quero depor — sussurrou Roulet. — Posso manipular o promotor.

Empurrei a cadeira para trás e me levantei.

— A defesa convoca Louis Ross Roulet, meritíssima.

TRINTA E SEIS

Louis Roulet moveu-se rapidamente para o estrado das testemunhas, como um jogador de basquete saindo do banco de reservas para assinar a súmula e entrar no jogo. Ele parecia um homem ansioso pela oportunidade de se defender. Sabia que sua postura não seria perdida em relação ao júri.

Após renunciar às preliminares, fui direto às questões do caso. Sob meu interrogatório, admitiu livremente que tinha ido ao Morgan's na noite de 6 de março em busca de companhia feminina. Disse que não procurava especificamente os serviços de uma prostituta, mas não descartava a hipótese.

— Já estivera com mulheres a quem tive de pagar antes — disse ele. — Portanto, nada tinha contra isso.

Ele testemunhou que não teve nenhum contato visual consciente com Regina Campo antes que ela o abordasse no bar. Disse que ela tomou a iniciativa, mas na hora não se incomodou com isso. Ele disse que o convite foi às claras. Ela declarou que estaria livre depois das dez e que ele poderia chegar por essa hora, se já não tivesse um encontro marcado.

Roulet descreveu os esforços feitos na hora que se seguiu no Morgan's e depois no Lamplighter para encontrar uma mulher a quem não tivesse de pagar, mas não obteve sucesso. Ele então foi para o endereço que Campo lhe dera e bateu à porta.

— Quem atendeu?

— Ela. Entreabriu a porta e olhou para mim.

— Regina Campo? A mulher que testemunhou esta manha?

— Sim, isso mesmo.

— Pôde ver todo o rosto dela através da abertura da porta?

— Não. Ela só abriu um pouquinho e não pude vê-la. Somente seu olho esquerdo e uma parte pequena do lado direito do rosto.

— Como a porta se abriu? Foi por esta pequena abertura que pôde vê-la no lado esquerdo ou direito?

— Enquanto eu estava olhando para a porta a abertura teria sido para a direita.

— Então vamos nos certificar de deixar isto claro. A abertura foi para a direita, certo?

— Certo.

— Então, se ela estivesse colocada atrás da porta e olhando pela abertura, deveria estar fitando-o com o olho esquerdo.

— Isto é correto.

— Viu o olho direito dela?

— Não.

— Então, se ela tivesse uma contusão, um corte ou qualquer dano do lado direito do rosto, você poderia ter visto?

— Não.

— Certo. O que aconteceu em seguida?

— Ela viu que era eu e me mandou entrar. Abriu totalmente a porta, mas ainda meio escondida atrás dela.

— Não podia vê-la?

— Não completamente. Ela estava usando a beirada da porta como uma espécie de biombo.

— O que aconteceu em seguida?

— Bem, era mais ou menos como uma área de entrada, um vestíbulo, e ela apontou através de uma arcada que dava para uma sala de estar. Segui o caminho que ela indicou.

— Isto significa que ela ficou então atrás de você?

— Sim, quando me voltei em direção à sala de estar, ela estava atrás de mim.

— Ela fechou a porta?

— Acho que sim. Ouvi a porta bater.

— E depois o quê?

— Alguma coisa me golpeou a nuca e caí. Apaguei.

— Sabe quanto tempo ficou desacordado?

— Não. Acho que foi por um bom tempo, mas ninguém, nem a polícia, jamais me contou.

— Do que se lembra quando recobrou a consciência?

— Lembro de ter tido uma dificuldade de respiração e quando abri os olhos havia alguém sentado em cima de mim. Tentei me mover e aí percebi que havia também alguém sentado em minhas pernas.

— O que aconteceu em seguida?

— Ficaram falando para eu não me mover e um deles disse que estavam com meu canivete. Se eu tentasse me mover ou escapar eles iriam usá-lo em mim.

— Foi então que a polícia chegou e você foi preso.

— Sim, poucos minutos depois a polícia estava lá. Eles me algemaram e me puseram de pé. Foi quando vi que havia sangue em meu casaco.

— E quanto à sua mão?

— Não pude ver porque estava algemada às costas. Mas ouvi um dos homens que sentaram em cima de mim dizer ao policial que havia sangue em minha mão e então o guarda colocou uma sacola nela. Senti isso.

— Como o sangue apareceu em sua mão e no casaco?

— Tudo que sei é que alguém pôs o sangue ali, porque não fui eu.

— Você é canhoto?

— Não, não sou.

— Não golpeou a Srta. Campo com seu punho esquerdo?

— Não, não o fiz.

— Ameaçou estuprá-la?

— Não, não o fiz.

— Disse a ela que iria matá-la se não cooperasse com você?

— Não, não o fiz.

Eu estava esperando que Roulet se inflamasse como eu tinha visto naquele primeiro dia no escritório de C. C. Dobbs, mas ele se mostrava calmo e controlado. Decidi que antes de encerrar com ele na inquirição direta eu precisava forçar as coisas um pouco para obter alguma daquela raiva de volta. Dissera a ele no almoço que queria ver isso e não estava certo do que ele estava fazendo ou para onde tinha ido a raiva.

— Você está furioso acerca de ter sido acusado de atacar a Srta. Campo?

— Claro que estou.

— Por quê?

Ele abriu a boca mas não falou. Pareceu ultrajado por eu ter feito tal pergunta. Finalmente respondeu:

— O que quer dizer com “por quê”? Já foi algum dia acusado de alguma coisa que não cometeu e de não haver nada que pudesse fazer senão esperar? Apenas esperar por semanas e meses até finalmente ter uma chance de ir para o tribunal e dizer que foi vítima de uma armação? Mas então ainda tem de esperar mais tempo enquanto o promotor chega com um bando de mentirosos e você tem de ouvir as mentiras deles e apenas esperar sua chance. Claro que isso deixa qualquer um furioso. Sou inocente! Eu não fiz isso!

Estava perfeito. Isso para alguém que tivesse um dia sido falsamente acusado de alguma coisa. Havia mais coisas que eu poderia perguntar, mas lembrei a mim mesmo da regra: entre e saia. Menos é sempre mais. Sentei-me. Se eu decidisse que havia algo que deixara escapar consertaria isso na reinquirição.

Olhei para a juíza.

— É só, meritíssima.

Minton estava de pé e pronto antes que eu sequer voltasse ao meu assento. Seguiu para a tribuna sem afastar o olhar duro como aço de Roulet. Estava mostrando ao júri o que achava deste homem. Seus olhos eram como lasers disparando através da sala. Ele agarrou os lados da tribuna com tanta força que os nós dos dedos embranqueceram. Era tudo um espetáculo para o júri.

— Você nega ter tocado na Srta. Campo — começou ele.

— Isso mesmo — replicou Roulet.

— Segundo diz, ela apenas socou a si mesma ou pediu a um homem que nunca tinha encontrado antes daquela noite que a socasse como parte desta armação. Isto é correto?

— Não sei quem o fez. Tudo que sei é que não fui eu.

— Mas o que está dizendo é que esta mulher, Regina Campo, está mentindo. Que veio a esta corte e mentiu descaradamente para a juíza, o júri e todo mundo.

Minton pontuou a frase sacudindo a cabeça com desaprovação.

— Tudo que sei é que não fiz as coisas de que ela me acusa. A única explicação é de que um de nós está mentindo. E não sou eu.

— Quem irá decidir isto é o júri, não?

— Sim.

— E este canivete que supostamente arranjou para proteção pessoal. Está dizendo a este júri que a vítima neste caso de alguma forma sabia que você tinha um canivete e usou-o como parte da armação?

— Não sei o que ela sabia. Nunca tinha mostrado o canivete para ela ou em um bar onde ela teria visto. Não vejo como ela poderia ter sabido sobre ele. Acho que quando ela revistou meu bolso procurando dinheiro encontrou o canivete. Sempre guardo o canivete e o dinheiro no mesmo bolso.

— Oh, então agora você tem também dinheiro furtado do seu bolso. Quando isto vai terminar, Sr. Roulet?

— Eu tinha quatrocentos dólares comigo. O dinheiro se foi quando me prenderam. Alguém o pegou.

Em vez de tentar encalacrar Roulet sobre o dinheiro, Minton foi esperto o bastante para saber que, não importa como ele manipulasse isto, estaria enfrentando no melhor dos casos uma proposição que não daria em nada. Se tentasse provar que Roulet nunca teve o dinheiro e que seu plano era atacar e estuprar Campo em vez de pagá-la, então ele sabia que eu exibiria a declaração de renda de Roulet, que lançaria séria dúvida à ideia de que ele não podia pagar uma prostituta. Era uma avenida de testemunho comumente chamada pelos advogados de “engarrafamento” e Minton estava permanecendo longe dela. Preparou-se para seu encerramento.

Em estilo dramático, Minton exibiu a foto de Regina Campo com o rosto espancado e contundido.

— Então Regina Campo é uma mentirosa — disse ele.

— Sim.

— Alguém fez isso nela, ou talvez tenha sido ela mesma quem o fez.

— Não sei quem fez.

— Mas não foi você.

— Não, não fui. Eu não faria aquilo com uma mulher. Não machucaria uma mulher.

Roulet apontou para a foto que Minton continuava a segurar.

— Nenhuma mulher merece isso — disse.

Inclinei-me à frente e esperei. Roulet proferiu a fala que eu lhe sugerira para, de alguma forma, achar um meio de colocá-la em uma de suas respostas durante o testemunho. *Nenhuma mulher merece isso.* Foi agora que Minton mordeu a isca. Ele era esperto. Tinha de entender que Roulet acabava de abrir uma porta.

— O que quer dizer com *merece*? Acha que crimes de violência se resumem a uma questão de se a vítima tem o que merece?

— Não, eu não quis dizer dessa maneira. Quero dizer que não importa o modo como ela ganha a vida, não devia ter sido espancada assim. Nenhuma pessoa merece que isso aconteça com ela.

Minton baixou o braço que segurava o foto. Olhou para ela por um momento e depois de volta para Roulet.

— Sr. Roulet, não tenho nada mais a lhe perguntar.

TRINTA E SETE

Ainda sentia que estava ganhando a briga de gilete. Fizera todo o possível para manobrar Minton numa posição na qual ele tivesse apenas uma escolha. Agora era hora de ver se fazer todo o possível tinha sido suficiente. Depois que o jovem promotor sentou-se, optei por não fazer outra pergunta ao meu cliente. Ele se saíra bem sob o ataque de Minton e eu sentia o vento enfunando nossas velas. Levantei-me e olhei atrás para o relógio na parede dos fundos do tribunal. Eram apenas 15h30. Olhei de volta para a juíza.

— Meritíssima, a defesa não tem nada a expor.

Ela assentiu e olhou por sobre minha cabeça para o relógio. Ela disse ao júri para fazer a pausa do meio da tarde. Tão logo os jurados saíram do tribunal, ela olhou para a mesa da acusação, onde Minton estava de cabeça baixa, escrevendo.

— Sr. Minton?

O promotor ergueu a vista.

— Ainda estamos em sessão. Fique atento. A acusação tem réplica?

Minton se levantou.

— Meritíssima, eu pediria que suspendamos a sessão por hoje, de modo que a acusação tenha tempo para considerar as testemunhas para a réplica.

— Sr. Minton, ainda temos pelo menos noventa minutos para cobrir hoje. Eu lhes disse que queria ter um dia produtivo. Onde estão suas testemunhas?

— Para ser franco, meritíssima, eu não estava prevendo o descanso da defesa após apenas três testemunhas e...

— Ele avisou isto claramente na sua declaração de abertura.

— Sei, mas ainda assim o caso correu mais rápido do que eu previa. Estamos meio dia adiantados. Eu pediria a indulgência da corte. Ficaria sob grande pressão para ter na corte as testemunhas de réplica em que estou pensando, até mesmo antes das seis desta noite.

Voltei-me e olhei para Roulet, que havia retornado para o assento junto ao meu. Acenei de cabeça e pisquei o olho esquerdo para ele de modo que a juíza não visse o gesto. Parecia que Minton estava engasgado com a isca. Agora só precisava me certificar de que a juíza não o fizesse cuspi-la fora. Levantei-me.

— Meritíssima, a defesa não faz nenhuma objeção ao adiamento. Talvez possamos usar o tempo para preparar as argumentações de encerramento e as instruções para o júri.

A juíza primeiro olhou para mim com um franzir de cenho intrigado. Era uma raridade que a defesa não objetasse a um arrastar de pés da acusação. Mas então a semente que eu havia plantado começou a brotar.

— Você teve uma boa ideia, Sr. Haller. Se encerrarmos cedo hoje, esperarei que iremos para as declarações de encerramento logo depois da réplica. Sem mais delongas exceto considerar as instruções do júri. Está entendido, Sr. Minton?

— Sim, meritíssima. Estarei pronto.

— Sr. Haller?

— Foi ideia minha, meritíssima. Estarei pronto.

— Muito bem, então. Temos um plano. Tão logo os jurados voltem, eu os dispensarei por hoje. Eles se livrarão do trânsito pesado e amanhã as coisas irão correr tão suave e rapidamente que não tenho dúvida de que o júri vai deliberar ao final da sessão da tarde.

Ela olhou para Minton e depois para mim, como se um de nós ousasse discordar. Como não o fizemos, ela se levantou e deixou a bancada, provavelmente em busca de um cigarro.

Vinte minutos depois, o júri estava indo para casa e eu recolhia minhas coisas na mesa da defesa. Minton aproximou-se e disse:

— Posso falar com você?

Olhei para Roulet e disse-lhe que fosse juntar-se a sua mãe e Dobbs e que o chamaria se precisasse dele para alguma coisa.

— Mas também quero falar com você — disse ele.

— Sobre o quê?

— Sobre tudo. Como acha que me saí lá?

— Saiu-se bem, e tudo está correndo otimamente. Acho que estamos em boa forma.

Então acenei de cabeça para a mesa da acusação, para onde Minton havia retornado, e baixei minha voz para um sussurro.

— Ele sabe disso, também. Está a ponto de fazer outra proposta.

— Deveria ficar aqui para ouvir do que se trata? — perguntou Roulet.

Sacudi a cabeça.

— Não importa o que seja. Há apenas um veredicto, certo?

— Está certo.

Ele bateu no meu ombro quando se levantou e tive que me controlar para não me encolher ao toque.

— Não me toque, Louis — falei. — Se quer fazer alguma coisa por mim, então devolva a porra da minha arma.

Ele não respondeu. Limitou-se a sorrir e seguiu na direção da portinhola. Depois que ele se foi, voltei a olhar para Minton. Ele agora tinha o brilho do desespero no seu olhar. Ele precisava de uma condenação — qualquer condenação — neste caso.

— O que há?

— Tenho outra proposta.

— Estou ouvindo.

— Retirarei mais alguma coisa. Baixarei para agressão simples. Seis meses no condado. Da maneira como eles esvaziam aquele lugar no final de cada mês, ele provavelmente não vai ficar nem sessenta dias, na verdade.

Assenti. Ele estava falando sobre o mandado federal para parar com a superlotação no sistema prisional do condado. Não importa o que se decidia num tribunal; por necessidade, as sentenças eram com frequência abreviadas drasticamente. Era uma boa proposta, mas eu nada demonstrei. Sabia que a proposta tinha que ter vindo do segundo andar. Minton não teria a autoridade para baixar tanto assim.

— Se ele aceitar isso, ela irá roubar tudo dele no processo cível. Duvido que ele vá topar.

— É uma proposta realmente boa — disse Minton.

Houve um indício de ultraje em sua voz. Meu palpite era de que o relatório do observador sobre Minton não foi bom e ele recebeu ordens de encerrar o caso com uma confissão de culpa. Que se dane o processo e o tempo da juíza e do júri, apenas acabe com isso. O escritório de Van Nuys não gostava de perder casos e passara-se apenas dois meses desde o fiasco do caso Robert Blake. Partiam para o acordo quando as coisas não corriam bem. Minton poderia ceder o quanto achasse necessário, contanto que conseguisse alguma coisa. Roulet tinha que ceder — mesmo se fosse apenas por sessenta dias exatos.

— Talvez no seu modo de ver seja uma proposta boa. Mas ainda significa que tenho de convencer um cliente a declarar-se culpado de uma coisa que ele alega não ter feito. Depois, acima de tudo isso, a disposição ainda deixa a porta aberta para a responsabilidade civil. Portanto, enquanto ele estiver preso tentando proteger seu rabo por sessenta dias, Reggie Campo e seu advogado estão bem aí passando o rodo na grana dele. Está vendo? Não é tão bom quando se olha isto do ângulo dele. Se fosse comigo, eu resistiria ao processo. Acho que estamos vencendo. Sei que conseguimos o cara da Bíblia, portanto temos no mínimo um aliado. Mas, quem sabe, talvez precisemos conseguir todos os 12.

Minton bateu com a mão sobre a mesa.

— De que porra está falando? Você sabe que ele fez a coisa, Haller. E seis meses... sem falar em sessenta dias... de pena pelo que ele fez com aquela mulher é uma piada. É uma porra de uma paródia que eu vá perder o sono por isso, mas eles assistiram e acham que você ganhou o júri, portanto tenho que me sujeitar a isso.

Fechei minha maleta com um estalido de autoridade e me levantei.

— Então espero que você consiga algo bom para a réplica, Ted. Porque vou satisfazer seu desejo por um veredicto do júri. E devo lhe dizer, rapaz, que você está parecendo cada vez mais com um cara que chega nu para uma briga de gilete. É melhor você tirar as mãos dos bagos e lutar de volta.

Passei pela portinhola. A meio caminho das portas no fundo do tribunal, parei e olhei de novo para ele.

— Ei, sabe de uma coisa? Se você perder o sono por este ou qualquer outro caso, então é melhor largar a profissão e tentar outra coisa. Porque você não vai conseguir fazer isso, Ted.

Minton sentou-se a sua mesa, olhando direto à frente para a bancada vazia. Ele não entendia o que eu tinha dito. Deixei-o lá pensando a respeito. Achava que eu tinha jogado certo. Descobriria pela manhã.

Voltei ao Four Green Fields para trabalhar no meu encerramento. Eu não precisaria das duas horas que a juíza nos concedera. Pedi uma Guinness no bar e eu mesmo procurei uma mesa para sentar. O atendimento às mesas só começava às seis. Esbocei algumas notas básicas, mas instintivamente sabia que eu estaria amplamente reagindo ao que a acusação havia apresentado. Nas moções preliminares Minton já havia pedido e recebido permissão da juíza Fullbright para usar uma apresentação PowerPoint a fim de ilustrar o caso para o júri. Tornara-se moda entre jovens promotores colocar uma tela com gráficos de computador, como se os jurados não fossem confiáveis para pensar e fazer ligações por conta própria. Agora tinham de ser alimentados por uma tela de TV.

Meus clientes raramente tinham dinheiro para pagar meus honorários, quanto mais apresentações PowerPoint. Roulet era uma exceção. Por meio de sua mãe ele podia até contratar Francis Ford Coppola para montar um PowerPoint para ele, se quisesse. Mas nunca sequer levantei esta hipótese. Era estritamente da velha escola. Gostava de ir para o ringue lutar com o que eu tinha. Minton podia lançar tudo que quisesse na grande tela azul. Quando chegasse minha vez eu queria o júri olhando apenas para mim. Se eu não pudesse convencê-los, nada saído de um computador tampouco poderia.

Às 5h30 liguei para Maggie McPherson no escritório.

— É hora de encerrar o expediente — falei.

— Talvez para vocês, advogados caixa-alta. Nós, servidores públicos, temos que trabalhar até tarde.

— Por que não faz uma pausa e vem se encontrar comigo para uma cerveja e uma torta? Depois você pode voltar e terminar seu trabalho.

— Não, Haller. Não posso fazer isso. Além disso, sei o que você quer.

Achei graça. Nunca houve um tempo em que ela não achasse que sabia o que eu queria. Estava certa a maior parte do tempo, mas não dessa vez.

— É mesmo? O que eu quero?

— Você vai tentar me corromper de novo e descobrir o que Minton está preparando.

— Nenhuma chance, Mags. Minton é um livro aberto. O observador de Smithson está lhe dando notas más. Assim, Smithson lhe disse para desarmar o circo, conseguir alguma coisa e cair fora. Mas Minton esteve trabalhando seu encerramento nessa coisa de PowerPoint e quer jogar, ganhar o jogo totalmente. Além disso, está genuinamente ultrajado, de modo que não gosta da ideia de se dobrar.

— Nem eu. Smithson sempre teve medo de perder... especialmente desde o caso Blake. Ele sempre quer vender barato. Não se pode ser assim.

— Eu sempre disse que eles perderam o caso Blake no minuto em que passaram por cima de você. Diga-lhes isso, Maggie.

— Se algum dia eu tiver a chance.

— Algum dia.

Ela não gostava de alongar-se na sua própria carreira estagnada. Mudou de assunto.

— Você parece animado — disse ela. — Ontem era suspeito de assassinato. Hoje baixou a crista do promotor. O que foi que mudou?

— Nada. É apenas a calmaria que precede a tempestade, acho. Ei, deixe-me perguntar uma coisa. Alguma vez você apressou um exame de balística?

— Que tipo de exame?

— Comparar cápsula com cápsula e bala com bala.

— Depende de quem está fazendo isso... qual departamento, quero dizer. Mas se apressarem para valer, poderiam ter alguma coisa em 24 horas.

Senti o baque surdo do pânico caindo em meu estômago. Eu sabia que estava vivendo de tempo emprestado.

— Na maior parte dos casos, porém, isto não acontece — continuou ela. — Dois ou três dias é o tempo que geralmente se leva num pedido de pressa. E se você quiser o pacote completo, comparações de cápsula e bala, poderia levar mais tempo, porque a bala poderia estar danificada e difícil de ler. Eles têm que trabalhar com isso.

Assenti. Não achava que nada disso pudesse me ajudar. Sabia que tinham recuperado a cápsula e uma bala na cena do crime. Se Lankford e Sobel obtivessem uma comparação da cápsula com uma bala disparada cinquenta anos atrás pela arma de Mickey Cohen, viriam primeiro me buscar e se preocupar depois com a comparação das balas.

— Você continua aí? — perguntou Maggie.

— Sim, estava só pensando numa coisa.

— Você não está mais parecendo animado. Quer falar sobre isso, Michael?

— Não, no momento não. Mas se eu terminar precisando de um bom defensor, você sabe quem chamarei.

— Será o grande dia.

— Você poderia se mostrar surpresa.

Deixei cair mais um silêncio na conversa. Era simplesmente reconfortante tê-la do outro lado da linha. Gostei disso.

— Haller, preciso voltar a meu trabalho agora.

— OK, Maggie, prenda aqueles bandidos.

— Farei isso.

— Boa noite.

Fechei o celular e pensei sobre as coisas por alguns momentos, depois o abri de novo e liguei para o Sheraton Universal para ver se tinham um quarto disponível. Havia decidido que, por precaução, não voltaria para casa esta noite. Dois detetives de Glendale poderiam estar me esperando.

TRINTA E OITO

Quarta-feira, 25 de maio

Após uma noite insone num quarto de hotel ruim, fui cedo para o tribunal na quarta-feira de manhã e não encontrei nenhum comitê de recepção, nada de detetives me esperando com sorrisos e um mandado de prisão. Um lampejo de alívio me percorreu enquanto passava pelo detector de metais. Estava usando o mesmo terno do dia anterior e esperava que ninguém notasse. Mas estava com camisa e gravata novas. Mantinha umas de reserva no porta-malas do Lincoln para os dias de verão em que estava trabalhando no deserto e o ar-condicionado do carro podia ficar sobrecarregado.

Quando entrei no tribunal da juíza Fullbright fiquei surpreso ao descobrir que não fui o primeiro dos atores do julgamento a chegar. Minton estava na galeria, montando a tela para sua apresentação PowerPoint. Como o tribunal havia sido projetado antes da era das apresentações realçadas por computador, não havia lugar para colocar uma tela de 3,6 m à plena visão da juíza, do júri e dos advogados. Uma boa parte do espaço da galeria seria ocupada pela tela, e todo espectador que sentasse atrás dela não poderia ver o espetáculo.

— Você madrugou — eu disse a Minton.

Ele olhou por cima do seu trabalho e pareceu um pouco surpreso por me ver chegar também tão cedo.

— Tenho de trabalhar na logística disso tudo. É um pé no saco.

— Você sempre poderia fazer da velha e boa maneira e simplesmente olhar para os jurados e falar direto com eles.

— Não, obrigado. Acho melhor assim. Falou com seu cliente sobre minha proposta?

— Sim, não tem acordo. Parece que vamos ter que levar isto até o fim.

Pus minha maleta sobre a mesa da defesa e imaginei se o fato de Minton estar montando tudo para sua argumentação de encerramento significava que ele decidira desistir de qualquer tipo de réplica. Uma dor aguda de pânico me penetrou. Olhei para a mesa da acusação e nada vi que me desse uma pista do

que Minton estava planejando. Sabia que podia me arriscar a perguntar-lhe mas não queria abrir mão de minha aparência de confiança desinteressada.

Em vez disso, caminhei até a mesa do escrivão para falar com Bill Meehan, o comissário que administrava o tribunal da juíza Fullbright. Vi sobre a mesa um monte de papéis. Deviam ser a pauta de audiência e a lista de custódias passadas à corte naquela manhã.

— Bill, estou indo buscar uma xícara de café. Vai querer alguma coisa?

— Não, cara, obrigado. Parei com a cafeína. Por enquanto, pelo menos.

Sorri e assenti.

— Ei, esta é a lista de custódia? Posso dar uma olhada e ver se tem algum cliente meu incluído?

— Claro.

Meehan passou-me várias páginas que estavam grampeadas. Era uma listagem por nome de cada recluso que estava agora abrigado nos cárceres do palácio da justiça. Seguindo-se ao nome estava o tribunal a que cada prisioneiro era encaminhado. Agindo com a maior indiferença possível, examinei a lista e logo encontrei o nome Dwayne Jeffery Corliss. O dedo-duro de Minton estava no prédio e encaminhado ao tribunal da juíza Fullbright. Quase soltei um suspiro de alívio, mas me contive. Parecia que Minton ia proceder do jeito que eu tinha esperado e planejado.

— Algo errado? — perguntou Meehan.

Olhei para ele e devolvi a lista.

— Não, por quê?

— Não sei. Você parece como se alguma coisa tivesse acontecido, é tudo.

— Nada ainda aconteceu, mas acontecerá.

Deixei o tribunal e desci até a cafeteria no segundo andar. Quando estava na fila para pagar minha conta, vi Maggie McPherson chegar e seguir direto para as máquinas de café. Depois de pagar, fui para trás dela, que misturava pó de uma embalagem cor-de-rosa ao seu café.

— Sweet N’Low — falei. — Minha ex-mulher costumava me dizer como gostava disso.

Ela virou-se e me fitou.

— Pare, Haller.

Mas ela sorriu.

— Pare, Haller, ou irei gritar — repliquei. — Ela costumava dizer isso, também. Bastante.

— O que está fazendo? Não deveria estar de pé às seis para ficar pronto para bombardear o PowerPoint de Minton?

— Não estou preocupado. De fato, você devia subir e verificar. A velha escola contra a nova escola, uma batalha para ficar na História.

— Dificilmente. Aliás, este não é o mesmo terno que você estava usando ontem?

— É, é o meu terno de sorte. Mas como soube que o usei ontem?

— Oh, enfiei a cabeça na porta do tribunal da Fullbraba por dois minutos ontem. Você estava ocupado demais interrogando o seu cliente para notar.

Fiquei secretamente satisfeito por ela até mesmo ter reparado em minha roupa. Sabia que isto significava alguma coisa.

— Então, por que não enfia sua cabeça também esta manhã?

— Hoje não posso. Vou estar muito ocupada.

— O que você conseguiu?

— Estou assumindo um caso de assassinato por Andy Seville. Ele está saindo para trabalhar por conta própria e ontem os casos dele foram divididos. Consegui o melhor.

— Ótimo. O réu precisa de um advogado?

— De jeito nenhum, Haller. Não vou perder mais uma para você.

— É só uma brincadeira. Já estou assoberbado.

Ela tapou sua xícara e levou-a até o balcão, usando uma camada de guardanapos como isolante contra seu calor.

— A mesma coisa aqui. Eu gostaria de desejar-lhe boa sorte hoje, mas não posso.

— Sim, eu sei. Vestir a camisa da firma. Simplesmente animar Minton quando ele chegar com o chapéu na mão.

— Tentarei.

Ela saiu da cafeteria e caminhei até uma mesa vazia. Ainda tinha quinze minutos antes do julgamento que ia recomeçar. Peguei o celular e liguei para minha segunda ex-mulher.

— Lorna, sou eu. Vamos jogar com Corliss. Está preparada?

— Estou pronta.

— OK, só queria verificar. Ligarei para você.

— Boa sorte hoje, Mickey.

— Obrigado, vou precisar. Esteja a postos para a próxima chamada.

Fechei o celular e já ia me levantar quando vi o detetive Howard Kurlen, do DPLA, abrir caminho entre as mesas em minha direção. O homem que pôs Jesus Menendez na prisão não parecia estar parando para comer um sanduíche de manteiga de amendoim com sardinha. Estava carregando um documento dobrado. Chegou à minha mesa e jogou-o diante da minha xícara de café.

— Que merda é essa? — perguntou.

Comecei a desdobrar o documento, muito embora já soubesse do que se tratava.

— Parece uma intimação, detetive. Achava que você já soubesse o que é isto.

— Você sabe a que me refiro, Haller. Qual é o jogo? Não tenho mais nada a ver com aquele caso e não quero participar de sua babaquice.

— Não é nenhum jogo e nenhuma babaquice. Você foi intimado como testemunha de réplica.

— Para replicar o quê? Já lhe disse e você já sabe: não tenho porra nenhuma a ver com a merda desse caso. É um caso de Marty Booker. Acabei de falar com ele, que disse que deve ter sido um engano.

Assenti como se desejasse pôr panos quentes.

— Vou lhe explicar. Vá ao tribunal e tome um assento. Se for um engano, consertarei isso tão logo eu possa. Duvido que passará mais de uma hora lá. Eu o liberarei para voltar a caçar os bandidos.

— E quanto a isso: saio agora e você passa essa porra a quem bem entender?

— Não posso fazer isso, detetive. É uma intimação válida e legal e você deve comparecer ao tribunal a não ser que seja de outra forma dispensado. Eu lhe disse, farei isto tão breve quanto puder. A acusação arranjou uma testemunha e então chega a minha vez e cuidarei disso.

— Isso tudo é uma babaquice.

Ele me deu as costas e atravessou de volta a cafeteria rumo à saída. Ainda bem que havia deixado a intimação comigo, porque era falsa. Eu nunca a havia registrado com o escrivão do tribunal e a assinatura garatujada embaixo era a minha.

Babaquice ou não, não achei que Kurlen iria embora do tribunal. Era um homem que entendia o dever e a lei. Vivia disso. Era com o que eu estava contando. Ele iria ao tribunal até ser dispensado. Ou até entender por que eu o convocara.

TRINTA E NOVE

Às 9h30 a juíza pôs o júri no seu recinto e imediatamente procedeu aos trabalhos do dia. Relanceei para a galeria e captei a visão de Kurlen na última fileira. Tinha um ar pensativo, se não furioso, no rosto. Estava próximo à porta e eu não sabia quanto tempo ele ia resistir. Imaginava se ia precisar daquela hora inteira sobre a qual falei com ele.

Alonguei meu olhar em torno da sala e vi que Lankford e Sobel estavam sentados num banco perto da mesa do oficial de justiça designado para os agentes da lei. Seus rostos nada revelavam, mas ainda assim me deixavam na incerteza. Imaginei se sequer teria a hora de que precisava.

— Sr. Minton — entoou a juíza —, a acusação tem alguma réplica?

Voltei-me para a corte. Minton se levantou, ajustou o paletó e depois pareceu hesitar e abraçou a si mesmo antes de responder.

— Sim, meritíssima. A acusação convoca Dwayne Jeffery Corliss como testemunha da réplica.

Levantei-me e notei que à minha direita Meehan, o oficial de justiça, se levantava também. Estava indo ao cercado do tribunal para buscar Corliss.

— Meritíssima? — falei. — Quem é Dwayne Jeffery Corliss e por que não me falaram sobre ele antes?

— Comissário Meehan, espere um minuto — disse Fullbright.

Meehan ficou parado com a chave do cercado em sua mão. A juíza então pediu desculpas aos jurados mas disse-lhes que tinham de voltar para a sala de deliberação até que fossem reconvocados. Depois que saíram em fila pela porta atrás do seu recinto, a juíza voltou a se focalizar em Minton.

— Sr. Minton, quer nos contar sobre sua testemunha?

— Dwayne Corliss é uma testemunha que falou com o Sr. Roulet quando ele estava em custódia após sua detenção.

— Besteira! — rugiu Roulet. — Eu não falei com...

— Cale-se, Sr. Roulet — repreendeu a juíza. — Sr. Haller, instrua o seu cliente sobre o perigo de explosões de raiva no meu tribunal.

— Obrigado, meritíssima.

Eu ainda estava de pé. Inclinei-me para sussurrar no ouvido de Roulet.

— Isso foi perfeito — eu disse. — Agora fique frio que eu assumo a partir daqui.

Ele assentiu e recostou-se, cruzando os braços furiosamente. Aprumei-me.

— Desculpe, meritíssima, mas compartilho o ultraje do meu cliente em relação a este esforço de último cartucho da acusação. Esta é a primeira vez que ouvi falar do Sr. Corliss. Gostaria de saber quando ele se apresentou com esta suposta conversa.

Minton havia permanecido de pé. Achei que era a primeira vez no julgamento em que ficamos de pé lado a lado, argumentando com a juíza.

— O Sr. Corliss fez o primeiro contato conosco através de uma promotora que cuidou da aparição inicial do réu — disse Minton. — Contudo, essa informação não me foi passada até ontem, quando numa reunião de equipe me perguntaram por que nunca agi baseado nela.

Isto era uma mentira, mas não uma que eu quisesse expor. Se o fizesse revelaria a escorregada de Maggie McPherson no Dia de São Patrício e poderia também melar o meu plano. Tinha de ser cauteloso. Eu precisava argumentar vigorosamente contra Corliss ao assumir o estrado, mas também precisava perder o argumento.

Pus no rosto o ar mais ultrajado.

— Isto é incrível, meritíssima. Só porque o escritório da promotoria teve um problema de comunicação, meu cliente vai sofrer as consequências de não ter sido informado de que a acusação tinha uma testemunha contra ele? Este homem claramente não deveria ter permissão de testemunhar. É tarde demais para trazê-lo agora.

— Meritíssima — disse Minton, pulando em pé rapidamente. — Não tive nenhum tempo para entrevistar ou descartar o Sr. Corliss pessoalmente. Como estava preparando meu encerramento, simplesmente arranjei para ele ser trazido aqui hoje. O testemunho dele é a chave para o caso da acusação porque serve como réplica às declarações em proveito próprio do Sr. Roulet. Não permitir seu depoimento é um grave desserviço ao estado.

Balancei a cabeça e sorri com frustração. Com sua última frase Minton estava ameaçando a juíza com a perda do apoio da promotoria se algum dia enfrentasse uma eleição com um candidato de oposição.

— Sr. Haller? — perguntou a juíza. — Alguma coisa antes que eu decida?

— Eu só queria registrar meu protesto.

— Está anotado. Se eu lhe permitir que investigue e entreviste o Sr. Corliss, de quanto tempo vai precisar?

— Uma semana.

Agora Minton pôs o sorriso falso e sacudiu a cabeça.

— Isto é ridículo, meritíssima.

— Você quer ir lá e falar com ele? — perguntou-me a juíza. — Permitirei.

— Não, meritíssima. Até onde sei, todos os alcaguetes de prisão são mentirosos. Não me faria nenhum bem entrevistá-lo porque qualquer coisa saída de sua boca seria uma mentira. Qualquer coisa. Além disso, não é o que ele tem a dizer. É o que outros têm a dizer sobre ele. É por isso que eu precisaria de tempo.

— Então vou decidir que ele pode testemunhar.

— Meritíssima — retruquei —, se vai admiti-lo neste tribunal, eu poderia pedir uma indulgência para a defesa?

— O que é, Sr. Haller?

— Eu gostaria de ir até o corredor e dar um rápido telefonema para um investigador. Levará menos de um minuto.

A juíza pensou por um momento e depois assentiu.

— Vá em frente. Chamarei o júri enquanto faz isso.

— Obrigado.

Apressei-me, passando pela portinhola e descendo a ala central. Meus olhos captaram os de Howard Kurlen e ele me deu um de seus melhores sorrisos afetados.

No corredor liguei para Lorna Taylor, que atendeu de imediato.

— OK, a que distância você está?

— A uns 15 minutos daí.

— Lembrou-se do material impresso e da fita?

— Está tudo bem aqui.

Consultei o relógio. Quinze para as dez.

— Bem, vamos exibi-los. Não demore para chegar aqui, mas quando chegar quero que espere no vestíbulo fora do tribunal. Então, às 10h15, você entra e me passa o material. Se eu estiver interrogando a testemunha, apenas sente-se na primeira fila até eu notar você.

— Entendido.

Fechei o celular e voltei para o tribunal. O júri estava sentado e Meehan trazia um homem em macacão cinzento através da porta do cercado. Dwayne Corliss era um homem magro com cabelo viscoso que não estava sendo lavado o bastante no programa de desintoxicação no County-USC. Usava no pulso uma identificação de plástico azul do hospital. Eu o reconheci. Era o homem que me tinha pedido um cartão quando entrevistei Roulet na cela de reclusão no meu primeiro dia no caso.

Corliss foi trazido por Meehan até o recinto das testemunhas e o escrivão o juramentou. Minton assumiu o espetáculo a partir daí.

— Sr. Corliss, foi preso em 15 de março deste ano?

— Sim, a polícia me prendeu por roubo e posse de drogas.

— Está encarcerado agora?

Corliss olhou em volta.

— Hã, acho que não. Estou apenas no tribunal.

Ouvi a risada vulgar de Kurlen atrás de mim, mas ninguém o acompanhou.

— Não, eu quis dizer se você está atualmente na prisão. Quando não estiver aqui no tribunal.

— Estou num programa de desintoxicação na enfermaria carcerária do Centro Médico USC do condado de Los Angeles.

— Você é viciado em drogas?

— Sim. Sou viciado em heroína, mas no momento estou limpo. Nunca mais tomei pico desde que fui preso.

— Mais de sessenta dias.

— É isso aí.

— Reconhece o réu que está sendo julgado?

Corliss olhou para Roulet e assentiu.

— Sim, reconheço.

— Por que isso?

— Porque o encontrei num cercado depois de ser preso.

— Está dizendo que depois de ser preso esteve em proximidade estreita com o réu, Louis Roulet?

— Sim, no dia seguinte.

— Como isso aconteceu?

— Bem, estávamos na prisão de Van Nuys, mas em pavilhões diferentes. Depois, quando nos trouxeram aqui para as cortes, ficamos juntos, primeiro no ônibus e depois no cercado, e então quando fomos trazidos ao tribunal para a primeira aparição. Ficamos juntos por todo esse tempo.

— Quando você diz “juntos”, o que isso significa?

— Bem, ficamos um tanto juntos porque éramos os únicos caras brancos no grupo.

— Bem, você conversaram enquanto estiveram juntos por todo esse tempo?

Corliss meneou a cabeça ao mesmo tempo que Roulet meneava a dele. Toquei o braço de meu cliente para preveni-lo a não mais fazer manifestações.

— Sim, conversamos — disse Corliss.

— Sobre o quê?

— Principalmente sobre cigarros. Nós dois estávamos aflitos por cigarros, mas não nos deixavam fumar na prisão.

Corliss fez um gesto de o-que-se-pode-fazer com ambas as mãos e alguns dos jurados — provavelmente fumantes — riram e assentiram.

— Chegou a um ponto em que perguntou ao Sr. Roulet por que ele foi preso? — perguntou Minton.

— Sim, perguntei.

— E o que ele disse?

Rapidamente me levantei e protestei, mas o protesto foi indeferido com a mesma rapidez.

— O que foi que ele lhe disse, Sr. Corliss? — insistiu Minton.

— Bem, primeiro ele me perguntou por que eu estava lá e contei. Assim, depois perguntei a ele por que foi preso e ele disse: “Por dar a uma puta exatamente o que ela merecia.”

— Foram estas suas palavras?

— Sim.

— Pensou um pouco mais no que ele quis dizer com isso?

— Não, realmente não.

Inclinei-me à frente, esperando que Minton fizesse a próxima pergunta óbvia. Mas ele não o fez. Moveu-se.

— Agora, Sr. Corliss, algo lhe foi prometido por mim ou pela promotoria em troca do seu testemunho?

— Não. Apenas achei que era a coisa certa a fazer.

— Qual é a posição do seu caso?

— Ainda tenho as acusações contra mim, mas parece que, se eu completar meu programa, elas poderão ser retiradas. As de droga, pelo menos. Sobre a de roubo ainda não sei.

— Mas não fiz nenhuma promessa de ajuda a este respeito, certo?

— Não, não fez.

— Alguém mais da promotoria fez quaisquer promessas?

— Não, senhor.

— Não tenho mais perguntas.

Eu estava sentado imóvel, apenas olhando fixamente para Corliss. Minha postura era aquela de um homem que estava furioso mas que não sabia exatamente o que fazer a respeito. Por fim, a juíza impeliu-me à ação.

— Sr. Haller, há inquirição?

— Sim, meritíssima.

Levantei-me, olhando para a porta como se esperando que um milagre entrasse por ela. Então consultei o grande relógio na porta de trás e vi que passavam cinco minutos das dez. Notei, enquanto me virava para a testemunha, que não havia perdido Kurlen. Ele ainda estava na última fila e conservava o

mesmo sorriso escarninho no rosto. Dei-me conta de que esta poderia ser sua aparência natural.

Voltei-me para a testemunha.

— Sr. Corliss, que idade tem?

— Quarenta e três.

— É chamado de Dwayne?

— Isso mesmo.

— Algum outro nome?

— Me chamavam de D.J. quando eu era garoto. Todo mundo me chamava assim.

— E onde foi criado?

— Em Mesa, Arizona.

— Sr. Corliss, quantas vezes já foi preso antes?

Minton protestou, mas a juíza indeferiu. Eu sabia que ela ia me dar um bocado de espaço com esta testemunha, já que eu era quem supostamente havia sido trapaceado.

— Quantas vezes já foi preso antes, Sr. Corliss? — repeti a pergunta.

— Acho que sete.

— Então já passou por diversas cadeias nesse tempo, não é?

— Pode apostar.

— Todas no condado de Los Angeles?

— A maioria. Mas também fui preso antes em Phoenix.

— Portanto sabe como o sistema funciona, não sabe?

— Tento apenas sobreviver.

— E às vezes sobreviver significa dedurar seus colegas de prisão, não é?

— Meritíssima? — disse Minton, levantando-se para protestar.

— Sente-se, Sr. Minton — ordenou Fullbright. — Concedi-lhe um bocado de tolerância por trazer esta testemunha. O Sr. Haller vai ter o mesmo direito agora. A testemunha responderá à pergunta.

A estenógrafa leu a pergunta para Corliss.

— Suponho que sim.

— Quantas vezes dedurou um outro preso?

— Não sei. Algumas.

— Quantas vezes testemunhou para a promotoria num julgamento?

— Incluindo meus próprios casos?

— Não, Sr. Corliss. Para a acusação. Quantas vezes testemunhou contra um colega recluso para a acusação?

— Acho que essa é a quarta vez.

Parei surpreso e assustado, embora não estivesse nem um pouco.

— Então você é um profissional, não é? Seria quase possível dizer que sua profissão é dedo-duro de prisão viciado em drogas.

— Eu apenas disse a verdade. Se as pessoas me dizem coisas que são más, então me sinto na obrigação de relatar.

— Mas você tenta fazer com que as pessoas lhe contem coisas, não é?

— Não, realmente não. Acho que sou apenas um sujeito amigável.

— Um sujeito amigável. Então o que espera em que este júri acredite é que um homem que você não conhecia, um estranho perfeito, surgiu do nada e lhe contou que deu a uma prostituta exatamente o que ela merecia. Isto é correto?

— É o que ele disse.

— Então ele simplesmente mencionou isto para você e que depois só voltaram a conversar sobre cigarros, afinal.

— Não exatamente.

— Não exatamente? O que quer dizer com “não exatamente”?

— Ele também me disse que fez isso antes. Disse que se saiu dessa roubada antes e que iria sair agora. Estava se gabando disso porque da outra vez matou a puta e escapou impune.

Congelei por um momento. Depois relanceei para Roulet, que se sentava tão rígido quanto uma estátua com surpresa no rosto, e depois de volta para a testemunha.

— Você...

Comecei e parei, agindo como se eu fosse o homem no campo minado que acabara de ouvir o *clique* debaixo dos pés. Na minha visão periférica, notei o corpo de Minton enrijecer.

— Sr. Haller? — intimou a juíza.

Desviei meu olhar de Corliss e olhei para ela.

— Meritíssima, não tenho mais perguntas por enquanto.

QUARENTA

Minton levantou-se como um pugilista saindo do seu córner para o adversário sangrando.

— Reinquirição, Sr. Minton? — perguntou a juíza Fullbright.

Mas ele já estava na tribuna.

— Certamente, meritíssima.

Ele olhou para o júri como para sublinhar a importância da barganha iminente e depois para Corliss.

— Você disse que ele estava se gabando, Sr. Corliss. Como assim?

— Bem, ele me contou na ocasião que realmente matou uma garota e escapou impune.

Levantei-me.

— Meritíssima, isto nada tem a ver com o caso em questão e é uma réplica a nenhuma prova previamente oferecida pela defesa. A testemunha não pode...

— Meritíssima — cortou Minton —, isto é informação apresentada pelo advogado de defesa. A acusação tem o direito de persegui-la.

— Permitirei — disse Fullbright.

Sentei-me e parecia abatido. Minton seguiu em frente. Ele estava indo justamente para onde eu queria que fosse.

— Sr. Corliss, o Sr. Roulet forneceu algum tipo de detalhe deste incidente anterior do qual disse que escapou impune após matar uma mulher?

— Ele chamou a garota de dançarina de serpente. Ela dançava numa espelunca onde atuava numa espécie de poço de serpentes.

Senti Roulet apertar os dedos em volta do meu bíceps. Seu hálito ao meu ouvido.

— Que porra é essa? — sussurrou.

Virei-me para ele.

— Não sei. Que diabo você contou a esse cara?

Ele sussurrou de volta através dos dentes trincados:

— Eu não lhe contei nada. Isto é uma armação. Você armou para cima de mim!

— Eu? Do que está falando? Não tive acesso a este cara no County-USC. Se você não contou a ele esta merda, então alguém mais o fez. Comece a pensar. Quem?

Virei-me e olhei para Minton de pé na tribuna e continuando a interrogar Corliss.

— O Sr. Roulet contou algo mais sobre a dançarina que disse ter assassinado? — perguntou.

— Não, isso foi realmente tudo o que ele me contou.

Minton verificou as anotações para ver se havia algo mais, depois assentiu consigo mesmo.

— Nada mais, meritíssima.

A juíza olhou para mim. Pude quase ver simpatia no seu rosto.

— Alguma reinquirição da defesa com esta testemunha?

Antes que eu pudesse responder, houve um ruído do fundo do tribunal e virei-me para ver Lorna Taylor entrando. Ela caminhou apressadamente pela ala até a portinhola.

— Meritíssima, me dá um momento para conferenciar com minha equipe?

— Apresse-se, Sr. Haller.

Encontrei Lorna na portinhola e recebi dela um videoteipe com um único recorte de jornal enrolado em torno dele com um elástico. Conforme tinha sido instruída antes para fazer, ela sussurrou no meu ouvido:

— É aqui onde eu atuo como se estivesse sussurrando algo muito importante no seu ouvido — disse ela. — Como está indo?

Assenti enquanto tirava o elástico da fita e olhava para o recorte de jornal.

— Cronometragem perfeita — sussurrei de volta. — Estou pronto para prosseguir.

— Posso ficar e assistir?

— Não, quero você fora daqui. Não quero ninguém falando com você depois que isto for derrubado.

Acenei com a cabeça, ela também e depois saiu. Voltei à tribuna.

— Nenhuma reinquirição, meritíssima.

Sentei-me e esperei. Roulet agarrou meu braço.

— O que está fazendo?

Afastei-o.

— Pare de tocar em mim. Temos nova informação que não podemos revelar.

Focalizei-me na juíza.

— Mais testemunhas, Sr. Minton? — perguntou ela.

— Não, meritíssima. Não tem mais réplica.

A juíza assentiu.

— A testemunha está dispensada.

Meehan começou a atravessar o tribunal para buscar Corliss. A juíza olhou para mim e comecei a me levantar.

— Tréplica, Sr. Haller?

— Sim, meritíssima, a defesa gostaria de reconvocar D.J. Corliss ao estrado como tréplica.

Meehan parou e todos os olhos se fixaram em mim. Levantei a fita e o jornal que Lorna me trouxera.

— Obtive informação nova sobre o Sr. Corliss, meritíssima. Talvez não a tenha abordado na inquirição.

— Muito bem, prossiga.

— Pode me conceder um momento, meritíssima?

— Bem curto.

Juntei-me a Roulet de novo.

— Olhe, não sei o que vai haver, mas isto não importa — sussurrei.

— O que quer dizer com não importa? Você está...

— Ouça-me. Não importa porque ainda posso destruí-lo. Não importa que ele diga que você matou vinte mulheres. Se ele é um mentiroso, é um mentiroso. Se eu o destruir, nada disso conta. Entende?

Roulet assentiu e pareceu acalmar-se enquanto avaliava isso.

— Então destrua-o.

— Eu o farei. Mas preciso saber. Existe alguma coisa mais que ele sabe e que poderia surgir? Existe algo que preciso deixar de fora?

Roulet sussurrou lentamente, como se explicando a uma criança.

— Não sei porque nunca falei com ele. Não sou tão idiota a ponto de ter uma conversa sobre cigarros e assassinato com a porra de um completo estranho!

— Sr. Haller — instou a juíza.

Olhei para ela.

— Sim, meritíssima.

Carregando a fita e o recorte de jornal que veio com ela, me levantei para voltar à tribuna. No caminho dei uma rápida olhada através da galeria e vi que Kurlen tinha ido embora. Não tive nenhum meio de saber por quanto tempo ele havia permanecido e o que ouvira. Lankford também se fora. Apenas Sobel permanecia e desviava os olhos dos meus. Voltei minha atenção para Corliss.

— Sr. Corliss, pode dizer ao júri onde estava exatamente quando o Sr. Roulet supostamente lhe fez estas revelações acerca do assassinato e agressão?

— Quando estivemos juntos.

— Juntos onde, Sr. Corliss?

— Bem, na viagem de ônibus não conversamos porque estávamos em bancos diferentes. Mas quando chegamos ao tribunal, estivemos na mesma cela de reclusão com cerca de meia dúzia de outros caras. Sentamos juntos lá e conversamos.

— E toda essa meia dúzia de homens testemunhou você e o Sr. Roulet conversando, certo?

— Claro, eles estavam lá.

— Então, o que está dizendo é que se eu os trouxesse aqui um por um e lhes perguntasse se viram você e o Sr. Roulet conversando, eles confirmariam?

— Bem, deveriam, mas...

— Mas o quê, Sr. Corliss?

— Acontece que eles provavelmente não iriam falar, isto é tudo.

— Isto é porque ninguém gosta de um dedo-duro, Sr. Corliss?

Corliss deu de ombros.

— Acho que sim.

— OK, então deixe-me pôr em ordem tudo isto. Vocês não conversaram no ônibus, mas você falou com o Sr. Roulet quando estiveram juntos na cela de reclusão. Onde mais?

— É, conversamos quando nos transferiram para o tribunal. Eles nos botam naquela área envidraçada e esperamos até nosso caso ser chamado. Também conversamos um pouco lá, até que o caso dele foi chamado. Ele seguiu primeiro.

— Isto é na corte de citação, onde fez sua primeira aparição diante de um juiz?

— Exatamente.

— Então conversaram na corte e este é o lugar onde o Sr. Roulet teria revelado sua participação nos crimes que você descreveu.

— Exatamente.

— Lembra-se especificamente do que ele lhe contou quando estiveram no tribunal?

— Não, realmente não. Nada de específico. Acho que poderia ter sido quando ele me contou sobre a garota que era uma dançarina.

— OK, Sr. Corliss.

Ergui a fita e a descrevi como o vídeo da primeira aparição de Louis Roulet e pedi para incluí-lo como uma exibição da defesa. Minton tentou bloqueá-lo como algo que eu não havia produzido durante a descoberta, mas isto foi fácil e rapidamente derrubado pela juíza sem eu ter de argumentar a questão. Ele então tentou protestar de novo, citando a falta de autenticação da fita.

— Estou apenas tentando poupar algum tempo da corte — eu disse. — Caso necessário, posso ter o homem que gravou a fita aqui presente dentro de uma

hora para autenticá-la. Mas acho que a própria meritíssima poderá fazer isto com apenas uma olhada.

— Vou permitir — disse a juíza. — Uma vez que tenhamos visto, a acusação pode protestar, se for do seu interesse.

A unidade de TV e vídeo que eu usara anteriormente foi empurrada através do tribunal e posicionada em um ângulo visível por Corliss, pelo júri e pela juíza. Minton teve de levar uma cadeira para o lado do recinto do júri para ter uma visão plena. A fita foi exibida. Durava vinte minutos e mostrava Roulet desde o momento em que entrava na área de custódia do tribunal até ser levado para a audiência de fiança. Em nenhum momento Roulet aparecia falando com alguém a não ser comigo. Quando a fita terminou, deixei a TV no mesmo lugar, caso fosse necessário repetir. Dirigi-me a Corliss com um tom ultrajado em minha voz.

— Sr. Corliss, viu em qualquer parte daquele vídeo um momento em que você e o Sr. Roulet estivessem conversando?

— Hã, não. Eu...

— Ainda assim testemunhou sob juramento e punição por perjúrio que ele lhe confessou crimes enquanto estavam no tribunal, não foi?

— Sei que disse, mas devo ter me equivocado. Ele deve ter me contado na cela de reclusão.

— Você mentiu para o júri, não foi?

— Eu não pretendia. Essa foi a maneira como recordei, mas acho que estava errado. Eu estava saindo de um barato naquela manhã. As coisas ficaram confusas.

— Assim pareceria. Deixe-me perguntar: as coisas foram confundidas quando testemunhou contra Frederic Bentley em 1989?

Corliss uniu as sobrancelhas em concentração, mas não respondeu.

— Lembra de Frederic Bentley, não lembra?

Minton se ergueu.

— Protesto. Em 1989? Aonde ele quer chegar com isso?

— Meritíssima — eu disse. — Isto se refere à veracidade da testemunha. Por certo é pertinente aqui.

— Ligue os pontos, Sr. Haller — ordenou a juíza. — E depressa.

— Sim, meritíssima.

Peguei o recorte do jornal e usei-o como adereço durante minhas perguntas finais a Corliss.

— Em 1989, Frederic Bentley foi condenado, com sua ajuda, por estuprar uma garota de 16 anos na cama dela em Phoenix. Está lembrado?

— Muito mal — disse Corliss. — Eu já me enchia de drogas desde aquele tempo.

— Você testemunhou no julgamento de Bentley que ele lhe confessou o crime quando estavam juntos no xadrez de uma delegacia. Isto não é correto?

— Como eu disse, tenho dificuldade em lembrar de coisas daquela época.

— A polícia o pôs naquele xadrez porque sabia que você estava disposto a delatar, mesmo que tivesse de inventar, certo?

Minha voz se elevava a cada pergunta.

— Não lembro disso — respondeu Corliss. — Mas não invento coisas.

— Depois, oito anos mais tarde, o homem contra o qual testemunhou foi inocentado quando um teste de DNA determinou que o sêmen do agressor da garota procedia de outro homem. Isto não é correto?

— Não... quero dizer... isso foi há muito tempo.

— Lembra de ter sido entrevistado por um repórter do jornal *Arizona Star* em seguida à libertação de Frederic Bentley?

— Vagamente. Lembro de alguém telefonando, mas eu não disse nada.

— O repórter lhe disse que os testes de DNA inocentavam Bentley e perguntou se você fabricou a confissão dele, foi isso?

— Não sei.

Levei o recorte de jornal que estava segurando até a bancada.

— Meritíssima, tenho aqui uma reportagem de arquivo do jornal *Arizona Star.* É datada de 9 de fevereiro de 1997. Um integrante de minha equipe o conseguiu quando buscou no Google o nome D.J. Corliss. Pedi que isto fosse marcado como um instrumento da defesa e admitido no conjunto de provas como um documento histórico detalhando uma admissão por silêncio.

Meu pedido representou um brutal entrechoque com Minton acerca de autenticidade e base adequada. Definitivamente, a juíza decidiu em meu favor. Ela exibia um pouco do mesmo ultraje que eu estava fabricando, e a Minton não restava muita chance.

O escrivão levou a impressão de computador para Corliss e a juíza o instruiu a ler.

— Não sou muito bom em leitura, meritíssima — disse ele.

— Tente, Sr. Corliss.

Corliss segurou o jornal e baixou o rosto para ele enquanto lia.

— Em voz alta, por favor — rugiu a juíza.

Corliss pigarreou e leu em voz alta.

— “Um homem erradamente condenado por estupro foi libertado no sábado da Instituição Correcional do Arizona e jurou buscar justiça para outros reclusos falsamente acusados. Frederic Bentley, 34 anos, cumpriu quase oito anos de

prisão por atacar uma garota de Tempe de 16 anos. A vítima do ataque identificou Bentley, um vizinho, e testes sanguíneos combinaram com seu tipo para o sêmen coletado da vítima após o ataque. O caso foi levado a júri pelo testemunho de um informante que disse que Bentley lhe confessou o crime enquanto estiveram presos juntos. Bentley sempre insistiu em sua inocência durante o processo e mesmo após a condenação. Uma vez que testes de DNA eram aceitos como prova válida pelas cortes do estado, Bentley contratou advogados para batalhar por tais testes no sêmen coletado da vítima do ataque. Um juiz ordenou o teste no início daquele ano, e a análise resultante provou que Bentley não foi o estuprador.

"Numa entrevista coletiva ontem no hotel Arizona Biltmore, o recém-libertado atacou os informantes de prisão e pediu por uma lei do estado que impusesse pautas estritas sobre policiais e promotores que desejassem usá-los.

"O informante que alegou em testemunho juramentado que Bentley admitiu o estupro foi identificado como D.J. Corliss, um homem de Mesa que havia sido preso por acusações de uso de drogas. Quando informado da inocência de Bentley e perguntado se havia fabricado seu testemunho contra o réu, Corliss recusou falar a respeito. Na sua entrevista coletiva, Bentley revelou que Corliss era bem conhecido da polícia como alcaguete e foi usado em diversos casos para se aproximar dos suspeitos. Bentley alegou que a prática de Corliss era forjar confissões se não conseguisse extraí-las dos suspeitos. O caso contra Bentley..."

— Chega, Sr. Corliss — eu disse. — Acho que já é o bastante.

Corliss depositou o recorte e olhou para mim como um garoto que abre a porta de um armário abarrotado e vê tudo a ponto de cair em cima dele.

— Algum dia foi acusado de perjúrio no caso de Bentley? — perguntei-lhe.

— Não, não fui — disse ele vigorosamente, como se esse fato o inocentasse de má conduta.

— Isso foi porque a polícia estava acumpliciada com você numa armação contra o Sr. Bentley?

Minton protestou, dizendo:

— Tenho certeza de que o Sr. Corliss não teria a menor ideia do que entrou na decisão de acusá-lo ou não de perjúrio.

Fullbright aceitou o protesto, mas não importava. Eu estava tão à frente da testemunha que não havia como ser alcançado. Apenas passei para a pergunta seguinte.

— Algum promotor ou policial lhe pediu para aproximar-se do Sr. Roulet e obter confidências dele?

— Não, foi apenas sorte de loteria, acho.

— Não lhe pediram para obter uma confissão do Sr. Roulet?

— Não, não pediram.

Olhei para ele por um longo momento com desprazer nos olhos.

— Não tenho nada a acrescentar.

Carreguei a pose de raiva comigo até meu assento e joguei furiosamente a caixa da fita diante de mim antes de sentar.

— Sr. Minton? — indagou a juíza.

— Não tenho nada mais — respondeu ele em voz fraca.

— OK — disse Fullbright rapidamente. — Vou dispensar o júri mais cedo para o almoço. Gostaria que todos estivessem de volta aqui à uma hora em ponto.

Ela deu um sorriso forçado para os jurados e o manteve até que eles saíssem em fila do tribunal. O sorriso sumiu de seu rosto no momento em que a porta se fechou.

— Quero os advogados em minha sala — disse ela. — Imediatamente.

Ela não esperou por qualquer resposta. Deixou a bancada tão rápido que sua toga flutuou atrás dela como o manto preto da ceifeira implacável.

QUARENTA E UM

A juíza Fullbright já acendera um cigarro no instante em que eu e Minton entramos em sua sala. Após uma longa tragada, ela apagou o cigarro contra um peso de papel de vidro e depois colocou a guimba num saco plástico extraído de sua bolsa. Ela fechou o saco, dobrou-o e recolocou-o na bolsa. Não queria deixar nenhuma prova de sua transgressão para os faxineiros da noite ou para qualquer outra pessoa. Ela exalou a fumaça num respiradouro do teto e depois baixou os olhos para os de Minton. A julgar pelo aspecto do olhar, fiquei contente por não estar no lugar dele.

— Sr. Minton, que merda você aprontou no meu julgamento?

— Meri...

— Cale-se e sente. Vocês dois!

Fizemos como ela mandou. A juíza se aprumou e inclinou-se à frente através de sua mesa. Ainda olhava para Minton.

— Quem fez a devida diligência sobre esta testemunha que apresentaram? — perguntou calmamente. — Quem checou seus antecedentes?

— Hã, deve ter sido... na verdade só verificamos seus antecedentes no condado de Los Angeles. Não havia nenhuma medida cautelar, nenhuma manchete. Verifiquei o nome dele no computador, mas não usei as iniciais.

— Quantas vezes ele foi usado neste condado antes de hoje?

— Apenas uma vez anterior na corte. Mas ele havia fornecido informação sobre três casos que pude descobrir. Nada apareceu sobre o Arizona.

— Ninguém pensou em verificar para ver se este sujeito tinha estado em algum outro lugar ou usado variações do seu nome?

— Acho que não. Ele me foi passado pela promotora original do caso. Simplesmente presumi que ela já o tinha checado.

— Besteira — falei.

A juíza voltou os olhos para mim. Eu podia ter ficado quieto e observar Minton se ferrar, mas não ia permitir que levasse Maggie McPherson junto com ele.

— A promotora original era Maggie McPherson — eu disse. — Ela teve o caso todo por cerca de três horas. Ela é minha ex-mulher e soube tão logo me viu

nas primeiras aparições que estava fora. E você pegou o caso naquele mesmo dia, Minton. Como ela deveria avaliar suas testemunhas, em especial este cara que só surgiu de debaixo de sua pedra depois da primeira aparição? Ela o passou adiante e isso foi tudo.

Minton abriu a boca para dizer alguma coisa, mas a juíza o cortou.

— Não importa quem deveria ter feito isso, mas não foi feito adequadamente e, de qualquer modo, colocar aquele sujeito para testemunhar foi, na minha opinião, uma grosseira má conduta jurídica.

— Meritíssima — vociferou Minton. — Eu não...

— Guarde as explicações para seu chefe. Ele é o único que você precisará convencer. Qual foi a última proposta que a acusação fez ao Sr. Roulet?

Minton parecia congelado e incapaz de responder. Respondi por ele.

— Agressão simples, seis meses no condado.

A juíza ergueu as sobrancelhas e olhou para mim.

— E você aceitou?

Sacudi a cabeça.

— Meu cliente não aceita uma condenação. Isto irá arruiná-lo. Ele irá arriscar um veredicto.

— Você quer um processo inconclusivo?

Ri e sacudi a cabeça.

— Não, não quero um processo inconclusivo. Isso tudo só dá tempo à acusação de limpar suas lambanças, consertar tudo e voltar a nós.

— Então o que deseja?

— O que desejo? Um veredicto dirigido seria ótimo. Alguma coisa sem nenhuma reaparição da acusação. Outro veredicto que não este será descartado.

A juíza assentiu e uniu as mãos sobre a mesa.

— Um veredicto dirigido seria ridículo, meritíssima — disse Minton, achando por fim a sua voz. — Estamos no fim do julgamento, de qualquer modo. Podemos igualmente levá-lo para um veredicto. O júri merece isso. Só porque um erro foi cometido pela acusação, não há nenhuma razão para subverter todo o processo.

— Não seja idiota, Sr. Minton — disse a juíza em tom de dispensa. — Não se trata do que o júri merece. E até onde me diz respeito, um erro como o que cometeu é suficiente. Não quero isto chutado de volta para mim pelo Segundo, e é certamente o que farão. Então estou segurando o pepino por sua má con...

— Eu não conhecia os antecedentes de Corliss! — disse Minton vigorosamente. — Juro por Deus que não sabia!

A intensidade de suas palavras trouxe um momentâneo silêncio à sala. Mas logo me enveredei no vazio.

— Tal como não sabia sobre o canivete, Ted?

Fullbright olhou de Minton para mim e depois de volta para Minton.

— Que canivete? — perguntou.

Minton não disse nada.

— Conte a ela — falei.

Minton sacudiu a cabeça.

— Não sei do que ele está falando — replicou.

— Então você me conta — disse a juíza para mim.

— Meritíssima, se estiver à espera de uma descoberta da promotoria, poderia também acompanhar isto no início — eu disse. — Testemunhas desaparecem, histórias mudam, pode-se perder um caso só de ficar sentado esperando.

— Muito bem, e quanto ao canivete?

— Eu precisava me mexer neste caso. Por isso mandei meu investigador entrar pela porta dos fundos e obter relatórios. É um jogo justo. Mas estavam à espera dele e falsificaram um relatório sobre o canivete de modo que eu não soubesse sobre as iniciais. Eu não sabia até receber o pacote de descoberta formal.

A juíza formou uma linha dura com os lábios.

— Foi a polícia, não o escritório da promotoria — disse Minton rapidamente.

— Trinta segundos atrás você disse que não sabia do que ele estava falando — replicou a juíza Fullbright. — Agora, de repente, sabe. Não me importa quem fez. Está me dizendo que isto ocorreu de fato?

Minton assentiu com relutância.

— Sim, meritíssima. Mas, juro, eu não...

— Sabe o que é que isto me diz? — tornou a juíza, cortando-o. — Isto me diz que do início ao fim a acusação não jogou limpo neste caso. Não importa quem fez o quê ou que o investigador do Sr. Haller possa ter agido inadequadamente. A representação do estado deve estar acima disso. E como ficou evidenciado hoje no meu tribunal, foi tudo menos isso.

— Meritíssima, isso não...

— Chega, Sr. Minton. Acho que já ouvi o bastante. Quero que vocês dois saiam agora. Em meia hora assumirei a bancada para anunciar o que faremos sobre isso. Ainda não estou certa do que será, mas não importa o que eu faça, você não vai gostar do que tenho a dizer, Sr. Minton. E estou providenciando para que tenha o seu chefe, o Sr. Smithson, no tribunal com você para ouvir.

Levantei-me. Minton não se moveu. Ainda parecia congelado no assento.

— Eu disse que podem ir! — gritou a juíza.

QUARENTA E DOIS

Segui Minton para o tribunal passando pelo posto do escrivão. Estava vazia, exceto por Meehan, que se sentava à mesa do oficial de justiça. Peguei minha maleta em cima da mesa da defesa e segui para a portinhola.

— Ei, Haller, espere um segundo — disse Minton enquanto recolhia pastas da mesa da acusação.

Parei e olhei para trás.

— O quê?

Minton se aproximou e olhou para a porta dos fundos do tribunal.

— Vamos sair daqui.

— Meu cliente vai estar esperando por mim lá fora.

— Apenas venha.

Ele se encaminhou para a porta e fui atrás. No vestíbulo onde me confrontei com Roulet dois dias antes Minton parou para me confrontar. Mas não disse nada. Estava reunindo as palavras. Decidi provocá-lo ainda mais.

— Enquanto você pega o Smithson, acho que me certificarei de que o repórter do *Times* saiba que haverá algum foguetório aqui dentro de meia hora.

— Olhe — disse Minton com veemência. — Nós temos que solucionar isto.

— Nós?

— Apenas segure as pontas com o *Times*, certo? Me dê dez minutos e o número do seu celular.

— Para quê?

— Deixe-me ir até meu escritório e ver o que posso fazer.

— Não confio em você, Minton.

— Bem, se quiser o melhor para seu cliente em vez de uma manchete barata, vai ter de confiar em mim por dez minutos.

Desviei o olhar de seu rosto e agi como se estivesse considerando a proposta. Finalmente, olhei de volta para ele. Nossos rostos estavam afastados apenas uns 60 cm.

— Você sabe, Minton, eu não poderia suportar mais toda essa sua babaquice. O canivete, a arrogância e tudo mais. Sou um profissional e tenho de conviver com essa merda de promotores a cada dia de minha vida. Mas quando tentou

inculpar Maggie McPherson lá, foi aí que decidi não ter nenhuma misericórdia com você.

— Olhe, não fiz nada com intenção de...

— Minton, olhe em torno. Só nós dois estamos aqui. Não há câmeras, gravações, nem testemunhas. Vai ficar parado aí e me dizer que só ouviu falar de Corliss até uma reunião de equipe ontem?

Ele respondeu apontando um dedo furioso em minha cara.

— E você vai ficar parado aí e me dizer que nunca ouviu falar dele até esta manhã?

Entreolhamo-nos por um longo momento.

— Posso ser inexperiente mas não sou idiota — disse ele. — A sua estratégia em todo o caso foi me empurrar para usar Corliss. Você sabia o tempo todo o que podia fazer com ele. E provavelmente conseguiu isso da sua ex-mulher.

— Se pode provar isso, então prove — falei.

— Oh, não se preocupe, eu poderia... se tivesse tempo. Mas tudo o que consegui foi meia hora.

Ergui o braço lentamente e consultei o relógio.

— Mais ou menos 26 minutos.

— Me dê o número de seu celular.

Eu o fiz e depois ele se foi. Esperei no vestíbulo por 15 segundos antes de atravessar a porta. Roulet estava parado perto da porta de vidro que dava para a praça abaixo. A mãe dele e C.C. Dobbs estavam sentados num banco encostado à parede oposta. Mais abaixo no corredor vi a detetive Sobel chegando lentamente.

Roulet notou-me e começou a caminhar rapidamente em minha direção. Logo sua mãe e Dobbs o seguiram.

— O que está acontecendo? — Roulet perguntou primeiro.

Esperei até que estivessem todos reunidos perto de mim antes de responder.

— Acho que tudo está prestes a explodir.

— O que quer dizer? — perguntou Dobbs.

— A juíza está pensando num veredicto dirigido. Saberemos em breve.

— O que é um veredicto dirigido? — perguntou Mary Windsor.

— É quando a juíza toma a decisão das mãos do júri e dá um veredicto de absolvição. Ela está irritada porque diz que Minton se envolveu em má conduta com Corliss e algumas outras coisas.

— Ela pode fazer isso? Simplesmente absolvê-lo?

— Ela é a juíza. Pode fazer o que quiser.

— Oh, meu Deus!

Mary Windsor levou uma das mãos à boca e pareceu como se fosse irromper em lágrimas.

— Eu disse que ela está pensando — esclareci. — Não significa que vá acontecer. Mas ela já ofereceu um processo inconclusivo, que eu recusei.

— Você recusou? — gritou Dobbs. — Por que cargas-d'água fez isso?

— Porque não significa nada. A acusação poderia recomeçar e processar Louis novamente... desta vez com um caso melhor porque saberão de nossos movimentos. Esqueçam o processo inconclusivo. Não estamos aqui para instruir a acusação. Queremos alguma coisa sem reaparições da acusação ou seguir com este júri para um veredicto hoje. Mesmo que seja contra nós, temos bases sólidas para apelação.

— Isto não é uma decisão que cabe a Louis tomar? — perguntou Dobbs. — Afinal, ele é...

— Cecil, cale-se — sibilou Mary Windsor. — Apenas cale-se e pare de dar um segundo palpite para tudo que este homem faz por Louis. Ele está certo. Não vamos passar por isso de novo!

Dobbs pareceu como se esbofeteado por ela. Pareceu encolher-se atrás do grupo. Olhei para Mary Windsor e vi um rosto diferente. Era o rosto de uma mulher que começara um negócio a partir do nada e chegara ao topo. Também olhei para Dobbs de modo diferente, percebendo que provavelmente estivera o tempo todo sussurrando doces negativas a meu respeito no ouvido dela.

Deixei isso passar e me focalizei no que estava à mão.

— Só existe uma coisa que a promotoria odeia mais do que perder um veredicto — falei. — É ser embaraçada por uma juíza com um veredicto dirigido, em especial após a descoberta de uma má conduta jurídica. Minton foi falar com seu chefe, que é um sujeito muito político e sempre sabe para onde o vento sopra. Ele poderia saber alguma coisa em poucos minutos.

Roulet estava diretamente à minha frente. Olhei por cima de seu ombro e vi que Sobel ainda estava parada no corredor, falando num celular.

— Ouçam — falei. — Fiquem sentados, todos vocês. Se eu não tiver notícias da promotoria, então voltamos para a corte em vinte minutos para ver o que a juíza quer fazer. Portanto, fiquem por perto. Se me derem licença, vou até o banheiro.

Afastei-me deles e desci o corredor até Sobel. Mas Roulet separou-se da sua mãe e do advogado e veio atrás de mim. Agarrou-me pelo braço para me parar.

— Ainda quero saber como Corliss arranjou aquela merda que estava dizendo — exigiu.

— O que significa isto? Está funcionando para nós. É o que importa.

Roulet aproximou o rosto do meu.

— O cara me chama de assassino no tribunal. Como é que está funcionando para nós?

— Porque ninguém acreditou nele. E é por isso que a juíza está puta, porque usaram um mentiroso profissional para ir lá no tribunal e dizer as piores coisas sobre você. Colocá-lo diante do júri e depois comprovar-se que o cara é um mentiroso, isto é má conduta. Não vê? Tive que aumentar as apostas. Era o único meio de impelir a juíza a pressionar a acusação. Estou fazendo exatamente o que você queria que eu fizesse, Louis. Estou livrando você.

Estudei-o enquanto ele registrava isto.

— Então vamos deixar rolar — concluí. — Volte para sua mãe e Dobbs e me deixe dar uma mijada.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não, não vou deixá-lo ir, Mick.

Ele espetou um dedo no meu peito.

— Algo mais está acontecendo, Mick, e não gosto disso. Você precisa se lembrar de uma coisa. Tenho a sua pistola. E você tem uma filha. Você tem que...

Fechei minha mão sobre seu punho e dedo, afastando-os de meu peito.

— Nunca mais ameace minha família — repliquei em voz controlada mas furiosa. — Se quer ficar contra mim, tudo bem. Fique contra mim e vamos resolver isso. Mas *jamais* ameace minha filha de novo. Enterrarei você tão fundo que nunca mais será encontrado. Está me entendendo, Louis?

Ele assentiu lentamente e um sorriso vincou seu rosto.

— Claro, Mick. Vamos apenas nos entender.

Soltei sua mão e o deixei lá. Fui caminhando até o fim do corredor, onde ficavam os toaletes e onde Sobel parecia estar esperando enquanto falava ao celular. Eu caminhava às cegas, os pensamentos da ameaça à minha filha me toldando a visão. Mas como estava perto de Sobel descartei isso. Ela terminava sua ligação quando me aproximei.

— Detetive Sobel — eu disse.

— Sr. Haller — respondeu ela.

— Posso perguntar por que está aqui? Está vindo me prender?

— Estou aqui porque me convidou, lembra?

— Hã, não. Não lembro.

Ela estreitou os olhos.

— Você me disse que eu devia assistir ao julgamento.

De súbito percebi que ela se referia à conversa inábil no meu escritório durante a busca em minha casa na segunda-feira à noite.

— Oh, certo. Esqueci. Bem, fico contente por ter me aturado. Vi o seu parceiro mais cedo. O que aconteceu com ele?

— Oh, ele está por perto.

Tentei ler alguma coisa nisso. Ela não havia respondido à pergunta sobre se ia me prender. Gesticulei para o corredor rumo ao tribunal.

— E aí, o que você achou?

— Interessante. Gostaria de ter sido uma mosca na parede da sala da juíza.

— Bem, fique por perto. Ainda não acabou.

— Talvez eu fique.

Meu celular começou a vibrar. Procurei debaixo do paletó e tirei-o do meu quadril. O identificador de chamadas dizia que vinha da promotoria.

— Preciso atender — falei.

— À vontade — disse Sobel.

Abri o celular e comecei a caminhar de volta para onde Roulet andava de um lado para outro no corredor.

— Alô?

— Mickey Haller? Aqui é Jack Smithson, da promotoria. Como vai seu dia?

— Já tive dias melhores.

— Não depois do que tenho a lhe oferecer.

— Estou ouvindo.

QUARENTA E TRÊS

A juíza não saiu de seu gabinete por mais 15 minutos, além dos trinta que havia prometido. Estávamos todos à espera. Roulet e eu na mesa da defesa, sua mãe e Dobbs atrás de nós na primeira fila. Na mesa da acusação, Minton não estava mais voando solo. Ao lado dele sentava-se Jack Smithson. Eu estava pensando que era provavelmente a primeira vez em um ano que botava os pés num tribunal.

Minton parecia abatido e derrotado. Sentado junto a Smithson, podia ser tomado por um réu com seu advogado. Ele parecia culpado enquanto acusava.

O detetive Booker não estava presente e imaginei que estivesse trabalhando em alguma coisa ou simplesmente que ninguém se incomodara em ligar para ele com as más notícias.

Virei-me para consultar o grande relógio na parede dos fundos e para examinar a galeria. A tela do PowerPoint para a apresentação de Minton fora retirada, um indício do que estava por vir. Vi Sobel sentada na última fila, mas seu parceiro e Kurlen não estavam em nenhum lugar à vista. Não havia ninguém além de Dobbs e Mary Windsor, e eles não contavam. A fileira reservada à mídia estava vazia. A mídia não havia sido alertada. Eu estava mantendo minha parte do acordo com Smithson.

Meehan ordenou silêncio no tribunal e a juíza Fullbright assumiu a bancada com um floreio, o perfume de lilás vagando na direção das mesas. Achei que havia fumado um ou dois cigarros no seu gabinete e exagerara no perfume para disfarçar.

— Pelo que me informou o escrivão, creio que temos uma moção no caso contra Louis Ross Roulet.

Minton se levantou.

— Sim, meritíssima.

Ele nada mais disse, como se não pudesse forçar-se a falar.

— Bem, Sr. Minton, está se comunicando comigo por telepatia?

— Não, meritíssima.

Minton olhou para Smithson e recebeu autorização para prosseguir.

— A acusação quer retirar todas as denúncias contra Louis Ross Roulet.

A juíza assentiu como se já esperasse por isso. Ouvi uma profunda inspiração atrás de mim e soube que era de Mary Windsor. Ela sabia o que ia acontecer, mas havia controlado suas emoções em xeque até o que tinha realmente ouvido no tribunal.

— Isto é sem abrir mão de direitos? — perguntou a juíza.

— Retirar as acusações abrindo mão de tudo.

— Tem certeza, Sr. Minton? Isso significa nenhuma retomada da acusação.

— Sim, meritíssima, eu sei — disse Minton com uma ponta de tédio pela necessidade da juíza de explicar a lei a ele.

A juíza escreveu alguma coisa e depois olhou de volta para Minton.

— Acredito que deva constar dos anais que a acusação precisa oferecer algum tipo de justificativa para esta moção. Escolhemos um júri e ouvimos mais de dois dias de depoimentos. Por que a acusação está fazendo isto a esta altura, Sr. Minton?

Smithson se levantou. Era um homem alto e magro com uma compleição pálida. Era um espécime jurídico. Ninguém queria um homem gordo como promotor público e isto era exatamente o que ele esperava ser um dia. Usava um terno cinza risca de giz com o que se tornara sua marca registrada: uma gravata-borboleta marrom com um lenço da mesma cor se projetando do bolso da lapela. Comentava-se entre os profissionais de defesa que um consultor político dissera-lhe para começar a construir uma imagem reconhecível com a mídia de modo que, com o passar do tempo, os eleitores iriam pensar que já o conheciam. Esta era a única situação em que ele não queria que a mídia levasse sua imagem aos eleitores.

— Eu poderia, meritíssima? — disse ele.

— Que conste dos anais a aparição do vice-promotor John Smithson, chefe da Divisão Van Nuys. Bem-vindo, Jack. Vá em frente, por favor.

— Meritíssima, chegou ao meu conhecimento que, no interesse da justiça, as acusações contra o Sr. Roulet deveriam ser retiradas.

Ele pronunciou errado o nome de Roulet.

— Esta é toda explicação que pode oferecer, Jack? — perguntou a juíza.

Smithson pensou antes de responder. Embora não houvesse repórteres presentes, os anais da audiência seriam públicos e suas palavras visíveis mais tarde.

— Meritíssima, chegou ao meu conhecimento que houve algumas irregularidades na investigação e na acusação subsequente. Este escritório está alicerçado sobre a crença na santidade de nosso sistema de justiça. Zelo pessoalmente por isso na Divisão Van Nuys e levo a coisa muito seriamente. E

portanto é melhor para nós desistirmos de um caso do que ver a justiça comprometida de alguma maneira.

— Obrigada, Sr. Smithson. É reconfortante ouvir isso.

A juíza fez outra anotação e depois olhou de volta para nós.

— A moção da acusação está aprovada — disse ela. — Todas as denúncias contra Louis Roulet estão retiradas, abrindo-se mão dos direitos. Sr. Roulet, o senhor está absolvido e livre para ir.

— Obrigado, meritíssima — eu disse.

— Ainda temos um júri retornando à uma hora — disse Fullbright. — Iremos reuni-los e explicar que o caso foi resolvido. Se algum dos advogados quiser voltar à uma hora, estou certa de que eles terão perguntas a fazer. Contudo, não é exigido que voltem.

Assenti mas não disse que voltaria. Eu não pretendia. As 12 pessoas que haviam sido tão importantes para mim na última semana foram simplesmente descartadas. Agora eram tão sem significado para mim quanto os motoristas seguindo outra direção na estrada. Eles haviam seguido e eu tinha encerrado com eles.

A juíza deixou a bancada e Smithson foi o primeiro a sair do tribunal. Nada tinha a dizer a Minton ou a mim. Sua prioridade era distanciar-se desta catástrofe judicial. Vi que o rosto de Minton tinha perdido toda a cor. Presumi que em breve iria ver seu nome nas páginas amarelas. Ele não se sustentaria na promotoria e se juntaria às fileiras dos profissionais de defesa. Sua primeira lição em processo criminal custou caro.

Roulet estava na balaustrada, inclinando-se para abraçar sua mãe. Dobbs tinha uma das mãos no ombro dele num gesto de congratulações, mas o advogado da família não se recuperara do sermão da Sra. Windsor no vestíbulo.

Quando terminaram os abraços, Roulet virou-se para mim e apertou minha mão sem hesitar.

— Eu não estava errado sobre você — disse ele. — Sabia que você era o cara.

— Quero a arma — falei sem expressão, meu rosto não demonstrando nenhuma alegria com a vitória recém-conquistada.

— Claro que quer.

Ele voltou-se para sua mãe. Hesitei por um momento e então voltei à mesa da defesa. Abri minha maleta para guardar as pastas nela.

— Michael?

Virei-me e vi Dobbs estendendo a mão através da balaustrada. Apertei-a.

— Fez um bom serviço — disse Dobbs, como se eu precisasse ouvir isto dele. — Todos nós apreciamos enormemente.

— Obrigado pelo elogio. Sei que estava incerto a meu respeito no princípio.

Fui cortês o bastante para não mencionar a explosão de Mary Windsor no vestíbulo e o que ela dissera sobre ele ficar me atrapalhando.

— Foi só porque eu não o conhecia — disse Dobbs. — Agora conheço. Agora sei a quem recomendar aos meus clientes.

— Obrigado. Mas espero que seu tipo de cliente nunca precise de mim.

Ele riu.

— Eu também!

Então foi a vez de Mary Windsor. Ela estendeu a mão.

— Sr. Haller, obrigada pelo que fez por meu filho.

— Não há de quê — respondi categoricamente. — Tome conta dele.

— Sempre o faço.

Assenti.

— Por que não vão todos para o corredor? Estarei lá em um minuto. Preciso encerrar algumas coisas aqui com a escrevente e o Sr. Minton.

Voltei à mesa. Depois a contornei e fui até a escrevente.

— Quanto tempo leva para eu receber uma cópia assinada da ordem da juíza?

— Nós a teremos esta tarde. Podemos enviar-lhe uma cópia, se não quiser voltar aqui.

— Seria ótimo. Poderia também mandar uma por fax?

Ela disse que podia. Dei-lhe o número do fax de Lorna Taylor. Não tinha certeza ainda de como o documento poderia ser usado, mas precisava crer que uma ordem de retirada de acusações poderia me ajudar a conseguir um ou dois clientes.

Quando voltei para pegar minha maleta e sair, notei que a detetive Sobel deixara o tribunal. Apenas Minton permanecia. Estava recolhendo suas coisas.

— Lamento não ter tido a chance de ver sua coisa de PowerPoint — comentei.

Ele assentiu.

— É, estava muito bom. Acho que poderia ter vencido o caso.

— O que vai fazer agora?

— Não sei. Ver se posso dar a volta por cima e de alguma forma manter meu emprego.

Ele pôs suas pastas debaixo do braço. Não tinha nenhuma maleta. Só precisava descer para o segundo andar. Virou-se e me lançou um olhar duro.

— A única coisa que sei é que não vou mudar de lado. Não quero ser como você, Haller. Acho que gostaria demais de ter um sono tranquilo à noite.

Com isto ele atravessou a portinhola e caminhou para fora do tribunal. Relanceei para a escrevente para ver se tinha ouvido o comentário de Minton. Ela agia como se não tivesse.

Aproveitei meu tempo para seguir Minton. Peguei minha maleta e virei-me para atravessar a portinhola. Olhei para a bancada vazia da juíza e para o sinete do estado no painel frontal. Assenti para nada em particular e saí.

QUARENTA E QUATRO

Roulet e seu grupo esperavam por mim no corredor. Olhei para os dois lados e vi Sobel perto dos elevadores. Ela segurava seu celular e parecia esperar o elevador, mas o botão de descida não estava aceso.

— Michael, não quer ir almoçar conosco? — disse Dobbs tão logo me viu. — Vamos comemorar!

Notei que agora ele me chamava pelo primeiro nome. A vitória torna todo mundo amigável.

— Hã... — falei, ainda olhando para Sobel. — Acho que não vou poder.

— Por que não? É claro que você não vai voltar ao tribunal à tarde.

Finalmente olhei para Dobbs. Sentia vontade de dizer que não podia ir almoçar com eles porque não queria vê-lo nunca mais, bem como Mary Windsor ou Louis Roulet.

— Acho que vou ficar por aqui e falar com os jurados quando eles voltarem à uma hora.

— Por quê? — quis saber Roulet.

— Porque será útil saber o que eles estão pensando e em que ponto nós estamos.

Dobbs deu uma pancadinha no meu braço.

— Sempre aprendendo, sempre procurando extrair o melhor para a próxima vez. Não o censuro.

Ele parecia satisfeito por eu não me juntar a eles. E por uma boa razão. Provavelmente me queria fora do caminho agora que podia consertar seu relacionamento com Mary Windsor. Ele queria de novo aquele cliente apenas para si mesmo.

Ouvi o baque surdo da porta do elevador e olhei corredor abaixo. A detetive Sobel estava parada diante do elevador aberto. Estava indo embora.

Mas então Lankford, Kurlen e Booker saíram do elevador e se juntaram a Sobel. Começaram a caminhar em nossa direção.

— Então o deixaremos — disse Dobbs, de costas para os detetives. — Temos uma reserva no Orso e receio que já esteja ficando tarde para subir de novo a colina.

— OK — eu disse, ainda olhando para o corredor.

Dobbs, Windsor e Roulet viraram-se para ir embora quando os quatro detetives se aproximaram.

— Louis Roulet — anunciou Kurlen. — Você está preso. Vire-se, por favor, e ponha as mãos atrás das costas.

— Não! — gritou Mary Windsor. — Vocês não podem...

— O que é isto? — exclamou Dobbs.

Kurlen não respondeu nem esperou que Roulet obedecesse. Adiantou-se e virou Roulet rudemente. Enquanto dava meia-volta forçada, os olhos de Roulet encontraram os meus.

— O que está havendo, Mick? — disse em voz calma. — Isto não deveria estar acontecendo.

Mary Windsor foi na direção de Louis.

— Tirem as mãos do meu filho!

Ela agarrou Kurlen por trás, mas Booker e Lankford moveram-se rápido e a afastaram, segurando-a gentil mas fortemente.

— Madame, dê um passo atrás — comandou Booker. — Ou a levarei presa.

Kurlen começou a ler para Roulet os seus direitos. Windsor recuou, mas não em silêncio.

— Como vocês ousam? Não podem fazer isso!

Seu corpo moveu-se e ela parecia como se mãos invisíveis a impedissem de investir de novo contra Kurlen.

— Mãe — disse Roulet num tom que tinha mais peso e controle do que o de qualquer dos detetives.

O corpo de Windsor alenteceu. Ela desistiu. Mas Dobbs, não.

— Por que o estão prendendo? — perguntou.

— Suspeita de assassinato — disse Kurlen. — O assassinato de Martha Renteria.

— Isso é impossível! — gritou Dobbs. — Tudo que aquela testemunha Corliss disse lá foi provado ser mentira. Estão loucos? A juíza anulou o caso por causa de suas mentiras.

Kurlen parou de ler os direitos do preso e olhou para Dobbs.

— Se tudo era uma mentira, como sabe que ele estava falando de Martha Renteria?

Dobbs percebeu seu erro e recuou um passo do grupo. Kurlen sorriu.

— É, foi o que pensei — disse.

Ele agarrou Roulet por um cotovelo e o fez dar meia-volta.

— Vamos — comandou.

— Mick? — disse Roulet.

— Detetive Kurlen — falei. — Posso falar com meu cliente por um momento?

Kurlen me olhou, pareceu avaliar alguma coisa em mim e depois assentiu.

— Um minuto. Diga-lhe para se comportar e tudo será um bocado mais fácil para ele.

Empurrou Roulet na minha direção. Peguei-o por um braço e nos afastamos alguns passos dos outros, de modo a termos privacidade se falássemos em voz baixa. Cheguei junto dele e falei num sussurro.

— É isso aí, Louis. É um adeus. Larguei você. Agora você está por sua conta. Arranje um novo advogado.

O choque apareceu nos seus olhos. Então seu rosto se anuviou com uma raiva rigidamente focalizada. Era raiva pura e dei-me conta de que era a mesma raiva que Regina Campo e Martha Renteria deviam ter visto.

— Não preciso de um advogado — disse para mim. — Você acha que eles podem abrir um caso do que você de alguma forma alimentou para aquele dedo-duro mentiroso lá? É melhor repensar.

— Eles não precisam de um alcaguete, Louis. Acredite em mim, eles encontrarão mais. Talvez até já tenham encontrado.

— E quanto a você, Mick? Não está esquecendo de alguma coisa? Eu tenho...

— Eu sei. Mas isso não importa mais. Eles não precisam de minha arma. Já encontraram tudo que precisavam. Mas o que quer que me aconteça, saberei que ferrei você. No final, depois do julgamento e de todas as apelações, quando finalmente enfiarem aquela agulha no seu braço, isto será por mim, Louis. Lembre-se disso.

Sorri sem nenhum humor e cheguei mais perto.

— Isto é por Raul Levin. Você pode não estar indo abaixo por causa dele, mas não se engane, você está caindo.

Deixei isto ficar registrado por um momento, depois recuei e acenei para Kurlen. Ele e Booker chegaram pelos flancos de Roulet e o seguraram pelos braços.

— Você armou para mim — disse Roulet, de alguma maneira mantendo a calma. — Você não é um advogado. Você trabalha para eles.

— Vamos — disse Kurlen.

Começaram a arrastá-lo, mas ele se livrou momentaneamente e fixou os olhos enraivecidos direto nos meus.

— Isto não acaba aqui, Mick — disse ele. — Amanhã de manhã estarei solto. O que irá fazer, então? Pense a respeito. O que vai fazer? Você não pode proteger todo mundo.

Os detetives o agarraram com mais firmeza e o arrastaram rudemente até os elevadores. Desta vez Roulet foi sem se debater. A meio caminho do elevador, sua mãe e Dobbs seguindo atrás, Roulet virou a cabeça e me olhou por sobre o ombro. Ele sorriu e isto remeteu alguma coisa bem através de mim.

Você não pode proteger todo mundo.

Um gélido arrepio de medo perfurou meu peito.

Alguém estava esperando pelo elevador e ele se abriu exatamente quando o grupo chegava lá. Lankford fez sinal para a pessoa recuar e tomou o elevador. Roulet foi empurrado para dentro. Dobbs e Mary Windsor iam segui-los quando foram impedidos pela mão estendida de Lankford num sinal de "parem". A porta do elevador começou a se fechar e Dobbs, numa fúria impotente, apertou o botão junto a ela.

Minha esperança era de que seria a última vez que eu veria Louis Roulet, mas o medo permaneceu trancado em meu peito, adejando como uma mariposa presa na luminária de uma varanda. Virei-me e quase esbarrei em Sobel. Não havia notado que ela permanecera para trás dos outros.

— Vocês conseguiram o bastante, não é? — comentei. — Algo me diz que não teriam agido tão rapidamente se não tivessem o suficiente para prendê-lo.

Ela me fitou longamente antes de responder.

— Não vamos decidir isso. Caberá à promotoria. Talvez dependa do que arrancarem dele no interrogatório. Mas até aqui ele teve um advogado bastante esperto. Provavelmente ele sabe como não nos dizer uma palavra sequer.

— Então por que não esperou?

— Não era minha obrigação.

Sacudi a cabeça. Queria dizer a ela que eles agiram rápido demais. Não fazia parte do plano. Eu queria plantar a semente, só isso. Queria fazê-los ir mais devagar e no rumo certo.

A mariposa entrou e olhei para o chão. Não podia afastar a ideia de que todas as minhas maquinações haviam falhado, deixando a mim e à minha família expostos ao foco intenso de um assassino. *Você não pode proteger todo mundo.*

Era como se Sobel pressentisse meus temores.

— Mas vamos tentar mantê-lo preso — disse ela. — Temos o que o dedo-duro disse na corte e o tíquete. Estamos trabalhando em cima de testemunhas e da perícia.

Meus olhos buscaram os dela.

— Que tíquete?

Um olhar desconfiado surgiu em seu rosto.

— Pensei que já tivesse imaginado. Juntamos tudo tão logo o dedo-duro mencionou a dançarina das serpentes.

— É, Martha Renteria. Entendi isso. Mas que tíquete? Do que está falando?

Eu tinha chegado mais perto e Sobel deu um passo atrás. Não era o meu hálito. Era o meu desespero.

— Não sei se deveria lhe contar, Haller. Você é advogado de defesa. É o advogado *dele.*

— Não sou mais. Acabei de largar.

— Não importa. Ele...

— Olhe, vocês simplesmente desmontaram aquele cara por minha causa. Eu poderia ser descredenciado por causa disso. Poderia até mesmo ir para a prisão por um assassinato que não cometi. De que tíquete está falando?

Ela hesitou e esperei, mas então ela finalmente falou.

— As últimas palavras de Raul Levin. Ele disse ter encontrado o tíquete de saída para Jesus.

— O que significa isso?

— Você realmente não sabe?

— Olhe, apenas me diga. Por favor.

Ela cedeu.

— Rastreamos os mais recentes movimentos de Levin. Antes de ser morto ele fez investigações sobre os tíquetes de estacionamento de Roulet. Até tirou cópias deles. Fizemos um inventário do que ele tinha no escritório e por fim comparamos com o que estava no computador. Estava faltando um tíquete. Uma cópia. Não sabemos se o seu assassino o levou naquele dia ou se ele tinha simplesmente deixado de copiá-lo. Assim, nós mesmos tiramos uma cópia. Era de dois anos atrás, na noite de 6 de abril. Era uma multa por estacionar diante de um hidrante no número 6.700 da Blythe Street, em Panorama City.

Tudo se juntou para mim, como o último grão de areia caindo através de uma ampulheta. Raul Levin realmente descobrira a salvação de Jesus Menendez.

— Martha Renteria foi assassinada dois anos atrás, em 8 de abril — eu disse. — Ela morava na Blythe, em Panorama City.

— Sim, mas não sabíamos disso. Não vimos a ligação. Você nos contou que Levin estava trabalhando em casos separados para você. Jesus Menendez e Louis Roulet eram investigações separadas. Levin os tinha registrado dessa maneira, também.

— Era uma questão de descoberta. Ele mantinha os casos separados de modo que eu não me virasse para nada sobre Roulet quando ele apresentava algo sobre Menendez.

— Um dos seus ângulos de advogado. Bem, isto nos impediu de juntar tudo até que aquele alcaguete lá mencionou a dançarina da serpente. Isso ligou tudo.

Assenti.

— Então quem matou Levin levou a cópia?

— É o que pensamos.

— Checaram se os telefones de Raul estavam grampeados? De alguma forma, alguém sabia que ele encontrou o tíquete.

— Nós checamos. Estavam limpos. Os grampos poderiam ter sido retirados na hora do assassinato. Ou talvez tenha sido o telefone de alguém mais que foi grampeado.

Referia-se aos meus. Significava que isso poderia explicar como Roulet soube de muitos de meus movimentos e estava até convenientemente à espera na minha casa na noite em que eu chegara após encontrar Jesus Menendez.

— Irei checá-los — respondi. — Tudo isto significa que estou limpo quanto ao assassinato de Raul?

— Não necessariamente — disse Sobel. — Ainda queremos ver o que vai chegar do exame de balística. Esperamos por alguma coisa hoje.

Assenti. Não sabia como responder. Sobel demorou-se, parecendo como se quisesse me contar ou perguntar alguma coisa.

— O que é? — falei.

— Não sei. Há alguma coisa que queira me contar?

— Não sei. Não há nada para contar.

— Sério? No tribunal pareceu como se você estivesse tentando nos contar um monte de coisas.

Fiquei calado por um momento, tentando ler entre suas falas.

— O que está querendo de mim, detetive Sobel?

— Você sabe o que quero. Quero o assassino de Raul Levin.

— Bem, eu também quero. Mas não poderia dar-lhes Roulet mesmo se quisesse. Não sei como ele fez. E isso é confidencial.

— Portanto isso ainda deixa você na alça de mira.

Ela olhou o hall dos elevadores, deixando a mensagem clara. Se o exame de balística combinasse, eu ainda poderia ter um problema sobre Levin. Eles usariam isto como alavanca. Desistir de como Roulet o fez ou vir com tudo em cima de mim. Mudei de assunto.

— Quanto tempo acha que leva antes que Menendez seja solto? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— É difícil dizer. Depende do caso que eles construíram contra Roulet... se tiverem um caso. Mas sei de uma coisa. Eles não podem acusar Roulet enquanto outro homem estiver na prisão pelo mesmo crime.

Voltei-me e caminhei até a parede de vidro. Pus a mão livre na balaustrada que corria ao longo da vidraça. Senti um misto de exultação e pavor e aquela mariposa ainda batia em volta do meu peito.

— Isso é tudo com que me preocupo — falei baixinho. — Soltá-lo. Isso e Raul.

Ela se aproximou e parou perto de mim.

— Não sei o que você está fazendo — disse Sobel. — Mas deixe o resto por nossa conta.

— Se fizer isso, seu parceiro provavelmente vai me botar na cadeia por um homicídio que não cometi.

— Você está jogando um jogo perigoso — disse ela. — Deixe isso para lá.

Olhei para ela e então de volta para a praça.

— Certo — repliquei. — Cairei fora disso agora.

Tendo ouvido o que precisava, ela se moveu para ir embora.

— Boa sorte — disse.

Olhei para ela de novo.

— Para você também.

Ela se foi e fiquei ali. Voltei até a vidraça e olhei abaixo para a praça. Vi Dobbs e Mary Windsor atravessando quadrados de concreto e seguindo para o estacionamento. Ela se apoiava no advogado. Duvidei que ainda fossem almoçar no Orso.

QUARENTA E CINCO

Naquela noite o boato começou a se espalhar. Não os detalhes secretos, mas a história pública. A história de que eu tinha vencido o caso, obtido uma moção da promotoria desistindo plenamente do processo, só para ter meu cliente preso por assassinato no corredor do tribunal em que eu havia acabado de absolvê-lo. Recebi telefonemas de cada profissional de defesa que conhecia até a bateria do meu celular morrer. Meus colegas estavam todos me congratulando. Aos seus olhos não havia nenhum revés. Roulet era *o* cliente classe A. Eu recebera honorários tabela A para defendê-lo num julgamento e agora receberia tabela A no próximo. Era uma dobradinha com que a maioria dos profissionais de defesa jamais poderia sonhar. E, claro, quando disse a eles que não assumiria a defesa do novo caso, cada um me perguntou se eu podia recomendá-lo para Roulet.

O que eu mais queria era a chamada no meu telefone fixo. Ela veio de Maggie McPherson.

— Estive esperando seu telefonema a noite toda — falei.

Eu andava pela cozinha, amarrado ao fio do telefone. Havia checado meus telefones quando cheguei em casa e não encontrei nenhuma evidência de dispositivos de escuta.

— Desculpe, estive na sala de reuniões — disse ela.

— Ouvi dizer que vocês estiveram apertando Roulet.

— Sim, é por isto que estou ligando. Vão soltá-lo.

— Do que está falando? Vão deixá-lo sair?

— Sim. Eles o tiveram por nove horas numa sala e ele não cedeu. Talvez você o tenha ensinado bem demais a não falar, porque ele é uma rocha. Não conseguiram nada, o que significa que não têm o suficiente.

— Você está errada. Há o suficiente. Eles têm o tíquete de estacionamento, e deve haver testemunhas de sua presença no Cobra Room. Até mesmo Menendez pode identificá-lo.

— Você sabe tão bem quanto eu que Menendez é um desesperado. Ele identificaria qualquer um para sair. E se houver outras testemunhas do Cobra Room, então vai levar algum tempo para achá-las. O tíquete de estacionamento o coloca na vizinhança, mas não o põe dentro do apartamento dela.

— E quanto ao canivete?

— Estão trabalhando nisso, mas vai levar tempo também. Olhe, queremos fazer isso direito. Foi pedido de Smithson e, acredite em mim, ele queria mantê-lo também. Isto tornaria um pouco mais palatável aquele fiasco que você criou na corte hoje. Mas não é só lá. Não ainda. Eles vão soltá-lo e trabalhar com a perícia e procurar por testemunhas. Se Roulet estiver pronto para isso, então nós o pegaremos e o seu outro cliente irá sair. Não precisa se preocupar. Mas temos que fazer a coisa direito.

Soquei o ar num gesto de impotência.

— Eles se precipitaram. Droga. Não deviam ter feito o movimento hoje.

— Acho que pensaram que nove horas de interrogatório fariam a mágica.

— Foram idiotas.

— Ninguém é perfeito.

Eu estava irritado pela atitude dela, mas contive minha língua. Precisava dela para me manter a par.

— Quando exatamente irão soltá-lo? — perguntei.

— Não sei. Isto tudo simplesmente desceu. Kurlen e Booker vieram aqui pra propor isso e Smithson simplesmente os mandou de volta para o Departamento de Polícia. Quando eles voltarem, presumo que irão soltá-lo.

— Ouça-me, Maggie. Roulet sabe sobre Hayley.

Houve um momento de silêncio horrivelmente longo antes que ela respondesse.

— O que está dizendo, Haller? Você deixou nossa filha entrar...

— Não deixei nada acontecer. Ele invadiu minha casa e viu o retrato dela. Isto não significa que ele saiba onde ela mora ou mesmo como se chama. Mas ele sabe sobre ela e quer me dar o troco. Portanto você tem de ir para casa agora mesmo. Quero que esteja com Hayley. Pegue-a e saia do apartamento. Apenas faça isso de modo seguro.

Algo me fez evitar contar-lhe tudo, que senti que Roulet tinha especificamente ameaçado minha família no tribunal. *Você não pode proteger todo mundo.* Eu só usaria isso se ela se recusasse a fazer o que eu queria que fizesse com Hayley.

— Estou saindo agora — disse ela. — Vamos encontrar você.

Eu sabia que ela diria isso.

— Não, não venha para cá.

— Por que não?

— Porque *ele* pode vir para cá.

— Isto é loucura. O que você vai fazer?

— Não tenho certeza ainda. Apenas pegue Hayley e vá para algum lugar seguro. Depois me ligue do seu celular, mas não me diga onde estão. Será melhor se eu não souber.

— Haller, apenas chame a polícia. Eles podem...

— E dizer o quê a eles?

— Não sei. Diga-lhes que foi ameaçado...

— Um advogado de defesa dizendo que se sente ameaçado... é, eles virão com tudo em cima disso. Talvez até mandem uma equipe da SWAT.

— Bem, você tem de fazer alguma coisa.

— Eu achava que tinha feito. Pensava que ele ia ficar na cadeia pelo resto da vida. Mas o seu pessoal agiu rápido demais e agora vão ter que deixá-lo sair.

— Eu lhe disse, não foi o suficiente. Mesmo sabendo agora sobre a possível ameaça a Hayley, ainda não é o suficiente.

— Então vá para junto de nossa filha e tome conta dela. Deixe o resto comigo.

— Estou indo.

Mas ela não desligou. Era como se estivesse me dando a chance de dizer algo mais.

— Amo você, Mags — eu disse. — Vocês duas. Cuidem-se.

Fechei o telefone antes que ela pudesse responder. Quase imediatamente o abri de novo e liguei para Fernando Valenzuela. Ele atendeu após o quinto toque.

— Val, sou eu, Mick.

— Merda, se soubesse que era você não teria atendido.

— Olhe, preciso de sua ajuda.

— Minha ajuda? Você está pedindo por minha ajuda depois do que me perguntou na outra noite? Depois de ter me acusado?

— Ouça, Val, é uma emergência. O que eu disse na outra noite foi um despropósito e peço desculpas. Pagarei sua TV, farei qualquer coisa que quiser, mas preciso da sua ajuda imediatamente.

Esperei. Após uma pausa ele respondeu.

— O que você quer que eu faça?

— Roulet ainda tem a argola no tornozelo, certo?

— Certo. Sei o que aconteceu na corte mas não ouvi falar do cara. Um dos meus contatos no tribunal disse que os tiras o prenderam de novo, então não sei o que está acontecendo.

— Eles o pegaram, mas Roulet está prestes a ser libertado. Ele provavelmente ligará para você para que possa retirar a argola.

— Já estou em casa, cara. Ele pode me encontrar pela manhã.

— É isso que eu quero. Faça-o esperar.

— Isso não é nenhum favor, cara.

— Este é. Quero que abra seu laptop e o observe. Quando ele deixar o Departamento de Polícia quero saber para onde está indo. Pode fazer isso por mim?

— Você quer dizer imediatamente?

— É, imediatamente. Tem algum problema com isso?

— Um pouco.

Fiquei pronto para outra discussão. Mas fui surpreendido.

— Eu lhe falei sobre o alarme da bateria na argola, certo? — disse Valenzuela.

— Falou, eu lembro.

— Bem, obtive o alarme de vinte por cento há cerca de uma hora.

— Então por quanto tempo mais você pode rastreá-lo antes que a bateria se esgote?

— Provavelmente por cerca de seis a oito horas de rastreamento ativo antes que o pulso fique baixo. Então funcionará a cada 15 minutos por mais cinco horas.

Pensei sobre tudo isso. Só precisava passar pela noite e saber que Maggie e Hayley estavam a salvo.

— O negócio é que quando está em pulso baixo ele bipa — explicou Valenzuela. — Você o ouvirá chegando. Ou ele se cansará do barulho e recarregará a bateria.

Ou talvez apresentará outro número de Houdini, pensei.

— OK — falei. — Você me disse que havia outros alarmes que poderia colocar no programa de rastreamento.

— Certo.

— Pode inserir isto de modo que receba um alarme se ele chegar perto de um alvo específico?

— Sim. Por exemplo, se for um molestador de crianças, você pode ter um alarme caso ele se aproxime de uma escola. Coisa desse tipo. Tem que ser um alvo determinado.

— OK.

Dei a ele o endereço do apartamento na Dickens Street, em Sherman Oaks, onde Maggie e minha filha moravam.

— Se ele chegar a dez quarteirões desse local, você me liga. Não importa a hora, ligue para mim. É esse o favor.

— Que lugar é esse?

— É onde minha filha mora.

Houve um longo silêncio antes de Valenzuela responder.

— Com Maggie? Você acha que esse cara vai até lá?

— Não sei. Estou esperando que ele não vá ser tão estúpido enquanto estiver com o rastreador no tornozelo.

— OK, Mick. Você conseguiu.

— Obrigado, Val. E ligue para meu telefone fixo. Meu celular está descarregado.

Dei-lhe o número e depois fiquei em silêncio por um momento, imaginando o que mais eu podia dizer para reparar minha traição de duas noites atrás. Finalmente, deixei passar. Tinha de me focalizar na ameaça atual.

Saí da cozinha e desci o corredor até meu escritório. Procurei na agenda em minha mesa até encontrar um número. Então agarrei o telefone da escrivaninha.

Disquei e esperei. Olhei pela janela à esquerda da escrivaninha e notei pela primeira vez que estava chovendo. Parecia que iria se tornar uma chuva torrencial e imaginei se o tempo afetaria o rastreamento por satélite de Roulet. Descartei o pensamento quando minha chamada foi atendida por Teddy Vogel, o líder dos Road Saints.

— Fale comigo.

— Ted, é Mickey Haller.

— Advogado, como está você?

— Não muito bem esta noite.

— Então fico satisfeito por ter ligado. O que posso fazer por você?

Olhei a chuva pela janela antes de responder. Sabia que se continuasse eu ficaria em débito com pessoas com as quais nunca desejei ter rabo preso.

Mas não havia escolha.

— Você por acaso tem alguém vindo para minha área esta noite? — perguntei.

Houve uma hesitação antes que Vogel respondesse. Eu sabia que ele tinha de estar curioso acerca de seu advogado estar pedindo ajuda. Estava obviamente pedindo o tipo de ajuda que era acompanhada de músculos e pistolas.

— Tenho alguns caras observando as coisas no clube. O que há?

O clube era o bar de strip-tease no Sepulveda, não muito longe de Sherman Oaks. Eu estava contando com isso.

— Minha família foi ameaçada, Ted. Preciso de alguns rapazes parrudos para manter uma campana, talvez pegar um cara, se necessário.

— Armados e perigosos?

Hesitei, mas não por muito tempo.

— É, armados e perigosos.

— Soa como o nosso tipo de ação. Onde você os quer?

Ele estava pronto para agir imediatamente. Sabia o valor de ter-me sob sua influência. Dei-lhe o endereço do apartamento na Dickens. Também fiz uma descrição de Roulet e da roupa que usara no tribunal naquele dia.

— Se ele der as caras no apartamento, quero que o parem — eu disse. — E preciso que seu pessoal vá agora.

— Trato feito — disse Vogel.

— Obrigado, Ted.

— Não, eu é que agradeço. Estamos satisfeitos por ajudá-lo, vendo o quanto já nos ajudou.

É, está bem, pensei. Desliguei o telefone, sabendo que já havia transposto uma daquelas linhas que a gente espera nunca ver, quanto mais atravessá-las. Olhei de novo pela janela. Lá fora, a chuva estava agora caindo forte sobre o telhado. Eu não tinha nenhuma canaleta nos fundos e a chuva descia num lençol translúcido que borrava as luzes lá fora. Nada senão chuva este ano, pensei. Nada senão chuva.

Saí do escritório e fui para a frente da casa. Sobre a mesa na sala de jantar estava a pistola que Earl Briggs me dera. Contemplei a arma e pensei em todos os movimentos que eu havia feito. O ponto crucial era que eu estivera voando às cegas e no processo tinha posto em risco mais do que só a mim mesmo.

O pânico começou a se formar. Peguei o telefone de parede na cozinha e liguei para o celular de Maggie. Ela atendeu no ato. Ela estava no carro.

— Onde está você?

— Estou indo para casa agora. Pegarei algumas coisas e depois cairemos fora.

— Ótimo.

— O que digo a Hayley? Que o pai colocou a vida dela em risco?

— Não é isso, Maggie. É ele. É Roulet. Eu não poderia controlá-lo. Uma noite cheguei em casa e ele estava sentado lá. Ele é do ramo imobiliário. Sabe como descobrir endereços. Ele viu o retrato dela em minha escrivaninha. O que estava eu...

— Podemos falar sobre isso mais tarde? Tenho que ir agora e pegar minha filha.

Não *nossa* filha. *Minha* filha.

— Claro. Ligue-me quando estiverem em outro lugar.

Ela desligou sem nada acrescentar e lentamente pendurei o telefone de volta na parede. Minha mão ainda estava no telefone. Inclinei-me à frente até minha testa tocar a parede. Estava sem ação. Só podia esperar que Roulet aprontasse a próxima.

O toque do telefone me sobressaltou e pulei para trás. O fone caiu no chão e puxei-o pelo fio. Era Valenzuela.

— Recebeu minha mensagem? Acabei de ligar.

— Não, estive ao telefone. O que é?

— Foi bom eu ter ligado de novo. Ele está em movimento.

— *Onde?*

Gritei alto demais ao telefone. Estava perdendo o controle.

— Ele está seguindo rumo sul em Van Nuys. Ligou para mim e disse que queria tirar a argola. Respondi que já estava em casa e que ele podia me ligar amanhã. Disse-lhe que era melhor carregar a bateria para que não começasse a bipar no meio da noite.

— Boa ideia. Onde está ele agora?

— Ainda em Van Nuys.

Tentei formular uma imagem de Roulet dirigindo. Se estava seguindo para o sul em Van Nuys, isto significava que se dirigia diretamente para Sherman Oaks e para a vizinhança de onde Maggie e Hayley moravam. Mas podia também estar atravessando Sherman Oaks para subir a colina e vir para minha casa. Tinha de esperar para ter certeza.

— Quanto tempo leva pra atualizar do GPS nessa coisa? — perguntei.

— É tempo real, cara. Isto é onde ele está. Acabou de cruzar debaixo da 101. Poderia estar apenas voltando para casa, Mick.

— Eu sei, eu sei. Espere só até que ele cruze o Ventura. A próxima rua é a Dickens. Se ele dobrar lá, então não está voltando para casa.

Levantei-me sem saber o que fazer. Comecei a medir passos, o telefone pressionado com força em meu ouvido. Sabia que se Ted Vogel tivesse posto seus homens imediatamente em movimento eles ainda estariam a minutos de distância.

— E quanto à chuva? Ela afeta o GPS?

— Não deveria.

— É bom saber.

— Ele parou.

— Onde?

— Deve ser num sinal. Acho que é na Moorpark Avenue.

Ficava a um quarteirão antes do Ventura e dois antes da Dickens. Ouvi um som de bipe vindo do telefone.

— O que é isso?

— O alarme de dez quarteirões que você me pediu para pôr.

O som parou.

— Desliguei.

— Ligarei de volta para você.

Não esperei por uma resposta. Desliguei e liguei para o celular de Maggie. Ela atendeu de imediato.

— Onde você está?

— Você me disse para não revelar.

— Está fora do apartamento?

— Não, ainda não. Hayley está reunindo os craions e livros para colorir que quer levar.

— Droga, saiam logo daí! Agora!

— Estamos indo tão rápido quanto...

— Apenas saiam! Ligarei de volta para você. Trate de atender.

Desliguei e voltei a Valenzuela.

— Onde está ele?

— Está perto do Ventura agora. Deve estar em outro sinal, porque está parado.

— Tem certeza de que ele está na estrada? Por acaso não estacionou?

— Não, não tenho certeza. Ele poderia... esqueça, ele se pôs em movimento. Merda, ele dobrou no Ventura.

— Em que direção?

Comecei a andar, o telefone tão fortemente pressionado contra o ouvido que chegava a doer.

— À direita... hã, a oeste. Está indo para oeste.

Ele agora estava dirigindo paralelo à Dickens, um quarteirão de distância, na direção do apartamento de minha filha.

— Ele simplesmente parou de novo — anunciou Valenzuela. — Não é um cruzamento. Parece como se estivesse no meio do quarteirão. Acho que estacionou.

Passei a mão livre pelo cabelo como um homem desesperado.

— Porra, preciso ir. Meu celular descarregou. Ligue para Maggie e diga-lhe que ele está indo para lá. Diga-lhe para entrar no carro e cair fora!

Gritei o número de Maggie e desliguei enquanto saía da cozinha. Eu sabia que levaria um mínimo de vinte minutos para chegar à Dickens — e isso fazendo as curvas de Mulholland Drive a toda velocidade no Lincoln —, mas não podia ficar parado aqui, gritando ordens no telefone enquanto minha família corria perigo. Peguei a pistola sobre a mesa e fui para a porta. Estava enfiando-a no bolso lateral do paletó enquanto abria a porta.

Mary Windsor estava parada lá, seu cabelo molhado da chuva.

— Mary, o que...

Ela ergueu a mão. Olhei para baixo e vi o brilho metálico da arma no justo momento em que ela disparava.

QUARENTA E SEIS

O som foi alto e o clarão tão brilhante quanto o flash de uma câmera fotográfica. O impacto da bala me rasgando foi como imagino que seria o coice de um cavalo. Numa fração de segundo, fui arremessado para trás. Atingi duramente o chão de tábuas e fui impelido até a parede junto à lareira. Tentei levar ambas as mãos ao buraco em minhas entranhas, mas minha mão direita estava enfiada no bolso de meu paletó. Apoiei-me na mão esquerda e tentei sentar.

Mary Windsor se adiantou e entrou na casa. Tive que olhar para cima para fitá-la. Através da porta aberta atrás dela pude ver a chuva caindo. Ela ergueu a arma e apontou-a para a minha testa. Num clarão momentâneo, vi o rosto de minha filha e soube que não ia ajudá-la.

— Você tentou tirar meu filho de mim! — gritou Windsor. — Pensou que eu poderia permitir que fizesse isso e escapasse?

E então eu soube. Tudo se cristalizou. Soube que ela dissera palavras similares para Raul Levin antes de matá-lo. E soube que não houvera nenhum estupro numa casa vazia em Bel-Air. Ela era uma mãe fazendo o que tinha de fazer. As palavras de Roulet voltaram a mim então. *Você está certo sobre uma coisa. Eu sou um filho da mãe.*

E soube também que o último gesto de Raul Levin não tinha sido fazer o sinal do demônio, mas para formar a letra *M* ou *W,* dependendo de como você olhasse.

Ela deu outro passo em minha direção.

— Você vai para o inferno — disse.

Ela firmou a mão para disparar. Ergui a mão direita, ainda enrolada no meu paletó. Ela deve ter pensado que era um gesto defensivo porque não se apressou. Estava saboreando o momento, eu poderia dizer. Até que disparei.

O corpo de Mary Windsor rodopiou para trás com o impacto e ela caiu de costas na soleira da porta. Sua arma retiniu no chão e a ouvi dar um gemido estridente. Então ouvi o som de passos apressados subindo os degraus para o deque da frente.

— Polícia! — gritou uma mulher. — Deponham suas armas!

Olhei através da porta e não vi ninguém.

— Deponham as armas e saiam com as mãos em plena vista.

Desta vez foi um homem que gritou e reconheci a voz.

Puxei a pistola do bolso do paletó e a pus no chão, fazendo-a deslizar para longe de mim.

— A arma está deposta — gritei, tão alto quanto o buraco em meu estômago permitia. — Mas estou baleado. Não posso me levantar. Ambos estamos baleados.

Pela primeira vez vi o cano de uma pistola aparecer à vista no vão da porta. Depois a mão e depois um impermeável preto molhado abrigando o detetive Lankford. Ele entrou na casa e foi rapidamente seguido por sua parceira, a detetive Sobel. Lankford chutou a arma para longe de Windsor enquanto entrava. Manteve sua própria arma apontada para mim.

— Alguém mais na casa? — perguntou em voz alta.

— Não — eu disse. — Ouçam-me.

Tentei sentar, mas a dor atravessou meu corpo e Lankford gritou:

— Não se mova! Apenas fique aí!

— Escutem-me. Minha fam...

Sobel gritou um comando num rádio portátil, ordenando ambulância e paramédicos para atender duas pessoas com ferimentos a bala.

— Uma só — corrigiu Lankford. — Ela se foi.

Ele apontou com a arma para Mary Windsor.

Sobel enfiou o rádio no bolso de sua capa de chuva e se aproximou de mim. Ajoelhou-se e afastou minha mão do ferimento. Puxou minha camisa para fora das calças para verificar o dano causado. Depois pressionou minha mão de volta ao buraco da bala.

— Pressione o mais firme que puder. Está sangrando. Você me ouviu, mantenha a mão bem firme.

— Escute — repeti. — Minha família corre perigo. Vocês têm que...

— Fique segurando.

Ela procurou dentro da capa e extraiu um celular do cinto. Abriu-o e teclou o botão de discagem rápida. Quem quer que tivesse chamado atendeu prontamente.

— Aqui é Sobel. É melhor trazê-lo de volta. A mãe dele acabou de tentar matar o advogado. Ele a pegou primeiro.

Ela ouviu por um momento, depois perguntou:

— Então, onde está ele?

Ela ouviu um pouco mais e depois se despediu. Olhei para ela enquanto fechava o telefone.

— Eles o pegaram. Sua filha está a salvo.

— Vocês o estavam observando?

Ela assentiu.

— Nos baseamos no seu plano, Haller. Temos um bocado sobre ele, mas esperávamos por mais. Eu lhe disse, nós queremos esclarecer Levin. Esperávamos que se fosse solto ele nos mostraria seu truque, nos mostraria como chegou a Levin. Mas a mãe meio que solucionou esse mistério para nós.

Entendi. Mesmo com o sangue e a vida se esvaindo do buraco em minhas entranhas fui capaz de juntar as coisas. Libertar Roulet tinha sido uma encenação. Estavam esperando que ele fosse atrás de mim, revelando o método que usara para burlar o rastreador no seu tornozelo quando havia matado Raul Levin. Só que não foi Roulet quem matou Raul. Sua mãe fez isto por ele.

— Maggie? — perguntei debilmente.

Sobel sacudiu a cabeça.

— Ela está ótima. Ela teve que fingir porque não sabíamos se Roulet havia grampeado ou não seu telefone. Ela não poderia lhe dizer que ela e Hayley estavam a salvo.

Fechei os olhos. Não sabia se ficava grato por elas estarem bem, ou furioso por Maggie ter usado o pai de sua filha como isca para um assassino.

Tentei sentar.

— Quero ligar para ela. Ela...

— Não se mova. Apenas fique quieto.

Pousei a cabeça de volta no chão. Estava com frio e à beira do tremor, embora também tivesse a sensação de estar suando. Podia me sentir cada vez mais fraco enquanto minha respiração ficava pouco profunda.

Sobel tirou de novo o rádio do bolso e pediu à expedição uma posição sobre os paramédicos. O atendente respondeu que a ajuda médica ainda estava a seis minutos dali.

— Aguente firme — disse-me Sobel. — Você ficará bem. Dependendo do que a bala fez lá dentro, você vai ficar bem.

— Óti...

Eu pretendia dizer *ótimo* com todo o sarcasmo que pudesse juntar. Mas estava desmaiando.

Lankford chegou junto a Sobel e olhou para mim. Na mão enluvada segurava a arma com que Mary Windsor tinha atirado em mim. Reconheci o cabo de madrepérola. A arma de Mickey Cohen. Minha arma. A arma com que ela matou Raul.

Ele assentiu e tomei isto como algum tipo de sinal. Talvez que eu subira em seu conceito, que ele sabia que eu fizera o trabalho deles ao atrair o assassino.

Talvez fosse até mesmo o oferecimento de uma trégua, que não odiaria tanto os advogados depois disso.

Provavelmente não. Mas assenti de volta para ele e o pequeno movimento me fez tossir. Senti o gosto de algo em minha boca e soube que era sangue.

— Não vá apagar na nossa mão agora — ordenou Lankford. — Se acabarmos tendo de fazer um boca a boca num advogado de defesa, nunca mais iremos nos redimir.

Ele sorriu e sorri de volta. Ou tentei. Depois a escuridão começou a toldar minha visão. Em breve eu estava flutuando nela.

PARTE TRÊS

Cartão-postal de Cuba

QUARENTA E SETE

Terça-feira, 4 de outubro

Fazia cinco meses desde que eu estivera num tribunal. Nesse tempo tive de fazer três cirurgias para reparar meu corpo, fui processado duas vezes na área cível, além de ser investigado pelo Departamento de Polícia de Los Angeles e pela Ordem dos Advogados da Califórnia. Minhas contas bancárias foram sangradas por despesas médicas e pessoais, pensão alimentícia e, sim, até mesmo por minha própria espécie — os advogados.

Mas sobrevivi a tudo isso e hoje será o primeiro dia, desde que fui baleado por Mary Alice Windsor, que irei caminhar sem uma bengala ou sem o entorpecimento de analgésicos. Para mim é o primeiro degrau verdadeiro para a recuperação. A bengala é um símbolo de fraqueza. Ninguém quer um advogado de defesa que pareça fraco. Devo permanecer ereto, alongar os músculos que o cirurgião cortou para extrair a bala, e caminhar por mim mesmo antes de sentir que posso entrar num tribunal outra vez.

Não tenho frequentado a corte, mas isto não significa que eu não seja o tema de procedimentos judiciais. Jesus Menendez e Louis Roulet estão ambos me processando, e os casos irão provavelmente me acompanhar por anos. São processos separados, mas os dois ex-clientes me acusam de mau procedimento e violação de ética legal. Por todas as acusações específicas no seu processo, Roulet nunca foi capaz de descobrir como tive acesso a Dwayne Jeffery Corliss no County-USC e o alimentei de informação privilegiada. E é improvável que algum dia descubra. Gloria Dayton há muito que foi embora. Ela terminou seu programa, pegou os 25 mil dólares que dei a ela e mudou-se para o Havaí para recomeçar a vida. E Corliss, que provavelmente sabe melhor do que ninguém o valor de ficar de boca fechada, não divulgou nada além do que testemunhou na corte — manteve que, enquanto em custódia, Roulet contou-lhe sobre o assassinato da dançarina da serpente. Ele evitou as acusações de perjúrio porque ir atrás delas minaria o caso contra Roulet e seria um ato de autoflagelação pelo escritório da promotoria. Meu advogado diz que o processo de Roulet é um

esforço sem mérito para salvar as aparências e que por fim terminará. Provavelmente quando eu não tiver mais dinheiro para pagar os honorários de meu advogado.

Mas o de Menendez nunca terminará. Ele é o único em que penso à noite quando sento no deque e observo a vista de um milhão de dólares da minha casa com hipoteca de um milhão e um. Ele foi perdoado pelo governador e libertado de San Quentin dois dias depois de Roulet ser acusado do assassinato de Martha Renteria. Mas ele só trocou uma sentença por outra. Foi revelado que ele contraiu Aids na prisão e o governador não tem perdão para isso. Ninguém tem. O que quer que aconteça a Jesus Menendez é comigo. Sei disso. Convivo com isso a cada dia. Meu pai estava certo. Não há cliente tão assustador quanto um homem inocente. E nenhum cliente tão marcado de cicatrizes.

Menendez quer cuspir em mim e tomar meu dinheiro como punição pelo que fiz e não fiz. Até onde me diz respeito, ele tem todo o direito. Mas não importa quais foram minhas falhas de julgamento e lapsos éticos, sei que no final ponho as coisas em ordem para fazer a coisa certa. Troco o mal por inocência. Roulet está dentro por minha causa. Menendez está fora por minha causa. Apesar dos esforços de seus novos advogados — tinha agora os sócios Dan Daly e Roger Mills para me substituir —, Roulet nunca mais se veria livre de novo. Pelo que ouvi de Maggie McPherson, os promotores haviam construído um impenetrável caso contra ele pelo assassinato de Martha Renteria. Também haviam seguido os passos de Raul Levin e ligado Roulet a outro assassinato: o estupro e esfaqueamento de uma atendente de bar num clube de Hollywood que foi seguida até sua casa. O perfil pericial de seu canivete combinava com os ferimentos fatais infligidos a esta outra mulher. Para Roulet, a ciência será o iceberg avistado tarde demais. Seu navio será posto a pique e afundará. A batalha por ele agora reside em continuar vivo. Seus advogados estão empenhados em negociações de apelo para livrá-lo de uma injeção letal. Estão aludindo a outros assassinatos e estupros que ele estaria disposto a esclarecer em troca de sua vida. Qualquer que seja o resultado, vivo ou morto, ele certamente se foi deste mundo e atribuo minha salvação a isto. É o que me remendou melhor do que qualquer cirurgião.

Maggie McPherson e eu também estamos tentando remendar nossas feridas. Ela traz minha filha para me visitar a cada fim de semana e com frequência passa o dia conosco. Sentamos no deque e conversamos. Ambos sabemos que nossa filha será o que nos salvará. Não posso mais guardar raiva por ter sido usado como isca por um assassino. Acho que Maggie também não guarda mais raiva pelas escolhas que fiz.

A Ordem dos Advogados da Califórnia examinou todas as minhas ações e mandou-me de férias para Cuba. Isso é o que os profissionais de defesa chamam de ser suspenso por conduta ultrajante da banca de advogado. CUBA. Eu estava suspenso por noventa dias. Era uma descoberta babaca. Eles não podiam provar quaisquer violações éticas específicas em relação a Corliss, de modo que me atingiram por pegar emprestada uma arma com meu cliente Earl Briggs. Tive sorte nessa. Não era uma arma roubada ou sem registro. Pertencia ao pai de Earl, de modo que minha infração ética foi menor.

Não me incomodei em contestar a reprimenda da Ordem, nem em recorrer da suspensão. Depois de ganhar uma bala no bucho, noventa dias no estaleiro não me pareceu tão ruim. Cumpri a suspensão durante minha convalescença, principalmente de roupão de banho enquanto assistia à TV Justiça.

Nem a Ordem nem a polícia descobriram violação ética ou criminal de minha parte na morte de Mary Alice Windsor. Ela entrou em minha casa com uma arma roubada. Atirou primeiro e eu atirei depois. De um quarteirão de distância Lankford e Sobel viram-na dar aquele primeiro tiro da minha porta. Legítima defesa, pura e simples. Mas o que ainda não ficara bem definido são os meus sentimentos pelo que fiz. Eu queria vingar meu amigo Raul Levin, mas não com derramamento de sangue. Sou um assassino agora. Ter sido absolvido no julgamento só ameniza levemente os sentimentos que acompanham isso.

À parte todas as investigações e achados oficiais, acho agora que em toda a questão de Menendez e Roulet eu fui culpado de me conduzir de modo inconveniente. E a punição para isso é mais dura do que qualquer coisa que a Ordem ou mesmo as leis do estado um dia pudessem lançar contra mim. Não importa. Carregarei tudo isso comigo enquanto volto ao trabalho. Meu trabalho. Conheço meu lugar neste mundo e no meu primeiro dia de tribunal no próximo ano irei tirar o Lincoln da garagem, voltar à estrada e sair à procura do pobre-diabo. Não sei aonde irei e quais casos serão meus. Só sei que estarei curado e pronto para permanecer mais uma vez no mundo sem verdade.

AGRADECIMENTOS

Este romance foi inspirado por um encontro e conversa casuais com o advogado David Ogden, muitos anos atrás, num jogo de beisebol dos Dodgers de Los Angeles. O autor será sempre grato por isso. Embora o caráter e as proezas de Mickey Haller sejam fictícios e inteiramente fruto da imaginação do autor, esta história não poderia ter sido escrita sem a tremenda ajuda e orientação dos advogados Daniel F. Daly e Roger O. Mills, os quais me permitiram observá-los trabalhar e montar estratégias de casos e foram incansáveis nos seus esforços para se certificarem de que o mundo da defesa criminal fosse retratado acuradamente nestas páginas. Quaisquer erros ou exageros na lei ou na sua prática são puramente falha do autor.

A juíza da Suprema Corte Judith Champagne e sua equipe no Departamento 124 no Edifício das Cortes Criminais, no centro de Los Angeles, permitiram ao autor acesso pleno a seu tribunal, gabinete e celas de reclusão e responderam a todas as perguntas formuladas. Meu muito obrigado à juíza, Joe, Marianne e Michelle.

Também de grande ajuda para o autor e contribuição para a história foram Asya Muchnick, Michael Pietsch, Jane Wood, Terrill Lee Lankford, Jerry Hooten, David Lambkin, Lucas Foster, Carolyn Chriss e Pamela Marshall.

Por último e não menos importante, o autor deseja agradecer a Shannon Byrne, Mary Elizabeth Capps, Jane Davis, Joel Gotler, Philip Spitzer, Lucas Ortiz e Linda Connelly por sua ajuda e apoio enquanto esta história foi escrita.

MICHAEL CONNELLY deixou de lado a carreira jornalística para se dedicar à literatura e obteve reconhecimento mundial com os livros protagonizados pelo detetive Harry Bosch. O autor ganhou prêmios no mundo todo por sua obra, incluindo o Bancarella (Itália), o Calibre 38 (França) e o Falcão Maltês (Japão). Do mesmo autor, a Editora Record já publicou *Cidade dos ossos*, *Mais escuro que a noite*, *O voo dos anjos* e *Correntezas da maldade*.